

ARTHUR EDWARD WAITE



Tradução - L P Baçan

**A ORIGEM DO SATANISMO
NA MAÇONARIA**



**A ORIGEM DO SATANISMO
NA MAÇONARIA**

ARTHUR EDWARD WAITE

**(DO ORIGINAL)
ADORAÇÃO DO DIABO NA FRANÇA
OU
A QUESTÃO LÚCIFER
UM RELATO DE COISAS VISTAS E OUVIDAS NAS
SOCIEDADES SECRETAS CONFORME
EVIDÊNCIAS DE INICIADOS
POR
ARTHUR EDWARD WAITE**

***"O principal nesta trama foi Lúcifer."*—Thomas
Vaughan
1896**

**TRADUÇÃO E NOTAS:
LOURIVALDO PEREZ BAÇAN
Copyright 2014 da Tradução e Notas
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS
Proibida a divulgação e a distribuição sem autorização.**

2014

ÍNDICE

[Introdução](#)

[Arthur Edward Waite](#)

[Prefácio](#)

[I – Satanismo no Século XIX](#)

[II – A Máscara da Maçonaria](#)

[III – As Primeiras Testemunhas de Lúcifer](#)

[IV – Ex Ore Leonis](#)

[V – A Descoberta do Senhor Ricoux](#)

[VI – Arte Sacerdotal](#)

[VII – O Diabo e o Doutor](#)

[VIII – Transações com Diana](#)

[IX – Como Lúcifer é Desmascarado](#)

[X – A Vingança do Senhor Margiotta](#)

[XI – Maçonaria Feminina](#)

[XII – A Passagem do Doutor Bataille](#)

[XIII – Diana Revelada](#)

[XIV – A Raiz do Diabolismo Moderno](#)

[Conclusão](#)

[Apêndice – A Conferência de Leo Taxil](#)

INTRODUÇÃO

Apesar do título sensacionalista, este livro é, na verdade, uma resposta a uma famosa fraude do final do século XIX, que marcou de forma definitiva a Maçonaria e que tem sido explorado pelos seus inimigos até hoje. Leo Taxil, um anticlericalista francês, convenientemente convertido de uma hora para outra ao catolicismo em 1885, escreveu diversos livros em que apregoava que a Maçonaria era uma conspiração satânica mundial. Lançou um jornal antimaçônico e em 1887 teve até mesmo uma audiência com papa Leão XIII, que aprovou e abençoou subsequentemente sua campanha antimaçônica.

Waite desmascara Taxil e todos os outros autores que se empenharam nessa cruzada antimaçônica. Aponta irregularidades visíveis e facilmente perceptíveis, plágio e absurdos completos que somente ganharam veracidade através dos olhos deturpados pelo fanatismo. Waite é soberbo em sua argumentação, espirituoso, sarcástico, enfurecido às vezes, utilizando seu vasto conhecimento de grupos místicos e maçônicos da era vitoriana para demolir todos os argumentos fantasiosos e exagerados criados pelos oportunistas de plantão. É muito oportuno e interessante o Capítulo VII, onde dá um sumário detalhado da fantasiosa narrativa de Taxil, que nunca foi traduzida para o português, pelo que temos conhecimento. É surpreendente notar que, da forma como a fraude foi arquitetada, qualquer um a

levaria a sério à época e agora, como de fato aconteceu e vem acontecendo.

Em 1897, um ano após Waite publicar este livro, Taxil anunciou em uma conferência de imprensa que sua conversão era uma fraude, os livros que tinha escrito eram completas mistificações e que os tinha publicado para embaraçar a igreja católica. Seu motivo para atacar os maçons era ter sido rejeitado pela Ordem. Diana Vaughan, a personagem central do livro *O Diabo no Século XIX*, era igualmente uma invenção e que esse era o nome de uma de suas datilógrafas.

Infelizmente, não importa quão absurdo ou desacreditado tenha sido, Leo Taxil é um nome que se recusa a morrer. Taxil e Waite foram citados fora do contexto inúmeras vezes por antimaçons, por teóricos da conspiração e pela simples paranoia fundamentalista de sustentar a opinião de que Lúcifer é adorado secretamente por Maçons. Quem quer que investigue o assunto terá, após a leitura deste livro, uma nova e mais alicerçada perspectiva.

Nesse aspecto, mesmo hoje, no auge das igrejas eletrônicas, onde demônios são exorcizados ao vivo e em tempo real, é difícil acreditar que crocodilos tocassem pianos flutuantes e pitonisas diabólicas se movessem como fadas pelo ar. Na época isso não apenas foi tido como verdadeiro por ávidos leitores de livros sensacionalistas, como também aprovados e abençoados por doutores da igreja, inclusive o próprio papa.

Ao final do livro, Waite tenta entender que tipo de histeria, e qual a sua causa, abateu-se sobre a França naquele final de século. Talvez não fique distante das causas e empenho que moveram a santa inquisição em sua caça às bruxas. Nesses dois episódios, parece claro uma intenção deliberada por parte da igreja de provar que o demônio existe e atua violenta e efetivamente no mundo, como se essa prova fosse a justificativa necessária à própria existência da igreja.

Nas igrejas eletrônicas ao vivo de hoje em dia, isso fica evidente, pois o diabo justifica todas as infelicidades e as desgraças que se abatem sobre o povo e que elas, as igrejas, são a única saída. Expõem o diabo como o pior dos inimigos, mas basta um curso e uma habilitação para impor as mãos e expulsar demônios com uma facilidade incrível que desmistifica a própria força do maligno. Se fosse tão poderoso, não seria um pastor qualquer que o poria fora de um corpo. E se fosse astuto, como apregoam, iria incorporar presidentes, generais e ricos cujo poder resultaria num trabalho mais efetivo de arrebanhar almas para o seu reino de trevas.

Por que, então, incorporar o pobre Zé Ninguém, cuja única força capaz de exhibir é a da resignação com que carrega sua cruz?

ARTHUR EDWARD WAITE

Nascido a 2 de outubro de 1857 e falecido em 19 de maio de 1942, A. A. Waite foi um místico estudioso que escreveu uma extensa obra sobre o ocultismo e o esoterismo. Seu biógrafo, R. A. Gilbert, diz o seguinte sobre ele: "O nome de Waite tem sobrevivido porque ele foi o primeiro a empreender um estudo sistemático do ocultismo ocidental – visto como uma tradição espiritual tanto como aspecto de uma protociência ou como a patologia da religião."

Nasceu nos Estados Unidos e cresceu na Inglaterra. Uniu-se à Hermética Ordem da Aurora Dourada em 1891, tornou-se maçom em 1901 e entrou para a Sociedade Rosacruziana em 1902.

Waite foi um prolífico autor com obras muito bem recebidas nos círculos acadêmicos. Escreveu textos ocultos sobre inúmeros assuntos, inclusive adivinhação, esoterismo, rosacruzianismo, maçonaria, magia negra e cerimonial, cabala e alquimia. Traduziu e reeditou diversas obras místicas e alquímicas. Seu trabalho sobre o Santo Gral, influenciada por sua amizade com Arthur Machen, é particularmente notável. Diversos livros ainda continuam sendo editados, principalmente o *Livro de Magia Cerimonial* (1911), *A Cabala Sagrada* (1929), *Uma Nova Enciclopédia de Maçonaria* (1921) e sua edição traduzida

do livro de Eliphas Levi *Magia Transcendental, Sua Doutrina e Ritual* (1896).

Sobre a Tradução

O estilo de Waite é o de um escritor inglês do fim do século XIX e suas construções são por vezes compridas demais, com parágrafos de uma página, separados pelo uso frequente do ponto e vírgula. Em muitos casos, esses parágrafos foram encurtados onde foi possível inserir um ponto final. Mesmo assim, citações ou expressões da época utilizadas por ele, sem correspondentes no português, forçaram a mais interpretar do que traduzir. Esforçamo-nos ao máximo para permanecermos fiel à argumentação fantástica e inteligente desse autor, cuja erudição, elegância, educação e respeito, mesmo aos "infames caluniadores", ponteiavam toda a obra.

PREFÁCIO

O termo Satanismo Moderno significa o desenvolvimento de algum aspecto novo da velha doutrina da demonologia ou algum argumento novo para a personificação do princípio mau na natureza universal. Significa o pretenso renascimento ou, pelo menos, a reaparição pública de um culto diabólico ou da religião formal do diabo, existência que na Idade Média era conhecida como Sabá Negro, um departamento da pesquisa histórica cuja justiça certa ainda não foi feita. Hipoteticamente, tal religião pode assumir uma ou outra forma: pode ser a adoração do princípio mau como tal, ou seja, uma tentativa consciente da mente humana de identificar-se com esse princípio, ou pode ser a adoração de um poder que seja considerado como o mal por outras religiões, cujos adoradores discordam do assunto. A necessidade para esta distinção esclarecerei no primeiro capítulo deste livro. Uma religião das sombras, subsistindo sob cada uma dessas formas distintas, estaria em prática no momento atual, caracterizada, como se realizava no passado, pela prova forte dos milagres ou expressa pelos fenômenos transcendentais de um tipo muito extraordinário, ligada diretamente com o que é denominado genericamente de Magia Negra. A Magia Negra, no passado, pode ter sido uma fraude, reforçada pela desilusão. A maneira com que está retornando hoje não difere em nada de sua forma

original. A existência do Diabolismo Moderno passou da região do boato para aquela da declaração exaustiva e detalhada. Devo acrescentar que as evidências à disposição, qualquer que seja seu valor final, podem ser considerada leves por aqueles que não são familiarizados com sua extensão e caráter. Estas evidências são, basicamente, de três tipos: (a) o testemunho de homens de letras independentes que eventualmente tenham contato com a matéria; (b) o testemunho voluntário de antigos membros de tais associações secretas dedicadas a um culto diabólico; (c) o testemunho de determinados escritores, alegando fontes de informação especiais e defendendo interesses ligados à Igreja Católica Romana.

Minha finalidade neste livro é distinguir, tanto quanto possível, o que é verdadeiro do que é falso nas evidências e empreendi a tarefa, primeiramente, porque os místicos modernos são acusados, em massa, do interesse nesse culto. Em segundo lugar, porque a existência do Satanismo Moderno gerou uma conspiração de falsidades extensa em suas ramificações e séria por causa de sua fonte. Em terceiro lugar, porque a própria questão despertou um interesse considerável dentro e fora dos círculos transcendentais e é oportuno substituir noções obscuras e exageradas por um registro claro e formal.

Relacionei o novo Diabolismo com a França em meu título porque a evidência em cada um de seus tipos foi registrada por escritores franceses e não temos nenhuma outra fonte de informação. Tanto quanto seja o alcance

dessa evidência, temos que agradecer à França por produzi-la. Por outro lado, prova que uma cidade inteira de mentira foi construída, "com todos seus pináculos e passagens," sobre uma base pobre de fatos e que apenas a imaginação francesa deve ter o crédito total para a arte decorativa com que enfeitou esta Questão de Lúcifer.

O meu plano de trabalho já tinha sido esboçado e um número de capítulos escritos, quando eu me vi precedido de certa forma por um escritor conhecido dos ocultistas sob o pseudônimo de Papus, que publicou recentemente um pequeno folheto intitulado *O Diabo e o Ocultismo*, que é uma breve defesa dos transcendentalistas contra as acusações de Satanismo. Eu cedo com prazer, no tempo, a Papus, a prioridade que foi possível a esse cavalheiro bem informado e no centro da conspiração. Seu breve trabalho, entretanto, não reivindica ser uma revisão ou uma desaprovação e não cobre, de forma alguma, o terreno que trilhei. É uma exposição e uma exoneração de sua própria escola de pensamento místico, a dos Martinistas, e menciono isto no local apropriado.

CAPÍTULO I

SATANISMO NO SÉCULO XIX

Se no passado recente, a uma pessoa de inteligência média fossem feitas as seguintes perguntas a respeito do Satanismo Moderno ou da Questão Lúcifer: O que é isso? Quem são seus discípulos? Onde é praticado? E por quê? Provavelmente responderia com alguma aspereza: "A Questão Lúcifer! Não há nenhuma Questão Lúcifer. Satanismo Moderno! Não há nenhum Satanismo Moderno." Todas as pessoas evoluídas e todas as mentes fortes iriam impor-se sobre a inteligência média, após o que o assunto seria trancado hermeticamente, sem investigações inquietantes e indesejadas como no presente.

O Grande Mestre da Cristandade observou a queda de Lúcifer do céu como o relâmpago e, em outro sentido, o mundo moderno testemunhou um espetáculo similar. Seguramente o demônio de Milton foi descartado do céu da teologiae, a não ser em uns poucos centros de concentração extremamente doutrinal, nenhum lugar encontrou para si. Os apóstolos da filosofia material têm, de certa forma, procurado o universo e produziram bem a filosofia material. Nisso não há nenhuma questão sobre Lúcifer. No polo oposto do pensamento há, vamos dizer, os espiritualistas, de posse de muitos instrumentos superiores, pelo menos hipoteticamente, aos holofotes da ciência, através dos quais recebem as mensagens das esferas invisíveis e estabelecem

um conhecimento parcial com uma ordem que não é deste mundo. Nessa ordem, porém, também não parece haver nenhuma questão sobre Lúcifer, embora as perguntas discutidas lá sejam inúmeras a respeito "dos espíritos atrasados," para não dizer nada elementar. Entre esses polos há o fluxo e o refluxo de múltiplas opiniões, mas, a não ser nos centros mencionados, não há ainda nenhuma questão sobre Lúcifer. Ela foi derrubada ou rebaixada.

O renascimento da filosofia mística e, além disso, da experiência transcendental, que é processada em segredo a uma enorme distância, maior do que o público pode possivelmente ter conhecimento, tem, entretanto, feito murmurar muitos antigos oráculos e estes são mais volúveis no momento presente do que o grande bosque de Dodonian. Como se poderia esperar, sussurram ocasionalmente as ações feitas na escuridão que parecem estranhas quando expostas à luz do dia. Os termos Satanismo, Luciferianismo, Diabolismo e seus equivalentes têm sido murmurados frequentemente, embora com certa indistinção, e com acentos que indicam a existência de um terror vivo que as pessoas não compreendem perfeitamente senão como uma superstição despertada repentinamente. Para ser claro, a Questão Lúcifer reapareceu de uma maneira que desconcerta a inteligência média e as mentes avançadas e fortes. Reapareceu não como um questionamento especulativo na possibilidade de uma personificação agindo misteriosamente, mas com toda uma forma espiritual para a propagação da segunda morte. Somos levados a reconhecer

que há uma manifestação visível e real da hierarquia celeste decadente que ocorre no fim de um século que negou que haja algum príncipe da escuridão.

Há alguns assuntos que dão a impressão, à primeira vista, de serem superficiais, mas passamos a considerá-los diferentemente quando percebemos que estão sendo levados a sério. Acostumamo-nos, com alguma razão, a ligar a ideia de adoradores do diabo com os ritos bárbaros existentes em nações selvagens, por considerá-la, de fato, como um complemento apropriado dos fetiches. Parece hipoteticamente quase impossível que possa haver uma pessoa, muito menos alguma sociedade ou classe de pessoas, que, hoje em dia, em Londres, Paris ou Nova York, adore o princípio mau. Agora, dizer que há uma magia negra em ação no momento presente, que há um culto vivo de Lúcifer, que missas negras são celebradas e envolvem revoltantes profanações da Eucaristia Católica, que o diabo aparece pessoalmente, que possui sua igreja, seu ritual, seus sacramentos, que homens, mulheres e crianças dedicam-se a seu serviço ou foram devotados assim por seus responsáveis, que há gente, supostamente sã, que morreriam na paz de Lúcifer, que há aqueles também que veem seu domínio de fogo eterno como uma variedade de céu, desconhecida de Charles Marvin, como verdadeiro lar de beatitude – se disser tudo isso não terá credibilidade nem respeitará a inteligência de seu interlocutor.

Mas esse desenvolvimento improvável do Satanismo é apenas o que está sendo seriamente afirmado e as

afirmações feitas estão sendo levadas em conta em alguns cantos com grande seriedade. Não representam um crescimento de hoje ou precisamente de ontem. Foram mais ou menos ouvidas por alguns anos, mas sua proeminência neste momento é devida à crescente insistência, pretendendo ser escrupulosamente exata, extremamente detalhada e aberta à evidência demonstrativa. Relatos, além disso, chegaram bem recentemente às mãos de duas excessivamente circunstanciais e exaustivas testemunhas e isso criou distintamente um novo início. Os livros multiplicaram-se, periódicos foram fundados, a Igreja está tomando providências e até um procedimento legal foi instituído. O centro desta literatura está em Paris, mas seus relatos cruzaram o Canal e fixaram-se na imprensa inglesa. Como se afirma que um culto de Lúcifer existe e que os homens e as mulheres que são adeptos dele não são ignorantes nem especialmente loucos nem pertencem aos mais baixos extratos da sociedade, vale a pena investigar a matéria, pois algum lucro é possível, não importa o que se edite.

Se o diabo está realmente entre nós, por causa do muito que pareceu crasso na religião ortodoxa, está completamente exonerado. Por causa do fantástico na ficção e do escabroso na lenda atualizado inesperadamente. E mais, como pode ser, para nossas próprias almas, pode fazer bem saber dele. Se Abaddon, Apollyon e o Senhor das Moscas devem ser compreendidos literalmente acima de tudo, se é possível confrontar-nos pessoalmente com eles entre *a Free Mason's*

Hall e Duke Street, ou entre a *Duke Street* e a *Road Avenue*, então o mais breve possível nós devemos providenciar nossa reconciliação com uma Igreja que nos ensine consistente e invariavelmente a doutrina madura e viril dos diabos e tenha as fórmulas da boa fé para conhecer, evitar e, na necessidade, exorcizá-los, porque será melhor, especialmente se tivermos previamente algum conhecimento para a concepção de uma ordem universal que não fosse baseada na perdição.

Se, por outro lado, o que é dito seja da categoria de Ananias, como distinto do que os alquimistas chamam de código da verdade, será bom igualmente saber que alguma parcela das velhas ortodoxias ainda espera sua libertação das ligações do cepticismo, que o real deve ser discriminado do fantástico pelo antigo teste, a saber, sua estupidez comparativa, e que nós podemos ainda criar nosso universo sobre toda uma base que possa nos satisfazer.

Escrevo ostensivamente para os transcendentalistas, de quem sou um. É como um estudante do transcendentalismo que sou levado a examinar esse mistério moderno, da forma como se apresentam tais fenômenos portentosos. O Diabolismo é, naturalmente, uma pergunta transcendental e as magias negra e branca são unidas na mesma antinomia que liga a luz e a escuridão. Além disso, nós místicos somos todos acusados ostensivamente pelas mesmas acusações que são as preferidas em matéria de Diabolismo Moderno e esta é outra razão para investigar e tornar conhecido o resultado. Ao mesmo tempo, a pergunta geral tem muitos aspectos do

interesse para essa grande classe que alegaria uma exceção para ser denominada transcendental, mas confessa ser curiosa.

O mais recente boato que posso recordar na Inglaterra diz respeito a práticas ocultas existentes, às quais uma finalidade questionável pode ser atribuída, publicado em um renomado jornal de psicologia há poucos anos e que foi obtida de uma fonte continental, dá conta da existência de uma determinada sociedade que existia então em Paris, devotada às práticas mágicas e possuidora de um ritual secreto para a evocação de anjos planetários. Era uma associação de pessoas bem situadas, negando qualquer conexão com o espiritualismo, pretendendo um conhecimento com processos taumatúrgicos mais efetivos do que aqueles obtidos em sessões. O fato passou despercebido pela ausência de informações mais explícitas que permitissem uma avaliação mais profunda. O ritual secreto em questão não poderia ser desconhecido dos especialistas em literatura mágica e de mim mesmo, certamente incluído entre estes. De fato, era uma daquelas numerosas clavículas da arte gótica que circulavam clandestinamente em forma de manuscrito há uns dois séculos. Não há nenhuma dúvida de que os espíritos planetários a que o original relacionava-se eram diabos na intenção de seu autor e devem ter sido evocados como tal, admitindo que o processo foi praticado. A associação francesa não estava conseqüentemente de posse de uma fonte secreta de conhecimento, mas como imposições deste

tipo são sempre *a priori* esperadas nesses casos por transcendentalistas com alguma experiência, abster-me de fazer qualquer protesto na época.

Mais ou menos na mesma época, tornou-se evidente que uma mudança marcante havia ocorrido em determinados aspectos do pensamento "na cidade mais iluminada do mundo." Entre a "juventude dourada", em particular, havia uma forte convulsão contra a filosofia material tradicional. Uma época de sentimento transcendental e místico estava, de fato, começando. As antigas associações com objetivos transcendentais estavam em curso de renascimento ou ganhavam uma proeminência renovada. Martinistas, Gnósticos, Cabalistas e uma porção de ordens ou de fraternidades vagamente comentadas no período da Revolução Francesa começaram a manifestar grande atividade. Os jornais de tendência mística não espiritualística, neo não teosófica, mas hermética, cabalística e teúrgica foram criados e tiveram sucesso. Os livros que tinham tornado gravemente mais pesadas as prateleiras de seus editores durante algo em torno de um quarto de século, de repente passaram a ser procurados e distintos estudantes deste lado do Canal foram atraídos para o novo centro. O interesse era perceptível para os místicos professos. A doutrina do transcendentalismo nunca teve adversários, o que dá uma densidade à matéria intelectual e onde quer que o assunto seja esclarecido, há idealismo na filosofia e Misticismo na religião. Além disso, da parte dos místicos, especialmente aqui na Inglaterra, a forma desse

renascimento havia sido preparada com cuidado e não seria de se admirar que isso ocorresse e também que viesse junto, como ocorre quase invariavelmente, muito do que não lhe pertence na forma de fenômenos transcendentais. Quando, conseqüentemente, os boatos de magia negra, de Diabolismo e de abuso de forças ocultas começaram a circular, não houve dificuldade em atribuir algum fundamento ao assunto.

Um distinto homem de letras, Huysman, que passou longe do Zolaísmo na direção da religião transcendental, é, de certa forma, o descobridor do Satanismo Moderno. Sob o mais fino disfarce da ficção, apresenta em seu romance *Là-Bas*, um retrato incrível e intraduzível da bruxaria, do sacrilégio, da magia negra e das abominações sem nome praticadas secretamente em Paris. Tendo uma reputação brilhante, contando com uma grande audiência e com um interesse psicológico unido a sua própria personalidade, que mais do que a excelência literária infunde um elemento contagioso em pontos de vistas e impressões pessoais, deu vida à questão de Lúcifer, promoveu-a da obscuridade para a proeminência e tornou-a a moda do momento. É verdade que, por sua vocação de romancista, é suspeito de inventar os fatos e o Dr. Papus, presidente do influente grupo Martinista na França ocultista, deixou completamente claro que as portas das fraternidades místicas haviam sido fechadas em sua cara, de modo que nada pôde vir a saber e suas opiniões eram conseqüentemente indiferentes. Eu pesei esses pontos com cuidado, mas a menos que as fraternidades místicas

fossem ligadas ao Diabolismo, o que Papus negaria diretamente, a exclusão não elimina a oportunidade do conhecimento em primeira mão da prática do Satanismo e, fora "a imaginação brilhante", Huysman provou recentemente que conhece profundamente o assunto por seu prefácio no tratado histórico *Satanismo e Magia*, obra de um discípulo literário, Jules Bois. Numa crítica, que não deixa nada a ser desejado em termos gerais de gravidade e lucidez, afirma que numerosas pessoas, não especialmente distinguidas do resto do mundo pela marca da besta em suas testas, "são devotadas em segredo às operações de magia negra, comunicam-se ou buscam comunicar-se com os espírito da escuridão para a realização da ambição e da vingança, a satisfação de suas paixões ou alguma outra forma de provocar o mal." Afirma igualmente que os fatos não podem ser ocultos e que somente uma dedução pode ser feita, a saber, que a existência do Satanismo é incontestável.

Para compreender o primeiro destes fatos, devo explicar que a tentativa de dar forma a uma parceria com os anjos perdidos da teologia ortodoxa, tentativa essa que constitui a magia negra, tem, na Europa pelo menos, sido ligada invariavelmente ao sacrilégio. Pela hipótese da demonologia, Satã é o inimigo de Cristo e para satisfazer Satã o feiticeiro deve ultrajar Cristo, especialmente em seus sacramentos. Os fatos são os seguintes: (a) roubos contínuos, sistemáticos e por atacado de hóstias consagradas das igrejas católicas, não em consequência de levar os cálices do santuário, que são frequentemente de valor

insignificante e deixados para trás. A intenção do roubo é possuir as hóstias e sua profanação no futuro é o único interesse possível. Agora, para que se possa profanar a Eucaristia, deve-se acreditar na Presença Real de Cristo e isto é reconhecido por somente duas classes, as muitas que amam Cristo e alguns poucos que O odeiam. Mas Ele não é profanado, pelo menos não intencionalmente, pelos que O amam. Assim, o sacrilégio é cometido por Seus inimigos, os praticantes da magia negra. É difícil, penso eu, escapar dessa posição e devo acrescentar que os ultrajes sacramentais desse tipo surpreendente, profundamente deplorados pela Igreja, são ocultos e pouco revelados, dificilmente presenciados, pressupondo-se que não são exagerados, pelo menos pela Igreja; (b) perpetração ocasional de determinados crimes ultrajantes, incluindo assassinatos e outras abominações, em que um elemento da magia negra foi deduzido por tribunais legais. Mas são isoladas demais no espaço e demasiado infrequentes no tempo para serem evidências para associações ou indicações satânicas de uma prática predominante. Isso pode, conseqüentemente, ser excluído do questionamento atual para ser julgado oportunamente; (c) existência de uma sociedade de Paladistas ou praticantes de determinada doutrina denominada Paladismo, como demonstrada, entre outras, pela publicação de uma revisão periódica interessante.

Os fatos de Huysman explicam os atos de sacrilégio, indicando a existência de associações com a finalidade de

cometer sacrilégios, que a finalidade deve, entretanto, ser considerada como meio e não como fim e a finalidade é a comunicação com os demônios. Independente de Huysman, acredito que não há nenhuma dúvida sobre o sacrilégio. É matéria notória que, em 1894, dois cibórios contendo cem hóstias consagradas foram levados por uma mulher adulta da Catedral de Notre Dame sob circunstâncias que indicam que os cálices não eram os objetos da apropriação indébita. Depredações semelhantes têm aumentado de maneira extraordinária durante os anos recentes e ocorreram em todas as partes da França. Nada menos de treze igrejas que pertencem a uma diocese de Orleans foram espoliadas no espaço de doze meses. Na diocese de Lyons o arcebispo recomendou a seus cleros transformar os tabernáculos em caixas fortes. Os departamentos de *Aude*, de *Isère*, de *Tarn*, de *Gard*, de *Nièvre*, de *Loiret*, de *Yonne*, de *Haute-Garonne*, de *Somme*, de *Le Nord*, e de *Dauphiny* foram, por sua vez, cenários do ultraje. Também não são essas abominações em questão confinadas à França: Roma, Ligúria e Salerno igualmente as sofreram, enquanto que na distante Ilha Maurício um exemplo peculiar e revoltante ocorreu em 1895.

Não estou apto a afirmar que as pesquisas pessoais do novelista francês procedem além das estatísticas de sacrilégio que, entretanto, coletou com cuidado e estes, por si só, constituem uma forte presunção. Huysman é exaustivo na ficção e reticente no ensaio, contudo dá-nos a compreender explicitamente que o infame *Canon Docre* do

Là-Bas realmente vive na Bélgica, que é o líder "de um clã demoníaco" e, como o Conde de San Germain, está em constante terror das possibilidades da vida vindoura. Um repórter descreveu que Huysman afirmou que sua informação provinha de uma pessoa que era satanista, mas que as revelações haviam incomodado a seita e a comunicação cessara, embora o autor tenha sido acolhido originalmente "como um do seus próprios." Mas fica claro em minha própria mente que, para suas descrições das orgias que ocorrem nos conjuntos de mágicos negros modernos, Huysman ateve-se principalmente aos originais que foram colocados em suas mãos por discípulo existentes do iluminista Eugene Vintras e do Dr. Johannes do *Là-Bas*. Vintras foi o fundador de uma seita taumatúrgica singular, incorporando as aspirações dos Salvadores de Luís XVII. Obteve alguma notoriedade no ano de 1860 e uma narrativa de suas afirmações e milagres pode ser encontrada em *História da Magia*, de Eliphas Lévi, em *A Chave dos Grandes Mistérios*, do mesmo escritor, e em *Pequenas Religiões de Paris*, de Jules Bois. Deixou para trás numerosos manuscritos, narrando seu combate ao longo da vida contra os ministros da magia negra, uma série de narrativas veementes que sabem fortemente a alucinação, mas altamente pitorescas e em alguns cantos aceitas muito seriamente.

Da mesma forma, a respeito da existência de associações satânicas e em especial do Paládio, Huysman deriva evidentemente seu conhecimento das fontes

publicadas. Podemos acreditar que fala de um conhecimento acidental e intrínseco e é, portanto, insuficiente por si só para criar uma questão sobre o Satanismo. Indica, no entanto, tanto quanto estabelece, que há uma questão e para aprender seu escopo e natureza devemos ter acesso às testemunhas que reivindicam ter presenciado pessoalmente. Estes são de dois tipos, o espião e o iniciado. A testemunha que afirma ter investigado o assunto em primeira mão com o propósito expô-la e aqueles que tomaram a iniciativa de dizer que eram adoradores de Lúcifer, adoradores de Satã, operadores da magia negra ou, pelo menos, estiveram ligados às associações que existem para essa finalidade, que agora, entretanto, quebraram esses laços e revelam o que sabem. Na primeira classe encontramos somente o doutor Bataille. Na segunda, Diana Vaughan, Jean Kostka, Domênico Margiotta e Leo Taxil.

Finalmente, temos, como afirmado no prefácio, algum testemunho dos escritores que representam os interesses da Igreja Latina especialmente e falando com as autoridades dessa Igreja. A mais importante delas é o Arcebispo Meurin. Ao mesmo tempo, Huysman separa quem ocupa a mesma posição quase religiosa, como aquela que acrescentou um breve interesse à personalidade do Sr. W. H. Mallock. Todos os escritores e todas as testemunhas são ou assumem ser atualmente, convertidos e zelosos Católicos Romanos.

Já afirmei que a finalidade da magia negra é simples e obviamente comunicar-se com os demônios e se indagarmos a nossas fontes de conhecimento a respeito do motivo de tal

comunicação, deve-se admitir que a resposta será vaga. Talvez o motivo seja mais bem definido como o reforço da habilidade humana pelo poder e inteligência diabólicos para operar o mal ao longo dos planos de desejo e de ambição individuais. Para a realização do bem, o homem aspira na direção de Deus e para realizar o mal, tenta conspirar com Satã.

Deve-se, entretanto, observar que o moderno adorador do diabo, como exposto por seus peritos franceses, tem dois aspectos, correspondendo à distinção já inserida em meu prefácio. Há: (a) adorador do diabo pura e simplesmente, tentando comunicar-se com os espírito maus, admitindo que são maus; (b) o culto de Lúcifer, Estrela da Manhã, diferente de Satã, na hipótese de que seja um bom espírito. Ver-se-á muito prontamente que a essência do Diabolismo pretendida na segunda hipótese, a intenção satânica, faz com que pertença realmente a outra categoria, supondo-se, portanto, que a classificação possa ser aceita no momento para evitar discussão no início de um questionamento um tanto complexo. A primeira divisão é, em todo caso, o Satanismo propriamente dito e seus adeptos são denominados Satanistas. Aqueles da segunda divisão são Luciferianos, Paladistas, etc. Ambas as ordens são diferenciadas como Diabolismo desorganizado e organizado. O culto de Satã supõe-se ser praticado principalmente por pessoas isoladas ou por grupos pequenos e obscuros. O de Lúcifer está centralizado pelo menos em uma grande e difundida instituição. A primeira é rara e

esporádica. A segunda, uma prática predominante. Ouvimos, conformados, pouco de um, enquanto os testemunhos coletados estão relacionados exclusivamente com o outro. É possível, de fato, excluir o Satanismo da divisão preliminar com poucas palavras, porque falta material para sua história. É fundamentado na Cristandade ortodoxa. Reconhece que o diabo é um anjo perdido, mas afirma que o Deus dos cristãos iludiu Seus crentes, traiu a causa da humanidade, exigiu a supressão da natureza com que Ele mesmo as dotou. Abandonaram conseqüentemente um Mestre cruel e tirânico e em desespero transformaram-se em Seus inimigos.

O Diabolismo da segunda classificação, seus princípios e sua origem, será descrito no segundo capítulo.

CAPÍTULO II

A MÁSCARA DA MAÇONARIA

A identificação do culto de Lúcifer com adoração do diabo pura e simplesmente não está, como vimos no início, muito clara, mas ao mesmo tempo é inevitável. Como já observado, a fonte de todo nosso conhecimento a respeito do Diabolismo Moderno está na Igreja Católica. Toda a literatura é escrita do ponto de vista dessa igreja e foi criada unicamente em seus interesses. Parte dessa literatura foi publicada com aprovação especial eclesiástica e para outra parte essa garantia é desejada, mas o mesmo espírito envolve o todo. Insistir neste ponto é importante por muitas razões que se tornarão evidentes no fim de nosso questionamento e para uma que nos diz respeito agora. É impossível para a Igreja Católica fazer de outra maneira do que marcar o culto de Lúcifer como idêntico ao de Satã, porque, de acordo com sua instrução específica, o Lúcifer conhecido é um equivalente de Satã e, além disso, o culto Luciferiano é tão evidentemente anticristão que nenhuma forma da cristandade poderia encarar de outra maneira senão considerar como uma adoração da escuridão e do mal. Quando, conseqüentemente, a adoração de um bom princípio sob esse nome desacreditado puder, em um de seus aspectos, ser meramente um erro de julgamento e não a adoração de um diabo, aparte de outros fatos que destroem esta consideração, devemos todos concordar que, do ponto

de vista do Cristão e da ortodoxia Latina, o Luciferiano é um diabolista, embora não no sentido do Satanista.

A doutrina de Lúcifer foi descrita sucintamente por Huysman como um tipo de cristandade invertida — o reverso do catolicismo. É, de fato, o renascimento de uma antiga heresia fundamentada no que a maioria de nós foi acostumados a considerar como uma tolice filosófica. Em poucas palavras, é um sistema Maniqueísta que tem uma aplicação anticristã especial, por afirmar a existência de dois princípios iniciais iguais, Adonai e Lúcifer, considerando o último como o deus da luz e do bem, enquanto o Adonai Cristão é o príncipe da escuridão e o verdadeiro Satã. Pressupõe, na condição do mundo atual, que o domínio reside no princípio mau e que a Deidade caritativa está em desvantagem. Adonai reina certamente, como o Cristão acredita, mas é o autor da miséria humana e Jesus é o Cristo de Adonai, mensageiro do infortúnio, do sofrimento e da falsa renúncia, conduzindo finalmente à destruição quando o Deus maldito alcançar o triunfo. Os adoradores de Lúcifer tomaram a causa da humanidade e, em sua própria causa, com o princípio confundido da bondade. Cooperam com ele a fim de garantir seu triunfo e comunicam-se com eles para incentivá-los e fortalecê-los. Trabalham para preparar seu reino e prometem elevar um salvador entre eles, que será o Anticristo, seu líder e futuro rei.

Tal é a doutrina de Lúcifer de acordo com o relato das testemunhas que saíram de seu culto. Não é uma instituição que *a priori* pareça provavelmente representar um segmento

numericamente poderoso, mas a sociedade que é relacionada com sua propagação afirma ter-se espalhado pelo mundo inteiro e representada em todas suas principais cidades. É aí que encontramos – já mencionado por Huysman como tendo existência demonstrada e sendo uma prova positiva do Satanismo moderno – a Ordem do Paládio. Tendo verificado amplamente seus princípios, nosso passo seguinte é descobrir sua pretensa história e aqui é necessário admitir que há uma certa dificuldade para colocar o assunto de tal forma que possa ser tolerável para o questionamento entre leitores na Inglaterra. O mistério do Diabolismo Moderno e do Culto de Lúcifer é uma parte do mistério da Maçonaria, assim interpretado por um movimento antimaçônico agora operando na França. A magia negra, de que ouvimos tanto, envolve um aspecto novo da antiga Cruzada Católica contra a Fraternidade do Esquadro e do Compasso, e a Questão Lúcifer é tida como uma alegada descoberta de que maçons são diabólicos.

Estamos todos cientes do fato histórico de que a Igreja Latina tem sido por muito tempo hostil à Maçonaria, que os papas condenaram a Ordem e excomungaram seus iniciados. Tendo em conta a posição da Fraternidade aqui na Inglaterra a maioria de nós pode pressupor a esse respeito que a idade avançada e a maturidade da Igreja estão passando por uma segunda infância. Alguns, entretanto, concluíram que pode haver mais na Maçonaria Continental do que vê o olho inglês e aqui a Igreja toma a iniciativa de assegurar que a Fraternidade no exterior é um viveiro da

propaganda política e é responsável pela desastrosa revolução que deixou perplexo o mundo moderno. Que é, realmente, uma conspiração contra as cabeças coroadas e que é atualmente o mais poderoso e o mais secreto inimigo que a ataca e obstrui sua ação.

Afirma-se agora que por trás da Maçonaria de hoje na Inglaterra, que posa como uma sociedade benéfica e política ou não no continente, mas em toda parte desmentindo qualquer conexão com a propaganda religiosa, é outra Maçonaria de que o maçom comum não nada sabe, secretamente comandando a Ordem e devotada ao culto de Lúcifer. Essa organização, que ganhou notoriedade recentemente, é enorme, embora não exclusivamente recrutada da Maçonaria. Trabalha através do poderoso aparato maçônico e, de acordo com evidências reveladas, obteve um controle substancial e magistral sobre a Fraternidade inteira. Focalizada na matéria-prima da hostilidade maçônica contra a Igreja Católica, porque é anticristã na religião tanto quanto revolucionária na política, está a chamada Ordem Paladiana.

Essa acusação excessivamente grave e importante junto com suas implicações laterais tem talvez tanto mais apelo em nossa consideração porque, aparte do Diabolismo real, que é tão paralisantes para despertar a discussão, conflita com tudo que sabemos ou acreditamos a respeito da constituição Maçônica. Deixe-me juntar os pontos brevemente: (a) A Maçonaria possui um centro de direção secreto que é negado arduamente pela Fraternidade. (b) Tem

uma missão religiosa e uma propaganda doutrinal que é invariável e igualmente negada. (c) Está relacionada a objetivos políticos, o que é negado geralmente. (d) Tem um ensino transcendental que é negado geralmente. (e) É amplamente relacionada com práticas transcendentais e fenômenos que nega, embora a pergunta não tenha sido levantada seriamente como agora. (f) Inicia mulheres que, exceto em uma muito secundária, ocasional e insignificante maneira, é no todo e em todas as vezes negado. O último aspecto é trazido para dentro de nosso questionamento porque o Paládio é uma ordem andrógena.

Agora, é razoavelmente conhecido por muitos que não são parte dos quadros da Fraternidade que as Grandes Lojas de cada país são autônomas e que não houve nenhum impedimento precedente deste fato. Isso, ostensivamente pelo menos, demonstra que não há nenhuma instituição central a quem devem responder na Maçonaria. As Lojas individuais derivam-se de uma única Grande Loja e são subordinadas a ela, mas as Grandes Lojas por si só são supremas e autônomas. Sabe-se igualmente que o sistema maçônico na Inglaterra difere daquele da França. O rito Francês sempre ocupou uma posição um tanto heterodoxa e que, desde que o Grande Oriente expurgou o Grande Arquiteto do Universo de seu simbolismo, uma ligação oficial foi suspensa pela Grande Loja da Inglaterra. Sabe-se que, fora dos sistemas Maçônicos reconhecidos, muitos ritos surgiram que são somente Maçônicos até o ponto em que sua viga mestre é o Grau de Mestre. Como um exemplo

especial pode ser citado o Supremo Rito Oriental de Mênfis e de Misraim. Na Inglaterra, as reuniões das Lojas destes ritos nunca ocorrem no salão da grande instituição central dos Maçons. Na França, o Grande Oriente proibiu consistentemente seus membros de participar do sistema de Mênfis. Manter a Maçonaria responsável por irregularidades ou abusos, que de tempos em tempos podem ocorrer nestas fantásticas derivações da instituição original, seria nesse ponto tão justo e razoável quanto acusar a Igreja Latina, na denúncia das corrupções existentes agora, das heresias que a separaram dela.

Estabelecendo estes pontos em virtude do resultado de nosso questionamento, vamos traçar agora a forma como uma autoridade suprema, denominada frequentemente pelos acusadores de Maçonaria Universal desenvolveu-se. Sobre este assunto, não somente a informação mais completa, mas as únicas narrativas formais são fornecidas pelas testemunhas mais recentes, de modo que o seguinte relato aqui traduzido baseia-se exclusivamente nos trabalhos de Domênico Margiotta e Dr. Bataille.

Em 20 de maio de 1737, foi constituído na França a Ordem do Paládio, ou o Supremo Conselho de Sabedoria, que, à maneira das lojas andrógenas que estão surgindo, iniciou mulheres sob o título de Companheiras de Penélope. O ritual dessa ordem foi publicado pelo arqueologista maçônico Ragon, de modo que não há dúvidas de sua existência. Ao mesmo tempo, tanto quanto estou ciente, há pouco material disponível para sua história. De uma forma

que permanece completamente indefinida, essa ordem está relacionada de certa maneira, além do nome, com o legendário Paládio dos Cavaleiros Templários, mais conhecido pelo título de Bafomé.

Em todo caso, não vingou e é incerto se o Paládio Novo e Reformado, também uma ordem andrógena, a que presentemente nos referimos, é uma metamorfose ou uma reconstrução da instituição original, mas afirma-se que há uma conexão de algum tipo. Por um período que excede sessenta anos, ouvimos pouco do Paládio legendário, mas em 1801, o israelita Isaac Long afirmou por muito tempo ter carregado o Bafomé original e o crânio do Grão Mestre Templário Jacques de Molay de Paris a Charleston nos Estados Unidos. Participou, mais tarde, na reconstrução do Rito Escocês de Perfeição ou de Herodom sob o nome de Rito Escocês Antigo e Aceito, que se tornou subsequentemente amplamente difundido, e considera-se que a Loja do Trigésimo Terceiro Grau do Supremo Conselho de Charleston foi a primeira de todas, considerada, conseqüentemente, neste rito, o primeiro Supremo Conselho de todo o globo.

Oito anos mais tarde, em 29 de dezembro 1809, um homem de grande importância na história da Maçonaria nascia na cidade de Boston. Albert Pike veio de pais humildes que, entretanto, superaram suas dificuldades e enviaram-no à Faculdade de Harvard, onde se graduou no ano de 1829. Começou sua carreira como professor, mas dedicou-se depois a uma vida romântica e aventureira. Seu

amor pelas terras inexploradas o levou até as Montanhas Rochosas, até então muito pouco conhecidas. Em 1833, estabeleceu-se no Arkansas e, atuando no jornalismo, fundou o *Arkansas Advocate*, onde suas contribuições em prosa e verso, especialmente em verso, deram-lhe reputação na literatura. A admissão do Arkansas na Confederação dos Estados Unidos foi, em parte, trabalho seu e, a partir desse período, começou a atuar na política, vindo a ser membro da Suprema Corte daquele Estado. Um ano após o término da guerra civil, em que tomou parte ativa, Pike mudou-se para Mênfis, no Tenesse, onde continuou praticando a lei e a literatura, fundando o *Memphis Appeal*, que vendeu em 1868, migrando para Washington. Sua história subsequente está relacionada exclusiva e incansavelmente à Maçonaria.

Albert Pike foi iniciado em Little Rock, no Arkansas, e dez anos mais tarde, em 1859, foi eleito Soberano Comandante Grão Mestre do Supremo Conselho de Charleston. Tendo poderes extraordinários de organização, transformou-se numa pessoa da grande influência no Rito Escocês Antigo e Aceito e uma alta autoridade no ritual, na antiguidade, na história e na literatura da Maçonaria. Sob sua orientação, o Rito Escocês estendeu e tornou-se dominante. Então, quando o patriota italiano Mazzini disse ter planejado a centralização da Maçonaria de Altos Graus, não poderia encontrar alguém na Fraternidade inteira mais indicado, por suas posição e influência, para colaborar com ele. Dessa parceria secreta foi criado, em 20 de setembro de 1870, no mesmo dia em que as tropas italianas entraram na

Cidade Eterna, um Supremo Rito e uma Organização Central da Maçonaria Universal de Alto Grau. O ato de criação foi assinada pelo Grão Mestre Americano e pelo libertador italiano, dois fundadores que igualmente dividiam o poder entre eles. Um Supremo Diretório Dogmático foi criado em Charleston, com Pike à frente, sob o título de Soberano Pontífice da Maçonaria Universal. Mazzini assumiu a Suprema Executiva, tendo Roma como seu centro, sob o título de Soberano Chefe de Ação Política.

Se voltarmos agora às indicações de que o genuíno Bafomé Templário e o crânio de Jacques de Molay tenham sido guardados em Charleston pelo espaço de setenta anos e que Albert Pike era Grão Mestre do Supremo Conselho do Rito Escocês Antigo e Aceito nessa cidade, entenderíamos porque a nova instituição denominou-se Rito Paladiano Novo e Reformado ou o Paládio Reformado. Subsequentemente, cinco Grandes Diretórios Centrais foram estabelecidos em Washington para a América do Norte, Montevideu para a América do Sul, Nápoles para a Europa, Calcutá para o mundo oriental e Port Louis, nas Maurícias, para a África. Um Soberano Diretório Administrativo Universal fixou-se em Berlim após a morte de Mazzini. Em consequência desta organização astuciosa, diz-se que Albert Pike prendeu toda a Maçonaria na palma de sua mão por meio de dois instrumentos, o Paládio e o Rito Escocês. Durante todos os seus dias restantes, e viveu até uma idade avançada, trabalhou infatigavelmente em ambas as causas e

o mundo no momento atual é ocupado pela organização que administrou.

Quatro pessoas são mencionadas como sendo coadjutores em seu próprio país: seu velho amigo Gallatin Mackey, de honorável memória entre os maçons; um escocês chamado Longfellow, a quem alguns escritores franceses confundiram ridiculamente com o poeta, um Holbrook sobre quem há poucos detalhes e, finalmente, Phileas Walder, suíço, originalmente um Ministro Luterano, mais tarde considerado um Mórmon, mas de qualquer forma, no período em questão, um reconhecido espiritualista, um aplicado estudante de ocultismo, assim como Holbrook e Longfellow e, o que é mais importante para o propósito, um amigo e discípulo do grande mago francês Eliphas Lévi. Albert Pike era um ocultista, se por iniciativa própria ou por influência destes amigos, sou incapaz de dizer. A Srta. Diana Vaughan, que é uma das testemunhas envolvidas, afirma que era uma paixão avançada e absorvente. De qualquer forma, o Paládio Novo e Reformado foi mantido rigidamente separado de toda a Maçonaria restante, inclusive do Rito Escocês. Isso quer dizer que nenhum neófito, mesmo dos mais altos graus, teve como tal o direito ou a oportunidade de entrada na ordem oculta que, ao mesmo tempo, foi recrutada principalmente, como já ficou estabelecido, dos graus mais elevados, mas os receptores da nova luz silenciaram-se sobre o momento em que isso ocorreu. Foi exclusivamente na Ordem Paladiana que Albert Pike e seus confidentes propagaram a religião

transcendental como compreendida por eles. Ou seja, enquanto o Rito Escocês continuou a especular, o Paládio voltou-se para a magia e foi tão bem sucedido que havia uma contínua comunicação entre Charleston e o mundo invisível. Não fica evidente tampouco quando ou porque Albert Pike e seus colaboradores transferiram sua fidelidade do Deus dos sábios para Lúcifer. A Igreja Católica considera toda a magia como Diabolismo e não faz ou tolera nenhuma distinção mística entre os departamentos negro e branco da prática transcendental, mas o caráter específico do culto Paladiano é definido tão claramente nos testemunhos que não pode passar como uma apresentação da doutrina mágica distorcida pelo preconceito. É totalmente despido de correspondência com qualquer escola de ensino do oculto existente e de qualquer indicação verdadeira de um sistema fundado por Pike ou um invenção deliberadamente maliciosa. Os fenômenos taumatúrgicos são de um tipo extremamente avançado, incluindo a presença real e corporal de Lúcifer em intervalos frequentes e regulares.

Quando Mazzini morreu, indicou a Albert Pike um sucessor possível em Adriano Lemmi, que se transformou no devido tempo o chefe do Departamento Executivo. Quando, no auge da idade, o Pontífice da Maçonaria Luciferiana passou para a vida mais elevada do fogo, que é a noção do Paladismo, da beatitude na paz e na alegria de Lúcifer, o próprio Soberano Pontificado, após um curto período nos ombros incompetentes da pessoa de Albert George Mackey, foi transferido ao italiano. O assento do

Diretório Dogmático foi removido para Roma. Uma separação ocorreu no campo, inspirada por uma senhora iniciada, então famosa sob o nome de Diana Vaughan, e a esta nós devemos a maioria das revelações. Além disso, com a morte de Albert Pike, o culto de Lúcifer submeteu-se a um transfiguração significativa. Para ele, a concepção de Satã era uma blasfema ficção, planejada pelo estudiosos de Adonai para obscurecer o brilho verídico inerente ao Anjo da Estrela da Manhã, mas esta visão representa um pouco a opinião confidencial do pontífice maçônico, impressa por sua personalidade forte nas Lojas que controlou e propagada pela instrução de seus rituais. Os mais distintos entre seus discípulo considerou isso como uma obsessiva fraqueza de seu grande ancião e ocultamente, durante sua vida, o culto de Satã pura e simplesmente, isto é, a adoração do diabo, a adoração do princípio mau enquanto mal, foi praticado em numerosos centros Paladianos. Após sua morte, revelou-se completamente e o próprio Adriano Lemmi é descrito como um declarado Satanista.

Acredito que interpretará razoavelmente o sentimento de todos os leitores admitir que, quando a autoridade de uma grande igreja é posta em ação na operação de esmagar uma grande instituição pelos ataques que mais seriamente a desacreditam – que a sua aparência ostensiva a representa diametralmente e em todos os sentidos oposta em sua natureza interna – não devemos de maneira alguma impedi-la. Devemos recordar a elevada posição e as muitas oportunidades de conhecimento possuídas por tal acusador.

Devemos estender a esse acusador pelo menos a justiça comum de uma imparcial e completa audição. Considerações *a priori* das probabilidades e das inferências de nosso conhecimento anterior, muito menos de opiniões obtidas em segunda mão, não devem ser permitidas para prejudicar um caso assim de grande importância. Devemos estar preparados, caso necessário, para admitir que fomos notoriamente iludidos. Se a existência da Maçonaria Paladista pode ser provada como um fato indubitável, devemos honrar plenamente a demonstração e devemos reconhecer com gratidão que a Igreja prestou um serviço à humanidade, revelando o verdadeiro caráter de uma instituição que se impõe sobre um grande número de pessoas bem intencionadas dentro de seus próprios quadros, que estão evidentemente inconscientes do mal a que estão emprestando aprovação e sustentação. Por outro lado, o mesmo espírito de liberalidade e justiça vai requerer que a demonstração em questão seja completa. Para dar suporte a tais terríveis acusações, apenas evidências de primeira qualidade podem, obviamente, ser admitidas.

Nos capítulos que se seguem, apresentarei a sucessão de evidências de cada testemunha que tenha alguma coisa a nos dizer sobre Paladismo, incluindo aquelas cuja experiência é do tipo pessoal e aquelas cujo conhecimento é derivado de fontes externas. Sempre que seja possível, cada testemunho será pesado como vimos fazendo. O que não for convincente ou for irrelevante será descartado, enquanto que aquilo que for importante será comentado no sumário final.

Em dois casos apenas será necessário reservar o exame para tratamento especial e separado.

CAPÍTULO III

AS PRIMEIRAS TESTEMUNHAS DE LÚCIFER

Que as testemunhas de Lúcifer estão em todos os casos ligadas à Igreja Latina, quer como padres ou leigos, não é matéria para admiração quando se percebe que uma vez fora desta Igreja não há nenhuma hostilidade à Maçonaria. Por exemplo, *Proofs of a Conspiracy*, de Robison, é quase o único trabalho que possui, corretamente ou não, algum aspecto de importância que nunca foi o estilo utilizado por um protestante ou por um escritor independente na hostilidade direta à Fraternidade. Além disso, a hostilidade católica varia no sentido de desaparecer em relação à distância do centro eclesiástico. Assim, na Inglaterra, existe em condição latente, encontrando quase nenhuma expressão, a menos que a pressão seja exercida a partir do centro, enquanto que na América a promulgação forçada da encíclica *Humanum Genus* foi uma das mais sérias tolices do pontificado atual com respeito a aquele país. A bibliografia da literatura antimaçônica católica é agora, entretanto, muito grande, não restrita a um lugar ou a uma época em especial. Tem uma antiguidade de quase 150 anos e representa a maioria do continente europeu. Essa da França, que é o mais próximo de nossas próprias portas, é naturalmente a mais familiar a nós. É igualmente uma das mais produtivas e pode-se supor que representa o todo. Nós nos referimos a ela aqui somente durante o período que se

segue à fundação do Paládio Novo e Reformado. Durante esse período, cai obviamente em dois grupos, naquele que precedeu todo o conhecimento da instituição em questão e naquele que é posterior à primeira promulgação de tal conhecimento. No primeiro, encontramos principalmente as velhas acusações que cessaram há muito tempo de exercer toda a influência conspícua, a saber, Ateísmo, Materialismo e planos revolucionário. Sem desaparecer inteiramente, estes foram amplamente substituídos no segundo grupo pelos ataques à magia e ao diabolismo, em consequência de que as denúncias foram altas e ferozes. Uma observação suplementar pode ser dita para, de certa forma, conectar ambos, porque é comum a ambos: é aquela da liberdade desenfreada promovida pela pretensa existência de Lojas Adotivas. Vamos encontrá-la durante o primeiro período em que a Maçonaria foi descrita livremente como uma instituição diabólica e satânica e é necessário insistir neste ponto porque é responsável por confundir a questão. Antes de 1891, o Diabolismo identificado com a Maçonaria era quase exclusivamente intelectual. Isso quer dizer que seu pretenso ateísmo, do ponto de vista da Igreja Católica, era uma opinião diabólica em matéria de religião. Seu alegado materialismo era uma filosofia diabólica em matéria de ciência. Seu suposto traço revolucionário, especialmente dirigido contra a Igreja Católica, constituiu política diabólica. Tais descrições parecerão bastante arbitrárias à maioria das pessoas que não veem o mundo de cima das

janelas do Vaticano, mas são incontestavelmente consistentes em Roma.

Do diabolismo real antes da data que nomeei há, acredito, simplesmente a acusação solitário feita por Monsenhor de Ségur e referindo-se a um longo período anterior. Estabelece que no ano de 1848 havia uma Loja Maçônica em Roma onde a missa do diabo foi celebrada na presença de homens e de mulheres. Um cibório foi colocado em um altar entre seis velas pretas. Cada pessoa, após cuspir e espezinhar um crucifixo, depositou neste cibório uma hóstia consagrada que havia comprado ou recebido na igreja. Os elementos sagrados foram profanados por toda a assembleia, as velas foram extintas na final da missa e uma orgia teve início, similar, diz Monsenhor de Ségur, àquelas "dos mistérios pagãos e de reuniões maniqueístas." Tais abominações eram, entretanto, admitidamente raras e a história apenas relatou reminiscências de nada que possa ser chamado de evidência.

Durante os anos, no intervalo entre 1870 e 1891, podemos procurar na literatura antimaçonaria francesa em vão por qualquer menção em relação ao Paládio. Em 1884, a colaboração de Louis D'Estampes e de Claudio Jaunet, escritores franceses, produziu um trabalho intitulado "*Franco Maçonaria e a Revolução*," que afirma que a imensa maioria dos maçom, incluindo aqueles que alcançaram os mais altos graus, não aprecia a confiança dos segredos verdadeiros, mas o estabelecimento do ateísmo

na religião e do socialismo na política como projetos da Fraternidade. São os únicos segredos pretendidos.

O Paládio Novo e Reformado liga-se com a Ordem do Templo por sua suposta posse do ídolo original de Bafomé, mas em 1882 este era inteiramente desconhecido a Monsenhor Fava, que nega toda a conexão reputada entre Templários e Maçons e dá Faustus Socinus como fundador da Ordem, seguindo o Abade Lefranc em seu *O Vêu Erguido para o Curioso*. Um aspecto místico e diabólico da Fraternidade é tão remoto em sua mente que em seu *Segredo da Maçonaria* o Bispo de Grenoble afirma que seu único projeto é substituir a cristandade pelo racionalismo.

O terceiro e conclusivo volume da grande compilação de Père Deschamps, *Sociedade e as Sociedades Secretas*, sustenta, ao contrário, a hipótese rejeitada por Fava. Relata muitos conhecimentos antigos a respeito das Lojas Adotivas, os Iluministas, as Ordens de Philalethes, de Martinez Pasquales e de Saint Martin, de cujos assuntos poucos escritores certamente podem dizer qualquer coisa nova. Quando especialmente dedicado à atividade política da Fraternidade toda na Europa, Deschamps nada diz da conspiração que produziu o novo Paládio, embora a suposta colaboração de Mazzini deu-lhe um forte conteúdo político. De Pike, nada. Do Diabolismo, ainda nada. Posso acrescentar que seu trabalho verificou todos os ângulos.

No ano 1886, outro eclesiástico, Dom Benoit, publicou dois formidáveis volumes, *Maçonaria e as Sociedades Secretas*, fazendo parte de um trabalho mais vasto intitulado

A Cidade do Anticristo no Século XIX. Como D' Estampes e Jannet, distingue um pequeno número de iniciados e uma vasta multidão de tolos que incham os quadros da Fraternidade. "Muitos maçons ascendem a escada dos graus sem receber a revelação dos mistérios." As funções mais elevadas da maioria das Lojas são dadas aos tolos, enquanto os chefes de governo ficam escondidos atrás dos títulos humildes. Mais adiante, afirma que em determinados países há ritos secretos acima dos ritos ordinários e estes são compartilhados apenas pelos verdadeiros iniciados, o que soa como uma sugestão vaga e informe a respeito de um centro de direção, mas até agora admitindo que tal instituição possa existir na Maçonaria, o autor afirma que a unidade é impossível nisso. "Imagem de inferno e de inferno antecipado, a Maçonaria é o reino do ódio e consequentemente da divisão. Os líderes mutuamente desprezam-se, detestam-se e esforçam-se universalmente para iludir e suplantar um ao outro. Apenas um ódio comum da Igreja e de suas instituições regulares une-os e dificilmente a alcançarão enquanto discutem e se destroem." As primeiras sementes da acusação de Maniqueísmo são encontradas no segundo volume, mas o termo não é usado no sentido do transcendentalismo Luciferiano de Albert Pike, mas meramente como um equivalente do protestantismo, colorido pela ideia de sua conexão com a heresia Sociniana. Em conformidade com essa visão, Dom Benoit une-se à hipótese dos Templários, afirmando que os albigenses e os Cavaleiros do Templo são os antepassados

imediatos da Maçonaria. Mas o ponto de maior interesse em relação a nosso questionamento é onde Dom Benoit afirmam que Satã é o deus da Maçonaria, mencionando um grau obscuro em que o ritual é relacionado à adoração de uma serpente e outro em que o receptor é adjuvado "no sagrado nome de Lúcifer," a "erradicar o obscurantismo." É, entretanto, simplesmente uma acusação frouxa e generalizada, pois diz igualmente que a deidade maçônica é "a criatura," isto é, a humanidade, a mente do homem, a razão humana. É, também, "a Vênus infame" ou a carne; finalmente, "todas as divindades de Roma, Grécia, Pérsia, Índia e cada pagão são os deuses da maçonaria." Esta é uma difamação meramente indiscriminada, sem força ou aplicação e o escritor não sabe evidentemente nada de um culto definido de Lúcifer que exista nas Lojas da Fraternidade. Assim, também, quando indica em outra parte que os excessos sexuais são acompanhados, às vezes, na Maçonaria, de profanações eucarísticas, tem somente a narrativa ultrapassada de Monsenhor Ségur para suportá-lo e quando sugere práticas mágicas, o faz somente de forma geral e referindo-se aparentemente a atos individuais de maçons. Em uma passagem mais significativa relata que as aparições do demônio têm ocorrido "recentemente" nas assembleias Maçônicas, "onde diz que ele mesmo preside sob forma humana." Enquanto não há nenhuma menção do Paladismo e de Pike em seu tratado, podemos considerar Dom Benoit como um arauto da acusação aparente, falando vagamente de coisas ouvidas pela metade.

Anteriormente a 1888, Paul Rosen, um Soberano Inspetor Geral do Grau 33, último grau do Rito Francês, concluíra que os mistérios da Maçonaria são abomináveis e nesse ano publicou um trabalho intitulado *Satã e Cia*, sugerindo que, neste caso, uma testemunha pessoal desejada tivesse finalmente surgido e, de fato, o escritor leva-nos alguns passos além do ponto alcançado por Benoit. Tanto quanto estou ciente, é o primeiro antimaçom francês que menciona Albert Pike, com uma exceção a ser considerada em separado no capítulo seguinte. Descreve-se como o Soberano Grande Comandante do Supremo Conselho Mãe do Supremo Conselho do Rito Escocês Antigo e Aceito e conta a história da fundação desse Rito, mas não sabe nada de Isaac Long, do Paládio ou do crânio. Menciona igualmente certas obras escritas por Pike para uso exclusivo dos iniciados, aparentemente dos altos graus desse rito, *O Sephar H. Debarim, Éticas e Dogmas da Maçonaria e Legenda Magistralia*. Mas longe de acreditar na ordem com um aspecto sobrenatural, afirma que seu grito de guerra é a aniquilação e o anátema. O fim da Maçonaria é, de fato, a anarquia social, a queda do governo monárquico e a destruição da religião católica. O Satanismo imputado à Maçonaria por Paul Rosen é, conseqüentemente, de uma ordem arbitrária e fantástica, não tendo nenhuma conexão real com este questionamento. Dois anos mais tarde, o mesmo autor publicou um volume menor, *O Inimigo Social*, que não contém nenhum material de importância para nossa

finalidade, mas é precedido por um sumário pontifical, trazendo a bênção de Leão XIII ao escritor de *Satã e Cia*.

Passamos agora ao ano da revelação de 1891.

CAPÍTULO IV

EX ORE LEONIS

Por mais de dez anos seguidos, Leo Taxil, quer dizer, Grabriel Jogand-Pages, foi o grande acusador da Maçonaria, possuindo uma reputação indistinta na Inglaterra como um homem cuja hostilidade é formidável, tendo pontos fortes a seu favor. Durante o período inteiro de suas acusações, representada por muitos volumes, procurou uniformemente identificar a Fraternidade com os objetivos gerais de Lúcifer, mas, até o ano 1891, eram meramente os aspectos amplos e gerais, mencionados no último capítulo. Agora, diante de atribuições como, por exemplo, o caráter satânico da tolerância em matéria da religião, eu descanso incondicionalmente minha pena, porque não há um terreno comum sobre o qual uma discussão possa ocorrer.

Da imputação vaga, Leo Taxil passou a uma acusação excessivamente definida. Com seu trabalho intitulado *Há mulheres no Maçonaria?* criou a questão Lúcifer e sua conexão com a Ordem do Paládio. Ele é, portanto, a fonte de informação original a respeito da existência dessa associação. Ninguém a tinha ouvido anteriormente e é da máxima importância que saibamos do descobridor e de tudo a respeito dos detalhes de sua descoberta, incluindo a data disso.

Antes de 1891, Leo Taxil não sabia nada do Paládio Reformado. É o escritor antimaçônico nomeado no último

capítulo como precedendo Paul Rosen com informações sobre Albert Pike. Isto foi no ano de 1885 e em um trabalho intitulado *Os Irmãos dos Três Pontos* que começaram "as revelações completas a respeito da Maçonaria" empreendidas por essa testemunha. Como Paul Rosen, representa Pike como um mero elevado dignitário do Rito Escocês Antigo e Aceito, mas faz isso sob o título incorreto de Soberano Comandante Grão Mestre do Supremo Conselho dos Estados Unidos. E vai além, indicando que o Grande Oriente da França, assim como o Supremo Conselho do Rito Escocês da França, "enviam correspondências" ao Grão Mestre de Washington. Eu considero isso de nenhuma importância, como certamente nenhum significado definitivo pode ser inferido desta indicação além do geral e pouco significativo fato de que havia algum tipo de comunicação entre os três centros. No ano de 1888, Pike estava em tão pouca harmonia com o Grande Oriente Francês que, pelos depoimentos de testemunhas mais recentes, pusera-o sob a pena de sua excomunhão formal em virtude de seu Soberano Pontificado. De resto, os *Irmãos dos Três Pontos* não contêm nenhuma informação a respeito do Paládio Novo e Reformado e isto é prova positiva de que era desconhecido naquele tempo ao escritor, um detalhe valioso em virtude de sua finalidade. A mesma observação aplica-se a um segundo trabalho publicado imediatamente depois, *O Culto do Grande Arquiteto*. Se Leo Taxil tivesse sido colocado a par de uma adoração a Lúcifer subsistindo na Maçonaria Paladista, não deixaria de citá-la em um

volume assim intitulado. O trabalho em questão está relacionado, entretanto, com as solenidade que ocorrem em Templos Maçônicos, com os nomes e os endereços de todas as Lojas Francesas, de modo que é mais um arquivo do que uma revelação, com a organização política dos Carbonários, com os Filósofos Juízes e com determinados documentos oficiais da Maçonaria.

Mas pode ocorrer àqueles de meus leitores familiarizados em primeira mão com as revelações de Leo Taxil que suas revelações estiveram suspensas em virtude de seu plano de publicação e que o Paládio seria divulgado no devido curso, quando viesse a revelar a androgenia ou a Maçonaria Adotiva. Deixe-nos passar, conseqüentemente, a seu trabalho seguinte, intitulado *As Irmãs Maçons* ou *Maçonaria de Mulheres*, que apareceu em 1888 e em que encontramos certamente menção ao Diabolismo e igualmente com o Paladismo, mas não em relação a Albert Pike ou ao Diretório Central de Charleston. A referência no primeiro caso é às práticas que são alegadas ocorrerem no Rito Egípcio de Adoção, chamado de Rito de Cagliostro, e no segundo, à Ordem do Paládio como originalmente instituída no ano de 1730. Ao mesmo tempo, a informação dada é de séria importância, porque nos permite calibrar o método, de um lado, a credibilidade do escritor no caso e, de outro, o seu conhecimento no período. Uma vez mais, no ano de 1886, Leo Taxil não sabia nada do Paládio como uma instituição reformada ou revivida. Se soubesse, não poderia deixar de nos dizer.

Não pude seguir todas as fontes de sua informação a respeito do antigo Rito do Paládio, mas vem principalmente de Ragon. Divide-o em dois sistemas: (a) A Ordem dos Sete Sábios, que era para homens somente e aparece como uma invenção banal com um ritual derivado principalmente das Viagens de Anacharsis; (b) A Ordem do Paládio era composta de dois graus masculinos e um feminino, respectivamente, Adelphos e Companheiro de Ulysses para homens e Companheira de Penélope para mulheres. Finge ter sido fundado por Fenelon, mas reivindica ao mesmo tempo uma antiguidade precedente ao nascimento do grande Arcebispo de Cambrai. Leo Taxil denuncia a galanteria, mas os namoricos descritos no ritual dão a impressão, a um leitor imparcial, de uma espécie de teatro infantil, uma crítica que esgota praticamente toda a motivação da Ordem que, como já mencionei, baseada na obscuridade e, tanto quanto pode ser traçado, em desuso, embora nossa testemunha refira-se a ele no tempo presente e como se estivesse na ativa. Assim, a descrição e o sumário do ritual dado por Leo Taxil coloca-o fora da possibilidade de uma conexão com a Maçonaria Templária e igualmente com o Paládio de Bafomé, apesar de alegar o contrário. Aceitando a má construção que é colocada em sua intenção, poderia não oferecer nenhum ponto de contato com o alegado projeto de Albert Pike. Até agora, consequentemente, as informações contidas em *As Irmãs Maçons* conflitam com a história do Paládio Novo e Reformado como visto em meu segundo capítulo.

Foi dito, entretanto, que Leo Taxil acusa outra Ordem Maçônica do tipo andrógeno de práticas satânicas. Divide o Rito Egípcio de Adoção em três graus. O de Aprendiz apresenta Adonai como Gênio do Orgulho e a tentação da serpente do Gênesis como o princípio eterno da bondade. No de Companheiro, o simbolismo do ritual reforça a necessidade de reabilitar o caráter da serpente mística. Na Senhora Egípcia, há uma pretensa evocação de espíritos planetários por meio de um clarividente e Leo Taxil afirma por sua própria autoridade que o Ser Supremo mencionado na cerimônia de iniciação é Satã. "De acordo com a doutrina da seita, a divindade é formada de dois princípios opostos, o gênio da Criação, que é Lúcifer, e o gênio da Destruição, que é Adonai." Esta é tão obviamente a doutrina do Paladismo Luciferiano que é difícil entender porque a instituição de Charleston não é ligada, a respeito da finalidade, se não a respeito da origem, com o Rito Adotivo Egípcio da Maçonaria Misraimita.

Neste momento, entretanto, torna-se meu dever indicar que há alguns fatos muito curiosos em relação ao *Catecismo da Senhora do Ofício*, que é a fonte de informações para o alegado caráter maniqueísta do terceiro grau. A parte mais considerável e mais essencial desse documento, até agora atribuído ao suposto fundador do rito, Conde Cagliostro, é uma série de passagens mutiladas tomadas do *Dogma e Ritual da Alta Magia*, de Eliphas Levi, e desajeitadamente remendadas. Quer dizer, Leo Taxil, ao reivindicar trazer pela primeira vez a público uma instrução que dá forma a

uma parte essencial de um rito que pertenceu ao século passado, apresenta-nos, nessa instrução, as reflexões filosóficas originais de um escritor do ano de 1856 e, além disso, distorce palpavelmente o princípio fundamental desse escritor, que, além de estabelecer a dualidade e o antagonismo em Deus, exhibe mais claramente a unidade essencial em relação a uma manifestação tríplice do princípio divino. Eu concebo que há somente uma construção a ser colocada sobre este fato e embora seja severo sobre os documentos, não se pode dizer que seja injusta. Quando, conseqüentemente, Leo Taxil termina seu estudo do rito egípcio "divulgando algumas práticas essencialmente diabólicas das Lojas de Misraim," as evocações dos espíritos elementares, não nos surpreendemos ao concluir que o ritual de procedimentos foi tomado literalmente do mesmo Lévi. Basta que o leitor compare apenas *As Irmãs Maçons*, pp. 323 a 330, com a *Conjuração dos Quatro*, no quarto capítulo do *Ritual da Alta Magia*. Objetar-se-á que esta conjuração foi derivado pelo próprio Lévi de uma fonte que não nomeia, enquanto, de fato, ela é encontrada no *Comte de Gabalis*. Que seja, mas meu ponto de vista é que os documentos de Taxil vieram de Eliphas Lévi. A prova é que a parte dos exorcismo é dada parte em latim e parte em francês pelo autor do *Ritual* por razões arbitrárias e inassinaláveis e que *As Irmãs Maçons* reproduzem da mesma maneira. É evidente, conseqüentemente, que devemos receber as "divulgações" de Leo Taxil com extremo cuidado. Posso acrescentar que

os procedimentos da Santa Inquisição no julgamento do Conde Cagliostro, publicados em Roma por ordem da Câmara Apostólica, incluem alguns detalhes a respeito do Rito Egípcio de que Cagliostro era o autor. Estes particulares, em parte correspondentes aos originais de *As Irmãs Maçons*, também oferecem igualmente significativas variações, mesmo ao longo das linhas de correspondência.

Tendo estabelecido, em todo caso, que Leo Taxil não sabia nada do Paládio Reformado no ano de 1886, podemos passar ao seu trabalho seguinte, que reproduz uma proporção considerável, embora selecionada, de alguns de seus volumes precedentes, porque precisamente a mesma observação se aplica a *Os Mistérios do Maçonaria* e podemos chegar imediatamente ao ano de 1891. Algum tempo após 3 de agosto, nossa testemunha publicou um volume intitulado *Há Mulheres na Maçonaria?* que, tanto quanto se pode ver, carrega as marcas da produção apressada. É, de fato, uma extensão de *As Irmãs Maçons*, quase esse mesmo trabalho que ainda está em circulação com a adição de material fresco importante. O conteúdo novo está relacionado com os rituais do Paládio Novo e Reformado, consistindo em cinco graus. Com respeito aos primeiros três, com os graus um tanto banais mas inocentes do Rito Moderno de Adoção e passando, com respeito aos dois finais, à doutrina pura do Luciferianismo. Como Leo Taxil conseguiu esses rituais? Informa-nos completa e sinceramente que foi por meio de trôpegos argumentos, quer dizer, por um suborno persuadiu um oficial de um

determinado Grande Conselho do Paládio, situado em Paris, a esquecer suas obrigações pelo tempo necessário para transcrevê-lo. Esse não era um procedimento muito honroso, mas, para expor a Maçonaria, considerações éticas ordinárias estariam fora da questão comum e é inútil examinar métodos quando se necessita de documentos. Por esses documentos e pela matéria editorial que os introduz e segue, Leo Taxil, como já observado, criou a Questão Lúcifer. Estabelecendo como premissa que um objetivo duplo governou a instituição de Lojas andrógenas, a oportunidade para prazeres proibidos e a criação de poderosos e insuspeitos auxiliares para finalidades políticas, indica que a última parte desse texto está dedicada especialmente à velha Maçonaria Paladiana. Agora fica claro que os rituais da Ordem, que publicou no ano de 1886, não têm nenhuma construção como a que aqui, e pela primeira vez, imputa. Ligam-se com a parte um do programa e estava satisfeito, naquele tempo, com sua omissão no campo da desordem sexual. Por que mudou de opinião? Nenhuma razão assinalável aparece em suas observações subsequentes, mas ele vai além ao alegar que, sob os auspícios de Albert Pike e seu grupo, a ordem original desenvolveu o Rito Novo e Reformado do Paládio, em que a finalidade política própria foi subordinada ao "Satanismo puro e simples." Originário dos Estados Unidos, invadiu a Europa, onde se propaga com verdadeira e inaudita rapidez, de modo que apenas em Paris há três Lojas ativas, a do Lótus, fundadas em 1881 e situadas em

Faubourg Saint-Germain, que por sua vez criou a Loja de St. James, em 1884, e a de St. Julian, em 1889. A Lótus foi precedida "pela organização de alguns Areópagos do Grau Kadosch do Rito Francês e do Rito Escocês," que praticavam a teurgia sob a direção de Ragon e Eliphas Lévi, ambos que se entregavam, como visto acima, de corpo e de alma a todas as práticas do Satanismo sem lei, o último aparentemente sendo líder, após cuja morte a associação deixou de encontrar-se frequentemente, até ser revivida por Phileas Walder, o amigo de Albert Pike. Foi ele que importou o Paládio Novo e Reformado da América para a França e, reunindo os discípulo de Lévi, fundou a Loja Mãe do Lótus.

O ritual obtido por Leo Taxil foi impresso em latim e em inglês com uma versão francesa intercalada no manuscrito. Como apresentado por seu descobridor, não há nenhuma dúvida de que é uma produção execrável, envolvendo a prática na Loja Aberta de obscenidades, de Diabolismo e de sacrilégio. Passando pelos três primeiros graus e começando "no ponto de bifurcação," encontramos que, no ritual do quarto grau do Eleito, que o Paládio Novo e Reformado foi instituído "para dar uma força nova às tradições da Maçonaria de primeira qualidade," que o Paládio que dá seu nome à Ordem foi apresentado aos pais da Ordem por Eblis pessoalmente, que está agora em Charleston e que Charleston é o primeiro Supremo Conselho do globo. Assim ver-se-á que o ritual do Paladismo confunde a Ordem do Paládio com o Rito

Escocês Antigo e Aceito. De resto, a lenda do quarto grau é a primeira parte do que é denominada uma vida blasfema de Jesus, apresentando Belzebu como Seu antepassado, José como seu pai, de acordo com a geração física, e Mirzam como sua mãe, altamente venerada como a mãe de muitas outras crianças. Adonai é o princípio do mal e Eblis, de qualquer forma Lúcifer, o Deus bom. Mas o ritual do quarto grau é inocente em seu caráter, quando comparado com as abominações do quinto grau das Senhoras Templárias. O ponto central do cerimonial é a ressurreição de Lázaro, realizada simbolicamente pelo sofrimento do postulante e que é denominado o Calvário do Pastos, quer dizer, por meio da fornicção pública. A finalidade desse calvário é mostrar que o ato sagrado da geração física é a chave do mistério de ser. A vida de Jesus, iniciada no grau precedente, é concluída no presente e é suficiente para meu propósito indicar que representa o Salvador da Cristandade, que originalmente "começou bom," passou a servir o bom deus Lúcifer e faz um pacto com o mau Adonai, em sinal de que cessa o relacionamento sexual indiscriminado com as mulheres que o seguiam e promete viver em castidade, pelo que é abandonado por Belzebu e amaldiçoado pelos Paladistas. "O dever de uma Senhora Templária é execrar Jesus, anatemizar Adonai e adorar Lúcifer." O rito conclui com o candidato cuspiendo sobre uma hóstia consagrada e na perfuração dela por toda a assembleia com estiletos.

Até agora, o único testemunho da operação real como também da existência dessas cerimônias infames é Leo

Taxil e é uma vez mais meu dever destacar que os documentos estão de forma alguma acima da suspeita de terem sido fraudados por alguém. Parece pouco digno de crédito, mas a instrução do Grau Eleito incorpora referências maçônicas literais das memórias escandalosas de Casanova. Esse é um fato que deixa aberta uma porta larga ao ceticismo. Além disso, a instrução do quinto grau contém mais plágio de Lévi e em uma seção intitulada *Evocações*, Leo Taxil reproduz outra vez a *Conjuração dos Quatro*, adotada inicialmente no Rito de Mênfis e de Misraim e agora entre os Paladistas. Uma vez mais, pinta uma longa lista dos espíritos da luz que o Paladismo recomenda para evocação e essa lista é recolhida aleatoriamente entre os oitenta e quatro gênios das doze horas dados na interpretação de Lévi do *Nuctemeron* de acordo com *Apollonius*. Mas estes últimos pontos não são os argumentos que refletem necessariamente sobre Leo Taxil pois, considerando que o Paládio Novo e Reformado foi constituído em 1870, é óbvio que o autor dos rituais pode ter selecionado do mago francês e Leo Taxil liga o Paládio, como outros o conectaram, com Alphonse Louis Constant (Eliphas Lévi), em parte com Phileas Walder, seu discípulo, e em parte representando Constant como o líder de uma associação oculta dos Cavaleiros Kadosch. Mas quando apresenta Constant como sendo um maçom, temos que recordar que Eliphas Lévi negou explicitamente sua iniciação em seu livro *História da Magia*.

Devo acrescentar que Leo Taxil, em uma das ilustrações representando uma Loja do Rito das Senhoras Templárias, o altar é obscurecido por um Bafomé que é uma redução no fac-símile do frontispício do *Ritual* de Lévi e todos os limites razoáveis parecem ser transgredidos quando cita a *Coleção de Instruções Secretas*, de Albert Pike, uma passagem prolongada que pulula com roubos da mesma fonte, todos que eu posso identificar se necessário, mostrando-os página por página nos documentos. Leo Taxil diz-nos que a "coleção" lhe foi enviada, mas não diz por quem. Estamos tratando evidentemente de uma pergunta excessivamente complexa e muitos pontos devem ser tornado claros antes que possamos definitivamente aceitar que está evidenciado o que está tão misturado e incerto no caráter.

Se perguntamos ao autor dessas divulgações que oportunidades teve de se familiarizar pessoalmente com a Maçonaria, descobriremos que são excessivamente poucas, porque foi expelido da Ordem após ter recebido somente o primeiro grau. Não digo que essa expulsão reflita o descrédito em todos os sentidos sobre ele como um homem de honra, mas encerrou sua carreira maçônica quase assim que começou, de modo que seu título para falar do assunto baseia-se apenas em sua pesquisa literária e outras formas de conhecimento derivado, bom o bastante a sua maneira, sem dúvida, mas não tão exaustivo como poderia ser desejado em virtude da posição que sustenta.

Foi pouco depois desse episódio que Leo Taxil retornou à Igreja Católica e uniu-se pessoalmente aos interesses da festa clerical. Antes disto, sua história literária deve ser para ele uma memória dolorosa. Era escritor de romances anticlericais e o editor de um jornal anticlerical, ocupações legítimas, por um lado, mas neste caso demasiado e frequentemente conectado com os métodos literários de um tipo grave e desacreditável. Um catálogo da finada *Livraria Anticlerical* adicionado a um dos romances anuncia, entre outras produções da mesma pena, as seguintes contribuições feitas por Leo Taxil à literatura do sacrilégio e do escândalo: 1) uma vida de Jesus (*Bouffe Jesus*), sendo uma paródia instrutiva e satírica dos Evangelho, com 500 desenhos cômicos; 2) *a Bíblia Cômica (Bíblia Amusante)*; 3) *As Devassidões de um Confessor*, um romance baseado no caso do jesuíta Girarde e Catherine Cadière; 4) um papa mulher, narrando as aventuras e os crimes da Papisa Joana, escrito em colaboração com F. Laffont; 5) *As Amantes do Papa*, "um grande romance histórico," escrito em colaboração com o Karl Milo; 6) *Pio, o Nono diante da história, sua vida política e pontifical, suas devassidões, insensatez e crimes*, 3 volumes; 7) *O Envenenador Leão XIII*, um relato dos roubos e envenenamentos cometidos com a cumplicidade do pontífice atual; 8) *Prostituição Contemporânea*, uma coleção de estatísticas revoltantes sobre, entre outras coisas, os métodos, os hábitos e as peculiaridades físicas das pessoas que praticam a pederastia.

Ver-se-á que desde que sua conversão, nosso autor mudou seus objetivos sem alterar seus métodos. Como no passado revelou supostas maldades dos papas e padres, assim como expôs as práticas corruptas da polícia parisiense em matéria de gritantes males sociais, agora divulga as infâmias e os exageros Maçônicos no presente. Reivindicou, então, ter agido por um motivo elevado e reivindica-o agora. Não devemos negar o motivo, mas abjuramos certamente a sua continuação. Em algumas memórias muito curiosas que obtiveram larga circulação, Leo Taxil reconhece que esteve gravemente enganado então e pode estar enganado agora. Deve-se, igualmente, respeitavelmente concluir que poucas pessoas que contribuíram para a lubricidade na literatura jamais falaram de outra maneira do que de um ponto de vista exaltado. Quando há pouco tempo Huysman saiu à procura de um algo que pudesse referir-se às blasfêmias e ultrajes Luciferianos, não poderia encontrar nada mais apropriado a sua finalidade do que *Bouffe Jesus*, de Leo Taxil. Não nos recusamos a aceitá-lo como uma testemunha contra a Maçonaria por causa desses fatos, mas devemos pedir-lhe, como um cavalheiro honorável, para não insistir que devamos acreditar e, no momento, as únicas oportunidades que nos deu para verificar suas afirmações não nos incentivam completamente a aceitá-las. Ver-se-á conseqüentemente que o conhecimento da Maçonaria Paladiana foi trazido inicialmente à luz sob circunstâncias discutíveis.

CAPÍTULO V

A DESCOBERTA DO SENHOR RICOUX

Em 1891, as revelações maçônicas em Paris tinham-se tornado demasiado numerosas para alguém mais ou menos reparar na qualidade, pelo interesse público temporário, a menos que um horror novo fosse acrescentado. As senhas, os sinais, os catecismos, todas as finalidades e a maior parte dos segredos – todo mundo fora da Fraternidade, que se interessava por Maçonaria e se importava com a iniciação teórica, soube deles ou ficou satisfeito com a opinião formada. A literatura antimaçonaria transformou-se numa droga no mercado, faltando novidade para serem reveladas. O último trabalho de Leo Taxil era eminentemente uma contribuição para esta quantidade faltante. Era já, de certa forma, o descobridor "da Maçonaria Feminina," quer dizer, ele era a única pessoa habilitada que manteve seriamente que o explosivo sistema andrógono operava na França moderna e, quando adicionou o desenvolvimento do Paládio como o ápice do mistério da iniquidade, é pouco maravilhar-se que seu livro tenha conseguido a notoriedade com uma edição de cinco mil cópias. Ele foi ferino como um panfletário venal e suas realizações passadas na literatura foram desenterradas livremente para seu próprio benefício e para a instrução pública, mas era mais do que compensado pela aprovação de Monsenhor Fava, bispo de Grenoble, cujas opiniões sobre o Satanismo na Maçonaria já

trouxemos previamente ao conhecimento. A Igreja certamente concordou em negligenciar as enormidades cometidas por Leo Taxil. Esqueceu que havia tentado processá-lo e multá-lo numa soma redonda de 60.000 francos. O Supremo Pontífice perdoou-lhe a acusação de envenenamento e transmitiu-lhe sua bênção apostólica. Foi felicitado pelo cardeal-vigário de Roma. Encontra-se na orgulhosa posição de um homem que recebe felicitações e a elevada aprovação de dezoito dignitários eclesiásticos, incluindo cardeais, arcebispos e bispos. Com suas costas escoradas na *turris fortitudinis*, enfrentou seus acusadores robustamente e devolveu pedra por pedra. Não lhe faltaram defensores na denúncia, um dos quais, pelo modo adotado, transformou-se ele mesmo, um tanto inesperadamente, numa testemunha de Lúcifer.

Para aqueles que descreem da existência da Maçonaria Feminina, Leo Taxil ofereceu dois sábios conselhos: vá a Biblioteca Nacional, procure os arquivos do órgão Maçônico *A Cadeia de União*, e você encontrará a prova positiva de seu erro. Prossiga em seguida à Maison T — não há nenhuma necessidade de reproduzir o endereço, mas é dado por Leo Taxil — e obtenha a lista atual de preços de mobília de Loja, de insígnias e de outros acessórios e você encontrará detalhes dos aventais para as irmãs, diplomas para as irmãs, ligas para as irmãs, joias para irmãs. Exceto pelos símbolos da iniciação, o catálogo não é completo, mas em virtude da literatura reveladora os sinais já não são segredo.

Todo isto está claramente fora do assunto do Satanismo, mas conduz, contudo, à descoberta do Senhor Ricoux. A respeito deste cavalheiro propriamente dito não há nenhum detalhe próximo. Prometeu um relato de suas aventuras durante quatro anos como um imigrante no Chile e prometeu uma epopeia patriótica em doze cantos, mas tanto quanto alcança minha informação, permanecem no ventre do tempo. Mas tem uma participação em nossa consideração porque lhe ocorreu por em prática o conselho de Leo Taxil, o que seguiu a risca no outono de 1891, provando, para sua própria satisfação, que *Há Mulheres na Maçonaria?* é um livro de divulgação verdadeiro e uma pergunta que deve ser respondida afirmativamente. Executou, com isso, uma ação muito honrosa. Escreveu um panfleto intitulado *A Existência de Lojas para Mulheres: Pesquisa Neste Assunto* em que expõe o resultado de sua investigação. Coletou as controvérsias no assunto que tinham sido divulgadas através da imprensa do período e defendeu Leo Taxil com o calor de um *alter ego*. Mas não tinha limitado sua pesquisa aos rumos indicados por seu autor. Encorajado pelo sucesso que tinha atendido a seus esforços iniciais, trabalhou em cima de uma experiência independente na corrupção e, da mesma maneira como Leo Taxil obtivera o *Ritual do Paládio Novo e Reformado*, teve sucesso em obter a *Coleção de Instruções Secretas dos Supremos Conselhos, Grandes Lojas e Grande Oriente*, impressa em Charleston no ano de 1891. "Esta coleção," diz-nos, "é certamente um original de primeira ordem, pois

ela emana do general Albert Pike, o que quer dizer, do "Papa dos Maçons." Neste original, ele baseia as seguintes indicações: (a) A Maçonaria Universal possui um Supremo Diretório como o vértice de sua organização internacional e fica situado em Berlim. (b) Quatro Diretórios Centrais subsidiários existem em Nápoles, Calcutá, Washington e Montevidéu. (c) Além disso, um Chefe da Ação Política reside em Roma, encarregado de vigiar o Vaticano e precipitar eventos contra o papado. (d) Um Grande Depositário de Tradições Sagrados, sob o título de Soberano Pontífice da Maçonaria Universal, fica situado em Charleston e, à altura da descoberta, era Albert Pike.

Algumas destas indicações, observa-se, exigem retificação, à vista de divulgações mais completas feitas pelos iniciantes do Paládio, de que o material de meu segundo capítulo foi derivado principalmente, mas ver-se-á que está substancialmente correto. Ricoux mais tarde estabelece que "Albert Pike reformou o Rito Antigo do Paládio e deu a ele o caráter Luciferiano em toda sua brutalidade. Paladismo, para ele, é seletivo. Subtrai das Lojas comuns os adeptos que se confinam ao materialismo ou invocam o Grande Arquiteto sem ousar aplicar-lhe seu nome verdadeiro e, sob o título de Cavaleiros Templários e de Senhoras Templárias, agrupa os fanáticos que não fogem do patrocínio direto de Lúifer."

O erro mais sério cometido no uso do material é uma tentativa inconsciente de ler nas "encíclicas" de Albert Pike, uma proporção de material de Leo Taxil, para o que as

longas citações dadas por Ricoux não encontram garantia. O que parece realmente ter ele obtido são as instruções de Pike como Supremo Grão Mestre Comandante do Supremo Conselho da Loja Mãe do Rito Escocês Antigo e Aceito de Charleston aos vinte e três Supremos Conselhos Confederados do Globo. E o Rito Escocês é, por hipótese, aparte do Paládio. Em outros aspectos, a informação vem a ser a mesma coisa. O longo original que o panfleto apresenta por extenso exhibe Albert Pike pregando o Paladismo na totalidade da tolice de sua doutrina e prática, ou seja, a "definição do problema da carne" pela satisfação indiscriminada das paixões, a multiplicação das Lojas andrógenas com esta finalidade, a natureza dupla do princípio divino e o culto de Lúcifer como o bom deus. A característica mais curiosa desse desempenho é que aqui, outra vez, a finalidade é tornar grotesco Eliphas Lévi, cortando fatias após fatias de seus escritos principais, combinado com adições interlineares que lhes dão um sentido diametralmente oposto àquele do grande mago. Agora, é impossível que duas pessoas, trabalhando independentemente para a produção de originais falsos, ambas bebesses da mesma fonte. Assim, Leo Taxil e Ricoux, se foram culpados da imposição, devem certamente ter trocado colaborações. É ilógico, entretanto, avançar em tal acusação na ausência de alguma evidência e se aceitamos a contribuição de Ricoux como feita em perfeita boa fé, devemos reconhecer que exonera Leo Taxil da possível suspeita de adaptar Lévi. Então, a existência de uma

sociedade teúrgica, baseada em princípios maniqueístas, instituída por Albert Pike e que possui um ritual mágico em parte recolhida por Lévi, desgasta um aspecto mais sério baseado na garantia sem sustentação de uma testemunha. A descoberta de Ricoux é obviamente de grande importância e deve certamente ser lamentado que não a substanciou depositando a "coleção das instruções" na Biblioteca Nacional, supondo-se que esteja de posse dela ou fotografando-a em vez de transcrevê-la, supondo-se que prometera seu retorno.

CAPÍTULO VI

ARTE SACERDOTAL

Alguns poucos meses após os primeiros testemunhos do Paladismo, sob as assinaturas das testemunhas que examinamos, uma contribuição fresca foi feita à literatura do Satanismo em sua conexão com a Maçonaria por um trabalho intitulado *Maçonaria, a Sinagoga de Satã*. A posição eclesiástica exaltada do autor, Monsenhor Léon Meurin, S. J., Arcebispo de Porto Louis, nas Ilhas Maurício, deu novo ímpeto a um aspecto de suma importância às acusações preferidas no início, como nós vimos, por escritores comparativamente obscuros ou diretamente suspeitos. O trabalho, além disso, apresentava-se aparentemente tão instruído, em alguns aspectos um tanto negligente, apesar de muito metódico, que se transformou subsequentemente numa fonte de referência universal na literatura antimaçônica.

Até então, Huysman permanecia em destaque e àqueles à procura de informação de confiança no assunto, dizia: "Se você quer estar a salvo dos excessos destituídos de razão e das narrativas obscuras de Dunciad, tente Monsenhor Meurin; leia o Arcebispo em Paladismo." Dentro de determinados limites, o conselho é razoável. A arte sacerdotal aplicada à antimaçonaria pode deixar muito a desejar, mas, como uma espécie de crítica superior que obtém sobre este assunto em alguns círculos mais elevados,

oferece um contraste forte ao tom geral e o põe em destaque no quadro dos acusadores. Estamos, de fato, autorizados sobre cada consideração a esperar uma contribuição valiosa para nosso conhecimento, mas posso dizer imediatamente que esta expectativa não está sendo realizada infelizmente. Com uma antecipação filosófica afiada alguém vira as páginas de *Maçonaria, a Sinagoga de Satã*, admira seu bela tipografia, detém-se com prazer sobre o apêndice elaborado de gravuras alegóricas e experimenta um breve sentido da inferioridade intelectual na presença de tais seções formidáveis e tão portentoso índice. Deve ser impossível falar do arcebispo sem uma genuflexão mental, mas é verdadeiro que nossa expectativa não fica realizada. Ficar bem em nós, ao mesmo tempo, falar tão suavemente quanto possível de um prelado piedoso e instruído que passou agora onde os maçom culminaram no Satanismo e os trinta e três graus estão em descanso. Mas deve-se dizer claramente que os índices de seu enorme volume oferecem pouco a nossa finalidade.

Pela natureza de sua carga episcopal, Monsenhor Meurin teve facilidades especiais para verificar como os homens aceitam o Diabolismo. A Ilha Maurício apreciou muitos privilégios do Inferno. Lá nós perdemos de vista o Rosacruzianismo no caminho para a Índia; lá o Conde de Chazal iniciou o Dr. Bacstrom e tudo isso, naturalmente, é diabólico do ponto de vista da antimaçonaria. Além disso, não se deve esquecer que Monsenhor Meurin, em uma série de conferências maravilhosas, exibiu as superstições da Ilha

e, aceitando a tese de M. Huysman, a existência da Magia Negra nessa colônia francesa é sobejamente provada por depreciações eucarísticas por atacado, pelo sacrifício dos gatos à meia-noite sobre altares de igrejas dilapidadas e pela descoberta do sangue das vítimas nos cálices usados pelos elementos. A igreja não insiste na matéria. Lamenta e reza, ao que parece, um método ineficaz de proteger os *latens Deitas*. Se a Eucaristia é responsável pela profanação, por que reservar o Eucaristia? Certamente a negligência que torna tais profanações possíveis é a oferta da oportunidade ao Deicida e grandes negligências são primas da absolvição. Seja como for, Monsenhor Meurin parece ser uma autoridade completa a quem alguém se referiria naturalmente para informações específicas sobre adoração do diabo, pois as obtém dentro de sua própria diocese, mesmo que sem ligação com a Maçonaria. Mas ele é demasiado erudito para relacionar-se com os fatos individuais e transcende até em muito as limitações diocesanas a respeito que esquece a Ilha Maurício completamente. Outra testemunha, que talvez nunca tenha visitado Porto Louis, afirma que o Diretório Central do Paládio para a África está estabelecido nesse lugar, mas o prelado de Porto Louis, de quem a informação seria preciosa, parece nada familiar com a informação. A arma do guerreiro mitrado é, ao mesmo tempo, uma tese suficientemente portentosa, como segue: a Maçonaria é ligada ao Satanismo pelo fato de que tem os judeus como seus verdadeiros autores e a Cabala Judaica é a chave para

seus mistérios. Que a Cabala é mágica, idólatra e essencialmente diabólica. Que a Maçonaria, considerada como uma religião, é consequentemente uma adoração do diabo judaica e, considerada como uma instituição política, é um motor projetado para a realização do império universal, que foi o sonho dos judeus por séculos.

Meus leitores estarão inclinados a considerar que tal hipótese, embora possa combinar com o Satanismo de Adriano Lemmi, que, como veremos, é acusado de circuncisão, dificilmente pode ser posto em harmonia com a Maçonaria Universal de Albert Pike, porque o último nem era judeu nem simpatizante do Judaísmo. Mas o ódio comum da Igreja Católica é, segundo o parecer de Monsenhor Meurin, uma ligação suficiente para identificar os interesses de ambos os partidos. Vamos começar, consequentemente, com própria hipótese do arcebispo, que se resume em uma única sentença: "Para coroar a testa do Judeu com o diadema real e para colocar o reino do mundo a seus pés, tal é o fim, a verdadeira finalidade da Maçonaria." E outra vez: "A Cabala Judaica é a base e a chave filosófica da Maçonaria." Uma vez mais: "O objetivo da Maçonaria é a autoridade universal e a Maçonaria é uma instituição judaica."

Aceitando estas indicações como pontos que admitam argumentação com respeito às regras da correta razão, vamos estabelecer, por sua vez, duas posições que não admitem argumentação porque são evidentes por si só: a) Onde o significado dos símbolos é incerto, é fácil interpretar

incorretamente; (b) quando um assunto é obscuro e difícil, nenhuma pessoa está qualificada a falar positivamente dele se seu conhecimento for de segunda mão. Agora, temos boas razão para supor que esse Monsenhor Meurin possui conhecimento de primeira mão e está, conseqüentemente, na posição de interpretar verdadeiramente o difícil assunto que empreendeu, a saber, as doutrinas esotéricas da Cabala? Se não, estamos habilitados a descartá-lo sem mais exames. De fato, nesta matéria preliminar e essencial, o arcebispo não suporta um teste. A experiência na Cabala é necessária para trabalhar sua hipótese e ele pressupõe inconscientemente que sua experiência jamais venha a ser contestada. Pode haver muito a ser dito sobre ambos os lados dessa acalorada questão, mas não há nada a ser dito para um escritor que pareça ignorante que haja uma questão. E, aqui, meus leitores não querem de forma alguma ser surpreendidos ao descobrir que sua informação foi obtida de segunda mão ou que sua autoridade é limitada. Este fato é a chave de todo o seu trabalho e o único crédito devido a ele é a excelente aparência de erudição que deu a um medíocre desempenho e a elegância mental natural que o impediu de ser ruidoso e violento.

Nosso questionamento sobre a moderna adoração do diabo não nos autoriza discutir a posição dos escritores que escolhem supor que a Cabala, o Gnosticismo e outros sistemas são, *a priori*, diabólicos, porque suposições desse tipo são ilógicas. Há escritores, neste momento, na França, que discutem que a palavra inglesa God (Deus) é o

equivalente de Lúcifer, mas não se debate com estes. Para satisfação de meus leitores, isso pode, entretanto, também indicar que o volumoso tratado de Monsenhor Meurin veio à luz porque ele descobriu, pode-se dizer, acidentalmente, que o número 33, que é aquele dos graus da Maçonaria Francesa, é o número das divindades no Vedas, assim criando uma presunção de que os mistérios da Maçonaria estão conectados com aquelas da antiguidade. Naturalmente conectam-se com a antiguidade pela simples razão de que há uma solidariedade entre todos os simbolismos e, além disso, é perfeitamente estabelecido que a Maçonaria herdou do passado uma tradição perpetuada ou a emprestado posteriormente. Monsenhor Meurin teve, conseqüentemente, tão pouca razão de surpreender-se com a exatidão de sua presunção, quando trabalhou isso, quanto de deleitar-se com a inferência que prevalece durante todo o seu questionamento, a saber, que os mistérios da antiguidade pagã eram delírios do diabo e que os mistérios modernos ligados com aqueles são igualmente delírios diabólicos. Certamente está fazendo tão contínuas descobertas que são frescas a si mesmo e a ninguém a par do assunto, que alguém poderia ser agradavelmente desviado por sua simplicidade se não fosse a má fé a base de suas suposições. Por exemplo, qualquer um que saiba alguma coisa da literatura Gótica está ciente de que os rituais de magia negra incorporam elementos heterogêneos das fontes cabalísticas, mas para Monsenhor Meurin este fato vem com a força de uma surpresa.

Sua erudição Maçônica é aproximadamente tão maravilhosa e tão pouca quanto sua proficiência em Cabala. Cita Carlyle como "uma autoridade," aplica o termo ortodoxo à Maçonaria Francesa exclusivamente, enquanto que o desenvolvimento da Fraternidade na França teve sempre uma tez heterodoxa. Sua classificação tripartida dos 33 graus desse rito e do Rito Escocês Antigo e Aceito é feita de forma arbitrária demais para ser uma teoria preconcebida e ignora inteiramente a importância inerente aos três primeiros graus, que são em si a substância da Maçonaria. Além disso, a classificação em questão é apresentada como uma instrução secretíssima, dada em algum lugar da Maçonaria fora dos 33 graus, mas nenhuma autoridade é nomeada.

Sendo tais as qualificações e tais os métodos do arcebispo, não me proponho a acompanhá-lo ao longo de suas interpretações, mas fornecerei preferivelmente, para economia do trabalho da parte daqueles que possam desejar seguir seus passos, um esboço de um plano de ação pelo que poderão provar qualquer coisa que desconheçam na Maçonaria.

É sabido que a Fraternidade emprega números místicos e outros símbolos. Tome, conseqüentemente, todo número místico ou combinação de números, como por exemplo, $3 \times 3 = 9$. Provavelmente saberá o significado ligado à figura do produto, mas poderá lhe ocorrer que o 9 de Paus está relacionado ao desapontamento na Cartomancia. Comece, conseqüentemente, confiantemente a esperar algo mau.

Refleta sobre o fato de que os baralhos foram ocasionalmente denominados de os Livros do Diabo. Conclua daí que o Maçonaria é a instituição do diabo. Não se engane pela objeção de que não há nenhuma conexão traçável entre baralhos e Maçonaria. Antecipe uma conexão oculta ou uma ligação secreta. A expressão "ligação secreta" ocorreu-lhe provavelmente pela vontade de Deus. Não esqueça que descreve um relacionamento sexual questionável. Assegure-se, conseqüentemente, de que a Maçonaria é um véu da pior espécie de licença moral. Alcança-se agora um estágio importante no desmascaramento da Maçonaria e pode-se resumi-lo como segue: A Maçonaria é o culto do Falo. Sabendo alguma coisa do latim eclesiástico, palavras como *noctium phantasmata* podem talvez ocorrer-lhe e o campo inteiro da demonologia em relação à Fraternidade se abrirá diante dos olhos. Mas, confinando-se na região da lubricidade, recorde que nossos primeiros pais foram despidos até que a serpente os tentasse e, então, eles usaram aventais. Desde então, o avental, que é um emblema maçônico, tem sido por tempos imemoriais a coberta da vergonha. Pode lhe ocorrer, também, conforme o Gênesis, que Deus criou os aventais, desconsidere e faça dele uma tentação do diabo e que seu uso é para impedir que o revelem. Entretanto será bem retornar ao número 9. Sua corrente de raciocínio estabeleceu que possui um significado horrível. Agora tome o número e siga-o através da história das religiões por meio de algum compêndio teológico disponível, como um dicionário barato

de Migne. Assegure-se de encontrar algo para sua finalidade, isto é, algo suficientemente mau. Jogue esse significado de encontro ao uso desse número na Maçonaria. Repita este processo, pegando qualquer coisa útil e continue assim fazendo até que seu volume alcance as dimensões exigidas. Você nunca precisará de provas e assim é como a Maçonaria é revelada.

Não há nenhum exagero neste esboço. Monsenhor Meurin é certamente muito mais factual. Em 26 de maio de 1876, o Supremo Conselho de Soberanos Grandes Inspectores do 33º Grau do Rito Escocês Antigo e Aceito diz-se ter divulgado uma circular, enviada do 33 *Golden Square*, Londres. Meus leitores acreditarão em seus próprios olhos ou em minha sinceridade quando digo que o mais ilustre dos intérpretes antimaçônicos franceses, membro da Sociedade de Jesus e Arcebispo de Port Louis, nos ordena solenemente "para observar o número 33 e o quadrado de ouro, que significam o lugar supremo no mundo atribuído à liberdade do ouro"? Assim comentando um número significativo unido a um endereço real, situado, como todos sabem, no distrito mais central desta cidade, o arcebispo Meurin acredita que não está descendo da comédia agradável para uma gritante farsa de interpretação, mas que está agindo séria e judiciosamente, tendo o direito de parecer sábio e acreditar que atingiu duramente!

Ninguém familiarizado com a Cabala, mesmo em seus aspectos históricos, quanto mais na erudição, A. Franck, de quem os materiais são derivados, tolerará por um momento

a teoria de que esta literatura mística da nação judaica permite uma interpretação diabólica. Em particular remete ao sistema maniqueísta bruto atribuído a Albert Pike como mais ou menos faz ao materialismo ateu. A leitura de Monsenhor Meurin pode ser comparada com o aquela de Mirandola, que descobriu não a dualidade, mas o Mistério Cristão da Trindade contido indubitavelmente nisso, considerada com toda razão como a ponte pela qual o judeu podia finalmente converter-se a Cristo, que contaminou um pontífice com seu entusiasmo e ver-se-á que o arcebispo católico parece ridículo no brilho de sua erudição derivada. Insistir mais neste ponto é, entretanto, mal para a nossa finalidade. A Cabala não possui essa conexão integral com a Maçonaria que é discutida por Monsenhor Meurin e se o fez, não tem a interpretação que lhe atribui quando sua tese antissemita for demolida com a outra hipótese. Mas essas coisas são, em sua maioria, fora da questão que nos interessa mais diretamente. Sobre e acima desses pontos, faz a testemunha que estamos examinando alguma contribuição a nosso conhecimento a propósito do Paládio Novo e Reformado, se não da Maçonaria Universal? A resposta é perfeitamente clara. Sua fonte de conhecimento é Adolfo Ricoux. Por algum descuido não tem a mesma vantagem dos rituais publicados por Leo Taxil. Pode, conseqüentemente, ser descartado. O Satanismo que exhibe na Maçonaria é um Satanismo imputado a respeito de tudo e quanto a qualquer adoração do diabo atual reproduz como verdadeira a inteligente história de *Aut Diabolus, aut Nihil*,

que apareceu originalmente no *Blackwood's Magazine* e desde então reeditado por seu autor, o que indica que a maioria das pessoas já sabe que é inteiramente fictício.

Despedimo-nos do escritor de *Maçonaria, a Sinagoga de Satã*, como uma testemunha cujas evidências não se sustentaram. Deve-se repetir que ela tem, por sua exaltada posição, a elegância do método e demonstrações da aprendizagem, tendo sido uma das principais colunas da hipótese satânica.

CAPÍTULO VII

O DIABO E O DOUTOR

1. Le Diable au XIXe Siècle

Embora o Paládio Novo e Reformado seja dado como fundado bem antes do ano de 1870, ver-se-á que no fim do ano de 1891 muito pouco tinha se tornado público a respeito dele. É difícil conceber que uma instituição tão amplamente difundida tenha permanecido então em profundo segredo, quando muitos inimigos da Fraternidade, incansáveis na forma de agir, se apressariam em investigar a mais leve sugestão desse tipo de Maçonaria. Além disso, uma associação que inicia senhoras é, talvez, a última coisa que esperaríamos ser desconhecida, porque quando a matéria essencial de um segredo estiver incontestavelmente segura com mulheres, está em condições de ser descoberta. Quando a primeira sugestão foi fornecida em 1891, Leo Taxil não perdeu tempo e Monsenhor Meurin deve ter escrito seu grande tratado quase na velocidade da luz. Em 20 de novembro do mesmo ano, outra testemunha sobressaiu-se na pessoa do Dr. Bataille. Tornou rapidamente aparente que estava em posição de saber tudo sobre a conexão Maçonaria Universal e o diabolismo, porque, ao contrário daqueles que o tinham precedido, possuía o conhecimento de primeira mão. Se não encarou ele mesmo a Lúcifer em toda a sua glória escabrosa, pelo menos tinha visto seus mensageiros. Era um iniciado das mais secretas sociedades secretas que se

supunham remota ou aproximadamente conectar-se com a Maçonaria. Tinha visitado Charleston. Tinha examinado o Bafomé genuíno e o crânio de Jacques de Molay. Encontrara-se pessoalmente Albert Pike, Phileas Walder e Gallatin Mackey. Era, além disso, um iniciado no Paládio. Evidentemente, era a testemunha que faltava para revelar o mistério todo e seria difícil fugir de suas conclusões. Finalmente, não era uma pessoa que saísse da Maçonaria por uma conversão suspeita e repentina. Acreditando ser má, havia entrado nela com a intenção de expô-la, gastou dez anos em sua pesquisa e seguiu em frente agora com seus resultados. O ofício de espião não é geralmente limpo ou íntegro, mas ocasionalmente tais serviços são valiosos e em alguns casos pode haver determinados fins que justificam o uso dos meios que em outros casos seriam questionáveis, de modo que, até que nós possamos provar o contrário, é razoável aceitar a declaração solene dessa testemunha que atuou com boa intenção e que o que fez era no interesse da Igreja e do mundo.

Mas, infelizmente, o Dr. Bataille decidiu publicar seu testemunho na forma mais precisamente calculada para polemizar. Trata-se de uma ardente narrativa, barata, com ilustrações absurdas do tipo altamente sensacional. Em poucas palavras, *O Diabo no Século XIX*, que é o título dado a suas memórias pela atual testemunha, relaciona-se na maneira e na aparência com essa classe de literatura conhecida como "penny dreadful." Há alguns anos, os bairros de Londres e de Paris foram inundados com

romances publicados desse modo e continuaram sendo reeditados enquanto mantiveram uma circulação lucrativa. Em muitos casos, terminaram abruptamente, em outros se estenderam, como *O Diabo no Século XIX*, a centenas de edições. Possuem características especiais que são conhecidas dos peritos nos caminhos da literatura periódica e todas podem ser encontradas na narrativa do Dr. Bataille. Ninguém, na Inglaterra, sonharia publicar nesse formato um trabalho que devesse ser levado a sério nem tenho conhecimento de algum precedente para isso no exterior. É, conseqüentemente, uma escolha desacreditável e infeliz, mas visto que um setor da imprensa clerical da França concordou em ultrapassar esse ponto e para aceitar o Dr. Bataille como uma testemunha digna de crédito e vendo igualmente que foi seguido por outros escritores que devem ser levados em consideração e permanecer ou cair com ele, não devemos considerar seu método como uma desculpa para recusar a ouvi-lo. Fora ele e seus aderentes, não há nenhuma evidência de primeira mão para a Maçonaria do Paládio. O capítulo atual conterá conseqüentemente um sumário do que foi visto e ouvido pelo Dr. Bataille no curso de suas pesquisas.

2. Porque o Sr. Carbuccia Foi Amaldiçoado

No ano de 1880, o Dr. Hacks, que não faz, acredito, qualquer tentativa de esconder-se sob as vestes do Dr. Bataille, era cirurgião a bordo de um navio, o vapor *Anadyr*, pertencente à *Compagnie des Messageries Maritimes*, que

retornava então da China com passageiros e mercadorias. Em um determinado dia no mês de junho do ano mencionado, estava à frente de seu posto de serviço, preguiçosamente deitado numa espreguiçadeira. O hotel flutuante estava ancorado em *Point-de-Galle*, um porto na extremidade do sul do Ceilão e uma das regiões reputadas como sendo o paraíso terrestre. Enquanto o doutor, como um bom católico, punha um pouco de refinamento no momento tropical, especulando sobre os mistérios do Éden, alguns passageiros vieram a bordo para a viagem de volta e entre eles estava Gaetano Carbuccia, um italiano que antes fora comerciante de seda, mas devido à competição japonesa tinha sido forçado a mudar de profissão. Era agora um negociante de curiosidades. Suas numerosas viagens comerciais tinham-no feito conhecerem-se um ao outro, mas na ocasião Carbuccia apresentava uma aparência que alarmou seu amigo. Um homem grande e forte metamorfoseara-se de repente em um idoso emaciado e fraco. Havia um mistério no ar e o doutor do navio decidiu diagnosticar o que era. Após exhibir o aspecto de um homem que tinha algo a dizer, mas não tinha a coragem de dizê-lo, posição comum nas novelas, o italiano permaneceu durante um tempo considerável insondável, depois desabafou, começando a chorar copiosamente com a terrível informação de que estava amaldiçoado. Mas o Carbuccia de antigamente era um ateu desenfreado, alegre, língua suja, amante dos prazeres, um viajante comercial típico, uma mistura de Alsácia e bandido da montanha. Como esse

homem risonho e avermelhado chegou tão longe na senda da religião para ser amaldiçoado? Alguma fantasia insensata tinha feito o obsceno Gaetano tornar-se um maçom. Quando um de seus companheiros sugeriu-lhe o mau caminho, ficou sem resposta, aparentemente mais porque foi convidado, um pouco porque se tratava do mal, mas mal retornou a sua casa em Nápoles, tornou-se irreparavelmente um iniciado. A cerimônia foi realizada em uma rua dessa cidade por um determinado Giambattista Pessina, que era o Soberano Grande Comandante, ex-Grão Mestre e Grande Hierofante do Antigo e Oriental Rito de Mênfis e de Misraim. Por algum motivo que escapa à análise, Carbuccia foi reconhecido como uma pessoa que merecia ser colocada a par de toda a fisiologia e anatomia da Maçonaria. Custaria 200 francos incorporar-se ao Grau 33 do sublime mistério. Carbuccia concordou com esta oferta e foi lá iniciado pela mesa, transformando-se em Grande Comandante do Templo, afiliado com uma subscrição adicional de 15 francos anualmente ao Areópago de Nápoles, recebendo as senhas regularmente.

Movido por um entusiasmo que ele mesmo era incapaz de explicar, prestou rapidamente atenção a todos os instrutores dos graus. Os iniciados do Mênfis de Manchester fascinaram-no com os Cabalistas; caiu entre maçons ocultistas como samaritano entre ladrões. Tornou-se um Sublime Filósofo Hermético. Pressionado pelas solicitações, confraternizou com os irmãos do Paládio Novo e Reformado e *optimized* com a Sociedade dos Re-Teurgistas,

de quem recebeu finalmente a verdadeira iniciação dos Magos. Em toda parte, as Lojas abriram-se para ele. Em toda parte mistérios foram revelados. Em toda parte, nos graus mais elevados, encontrou espiritismo, mágica e evocação. Seu ateísmo tornou-se impossível e sua consciência, atormentada.

Finalmente seu negócio levou-o a revisitar Calcutá, onde sua última e chocante experiência abateu-o totalmente, apenas oito dias antes de seu encontro com o doutor Bataille. Havia encontrado os Paladistas daquela cidade numa vibração de excitação febril porque haviam tido sucesso em obter da China os crânios de três missionários martirizados. Esses tesouros eram indispensáveis à realização bem sucedida de um novo rito mágico composto pelo Supremo Pontífice da Maçonaria Universal e Vice-gerente de Lúcifer, general Albert Pike. A sessão estava pronta para ser iniciada. O Irmão George Shekleton, de memória imortal, herói que havia obtido os crânios, estava presente com aqueles troféus e o antigo ateu empedernido participou, não porque desejasse permanecer, mas porque não ousou ir embora. Os procedimentos tiveram início, os crânios foram colocados nas mesas. Adonai e seu Cristo foram amaldiçoados de forma impressionante. Lúcifer foi solenemente abençoado e invocado no altar de Bafomé. Nada poderia ter possivelmente um resultado mais bem sucedido. Choques de terremoto, ameaça de demolição imediata do lugar inteiro, confiante expectativa de ser estourado vivo, terrível estrondo de trovão, uma luz

brilhante, um silêncio impressionante de alguns segundos e então a manifestação repentina de uma forma humana assentado na cadeira do Grão Mestre. Era uma aparição instantânea de absoluta substância corporal, que portava sua própria garantia de completa boa fé. Todos caíram de joelhos. Todos foram convidados a levantar-se. Todos se levantaram de acordo e Carbuccia encarou um personagem masculino que não excedia trinta e oito anos, despido como uma espada desembainhada, com um resplendor fraco de Inferno cobrindo sua pele, uma espécie de luz inerente que iluminasse de beleza a escuridão do salão. Em poucas palavras, um Apolo imberbe, alto, distinto, infinitamente melancólico, mas com um sorriso nervoso jogado nos cantos de sua boca, a aparição do *Aut Nihil Aut Diabolus* despida de seu vestido de noite. Esta Nudez Sem Vergonha, que foi aceita como a manifestação de Lúcifer, discursou agradavelmente a suas crianças, escolhendo usar um inglês excelente e prevendo sua vitória final sobre seu inimigo eterno. Assegurou-lhes sua proteção contínua, citando de passagem aos anfitriões as inumeráveis hostes que o cercavam em seu domínio eterno e estimulando seus ouvintes a trabalhar sem cessar para a emancipação humana da superstição. O discurso terminou, ele deixou o trono, aproximou-se do Grão Mestre e encarou-o fixamente em profundo silêncio. Depois de uma pausa ele prosseguiu, sem emitir qualquer observação definitiva. Contudo, parece ter havido um significado na cerimônia, porque a repetiu sucessivamente com cada dignitário reunido no lado oriental

e, finalmente, no dos membros comuns. Quando chegou a vez de Carbuccia, ele daria dez anos de sua vida para estar nas galeras do que em Calcutá, mas ele tentou superar, sem, contudo, lograr dar uma impressão favorável, porque o diabo seguiu em frente com a testa franzida e quando o desconcertante inquérito acabou, retornou ao centro do círculo, deu um relance final ao redor, aproximou-se de Shekleton e cortesmente pediu-lhe para apertarem as mãos. O importador dos crânios dos missionários atendeu com um grito horrível. Houve um choque elétrico, uma escuridão repentina e um sopro geral. Quando as tochas foram reacendidas, a aparição havia sumido. Shekleton foi encontrado morto e os iniciados que se aglomeraram em volta dele cantaram: "Glória imortal a Shekleton! Foi escolhido por nosso deus onipotente." Foi demais para o comerciante que desmaiou.

Agora, eis porque o Senhor Carbuccia concluiu que estava amaldiçoado, o que parece ter sido precipitado. Planejou, através dos bons ofícios de seu confessor leigo, encontrar material com a hierarquia de Adonai que pertence à persuasão Latina. Mudou seu nome, adotou uma terceira profissão e está tão confinado que seus amigos não são capazes de encontrá-lo tanto quanto o são seus inimigos com sede de seu sangue.

Doutor Bataille, fiel a seu papel de bom Católico, percebeu imediatamente que a história dessas novas Noites Árabes do comerciante foi caracterizada pela extrema franqueza, era desprovida de um motivo sinistro e não era a

narrativa de um maníaco. Um médico, acrescenta sentenciosamente, não pode ser iludido. Determinou, então, que ele próprio desceria ao abismo, levando com ele uma reserva mental em tudo que dissesse e fizesse como um tipo de obrigação completa. A Igreja e a humanidade exigiram-no. Foi para Nápoles, fez conhecimento com Senhor Pessina e superou Carbuccia, gastando 500 francos na compra do Grau 90 de Misraim, assim transformando-se em Soberano Grão Mestre para o resto da vida. "Eu serei o explorador e não o cúmplice do Satanismo moderno," disse o piedoso doutor Bataille.

3. Uma Ministra de Lúcifer

Fortalecido com a compra do título de Soberano de Mênfis e a posse de vários sinais e das senhas informadas por Carbuccia, que, por alguma interposição da Providência, supõe-se ter permanecido inalterado no período da intervenção, o Dr. Bataille iniciou sua missão aventureira, orvalhado de lágrimas e santificado por muitas bênçãos de um idoso conselheiro espiritual, que, é supérfluo dizer, estava no início contrário à empresa e, mais tarde, convencido inevitavelmente pela eloquência e pelo entusiasmo de seu discípulo. Tendo em conta o fato de que a Maçonaria e o Diabolismo abundam em toda parte, de acordo com a hipótese, importou obviamente pouco em que ponto começou seu projeto de acusação. Todas as estradas conduzem a Roma e a indicação é igualmente verdadeira para a Roma da Maçonaria e para o Vaticano de Lúcifer. De

fato, começou onde Carbuccia poderia ter saído fora, a saber, em Point-de-Galle, sul do Ceilão. Lá determinou colocar-se a par da Cabala Cingalesa, um departamento da filosofia transcendental que provavelmente tanto pode ser encontrado na reputada região do Paraíso Terrestre como em um culto do grande mar do sul nas costas de Nothing Hill. O Senhor Pessina, entretanto, tinha-lhe fornecido o endereço de uma sociedade que operava algo que o doutor concorda denominar de Cabala, da mesma maneira que mistura os nomes da maioria dos assuntos. Mas não planejava dedicar-se à Cabala.

Frequentando o principal hotel, testemunhou lá, em uma daquelas ocorrências fortuitas que são, às vezes, a máscara do destino, um desempenho suficientemente indiferente dos manipuladores nativos, cujo chefe era excessivamente magro e tão sujo para sugerir, ainda que remotamente, qualquer linhagem divina. Durante a conjuração, esse personagem prendeu a atenção do doutor por certo e significativo olhar de seu olho brilhante e quando tudo terminou, recebeu uma informação confidencial de que Satã desejava falar com ele. A mente inocente do doutor considerou o nome como significativo em virtude de sua missão. Satã era, seguramente, um Satanista. Consentiu incontinenti e foi cumprimentado pelo manipulador com certos sinais misteriosos que mostraram que era um Luciferiano da seita de Carbuccia, embora com que meios do diabo ele adivinhara que o doutor era adepto apenas o diabo e não o doutor poderia explicar no momento.

Uma língua mesclada era aparentemente falada pelos manipuladores cingaleses, o Tamil, incluindo um razoável francês, mais conveniente do que indispensável no seu caso. Em poucas palavras, foi dito claramente que os serviços médicos do Dr. Bataille eram solicitados no leito de morte de um personagem chamado Mahmah. Para isso, os dois embarcaram em um transporte alugado, enquanto os demais seguiram a galope. Desse modo atravessaram um deserto tremendo, mergulharam em uma floresta de denso matagal, passaram finalmente um córrego e, após duas horas, chegaram a uma clareira em cujo centro havia uma cabana. Um macaco ocupava a entrada, um morcego-vampiro pendurava-se convenientemente em um galho, uma cobra estava enrolada embaixo e um gato preto deu-lhes boas-vindas com o corpo arqueado. O macaco falou o Tamil fluentemente e saiu, circunstância que o doutor julgou ser a coisa mais estranha do mundo.

A cabana era a cobertura de uma espécie de poço para o qual, com alguns tremores pela segurança dos membros e do corpo, nosso aventureiro foi persuadido a seguir seus guias e alcançaram, no fim de um longo lance de degraus, a câmara imensa da morgue. Lá, em uma cama da fibra de coqueiro, encontrou sua paciente, de cuja aparência mumificada e medonha concluiu imediatamente que esteve entregue inteiramente a Satã e tinha sido por muito tempo uma alma perdida. Tanto espiritualmente, como também fisicamente, estava além de qualquer ajuda humana. Certamente pareceu já inútil e deu sua opinião médica a esse

respeito. Esta opinião era, aparentemente, a autorização exigida para a continuação do que se seguiu imediatamente. É difícil compreender porque os faquires ligados a Satã, pois para tal nos é dito que são, possuindo sem dúvida os métodos nativos comuns e os ocultos de diagnóstico, não poderiam ter descoberto isto, especialmente a mulher, que parece ter sido um pitonisa, convivido com um espírito familiar e já alcançara a idade avançada de 152 anos.

Para encurtar uma longa e peculiarmente nauseabunda história, o surpreso doutor finalmente observa a mulher reviver da morte repentinamente e rastejar até a extremidade da câmara, onde havia um altar elaborado, encimado por uma figura de Bafomé. Os faquires aglomeraram-se em volta dela, o macaco, o morcego, a serpente, o gato, todos entraram em cena. Uma iluminação brilhante foi produzida por meio de onze lâmpadas suspensas do teto. A mulher ergueu-se em posição ereta. Os faquires empilharam galhos de árvores resinosas ao redor dela. Entre invocações, cantos misteriosos e gritos, ela permitiu ser queimada à morte, seu corpo enegrecendo lentamente, seu rosto tornando-se escarlate nas chamas, seus olhos saltando de sua cabeça e assim transformou-se em cinzas.

Por que o doutor foi privilegiado para estar presente nessa ocorrência? Porque um agente dos faquires tinha investigado previamente sua maleta no interior do hotel e tinha descoberto suas insígnias do Mênfis, que lhe devolveram na câmara da morgue. A respeito do Bafomé, é descrito muito detalhadamente e identificado com imagens

similares de Lojas Maçônicas da América, Índia, Paris, Roma, Shanghai e Montevideu. O doutor diz que é o deus dos ocultistas. Satã veneravelmente citou o latim tão inteligentemente como o macaco falou o Tamil. Ele cobriu seu benfeitor de reconhecimentos e em vez de uma cobrança presenteou-o com *lingam* alado, por meio do qual seria recebido entre todos os adoradores de Lúcifer na Índia, China, como disse Satã, *partout, partout*.

Foi assim que o Dr. Bataille tomou seu primeiro contato com o ocultismo prático e, tendo feito estas coisas, retornou a seu hotel e partiu cheio de gratidão para a cama.

4. A Casa da Podridão

Quem possuiria um *lingam* que fosse um *abre-te Sésamo* ao reino do diabo e não fizesse uso dele? Efetuando uma troca com o doutor de outro navio, o explorador de Lúcifer encontrava-se presentemente em Pondicherry, com três meses de comparativa liberdade para explorar os mistérios da península oriental. Necessito dizer que mal tinha desembarcado na cidade francesa, travou imediato conhecimento com a pessoa que, de todas as outras, era a mais apropriada a seu esquema? Este era *Ramassamiponnotamly-palé-dobachi*, um nome bem curto, ele nos assegura, para os nativos dessa parte do mundo. Todo o Pondicherry mais ou menos transbordava *lingans* e Lúcifer, mas como era muito precavido, o doutor suspeitou imediatamente de o seminu Ramassam ser mais do que normalmente devotado à persuasão da perdição e não se

enganou, porque este inquiriu prontamente: "Qual é sua idade?" "Onze anos," disse o doutor. "De onde vem?" "Da chama eterna." "Para onde vai?" "Para a eterna chama." E para mútua satisfação, compartilharam o nome sagrado de Belzebu. O doutor apresentou seu lingam voador, diante do que os outro se abaixaram em plena rua e adoraram-no. A exposição da patente de um Soberano Grão Mestre Perpétuo do Rito de Mênfis inspirou mais respeito. Era evidentemente um documento com o qual Ramassam já havia há muito se familiarizado e começou a falar imediatamente. Como os horrores de Udolpho, a explanação era naturalmente muito simples: o Sr. John Campbell, um americano, tinha instituído uma Loja no Rito de York em Pondicherry que, da forma mais natural, admitiu os Faquires Luciferianos como visitantes. Os Faquires Luciferianos, em retribuição, admitiram os membros do Rito de York em suas convenções e todos se atormentavam uns aos outros.

Seria inútil supor que o Irmão Campbell não estava em Pondicherry a negócios quando calhou de o doutor chegar. Durante a tarde, foi levado por Ramassam a uma casa da aparência ordinária, em que foram admitidos por outro indiano, que, naturalmente, como o guia, falou francês fluentemente. Através das hortaliças de um jardim, da escuridão da porta de entrada e da complicação de certas escadarias, entraram em um grande templo em ruínas, dedicado ao culto de Brahma, sob o inexpressivo diminutivo Lucif. O santuário infernal tinha uma estátua de Bafomé idêntica àquela do Ceilão e o mal ventilado local fedia a

uma horrível putrescência. Sua condição nojenta era principalmente devido à presença de vários faquires, que embora ainda vivos, estavam em estágios avançados de putrefação. A maioria das pessoas supõe ser fácil e agradável ir ao encontro do diabo, mas esses eleitos o faziam através de um asceticismo sepulcral e de um sistema elaborado de autotortura. Alguns foram suspensos do teto por uma corda amarrada em seus braços, alguns embebidos em emplastos, alguns imobilizados em um círculo, alguns retorcidos permanentemente na forma da letra S. Alguns estavam de cabeça para baixo, alguns em posição cruciforme. Era real e completamente monstruoso, diz o doutor, mas um Grão Mestre nativo explicou que ficavam por anos naquela posição e que um deles ficara por um quarto de século.

O Irmão John Campbell começou a arengar para a assembleia em *ourdou-zaban*, mas o doutor compreendeu perfeitamente e relata a substância do discurso que era violentamente anticatólico em sua natureza e dirigido especial contra os missionários. Terminado isso, prosseguiram com a evocação de Belzebu, inicialmente pela *Conjuração dos Quatro*, mas nenhum demônio apareceu. A operação foi repetida ineficazmente uma segunda vez e John Campbell determinou usar o Grande Rito, que começou por cada pessoa girando ao redor de si mesma e desse modo circulando o templo em procissão. Sempre que passavam por um faquir emplastrado, obtinham um encantamento de seus lábios, mas ainda assim Belzebu falhou. Diante disso, o

Grão Mestre nativo sugeriu que a evocação fosse executada pelo mais santo de todos os faquires, que foi retirado de um armário mais fétido do que o próprio templo e encontrava-se comprovadamente nas seguintes condições: a) O rosto devorado por ratos; b) um olho sangrento pendente diante de sua boca; e) pés cobertos por gangrena, úlceras e a podridão; d) expressão calma e feliz.

Na tentativa de invocar Belzebu, a cada vez que abria sua boca, seu olho caia nela. Continuou, no entanto, a invocação, mas nenhum Belzebu manifestou-se. Um tripé de carvões ardentes foi trazido em seguida e uma mulher chamada com esta finalidade mergulhou seu braço nas chamas, inalando com grande prazer o odor de sua carne torrada. Resultado, nada. Uma cabra branca foi trazida então, colocada sobre o altar de Bafomé, estendida, torturada medonhamente, aberta e suas entranhas arrancadas para fora pelo Grão Mestre nativo, que as espalhou nos degraus, expressando blasfêmias abomináveis contra Adonai. Falhando isso também, grandes pedras foram levantadas do assoalho. Um fedor inominável ascendeu e um grande número de faquires vivos, comidos aos ossos por vermes e caindo aos pedaços em todas as direções foi arrastado para fora de um monte de esqueletos, enquanto serpentes, aranhas gigantes e sapos pululavam por toda parte. O Grão Mestre segurou um dos faquires e cortou sua garganta em cima do altar, entoando uma liturgia satânica entre imprecações, pragas, um caos de vozes e a última agonia da cabra. O sangue esguichou sobre os assistentes e o

Grão Mestre aspergiu o Bafomé. O uivo final da invocação resultou em falha completa, sobre o que concluíram que Belzebu tinha negócios em outra parte. O doutor partiu da cerimônia, confraternizando-se com Campbell e foi para sua cama às 20:40 horas.

5. Os Sete Templos e um Sabá no Seol

Foi no mês de outubro de 1880 que, no curso de sua empresa, o doutor Bataille alcançou Calcutá. A Maçonaria, informa-nos, está afeta invariavelmente ao horrível e, como veste Calcutá com as matizes sombrias da morte viva e da putrefação universal, segue naturalmente que a cidade da Índia é um dos quatro grandes centros de direção da Maçonaria Universal. Em toda parte o bondoso doutor descobriu a mão de Lúcifer. Em toda parte evidenciavam-se as consequências da superstição e do Satanismo: cataclismos, inundações, furacões, tufões, pragas e cólera reprimindo o estado normal de saúde e de hábito e as consequências da persuasão universal em favor do demônio. Um cadáver, testemunha, é encontrado em cada etapa, a fumaça de viúvas ardentes ascende ao céu e a planície de Dappah, contígua à cidade, é um vasto sepulcro onde multidões incontáveis de corpos são arremessadas nus aos abutres. O maçom inglês reconhecerá imediatamente que, de todos os lugares no mundo, Calcutá é a mais adequada para ser uma Meca da Fraternidade e a capital da Índia Inglesa. O Kadosch do Rito Escocês, o Sublime Mestre Escolhido do Real Arco real, o Comandante da Águia Branca e Preta do

Rito de Heredom, o Perfeitamente Iniciado Grande Inspetor do Rito Filosófico Escocês, o Irmão Eleito do Rito Joanita de Zinnendorf e o Irmão da Cruz Vermelha de Swedenborg, outros mil dignitários de mil iluminações recolhidos no Grande Templo Maçônico e, como o doutor nos diz gravemente, estão empenhados em maldizer o Catolicismo. Por uma conjunção especial dos planetas, o doutor, ao procurar quartéis-generais, teve a inteligência imediata de que o grande Phileas Walder pessoalmente havia chegado recentemente em uma missão secreta em Charleston. Lá, igualmente, travou conhecimento com outra luminar do reino do diabo, conhecido por Hobbs, que presidiu a importante cerimônia que conduziu Carbuccia à danação. O Irmão Hobbs, dotado de muita experiência em Lúcifer, deu todas as garantias a respeito das aparições constantes do Mestre do Mal a todas as pessoas dignas. Agora o doutor, em virtude de sua patente no Misraim, era tanto quanto um padre para sempre, de acordo com o Melquisedeque da Maçonaria, como se tivesse nascido sem pai ou mãe, mas que até o momento não tinha recebido a devida iniciação no Paládio. Tecnicamente, em consequência, não tinha nenhum direito de participar dos Supremos Mistérios. Entretanto, é supérfluo dizer que havia chegado no momento exato de presenciar uma cerimônia que só ocorria uma vez em dez anos, contanto que estivesse disposto a submeter-se à bagatela de uma iniciação preliminar.

Na mesma noite, uma companhia seleta de iniciados seguiu em carruagens alugadas pela desolada Dappah,

comboiada por cocheiros iniciados, para a celebração de uma grande solenidade satânica. Em um percurso fácil, próximo da cidade, está o Seol dos indianos nativos e, em um trecho mais difícil em seguida, há uma montanha com 500 pés de altura e 2000 de distância, em cujo cimo haviam erigido sete templos, comunicando-se uns aos outros por passagens subterrâneas na rocha. A ausência total de pagodes tornava evidente que esses templos eram devotados à adoração de Satã. Formam um gigantesco triângulo superposto no vasto platô, na base do qual o comboio desceu de seus transportes e foi recebido por um nativo com um cômodo conhecimento do francês. Após trocarem o sinal de Lúcifer, conduziu-os a um furo na rocha, que dava em cima de uma passagem estreita, guardada por uma linha de Sikhs com espadas em punho, preparados para massacrar qualquer um, e conduzidos ao vestíbulo do primeiro templo, que foi preenchido por uma assembleia variada de adeptos, de oficiais e comerciantes de chá, até curtidores de couro e dentistas. No primeiro templo, provido da inevitável estátua de Bafomé, despojado de todo e parcamente iluminado, o doutor foi obrigado a passar pela prometida iniciação, para o que foi despido, posto no centro da assembleia e, a um dado sinal, mil serpentes surgiram de furos na parede e sendo forçadas a enrodilhar-se nele, até que a música de uma única flauta de um faquir interveio para impedir sua morte imediata. Superou essa provação com uma valentia que o fez espantar-se consigo mesmo e persistiu em prolongar a cerimônia, provando-se ser um homem de tal vigor

extraordinário que ganhou o respeito universal e recebeu os testemunhos mais lisonjeiros, inclusive de Phileas Walder. Que as serpentes eram indubitavelmente venenosas foi provado mais tarde na pessoa de um dos nativos presentes que, entregue à fúria delas, caiu coberto de picadas aparentemente mortais, mas subsequentemente tratadas por remédios nativos e levado diante do altar de Bafomé para ser curado pela intervenção especial do bom deus Lúcifer. Essa cerimônia foi realizada com a intervenção de uma adorável Vestal Indiana, pelas orações do Grão Mestre, um mercador de seda pela persuasão comercial demonstrada, e pelo batismo profano de uma serpente, depois do qual o sofredor pôs-se em pé e o veneno incômodo jorrou para fora de suas feridas. Do Santuário das Serpentes, a assembleia prosseguiu, então, em recolhimento, para o segundo templo ou Santuário da Fênix.

O segundo templo era brilhantemente iluminado e chamejava com milhões das pedras preciosas pilhadas pelos decadentes ingleses de inúmeros Rajás conquistados. Tinha guirlandas de diamantes, festões de rubis, grandes imagens de prata pura e uma Fênix gigantesca em ouro vermelho mais sólido do que a prata. Havia um altar abaixo da Fênix e um casal de macacos compunha os degraus do altar. O Grão Mestre procedeu à celebração de uma missa negra, seguida pelo divertido casamento dos dois animais e o sacrifício de um cordeiro trazido vivo ao templo, balindo desesperadamente, com pregos atravessados em seus pés. Isto pretendia simbolizar claramente uma reprovação do

celibato e de uma aprovação ao casamento ou seus substitutos mais baratos.

O terceiro templo era consagrado à Mãe das mulheres decaídas, que, em memória da aventura da maçã, tem um lugar no calendário de Lúcifer. A continuação consistiu de um diálogo entre o Grão Mestre e a vestal que a modéstia do doutor impede que descreva, mesmo em língua latina.

O quarto templo era um Santuário Rosacruziano, tendo um sepulcro aberto de onde chamas azuis emanavam continuamente. Havia uma plataforma no meio do templo, projetada para a acomodação de mais vestais indianas, uma das quais deveria evaporar-se no ar, após o que um faquir seria transformado diante de toda a assembleia em uma múmia viva e ser enterrado por um prazo de três anos. Isso estava entre os eventos da noite e foi realizado com grande sucesso sem muito perturbar o equilíbrio mental do doutor, embora confessasse certa impressão quando o faquir realizou sua performance suspenso no ar.

O quinto templo era consagrado ao Pelicano e foi usado por um oficial inglês para pregar um curto discurso sobre a caridade maçônica, que o doutor considerou como vulnerável sob o ponto de vista moral e sugestivo sob o ponto de vista da virtude fácil.

O sexto templo era o do Futuro e foi devotado às adivinhações, os oráculos sendo dados por uma vestal em condição hipnótica, assentada sobre um braseiro ardente. O doutor foi obsequiado com um teste, mas outro inquiridor que teve a temeridade de ser curioso a respeito do que era

feito no Vaticano, recebeu uma severa rejeição. Em vão o espírito da clarividente esforçou-se para penetrar no palácio "pestilento e maligno" do Pontífice Romano e Phileas Walder, mortificado e enlouquecido, começou a maldizer e a abjurar como o primeiro Papa. A experiência desiludiu a assembleia e passaram pensativamente ao sétimo templo, que, sendo consagrado ao Fogo, foi equipado com uma grande fornalha central sob uma chaminé e pela exibição de uma figura gigantesca de Bafomé. Apesar do calor insuportável que dominava a câmara inteira, este ídolo artificialmente preservava seu contorno e incandescia sem derreter-se. Uma cerimônia de natureza impressionante ocorreu neste local. Um gato selvagem, atirado através de uma janela aberta, foi visto com a aparência de uma alma em transmigração e, apesar de seus apelos desesperados, passado através do fogo a Baal.

E agora a função culminante, o Magnum Opus do mistério, vai ocorrer no Seol de Dappah. Uma longa procissão enfileirou-se dos templos da montanha ao da planície aberta. A noite era escura, a lua tinha desaparecido, nuvens negras moviam-se através do céu, uma chuva fervente caiu lentamente em intervalos e a terra foi iluminada, sem ofuscar, pela fosforescência da putrefação geral. Os adeptos caminhavam tropeçando em corpos, incomodando ratos e abutres e formando a corrente mágica que consistia de Maçons dos altos graus, com chapéus de seda, sentados em um grande círculo, cada um abraçando seu cadáver particular. A cerimônia incluiu a recitação de

certas passagens tiradas dos grimórios populares, visando a libertação por atacado dos espíritos que vagueavam nas proximidades de seus corpos. Terminado isso, o doutor confessa que as distrações da noite provocaram-lhe um sono perturbado, acompanhado de pesadelos.

6. A Iniciação do Paládio.

Antes de deixar Calcutá, nosso aventureiro comprou de Phileas Walder, pela soma de duzentos francos, a dignidade útil de um Hierarca do Paládio, "certificado com o qual poderia entrar em qualquer lugar." Considerando todas as possessões inglesas como peculiarmente produtivas na fruta do Mar Morto do Satanismo, Singapura era a cena seguinte de sua curiosa pesquisa. Os ingleses, como uma nação, são criminosos, mas Singapura é a casa da perversidade britânica, onde o vício fermenta continuamente. Lá o homem torna-se maçom naturalmente e a maioria dos maçons torna-se paladista. O doutor afirma claramente que apenas uma coisa preservou o lugar da desgraça das cidades da planície e foi a presença de determinados bons Cristãos, se não Católicos, na que denomina a cidade maldita. Por si mesmo permaneceu somente para testemunhar a iniciação de uma Senhora Templária de acordo com o Rito do Paládio, que ocorreu em uma Capela Presbiteriana, a persuasão Presbiteriana diz, como sendo uma das estradas largas que conduzem ao Satanismo declarado. A senha era apropriadamente o nome do primeiro assassino e o doutor foi cumprimentado, para sua grande admiração, por um

velho conhecido, um pastor inglês que via frequentemente em seu vapor e era apelidado de Reverendo Álcool por estar, como a maioria dos ingleses, invariavelmente bêbado. A cerimônia de iniciação, que é descrita com mais detalhes na narrativa, é uma variação daquela de Leo Taxil. O doutor, apiedado de seus leitores, suprimiu uma parte do desempenho. Falando de forma geral, era relacionada, como já vimos antes, com uma versão anticristã da História do Evangelho e alguns ultrajes comuns de elementos eucarísticos, durante o que nossa testemunha souu livremente. Assim, como nos diz, foi mais uma passagem Protestante sobre a adoração de Lúcifer.

As operações do ritual foram seguidas "por uma solenidade divina," que tinha algo do caráter de uma sessão espírita comum, realizada em uma casa de loucos. Preciso apenas dizer que, quando as luzes foram acesas no final, cada artigo de mobília, incluindo um grande órgão, estavam suspensos, penduradas no teto. Como um fenômeno final, o Mestre de Cerimônias destacou sua sombra de sua substância, projetada de encontro à parede na forma de um demônio e respondeu às várias perguntas através de sinais. Houve uma explosão alta de aplausos, a cerimônia terminou e o Templo Maçônico transformou-se novamente em uma Capela Presbiteriana.

7. O San-Ho-Hei

O doutor informa-nos que a China é a porta do Inferno e que todos os seus habitantes nascem amaldiçoados.

Infantil e agradável na aparência, o chinês é invariavelmente, por disposição, um Satanista, tendo gostos completamente diabólicos. A respeito da religião de Buda, é simplesmente o extremo do Satanismo. O ocultismo chinês é centralizado no San-Ho-Hei, uma associação "paralela à maçonaria dos altos graus," tendo sua matriz em Pequim e dando boas-vindas a todos os Maçons afiliados ao Paládio. Entretanto, não admite mulheres e tem somente um grau. Sua ocupação principal é assassinar missionários católicos. Quando um maçom do Paládio busca ser admitido pela primeira vez a um de seus conjuntos, dirige-se ao antro de ópio mais próximo, levando consigo os originais que provam sua iniciação. Coloca o cabo do guarda-chuva para baixo em seu lado esquerdo e estupidifica-se com a droga divina. É, então, completamente certo que será transportado em uma condição comatosa à reunião oculta. Quando o doutor alcançou Xangai, hesitou antes de tentar uma aventura tão incerta dessa natureza. Recordou, entretanto, que estava de posse de uma medalha miraculosa de São Benedito, que considerava como seu trunfo, uma espécie de passaporte ou de bilhete de volta, disponível a qualquer hora e em qualquer ponto do Reino do Demônio. Determinou embriagar-se conformemente, mas, assim como entrou na Maçonaria com uma reserva de consciência, assim entrou na loja de droga com reserva a respeito do grau de sua embriaguez, apesar de que caiu, entretanto, em um sono profundo e acordou na assembleia dos Vingadores Secretos, um dos quais, para facilitar a comunicação, tinha um bom

conhecimento do inglês e perfeita familiaridade com todas as senhas de Charleston. O Bafomé, naturalmente, presidiu, mas parece que os chineses têm certos escrúpulos conscienciosos a respeito das cabras e ali a cabeça de um dragão substituía a imagem normal. O doutor não era o único europeu presente na celebração da assembleia celestial, mas era o único representante de sua própria nação

Tão completa estava a unanimidade que obteve entre os iniciados da China e de Charleston que a maioria dos procedimentos ocorreu em língua inglesa, mas para esta disposição da Providência, o doutor estaria em séria desvantagem. O primeiro objetivo do grupo envolvia a destruição de missionários e para este fim um caixão foi trazido para dentro, contendo o esqueleto de um irmão falecido, que divergiu tanto de suas obrigações que se aliou aos jesuítas e ousou agir como espião dos augustos procedimentos da Sublime Sociedade dos Vingadores. O primeiro ato pode ser considerado como um tanto bizarro no caráter. Consistiu em evocar um espírito mau para animar o esqueleto e para responder a determinadas perguntas. Isto foi feito com absoluto sucesso. Os ossos do finado irmão, entretanto, estavam tão apegados a suas tendências jesuíticas que, mesmo quando animados por um diabo, revelaram extrema relutância em divulgar o número e a qualidade de determinados fanáticos franciscanos que tinham partido de Paris para converter o Império. Finalmente, entretanto, admitiu que estavam agora em alto-mar e, após dada a informação o oráculo ósseo não pôde

conter sua raiva, convencendo um Maçom Inglês do 33º grau a encerrar a cerimônia, não sem antes aplicar algumas mordidas e soprar furiosamente. O segundo ato começou descobrindo-se uma espécie de pia batismal exagerada, cheia até a borda com água e representando o grande oceano onde os missionários viajavam. A assembleia aglomerou-se em volta dela e por meio de varinhas mágicas e outros dispositivos tiveram sucesso em evocar a figura detalhada de um barco a vapor que levava os aventureiros. A mágica igualmente levantou uma tempestade perfeita de vento no aposento fechado, mas por nenhum dispositivo puderam perturbar o mais leve que fosse a superfície calma da água. A cerimônia teve, de fato, de ser abandonada, falhando em sua desejada intenção. Agiu muito bem o Espírito de Jesus em proteger seus missionários. O grupo seguiu conformado para outro aposento. Lá os dignitários oficiais usavam vestimentas de sacerdotes católicos. Eles produziram uma figura de cera, destinada a representar um missionário, divertindo-se com troças, impuseram-lhe torturas imaginárias e puseram o manequim em um armário, depois do que procederam à crucificação de um porco vivo. O terceiro ato foi uma experiência atroz para o doutor, consistindo nada mais nada menos do que o sacrifício de um dos irmãos, a seleção sendo determinada por loteria. O doutor, em sua qualidade de visitante, foi na verdade poupado da possibilidade de vir a ser ele mesmo a vítima, mas quase acabou transformado no executor. Um dos adeptos chineses, tendo sido escolhido para sua imensa

satisfação e aprovado por alguns movimentos mecânicos da parte do Bafomé com cabeça de dragão, permitiu que seus membros fossem removidos e então invocou seriamente o auxílio "do irmão de Charleston" para separar sua cabeça. Era uma honra concedida invariavelmente ao visitante do grau mais elevado. O doutor, que não conseguiria chegar a tanto, foi salvo no último momento pela levitação miraculosa de Phileas Waller, vindo de uma distância imensa, pois esse personagem oculto tomou conhecimento transcendentalmente do que ocorria na China e estava impaciente para interrogar a cabeça decepada a respeito da possível recuperação de sua filha, que estava então seriamente doente. Em virtude de seu posto superior, reivindicou o privilégio da execução e o doutor declinou modestamente.

Tais foram as aventuras de nossa testemunha na assembleia dos Santos Vingadores. Enumera com mais detalhes a evidência contra a alucinação em consequência de seu excesso no ópio, mas eu sugiro aos leitores observadores que há uma linha mais óbvia de crítica.

8. A Grande Cidade de Lúcifer

Foi em março de 1881 que o médico Bataille viajou pela primeira vez a Charleston para conhecer na matriz a Maçonaria Universal de Lúcifer e seu pontífice Albert Pike. Charleston é a Veneza da América, a Roma de Satã e a grande cidade de Lúcifer. Sempre muito prolixo e adorando os detalhes que incham as frágeis introduções dos folhetins

baratos, nossa testemunha descreve com mais detalhes a cidade e seu templo Maçônico, com o templo que está dentro do templo e consagrado ao Deus bom. Meu segundo capítulo já forneceu ao leitor suficiente informação sobre as pessoas que se alega terem participado na fundação da Maçonaria Universal e na elaboração de seu culto. Nem é preciso que eu detalhe os encontros pessoais entre o doutor Bataille, Albert Pike, Gallatin Mackey, Sofia Walder, Chambers, Webber e o resto dos luminares de Charleston. A Srta. Walder explicou-lhe a grande esperança da Ordem a respeito do rápido advento do anticristo, da abolição do papado e da destruição da religião cristã. Igualmente relacionou muitas de suas experiências confidenciais com a monarquia infernal, sendo posto a par do número exato de demônios na hierarquia decadente e com todas suas classes e legiões. Esperava confiantemente ser a bisavó do anticristo e, enquanto isso, possuía a faculdade transcendental de tornar-se fluídica pela vontade. O Sr. Gallatin Mackey exibiu seu *Arcula Mystica*, um dos sete instrumentos similares que existem em Charleston, Roma, Berlim, Washington, Montevidéu, Nápoles e Calcutá. Em sua aparência assemelhava-se a um vidro de licor, mas era realmente um telefone diabólico que operava como o *Urimm e Thummimm* e possibilitava àqueles que o possuíam comunicarem-se uns com os outros, qualquer que fosse a distância entre eles. O doutor, em sua qualidade de iniciado, naturalmente conheceu todas as premissas. Examinou a cabeça do grande templário Molay, decidindo por seu

conhecimento antropológico que a relíquia não era genuína e que não era o crânio de um europeu. A respeito do Bafomé templário, situado dentro *do Sanctum Regnum* e diante do qual Lúcifer deveria aparecer, basta dizer que esse doutor Bataille, que invariavelmente pisa de forma cautelosa onde é fácil para outros seguirem seus passos, não tem nenhum testemunho pessoal a fornecer sobre o assunto da aparição e as relações de outras pessoas não nos dizem respeito neste momento.

9. Toxicologia Transcendental.

As memórias de Charleston não são inteiramente favoráveis à verdadeira força de nossa testemunha. Era requisito "mentir pouco" na América, mas o doutor arrepiou em Gibraltar. Está uma vez mais em solo britânico. Não faz o inglês, conscientemente ou de outra maneira, nada mais do que pôr uma maldição em tudo que toca? O doutor Bataille afirma-o. Certamente esta qualidade de amaldiçoar foi dispensada especialmente à nação dos heréticos por Deus pessoalmente, assim o diz o doutor Bataille. Desde que os pomposos britânicos começaram a fortificar Gibraltar, roubado da Espanha católica, um clima de desolação paira sobre todo o país. Uma inescrutável providência, de que nossa testemunha é o porta-voz, escolheu separar em duas partes a fim de que o diabo e os ingleses, que, diz, são pares, pudessem continuar seu trabalho de protestantização e de encher o mundo com o malefício. Para resumir a matéria inteira, o Britânico é um usurpador odioso "que sempre

mantém um olho aberto." Agora, tendo em conta o fato que contando cada tribo e língua e povo e nação uma proporção a ser numerada em milhões entrega-se à adoração do diabo e à Maçonaria e que conseqüentemente há uma demanda enorme por Bafomé e outros ídolos, por incontáveis instrumentos da magia negra e para que os venenos eliminem inimigos, é obviamente indispensável que deva haver um departamento central secreto que trabalhe com madeiras e metais e para a Toxicologia Transcendental. A Charleston o diretório dogmático, a Gibraltar a fábrica universal. Mas tão colossal saída focalizada em um único ponto mal poderia continuar desconhecida ao governo em um dado lugar e nenhuma nação exceto a Inglaterra podia operar esta classe de exportações. A causa da Maçonaria e do diabo que é, entretanto, cara ao coração inglês, ocorria indiscutivelmente em Gibraltar e nesse ponto uma anglofobia com um resto de razão permaneceria satisfeito. Não conforme nosso médico francês, que afirma que as exportações em questão não estão em mãos da autoridade civil, mas é de fato uma indústria governamental.

"Azulado em meio à água ardente, escancara-se Trafalgar;

No mais obscuro nordeste alvoreceu Gibraltar, grande e cinza -

aqui e aqui a Inglaterra ajudou-me, como posso eu ajudar a Inglaterra, pergunto?"

Estas são palavras de Browning e sua pergunta foi bem respondida pela instituição das oficinas secretas e do

laboratório secreto. Como na maioria dos outros casos a Inglaterra ajudou-se, a menos que, certamente, ocorrer ao doutor que o poeta era um Satanista como Pike, que ele mesmo era um poeta e tinha um dedo principal na torta.

A grande rocha histórica é escavada por inúmeras cavernas que, nosso depoente testemunha, nunca foram exploradas pelos turistas e, nos mais impraticáveis pontos do grande labirinto subterrâneo, quem tiver a audácia de penetrar descobrirá por si mesmo a existência do Ministério da Indústria do Satanismo, mas não deve esperar voltar a menos que seja Soberano Grão Mestre perpétuo e um iniciado de Lúcifer. O doutor explorou essas cavernas, viu a fábrica em plena atividade, descreveu exaustivamente o interior, retornou do golfo como Dante e divulgou todo o mistério. De posse de sua chave do labirinto o caminhante não se perderá nele e, sem dúvidas, será uma nova curiosidade para o mais audaz entre turistas de Cook. As oficinas são guarnecidas com os mecânicos através de um expediente simples: desesperados espécimes de malfeitores ingleses, condenados à prisão perpétua, são relegados a essa região, um tipo do humor desagradável caracterizando a seleção. Os condenados mais medonhos são escolhidos e aqueles que correspondem na aparência externa aos diabos favoritos da hierarquia, sob esses nomes passam a trabalhar nas oficinas, onde se comunicam geralmente um com o outro na língua Volapuque. A razão dada é que esta língua foi adotada pelo Rito Spoeleic que, confesso, não tinha ouvido anteriormente, mas arrisco-me a pensar que o doutor

escondeu a razão verdadeira e que o Volapuque foi assim escolhido porque é uma invenção diabólica. Uma língua universal prevalecia antes da confusão de Babel e a nova língua é uma tentativa profana de produzir o ordem no caos pelo retorno à unidade da fala.

O Departamento de Toxicologia é operado por uma classe mais elevada de criminosos, como por exemplo, os depositários evadidos, que lá se estabelecem confortavelmente na vida, apreciando muitas das conveniências modernas. Produz os venenos que causam geralmente a morte pela hemorragia cerebral, mas cada um tem seu antídoto especial, possibilitando que o envenenador iniciado possa comer e beber com sua vítima. Nesse assunto o doutor leva a cabo, entretanto, uma política mestre da reticência. Mas tal, no sumário, é o mistério profundo de Gibraltar, tal é o Departamento Toxicológico da Maçonaria Universal.

10. O Doutor e Diana

Seria impossível seguir o doutor no curso inteiro de suas memórias, porque que não são completamente biográficas, estando relacionadas exclusivamente com o Satanismo Moderno ou com a grande conspiração dos Maçom contra Deus, o homem e o universo. Um de seus subsidiários e mais importante objetivos é o de preencher espaço, em que ele eclipsou quase todos os grandes clássicos da literatura barata da Inglaterra. Devo passar com uma mera referência sobre suas transações no

espiritualismo. É supérfluo dizer que nesta filial da investigação transcendental testemunhou mais fenômenos surpreendentes do que a maioria de estudantes veteranos. Sua estrela prevaleceu em toda parte e o mundo invisível pôs em ação suas forças mais poderosas.

Em Montevideu, por exemplo, caindo ocasionalmente em um círculo de espiritualistas, estava sentado, cercado por uma família desses diabolistas inconscientes e amadores, diante de uma janela aberta à noite. Através da larga boca do rio, um grande raio da luz macia da lâmpada do farol no lado oposto brilhou no ar sobre a superfície da água e assim que caiu em cima de seus rostos ele distinguiu, flutuando dentro do próprio raio, a figura sólida de um homem. Não era a primeira vez que a aparição, sob circunstâncias similares, tinha sido vista pelos demais presentes na casa, mas para ele continha uma mensagem de um mistério mais profundo do que para aqueles espiritualistas não iniciados. Embora em roupa de homem, seu olho observador reconheceu o rosto do espírito. Verdade terrível e sugestiva, era o rosto da virgem vestal que, na distante Calcutá, fluidificou no terceiro templo e soltou um grande grito. Ele agora decidiu negar a virgindade da vestal e supor que era na realidade um demônio e não um ser da terra. Ao mesmo tempo, meus leitores devem compreender totalmente que o doutor, quando se intromete no espiritualismo, é um homem governado em suas narrativas por uma inteligente faculdade de crítica que beira o puro ceticismo. Deleita-se na exposição dos exemplos onde um elemento de fraude pode

ser detectado. Ninguém melhor do que ele mesmo pode distinguir entre falso e fantástico e tem prazer em dirigir a atenção especial a seu extraordinário bom senso de julgamento e isso soa como um senso comum nesta e em todas essas matérias. Logo, ninguém será surpreendido ao ouvir que, na casa de uma senhora em Londres, uma mesa comum, após um desempenho preliminar inclinando-se, transformou-se de repente em um crocodilo adulto e tocou movendo-se no piano, depois do que voltou a ser mesa, mas o gim, o uísque, a cerveja branca inglesa e os outros intoxicantes indispensáveis em sessões na Inglaterra tinham sido consumidos inteiramente pelo réptil transcendental para fortificá-lo em sua viagem de retorno aos bancos de lama do Nilo. Nem seria preciso uma aparição espontânea para terminar com as experiências do Dr. Bataille. Estava sentado em sua cabine à meia-noite, meditando sobre as teorias formuladas em história natural por Cuvier e por Darwin, que diabolizaram toda a criação, quando foi tocado levemente no ombro e descobriu, acima dele, em seu traje oriental pitoresco, como outro Mohini, o chefe árabe dos envenenadores do Departamento Toxicológico de Gibraltar, que, depois que algumas honoráveis garantias de que a Bíblia não era verdadeira, partiu transcendentalmente assim como veio. Esse personagem fica provado subsequentemente ser o demônio Hermes. Mesmo quando apenas praticava a Maçonaria, o doutor teve inauditas experiências mágicas. Por exemplo, em Golden State, no distrito central ocidental desta cidade má, um endereço de

que já ouvimos antes, na conclusão de uma reunião ordinária da Loja, houve a uma evocação do demônio Zaren, que apareceu sob a forma de um dragão de três cabeças monstruoso, forjado totalmente em aço que, tencionando devorar seu evocador, foi contido pelo pentagrama mágico, desaparecendo finalmente com o odor peculiar do Inferno.

Em relação às várias maravilhas, o doutor tem muito a nos dizer a respeito de duas irmãs em Lúcifer, que estiveram por muito tempo com punhais em punho e, considerando seus atributos sobrenaturais, é incompreensível em um alto nível que não se destruíssem uma à outra como o Mágico e a Princesa de uma narrativa mais digna de crédito das maravilhosas "noites árabes." Diana Vaughan é muito ouvida e pouco vista desde que se tornou famosa por sua conversão à fé católica. Honrado com o conhecimento dela por tempo considerável, o doutor demonstra invariavelmente o máximo respeito para com esta senhora rica, bonita e de elevada posição no Paládio, protegida por muito tempo por um demônio da hierarquia superior e de apreciar o que denomina um tanto obscuramente uma tutela obsessional.

No dia 28 de fevereiro de 1884, em um sessão teúrgica de Senhoras Templárias e Magos Eleitos de Louisville, o teto do templo dividiu-se de repente e Asmodeus, gênio do fogo, desceu com uma música suave, tendo em uma mão uma espada e na outra a longa cauda de um leão. Informou à assembleia que houvera uma grande batalha entre os líderes de Lúcifer e Adonai, e que tinha sido sua felicidade pessoal

decepar a cauda do leão de São Marcos. Ele pediu aos membros para preservarem com cuidado o troféu e, como não poderia ser uma relíquia sem vida, informou pensativamente a um de seus diabos menores como ele deveria intervir para marcar seu favor onipotente para uma determinada virgem predestinada. A vestal em questão era Diana dos Charlestonianos, eleita irmã em Asmodeus, que não era naquele tempo afiliada ao Paladismo. Quando o doutor a contatou subsequentemente a propósito dessa história, respondeu ela "você admirou a visão?" Por si mesmo, o bom doutor não gosta da narrativa, não porque torna a violência possível, mas porque comete uma violência a São Marcos. Há, evidentemente, uma dignidade incompleta em um evangelista sem cauda. A respeito da cauda propriamente dita, não tem nenhuma dúvida pessoal de que pertencia a um leão comum e que foi possuído por um diabo.

Com risco de ofender a Srta. Vaughan, o doutor exagera em seu caso e instruidamente demonstra que sua possessão é de um tipo tão ininterrupto que se transforma em uma segunda natureza e pertence ao 5º grau. De qualquer forma, estabelece com detalhamento um aspecto importante a favor dela, que levou todos os católicos franceses a desejarem seriamente sua conversão. Já estabeleci que o grau de Senhora Templária está relacionado em parte com as profanações da Eucaristia. Por exemplo, o aspirante a essa iniciação é obrigado a apontar um estilete conta a hóstia consagrada com a expressão tomada de fúria.

Quando a Srta. Vaughan visitou Paris no ano 1885, onde a Srta. Walder tinha se estabelecido anteriormente, foi convidada a entrar nesse grau e aceitou a oferta. Uma sessão de iniciação foi marcada conformemente, mas a Srta. Vaughan não quis nenhuma profanação e recusou terminantemente insultar sua inteligência liberal apunhalando uma bolacha de farinha. Não acreditava na Presença Real e não desejava parecer infantil. Uma grande polêmica ocorreu. Sua iniciação foi adiada. A apelação foi feita a Charleston e a formalidade foi dispensada em seu caso pela intervenção, pelo que se supôs naquele momento, da autoridade de Albert Pike, da mesma forma como a intervenção de seu pai a tinha desculpado de antemão de outro calvário que não poderia ser sofrido com propriedade. Este episódio implantou no peito de Sofia Walder uma forma extrema de ódio Paladiano pela Diana de Philalethes. Agora, Sofia tinha um alto conceito entre as hostes da perdição, contudo suas relações rancorosas com sua irmã adepta não tornaram Diana menos agradável à inteligência peculiar que governa a hierarquia decadente. Na Caverna Gigantesca do Kentucky, os Magos do Paládio e as Senhora Templárias decidiram, um dia, ter uma pequena experiência com as Ondinas e assim prepararam seus instrumentos mágicos, mas os ansiosos elementais, habitantes dos abismos escuros, não esperaram ser evocados. A água borbulhou no lago, o teto constelou-se de estrelas e ninguém menos que Asmodeus apareceu no banco oposto em toda sua glória infernal! Com braços abertos, convidou em voz

alta Diana. Essa senhora, transfigurada de repente, andou calmamente sobre a água e foi beijar os pés de seu demônio, que desapareceu incontinenti. Inspirado por um sentido de deficiência, o doutor diz que a visita à gigantesca caverna terminou sem nenhum incidente adicional. Não era uma testemunha ocular do que foi relatado, mas recebeu-o dos lábios de Diana e os lábios de Diana, segundo o parecer de todos os homens honrados, seriam preferíveis aos olhos do doutor.

Mas o doutor pôde testemunhar pessoalmente em outra ocasião. Sabe-se que a celebridade da Srta. Vaughan começou com sua hostilidade ao Grão Mestre Italiano, Adriano Lemmi. Quando o assento do Soberano Pontífice, como o depoente demonstra, foi removido de Charleston, a grande cidade de Lúcifer, para a Cidade Eterna, e muitos adeptos pediram demissão, havia uma dúvida no campo rebelde a respeito da continuação da proteção de Lúcifer. Se o Diabo acompanhara Lemmi, ficariam desolados certamente. A Srta. Vaughan, entretanto, permaneceu calma e otimista: "Eu estou certa da proteção celestial dos gênios da luz," disse Diana e, manuseando seu talismã, dobrou o joelho direito na terra, girou uma pirueta completa sem cair, arremessou seu tamborim no ar, que desceu delicadamente e permaneceu suspenso a uma jarda da terra, enquanto ela, passando para uma condição de êxtase, igualmente levantou-se no ar, ficando estendida. Permaneceu nesse estado pelo tempo de quinze minutos, o silêncio sendo quebrado apenas pelo rumor distante de um trovão. Muitos

dos espectadores não podiam acreditar em seus olhos. Finalmente, muito delicadamente seu corpo pôs-se em posição vertical, cabeça para baixo, mas, como uma concessão ao pudor, as leis da gravidade foram suspensas, como ela também, e suas saias não se inverteram. Lentamente a estática senhora continuou circulando, a assembleia esgazeada olhando "como a lua de Josué em Ajalon," e ela voltou à posição vertical de um nadador e concluiu o fenômeno voltando à terra firme. Essa maravilha foi realizada pelo poder mágico de uma rosa diabólica que a senhora carregava dentro de seu corpete.

Também em outra ocasião o doutor testemunhou o prodígio da bilocação de Diana com o auxílio de um processo mágico simples, quando, segundo seu conhecimento, ela estava a centenas de léguas distante, mas as declarações do doutor Bataille reduzem a bilocação a uma banalidade e uma mera referência bastará.

Uma monografia dos milagre da Srta. Vaughan, entretanto, estaria incompleta se não a exibisse em sua capacidade de quebrar feitiços. Qualquer que fosse o encantamento maligno podia ser desfeito por Diana. Na época da comoção provocada por sua persistente recusa em participar no logro do sacrilégio, havia um membro do Triângulo de Paris que manifestou peculiar animosidade ao exigir a expulsão da delinquente que ousava recusar o ritual. Como punição pela sua própria presunção e na presença dos adeptos reunidos, sua cabeça foi invertida de repente por um poder invisível e por vinte e um dias foi obrigado a rever a

situação de cara para trás. Essa punição severa desanimou todos os presentes. A Srta. Walder usou o recurso de uma evocação e descobriu que tinha sido imposto por Asmodeus, o protetor de sua rival, que além disso sem escrúpulos visitaria com um violento desastre a quem descobrisse que planejava algo mau contra sua irmã eleita Diana. Se o culpado desejasse ser libertado de sua grotesca posição, deveria humilhar-se e recorrer a ela. A Srta. Vaughan estava na América na época, mas veio generosamente em sua salvação, assim que o vapor a trouxe, e restaurou a posição de sua cabeça com uma jocosa imposição de mãos. Devo acrescentar que no mesmo dia em que essa desgraça ocorreu em Paris, a Srta. Vaughan defendia seu ponto de vista pessoalmente diante do Triângulo de Louisville. As opiniões foram divididas sobre ela e o resultado parecia incerto, quando a cauda demoníaca de São Marcos, abandonando o diabo menor que a tinha usado por empréstimo, aceitou Asmodeus como inquilino e violentamente circulou o aposento argumentando ferozmente com todos aqueles cujas vozes tinham sido levantadas contra a sua vestal. Finalmente, a borla da cauda transformou-se na cabeça do demônio e jurou sua devoção a Diana, contanto que ela permanecesse solteira. Se ousasse, entretanto, abandoná-lo por um consorte terrestre, comandaria suas quatorze legiões e estrangularia o homem.

Seria indelicado a Srta. Sofia Walder se eu deixasse supor por um momento que a supremacia do prestígio foi levada por sua rival. Já anotei que essa senhora fluidifica

ocasionalmente para a satisfação de uma audiência seleta, mas, como o médium da materialização, ela se esgota tanto que se confina em seu quarto e seu preço é de cinco mil francos. Ela é a primeira Soberana em Bitru e é definida pelo doutor como em um estado de possessão latente, tendo uma natureza semidiabólica e o dom da substituição. Foi possivelmente em Milão que testemunhou o teste mais persuasivo de seus poderes ocultos. Ela o chamou à parte e explicou a ele que tinha estado em uma condição de "penetração" por aproximadamente três horas. "No banquete, o alimento torna-se volátil em minha boca, o vinho evapora invisivelmente no momento em que toca meus lábios, eu como e bebo aparentemente, mas ao mastigar apenas mordo o ar." Isso era devido, não à voracidade de Bitru, mas ao apetite voraz de Belzebu. A senhora magnética, entretanto, não explicou este ponto com uma forma normal de falar. Fixou suas ardentes órbitas no doutor e ele viu chamas em toda parte. Um momento depois e seus pés estavam acima da terra. Estendeu sua mão esquerda e na palma aberta viam-se as aparições sucessivas, em caracteres de fogo, das dez letras que constituem o grande nome. Com um toque de colapso interior recomendou-se à Virgem Maria, o paroxismo extático passou e caminharam para outro local, porque estavam no meio de um bosque escuro. Uma árvore arranjou graciosamente uma parte de seus galhos sob a forma de uma guirlanda e curvou-se numa profunda reverência. Ainda mais fantástico, um galho imóvel produziu uma mão

humana viva, ornamentada com um punho imaculado e essa mão presenteou um ramalhete a Sofia. Por causa dessas matérias o doutor ficou pensativo.

Seguiu-se uma sessão do Paládio. A litania de Lúcifer foi cantada e o prodígio da "substituição" foi efetuado. A cerimônia ocorreu em uma gruta com um teto de estalactites. A Srta. Walder retirou de uma cesta a serpente que era a companheira inseparável de todas as suas viagens. Ajoelhou-se imediatamente na frente dela, escalou a parede e dependurou-se em uma das estalactites. Não era um tipo comum de réptil, porque começou a desenvolver um número ilimitado de aspirais até que se espalhasse ao redor do teto inteiro e sua cabeça se juntasse a sua cauda. O doutor diz que agora estava preparado para qualquer coisa. A serpente deu sete silvos horríveis e na penumbra, pois as tochas que iluminavam o lugar estavam sucessivamente apagando-se, cada pessoa tomou consciência de uma entidade invisível, soprando sua respiração ardente em seus rostos. Quando, finalmente, a escuridão era completa, Sofia tornou-se radiante e iluminou brilhantemente a gruta com uma luz branca intensa. Cinco mãos enormes podiam, então, ser vistas flutuando no espaço, também intensamente luminosas, mas emitindo um brilho verde. Cada mão vagueou à procura de sua presa, apreendendo finalmente um irmão, a quem atraiu irresistivelmente para a frente na direção de Sofia. Movidos por uma influência misteriosa, dois deles agarraram os braços dela, dois abraçaram-na pelos ombros, um colocou a mão em sua cabeça. A serpente

silvou novamente sete significativas vezes e no lugar da sólida Sofia surgiu o terceiro Alexandre da Macedônia na forma de um fantasma. Quando se desvaneceu, Sofia reapareceu e continuou a ir e vir com um fantasma entre cada uma de suas aparições, de modo que por sua vez fosse substituída por Lutero, Cleópatra, Robespierre e outros, concluindo com o patriota italiano Garibaldi, que eclipsou todos os outros, porque seu busto foi convertido em uma urna de bronze de onde brotavam chamas vermelhas. As chamas tomaram uma forma humana e devolveram Sofia ao grupo.

Tal é o dom da substituição que segue a penetração e tal é a substância das memórias de M. Bataille, doutor de navio, que no ano de 1880 empreendeu explorar o Maçonaria e viu-se inesperadamente diante do Diabolismo. Há uma máxima do Salmista que a experiência da maioria de transcendentalistas aprendeu a trazer no coração e a repetir sem as qualificações de David, quando determinados aspectos da narrativa sobrenatural são introduzidas: *Omnis homo mendax*! Mas a fim de que eu não pareça ser descortês, gostaria de adicionar um breve dito do Mago Eliphas Lévi. "O homem sábio não pode encontrar-se," porque a natureza se acomoda a seu estado. Numa polida investigação como esta, não há, conseqüentemente, nenhuma questão em que o doutor Bataille seja definido pelo termo *mendax*, que é proibido à elegância literária. É simplesmente uma questão onde ele é um homem sábio ou

onde a natureza enganou-se e não se conformou com seu estado.

A credibilidade total ou parcial da narrativa do Dr. Bataille envolverá uma crítica prolongada e eu tenciono adiá-la até que as testemunhas restantes sejam examinadas. Estaremos então em posição de apreciar quão longe as últimas revelações suportam seu estado. Reservando o elemento miraculoso, que é tolerável, separado do que mais interessa a nosso questionamento, a saber, a existência da Maçonaria Paladiana ligada ao culto de Lúcifer, pode-se indicar que a parte mais sóbria das memórias do Dr. Bataille é o caso de sua visita a Charleston. Aqui o elemento miraculoso está totalmente ausente. Confirma por alegadas investigações pessoais a existência do Paládio Novo e Reformado. É a primeira testemunha que distingue claramente entre a Ordem Luciferiana e o Supremo Conselho do Rito Escocês Antigo e Aceito de Charleston. Essa distinção é feita, entretanto, a um custo: supor que o Supremo Conselho preservou o ídolo de Bafomé assim como o reputado crânio de Molay por quase setenta anos e entregou-o então a outra Ordem de que não tinha nenhum conhecimento oficial. Sob que circunstâncias e por que fez isso? O Rito Escocês Antigo e Aceito é ligado por sua lenda aos Templários e que o Supremo Conselho de Charleston tenha se separado dos troféus tradicionais parece não menos improvável do que um regimento entregar sua bandeira.

CAPÍTULO VIII

NEGÓCIOS COM DIANA

A filosofia de Horácio representa supostamente de forma incompleta o conteúdo do céu e da terra, mas nem a terra nem o céu, como constituídos presentemente, seriam capazes de encerrar o conteúdo todo das memórias do Dr. Bataille. A Srta. Diana Vaughan, a cuja história vamos nos referir em seguida, chegou até nós sob um aspecto diferente. Falhei em apurar sob que circunstâncias tornou-se inicialmente conhecida na França. *O Diabo no Século XIX* pode ter sido sua mais antiga introdução. Era certamente desconhecida a Leo Taxil quando publicou os rituais do Paládio ou não escaparia à menção que dá a Srta. Sofia Walder. Seja como for, nós fizemos sua apresentação no curso do capítulo anterior, mas sou obrigado a afirmar que, até o presente, ela se mostrou excessivamente circunspecta em substanciar as evidências de sua precursora.

O mundo inteiro está ciente, e não preciso repetir, que a Srta. Diana Vaughan converteu-se à Igreja Católica algumas horas depois que o Dr. Bataille terminou sua narrativa surpreendente. Uma Paladista perfeitamente iniciada, compreendendo os mistérios do número 77 e fazendo reverência ao mais elevado mistério do 666, Grande Senhora do Templo, Grande Inspetora do Paládio, e de acordo com ele que, de certo modo, preparou o caminho dela e endireitou suas veredas, uma feiticeira e taumaturga

que, diante daqueles que diariamente celebravam o Sabá Negro, fazia-os empalidecer, a Srta. Vaughan discutiu, como vimos, com uma irmã iniciada, Sofia Walder, e concedeu ao Grão Mestre Italiano, Adriano Lemmi, a caridade dos anjos maus, que é o ódio. Quando o Supremo Diretório Dogmático da Maçonaria Universal foi transferido de Charleston para Roma e o Pontificado passado para Lemmi, como as revelações alegam, a Srta. Vaughan fechou sua conexão com os Triângulos, levou suas cores para uma embarcação equipada por ela e fundou uma nova sociedade sob o título de Paládio Livre e Regenerado, incorporando os grupos antilemistas e logo após começou uma propaganda pública pela introdução de uma revista mensal, devotada à elucidação das doutrinas do culto de Lúcifer e à exposição do Grão Mestre Italiano. Para içar a bandeira negra do Diabolismo, como a Srta. Vaughan denominá-la-ia agora, assim abertamente, provocou naturalmente um violento protesto da Federação de Paladistas, de modo que estivesse em luta não somente com Lemmi, mas igualmente com a fonte da iniciação que ela ainda parecia prezar. Ao mesmo tempo, não deu nenhuma indicação de passar para a causa dos Adonitas. Tornando-se conhecida dos centros antimaçônicos da Igreja Católica Romana somente após sua hostilidade a Lemmi, era sempre *persona grata* cuja conversão foi ardentemente desejada, mas em diversas ocasiões públicas alertou-os de que a causa deles e a dela estavam em radical oposição e que, de fato, nada teria deles, descartando qualquer necessidade de suporte, simpatia ou

interesse deles. Ela seria fiel ao bom Deus Lúcifer e aspirou ser a noiva de Asmodeus. Durante um tempo considerável, o sofrido editor da revista mensal, cansado de sua teimosa protegida, igualmente nada teria dela, embora ele a tenha cercado com evidente pesar por ser molestada pelos pregadores da fé. Um mês após, Leo Taxil, por meio do mesmo órgão, anunciou a conversão da Srta. Vaughan e em menos do que outro mês, a saber, em julho de 1895, começou a publicação de suas *Memórias de uma expaladista*, que ainda estão em andamento, de modo que, fora as limitações de espaço, meu conhecimento desta senhora estejam inevitavelmente incompletas.

Suas memórias não são, infelizmente, um desempenho literário e seu método, se tal ele pode ser chamado, não é cronológico. Começando com um relato de sua primeira introdução a Lúcifer, *vis-à-vis*, no *Sanctum Regnum* de Charleston, em 8 de abril de 1889, salta, no segundo capítulo, sobre todos os anos que interessam para uma análise minuciosa dos sentimentos que conduziram a sua conversão e dos êxtases que a seguiram, sobretudo por ocasião de sua primeira comunhão. É no terceiro capítulo que começamos a ter um relato de sua instrução Luciferiana ou, mais corretamente, uma introdução a isso, porque a maior parte de cinco números mensais não nos trouxe mais próximo a sua personalidade do que a história de um antepassado no décimo sétimo século. Como o editor ainda está solicitando subscrições anuais para o empreendimento e oferecendo uma variedade de vantagens através de métodos

não desconhecidos na Inglaterra entre os promotores da literatura de folhetins, a conclusão do trabalho é provavelmente uma satisfação distante para aquelas que tomarem interesse nisso.

Agora, tendo em conta a narrativa do Dr. Bataille e tendo em conta as indicações determinadas em meu segundo capítulo, é óbvio que a Srta. Vaughan é uma testemunha da maior importância para sabermos se há uma Maçonaria atrás da Maçonaria que, de mais ou de menos, controla ou tenta controlar a sociedade inteira, desconhecida pelas bases de seus iniciados, exceto os dos altos graus: se seu assento está em Charleston com Albert Pike como seu fundador, se sua doutrina é anticristã e seu culto o de Lúcifer, sustentado por maravilhas mágicas, relacionada com a prática de sacrilégio e também um Satanismo disfarçado ou derivado nesse sentido. Como já sugerido, além do elemento mítico e miraculoso — em poucas palavras, a parcela da narrativa do Dr. Bataille que violenta o juízo e a razão — a Srta. Vaughan até o momento não arriscou sua posição substanciada, mas a respeito dos pontos que enumerei, veio o mais distintamente adiante do Paladismo dizer-nos que estas coisas são assim e reforçar o que foi indicado previamente, revelando sua vida privada.

É conseqüentemente meu dever e desejo fazer-lhe plena justiça e com esta finalidade em vista, proponho relatar brevemente as manchetes principais de suas memórias, tanto quanto foi publicado modernamente. Devo, entretanto, estabelecer como premissa no início que ela não

nos chega com um traço de incerteza, acento que poderia ser esperado para caracterizar a recém-adquirida língua, não meramente da fé Cristã, mas de seu dialeto Romano. Nós a encontramos falando fluentemente e de forma natural. Se pudesse alguma coisa, pela possibilidade, ser mais limitada do que determinadas partes deterioradas da religião evangélica na Inglaterra provavelmente seriam certas partes da religião ultramontana na França, mas a Srta. Vaughan adquiriu toda a terminologia das últimas, toda a amargura intelectual, todas as tolices, como alguém poderia dizer, no espaço de cinco minutos. Quando ela está enfastiada com suas memórias ou alcança na forma de escritora algum ponto crucial em sua narrativa, ela interrompe abruptamente, abre um parêntese e inicia o relato de seu último trabalho maravilhoso ou de uma diatribe contra as manifestações do espírito na forma típica da imprensa clerical francesa. Para ser breve, a Srta. Vaughan adotou, corpo e alma, precisamente aqueles abusos que os católicos inteligentes desejariam seriamente ver expurgadas de sua grande religião. Provavelmente nunca ouviu falar dos Decretos Forjados, mas defenderia sua autenticidade se tivesse. Provavelmente nunca ouviu falar das espúrias ou de qualquer das Epístolas de Santo Inácio, mas aceitaria as espúrias pessoalmente à menor sugestão de que saberiam melhor à hierarquia e faria tudo isso aparentemente na boa fé, sob a autoridade de uma facção obtusa dentro da igreja, que existe para manter aberta suas feridas. Agora, submeto-me que uma *volte face* é possível, especialmente em

opiniões religiosas, mas que um hábito pronunciado do pensamento religioso não pode ser adquirido em um dia, de modo que, na história da conversão da Srta. Vaughan, há mais do que pode ser distinguido na superfície. A natureza exata do elemento que ilude deve ser deixada ao julgamento de meus leitores, mas, pessoalmente, reservo meu próprio, fora da imparcialidade para um julgamento inacabado.

Há uma diferença genérica entre o doutor Bataille e a Srta. Vaughan. Ele é um ser humano comum e, se pudermos confiar nos muitos retratos que o representam em sua narrativa, excessivamente modesto. Temos igualmente alguns retratos da Srta. Vaughan, que é agressiva e boa de olhar; mas esta não é a distinção genérica. O médico Bataille, pobre homem, é o descendente de uma ascendência comum dentro dos limites estreitos de carne e de sangue. A Srta. Vaughan, ao contrário – espero que meus leitores concordem comigo – foi ensinada desde sua infância a acreditar que era do real sangue da hierarquia decadente e eu não consigo captar em sua forma vaga de expressão se rejeitou completamente a lenda de sua descendência, que de outra forma é suficientemente surpreendente. A posição de autoridade e de influência ocupada pela Srta. Vaughan no que denomina Alta Maçonaria deve ser explicada porque nos informa modestamente, não por suas qualidades pessoais, mas por um segredo tradicional a respeito de sua família, que é conhecida somente aos Magos Eleitos. A Srta. Vaughan e seu tio paterno são os últimos descendentes do alquimista Thomas Vaughan, que se denominava um

Rosicruciano e o identifica como Eirenaeus Philalethes, autor de *A Entrada Aberta ao Palácio Fechado do Rei*. Em 25 de março de 1645, diz-nos, sob a autoridade de seus antecedentes familiares, Thomas Vaughan, obtendo previamente de Cromwell o privilégio de decapitar o nobre mártir Laud, Arcebispo de Canterbury — o título de nobreza, em sua opinião, parece estar na probabilidade de sua conexão secreta com Roma — embebeu um pano de linho em seu sangue, queimando o dito pano em sacrifício a Satã, que apareceu em resposta a uma evocação e com quem concluiu um pacto, recebendo a pedra filosofal e um período garantido de vida que estenderia por trinta e três anos a partir daquela, depois do qual deveria ser transportado sem morrer ao reino eterno de Lúcifer, para viver com o corpo glorificado nas chamas puras do céu de fogo.

Após este resumo, escreveu *A Entrada Aberta*, o original que, junto com o autógrafo de Lúcifer impresso nas margens largas, é uma herança preciosa na família. Uns dois anos mais tarde, no curso de suas viagens, alcançou a Nova Inglaterra onde residiu por um mês entre os Lenni Lennapes e lá, em um deserto aberto, em uma noite clara de verão, quando a lua brilhava em esplendor, ele estava vagueando em solitária meditação, quando a luminar em questão, que se encontrava na fase crescente, baixou do céu e provou ser uma cama arqueada, muito luminosa e maravilhosa, contendo a visão da beleza feminina adormecida. Este foi o leito nupcial de Thomas Vaughan e sua ocupante era Vênus Astarte, cercada por uma hoste de espíritos infantis

carregando flores, que forneceram convenientemente uma barraca e providenciaram também deliciosas refeições durante um período de onze dias. Diversos detalhes curiosos diferenciaram essas Nupcias Herméticas jamais sonhadas por um cristão rosacruz, daquelas que regem os procedimentos mais comuns abaixo da latitude do Lenni-Lennapes. Em primeiro lugar, súcubo divino, Astarte forneceu o anel, que era de ouro vermelho enriquecido com um diamante e posto no dedo de seu amante. Em segundo lugar, a transcendental gestação, celestial ou não, cumpre o mistério da geração com excessiva rapidez, porque Astarte deu à luz uma criança no décimo primeiro dia, independentemente de auxílio médico, quando exigiu a devolução do anel nupcial e desapareceu com barraca e espíritos montada no leito crescente. O fruto de sua união foi deixada nos braços de Thomas, que foi obrigado a espezinhar em todos os sentimentos de afeição paterna e entregar a criança aos cuidados de uma tribo de índios adoradores do fogo. Parece que ele não apelou pela restituição de seus direitos conjugais e alegremente cedeu sua híbrida herdeira humana para uma família de Lenni Lennapes, junto com um medalhão com seu retrato feito por um artista diabólico, de modo que a filha pudesse reconhecer seu pai pelo método comum entre romancistas. Thomas Vaughan colocou o vasto oceano entre si mesmo e a cena de sua união e nunca visitou sua filha que, apesar de sua origem miraculosa, não parece tê-la considerado de

alguma forma, pelo menos até o ponto alcançado presentemente pela história.

A Srta. Vaughan diz que todos os Magos Eleitos não aceitam essa lenda de sangue real e admite suas próprias dúvidas na sequência de sua conversão. Como um artigo de fé intelectual, devo preferir a história do nascimento de Gargantua, mas ela satisfaz a Srta. Vaughan até a idade de trinta anos e a seu pai e avô antes dela, mesmo admitindo que foi "inventada por meu bisavó James", de Boston, como arriscado pelos Magos Eleitos a quem um resto de razão obstrui.

As *Memórias de uma ex-paladista* não vai além da versão de Thomas Vaughan no paraíso de Lúcifer, mas do *Paládio Livre e Regenerado* e de outras fontes os incidentes principais da vida passada da Srta. Vaughan podem ser coletados e resumidos rapidamente. Sabemos que é a filha de um protestante americano do Kentucky e de uma senhora francesa, igualmente dessa fé. Nasceu em Paris e uma parte de sua instrução parece ter sido recebida nessa cidade. Sua mãe morreu no Kentucky, quando Diana estava em seu décimo quarto ano, e pressuponho que, subsequentemente a este evento, deve ter vivido com seu pai que tinha uma propriedade considerável nas vizinhanças de Louisville. Quando o Soberano Rito do Paladismo foi criado por Albert Pike, Vaughan tornou-se afiliado imediatamente e foi um dos fundadores do triângulo 11 + 7 de Louisville. Presidiu a iniciação de sua filha como aprendiz, de acordo com o Rito da Adoção, em 1883. Ela foi elevada ao grau de

companheiro, depois ao de Senhora e na idade de 20 anos, diz o Dr. Bataille, ela cruzou o ponto inicial dos Triângulos, como as Lojas Paladianas são denominados.

Três edições foram publicadas de *O Paládio Livre e Regenerado*, mas desde a conversão da Srta. Vaughan foram retiradas de circulação, exceto entre eclesiásticos da Igreja Romana e até o presente não obtive cópias. As parcelas autobiográficas desde livro devem-se às observações que apareceram na *Revista Mensal*. Contêm um relato de duas aparições da parte do demônio Asmodeus, acompanhado dos fenômenos de levitação e fortalecido por argumentos contra a teoria da alucinação. Essas primeiras experiências são, entretanto, da menor importância, nem há necessidade que me refira novamente aos incidentes sensacionais que acompanharam sua iniciação como Senhora Templária no Triângulo Saint-Jacques de Paris, mas parece, em suas memórias, que a intervenção de Albert Pike não foi em virtude da supremacia de sua autoridade pessoal e que o calvário do sacrilégio lhe foi poupado pela clemência do próprio Lúcifer, que se supõe ter aparecido pessoalmente no *Sanctum Regnum* de Charleston e instruído seus chefes, *Deo volente* ou de outra forma, toda sexta-feira. O Supremo Diretor Dogmático, que tinha fixado residência em Washington, tendo o dom do "transporte instantâneo," podia estar presente a qualquer tempo na "divina" sala de reuniões.

Em 5 de abril de 1889, o "bom deus" reuniu seus Anciãos e Eméritos para uma conversa amigável sobre o

"caso" de Diana Vaughan e terminou pedindo-lhes uma iniciação em um prazo de três dias. Na melhor tradição dos grimórios, a Srta. Vaughan começou seus preparativos por um *triduum*, tomando uma refeição diária de pão preto, bolinhos de sangue picantes, uma salada de ervas leitosas e a bebida de um velho e raro Rabelais. Os detalhes dos preparativos nem valem a pena serem citados porque são meras variações das instruções dos livretos populares de magia que abundam na insensata França. No momento determinado, ela passou através das portas de ferro do *Sanctum Regnum*. "Não tema!" disse Albert Pike e ela avançou, cheia de uma ardente alegria e foi cumprimentada pelos onze chefes principais, que em seguida retiraram-se, possivelmente para orações ou descanso, possivelmente para operações secretas. Diana Vaughan permaneceu sozinha na presença do paládio, a saber, nosso pobre e velho amigo Bafomé, que seus admiradores persistem em representar com a cabeça de uma cabra, considerando que ele é o arquétipo do burro.

O *Sanctum Regnum* é descrito como triangular na forma. Não havia nenhuma tocha, nenhuma lâmpada, nenhum fogo. O assoalho e o teto eram consequentemente não extraordinariamente escuros, mas um véu inexplicável de luz fosforescente estranha espalhava-se pelas três paredes, cuja fonte, provada por exame, eram inumeráveis partículas de chamas esverdeadas, cada uma não maior do que a cabeça de um alfinete. Sentada diante de Bafomé, a Srta. Vaughan questionou Lúcifer simpaticamente a

propósito da forma desagradável com que foi representado por seus adoradores e, ao fazer isso, as pequenas chamas intensificaram-se e o assoalho e o teto incendiaram-se em seguida da mesma forma incandescente e espectral. Um grande calor seco encheu o vasto aposento e, ainda espalhando-se, as chamas cobriram sua cadeira, ela, roupas, sua pessoa inteira. Nesse momento, o trovejar inevitável começou a soar; três e um e dois grandes trovões estrondaram, depois do que sentiu cinco respirações em seu rosto e, após aquelas respirações, cinco espíritos radiantes apareceram, o primeiro ato fechando-se impressionantemente com uma salva final da artilharia.

O infeliz Bafomé, desanimado por esses procedimentos extremos, desapareceu inteiramente e nenhuma despesa havia sido poupada de um lado a outro da cara mesa. Lúcifer manifestou-se em um trono de diamantes, mas se as gemas eram do tesouro de *Avernus* ou dos bolsos de Maçons pilhadas através do mundo inteiro, as informações não indicam. É necessário que eu diga que o primeiro impulso da Srta. Vaughan foi cair em adoração a seus pés? Mas a aparição sórdida, em vez de aceitar a homenagem com a benevolência que é natural ao império, recorreu ao método do escritor e ficou sua intenção por um gesto. Mesmo nesta data anterior e com a carga pesada de sua conversão posta na escala oposta, a descrição da Srta. Vaughan de sua deidade antiga tentaria mulheres jovens e sentimentais a perdoar assim toda sua maldade por ser "magnífico" na "beleza masculina." Abster-me-ei de estragar o quadro por

muito de suas próprias minúcias ou pelos parênteses exclamatórios de sua fúria contra o cavalheiro magnífico que a iludiu. Gostaria igualmente de omitir toda a referência à conversação que se seguiu entre eles, mas pelo bem da arte verdadeira sou obrigado a dizer que Lúcifer desceu ao trivial. O Sr. Renan diz-nos que desde que deixou Saint Sulpice não fez nada além de degenerar e a inferência é óbvia, que deve ter voltado a Saint Sulpice, apesar dos esplendores literários do *Vie de Jésus*. Desde que enfrentou Miguel pela última vez, o diabo debilitou-se mentalmente e o conteúdo de sua conversa com Diana lembra um de Robert Montgomery ou até exemplo pior. Nas regiões inexploradas dos romance periódicos baratos, encontrei-me com muitos melhores espécimes de diálogo sobrenatural. A respeito do resumo de suas observações, segue sem dizer que Diana foi escolhida entre milhares e isto é o que justifica minha opinião de que seu método nessa ocasião era mais irreal do que alguns de seus atos desde que tentou medir forças com a divindade.

Durante essa entrevista, os onze principais chefes haviam retornado muito silenciosamente como conspiradores que eram, naturalmente no momento crítico para ouvir que a Srta. Vaughan fora apontada como a Grande Sacerdotisa de Lúcifer, no momento em que ocorria uma explosão de chamuscas circulantes e a nova Senhora foi transportada por sua divindade para participar de um grande e espetacular drama, dividido em dois atos: I. Aparição de Asmodeus com quatorze legiões. Troca de expressões

agradáveis entre esse personagem e Diana. Manifestação da assinatura de Belzebu, generalíssimo dos exércitos de Lúcifer, escrita a fogo no vazio. Espiritualização da queridinha de Asmodeus. Diana anseia pela batalha. Grande batalha decisiva entre os gênios de Lúcifer e os gênios de Adonai, denominados Maleakhs, fora dos portões do Éden. O Paraíso Terrestre levado por uma tempestade após a luta severa. Grande panorama do Paraíso. Diálogo explanatório entre Diana e seu futuro marido. Aparição de uma gigantesca águia branca de neve em que Diana deverá ser transportada ao Oolis, "um mundo solar desconhecido do mundo profano, onde Lúcifer reina e é adorado." II. A Srta. Vaughan seria transportada em outra ocasião a esse planeta místico nos braços de Lúcifer pessoalmente. Os episódios do segundo ato foram adiados. Ela estava, finalmente, de volta, sã e salva, ao *Sanctum Regnum* em Charleston, nas costas da águia branca.

Tal é o depoimento da Srta. Vaughan e uma vez mais continua dando as razões pelas quais não poderia ser hipnotizada ou alucinada. Como no caso do doutor Bataille, proponho adiar a crítica até que outras testemunhas acrescentem seus depoimentos. No momento é suficiente reconhecer que, aparte do elemento sobrenatural que admite uma explanação simples, se a Srta. Vaughan for uma testemunha digna de crédito, então o fato central do Paládio Novo e Reformado deve ser admitido com todos os seus envolvimentos.

CAPÍTULO IX

COMO LÚCIFER É DESMASCARADO

O Doutor Bataille é um caçador poderoso diante da face do Senhor na terra da Maçonaria e através do todo o país de Hiram; grande igualmente é Diana do Paládio. Após suas revelações e confissões monumentais, todos aqueles dissidentes e penitentes restantes que saíram do mistério da iniquidade, "são como o luar para a luz solar e como a água para o vinho." Meus leitores, nos dois capítulos precedentes, beberam o espírito bruto e devem agora qualificá-lo à maneira escocesa. O córrego aquoso da intelectualidade e do silêncio do depoimento desprezioso, peculiar ao Sr. Jean Kostka, será bem adequado para modificar exaltações impróprias e restaurar a ordem em um universo que foi intoxicado por feiticeiros. Mostrar-nos-á como Lúcifer é desmascarado de uma forma reservada e cortês para um antigo Gnóstico e iniciado do grau 33. Escreve, como nos diz sinceramente com um espírito de reparação e de gratidão, ter se relacionado livremente com diabos durante uma longa série de anos ímpios. "Abençoado seja o Senhor onipotente e abençoada a adorável bondade que me retirou do abismo... Para glorificá-Lo eu desmascaro o anjo caído." A delicadeza do motivo e seu toque de sentimento cavalheiresco foi apreciado mesmo pela vítima e a ternura do tratamento alertará Lúcifer para perdoar seu difamador, que já fora perdoado por Papus por trair a ordem dos

Martinistas. E para fazer justiça a um escritor amável, que mal tinha as qualidades necessárias para danificar seriamente ou levar adianta alguma causa, pode ser generoso acrescentar que exagerou consideravelmente seu próprio caso. Após um exame cuidadoso de seu depoimento, que é excessivamente ingênuo, sou tentado a concluir que nunca esteve próximo de um abismo. É inocente de ambas, da altura e da profundidade e até agora nunca mergulhou no vácuo infernal, no máximo pode ter remado em uma poça purgatorial. Suas culpas de experiências transcendentais são, na realidade, o ocultismo mais infantil da tarde e suas diabruras de salão podem apropriadamente ser simbolizados pelo megafone de papel de nosso velho amigo John King; não há nada nele quando a voz não está falando e não há nada nele quando está.

Desde sua conversão, Jean Kostka exibiu muita devoção inofensiva para com Joana d'Arc, um entusiasmo que teve origem entre os ocultistas e tem piedosas memórias de São Stanislaus Kostka, para cujas disposições confio que todos meus leitores terão a complacência de recomendá-lo. Escreve, além disso, "no declínio da maturidade, no ponto inicial da idade, no outono atrasado da vida," que é seu método ensebado de dizer que é após os sessenta e disfarça "um nome inútil" sob o patronímico de seu santo favorito. Jean Kostka não é Jean Kostka, mas é sem intenção de iludir-se que ilude toda a responsabilidade possível em relação a sua identidade oculta. É um tipo de piedosa auto-obliteração, que espera que todos acreditem no que diz e lhe

dou todo o crédito para "ter se dirigido para a igreja ultrajada." Em matéria de evidências, as afirmações sob pseudônimo são, entretanto, desagradáveis e identifiquei consequentemente nossa testemunha como Jules Doinel, que foi citado principalmente na restauração da Gnosis e no estabelecimento "de uma igreja Gnóstica" em Paris no ano de 1890 e é, além disso, não desconhecido como orador maçônico e no mundo das belas letras. O Sr. Papus, com a generosidade de um místico, só pode falar bem do virtuoso entusiasta que traiu sua causa e escandalizou a escola que representa. Explica que Jules Doinel é um poeta maravilhoso, deficiente na cultura científica que poderia tê-lo permitido explicar de uma forma pacífica os fenômenos despejados sobre ele pelo mundo invisível, de modo que houvesse somente dois rumos abertos para ele: renúncia do caminho transcendental ou loucura. "Vamos abençoar o céu que o patriarca da Gnosis selecionou anteriormente." Mostra possivelmente a gratidão para pequenas graças, porque nosso amigo conservou sua razão, mas é culpado em termos de senso comum. Entrementes, a Gnosis enviuvada ilumina seu Icabode nos bairros enigmáticos de Paris, Lions e assim por diante.

Todos podem concordar com Papus que Jean Kostka é um ótimo escritor de forma mansa e rasa, mas, com possivelmente uma exceção, deve ter contido a nata de seus fenômenos de ordem espiritual, porque seu livro está cheio de sentimentalismo e de experiências insípidas do tipo falta de escola. Quando sobre a luz e o solo esponjoso, tenta

ponderadamente pavimentar sua nova explanação e avança lentamente na estrada da insensatez.

Fora isso, Jean Kostka esteve evidentemente por muitos anos familiarizado com os centros e os funcionamentos de todas as luzes transversais do pensamento esotérico que se encontram e se entrelaçam na noite do pensamento comum francês. Residiu entre Gnósticos, Martinistas, Albigenses modernos e Espiritualistas. Parece ter-se identificado com tudo e embora não se acuse da ofensa capital de praticar o Satanismo conscientemente, colocou-se muito bem a par do Satanismo e, próximo de ver o diabo pessoalmente, conheceu muitos que o fizeram. Naqueles dias, diz-nos, que Lúcifer poderia ser visitado em um tabernáculo terrestre, situado em uma rua erma, de onde o remoto burburinho da Paris noturna podia ser ouvido pelo visitante pensativo se não estivesse demasiado atento ao diabolismo. Agora, descobre que Lúcifer está em pessoa em toda parte. "Viso Satã e seus dogmas." Todas as suas faculdades psíquicas concentraram-se em um instrumento transcendental para farejar a maldade e adianta-se pesarosamente para alertar-nos, com uma variação da declaração de Fludd; *"Diabolus, in quam, diabolus ubiquetoda parte repertus descoberto est, et omnia tudo diabolus et diabolus"*. Basta dizer que os demonologistas não inventaram nada e não têm exagerado nada." Para os espiritualistas, Lúcifer é John King e Allan Kardec. Para os Gnósticos é a Gnose, o Simão Magus, a Helena Ennoia e qualquer coisa que fosse acessível do Vale

do Nilo no quarto século. Para os Martinistas, é o filósofo desconhecido. Para os Albigenses, se há Albigenses parisienses, é o que quer que os Albigenses invocam, se invocam alguma coisa. Para Madame X, ele é Maria Stuart. Para seus próprios adeptos, ao som do burburinho distante, é o jovem de cabelos louros e olhos azuis, que compreendo ter usado um paramento e que deve ser curiosamente debitado ao autor do *Aut Nihil Aut Diabolus*. Para os Teosofistas é que "aquela ilustre demoníaca," senhora Blawatsky — sua delicadeza inata o conduz ã permutação do Typhon V. E, então, à Maçonaria — vai sem dizer que o pequeno chifre de Lúcifer substitui todos os chifres restantes em todas os graus e Lojas, que a Fraternidade é seu trono e seu tamborete e a cidade do grande rei.

Se nós pressionássemos Jean Kostka, perguntando-lhe para nos dizer confidencialmente e sob juramento o que o fez mudar de opinião, fazendo-o descobrir a malícia de Belzebu onde viu uma vez o sorriso da Eos espiritual, torna-se um Trapista imediatamente e recua com o Sr. Huysman. Não há uma sílaba de informação em todo seu belo volume a respeito de algum processo intelectual com que mudou de crença e suspeito que sua conversão assemelha-se a uma "penetração," para falar sua própria língua e não foi uma atitude intelectual, mas uma mudança repentina. Jean Kostka mudou seus óculos e esse é o segredo todo: "A razão pela qual eu não posso dizer, mas agora eu asseguro que vem do inferno."

Aqui está a prova positiva. Nada tem em forma de uma acusação. Começa sua interpretação de Lúcifer distante de tudo com que rompeu ligações através de um processo muito simples e civil de instilação. "Eu o sinto"; viso Lúcifer. Assim, a Ordem dos Cavaleiros do Perfeito Silêncio convida seus iniciados a tornarem-se arquitetos da Cidade Santa. Jean Kostka, de posse da última novidade, diz, "leia Inferno." Os Martinistas estão relacionados com a criação de Adam Kadmon, a humanidade ideal. Jean Kostka diz-lhes que têm estado relacionados com nada dessa natureza e que Satã é a única pessoa que pode realmente nos levar até o segredo, o que é curioso porque nos recomenda imediatamente ele mesmo que o exercício das três virtudes cardinais em benefício de Lúcifer é a soma do mistério inteiro e a aspiração real de Martinismo. Os graus maçônicos de Aprendiz, Companheiro, Mestre, do Cavaleiro Rosacruz ao Cavaleiro Kadosch e assim por diante são exploradas da mesma maneira pelo mais insignificante dos processos, que é o de inverter tudo. Por exemplo, a palavra sagrado do grau 33 no Rito Francês, a saber, Soberano Grande Inspetor Geral, é *Deus meumque Jus*. Isso significa, diz Jean Kostka, que "Lúcifer é o único deus e que o mundo material, como o espiritual, por direito lhe pertence." Se você inquirir o processo de dedução que o levou a esse resultado, responde: "Eu devo admitir que tive somente uma intuição geral, mas eu o asseguro que é imensa" e ele mencionará imediatamente uma senha, para convidá-lo a tomar individualmente cada letra e ele ajustará a ela a

palavra que por outra intuição julga pertencer-lhe e você verá por si mesmo. Assim, o termo *Nekam* do Kadosch, que significa vingança, sendo anatemizado devidamente, sairá como segue: N (ex) E (xterminatio) K (risti) A (dversarii) M (agni), ou seja: "Morte, Extermínio de Cristo, o Grande Inimigo." Perversa e astutamente, Jean Kostka ultraja a decência da ortografia e contra toda a razão escreve o nome do libertador com um K, escondendo desse modo o significado verdadeiro, que é revelado pela primeira vez, como segue: N (equaquam) E (ritis) K (ostka) A (rtium) M (agister) , que sendo interpretado ainda mais além, significa que nunca houve uma invenção tão desajeitada!

Agora, nem precisa dizer que um escritor com esses métodos não deve ser levado a sério, mas é importante apreciar a qualidade da inteligência que está sendo recebida com aclamação pela Igreja Católica na França tão depressa quando eles se bandeiam do inimigo. *Lúcifer Desmascarado* apareceu originalmente nas páginas do jornal *La Vérité*. Foi reproduzido imediatamente em espanhol pela União Católica. A imprensa clerical lançou salvas ruidosas em sua honra e sua eminência Cardeal Parocchi abençoou o livro ou o autor, ou ambos, e acredita que causará uma grande impressão, "indubitavelmente contribuindo para iluminar mentes e conduzi-las de volta a Deus."

Jean Kostka, como já afirmado, é um sentimentalista espiritual. Passou por uma transição rápida, comum à natureza do iniciado transcendental Gnóstico ao piedoso devoto católico, e fará uma peregrinação excelente a

Lourdes. Porque não terá nenhuma necessidade de retornar, sendo permissível justificar minha desaprovação por alguns detalhes de suas experiências pessoais. Papis fala dele como o fundador e o patriarca da Igreja Gnóstica. Desse mesmo patriarca e primata Jean Kostka fala igualmente como se fosse outra pessoa, relata os fatos de sua conversão e esperança de fazer um melhor trabalho para a Igreja de Deus do que fez para a de Lúcifer. Qual é o Dr. Jekyll e qual é o Sr. Hyde nessa personalidade dualista não é um resultado sério, já que ambos alcançam uma forma melhor de pensar e agir. Desde sua demissão dessas funções elevadas, Jean Kostka descobriu que a parte principal da diabrura Gnóstica consiste em negar que os anjos perdidos estão amaldiçoados eternamente. Nesse ponto alcançou o que é raro nele, um toque de animosidade pessoal. Proporcionar aos antípodas do céu, vamos dizer, uma câmara letal, como uma ordem mais suave do que aquela que a caridade teológica faz aqui, no interesse de desabrigados e de cães espertos, em seu estado de benevolência atual, pareceria uma proposição perversa. Bem, em 1890, Jean Kostka foi convidado pelo chefe da Igreja Gnóstica, isto é, por ele mesmo, a uma capela no palácio de uma senhora que figurava frequentemente em suas páginas sob o nome da Madame X. O autor usa de muita cautela para esconder seus títulos reais, mas não escondeu sua identidade e não pode haver nenhum mal em dizer que a referência é à senhora Caithness. Estava, então, em um negócio sério, nada menos do que assistindo a uma sessão. Um médium tinha sido providenciado, as

cerimônias começaram, as batidas tornaram-se audíveis, uma inteligência desejando comunicar-se e, finalmente, havia uma mensagem com certo nome. Era Luciabel, "aquele a quem conhece como Lúcifer." Até aquele dia, Jean Kostka não parece consciente de nenhum elemento de idiotice na variação do antiquado nome. Na revelação que se seguiu, a inteligência, que parecia amigavelmente disposta, apesar de suas conexões sinistras, informou ao círculo que, como Jesus, foi gerado eternamente de Deus, que esteve exilado do pleroma e que era o Sofia-Achamoth de Valentim, a Helena-Ennoia de Simão Magos, o pensamento de Deus que se tornou anátema e que estava agora à procura do amor e do consolo que poderiam tomar forma em uma Igreja Gnóstica e seriam altamente aceitáveis. Há, por assim dizer, um elemento comercial nas insinuações que seca o sentimento de piedade ou alguém poderia estar excessivamente pesaroso por esse acorde perdido do pensamento eterno, esperando caritativamente que nós pudéssemos ainda, de algum modo, ouvi-lo no céu.

Desde sua conversão, a maravilha desprezível dessa sessão tem sido um problema extremo para Jean Kostka, em parte por causa de sua escatologia, mas ainda mais porque os presentes estavam conscientes, ao final, de uma respiração passando pelos seus rostos, quando ele mesmo sentiu a presença de lábios de encontro aos seus. Pobre Jean Kostka! Todos se ajoelharam, o que acontece ocasionalmente, mesmo em sessões, ao povo simples de Paris, e ele concluiu que fora beijado por Helena-Ennoia,

aliás Lúcifer, aliás Luciabel, que é descrito igualmente nos alfarrábios da teologia ortodoxa por outros e mais desagradáveis títulos. A memória vergonhosa faz com que exclame fervorosamente: "Possa aquele que purgou os lábios de Isaías com uma brasa ardente dignar-se a purificar-me pelo beijo sagrado da penitência e do perdão: *in osculo sancto*." Há um toque de sublimidade naquele e o beijo de Belzebu pode muito bem ser mais desmoralizador que aqueles de *Secundus*. Nesse tempo, entretanto, fundou a Igreja Gnóstica.

Nós nos familiarizamos com os fantasmas de várias maneiras, de acordo com nossa condição psíquica. Há o fantasma espontâneo e acidental que raramente é percebido no ato. Há o fantasma materializado que percebemos no ato ocasionalmente e preserva nosso equilíbrio fazendo soar suas correntes e cadeias. Podem ser diferenciados como o fantasma intemporal e o fantasma que ocasionalmente torna-se temporal. Superior a esses dois espécimes genéricos há o fantasma que lança, que é separável do fantasma que arremessa, como nossos amigos franceses o classificam. Arremessar é expressar gritos desagradáveis e ilógicos, preferivelmente na calada da noite e em lugares ermos. Esse fantasma é muito perseguido por especialistas. Seria fastidioso nomear todas as variedades, mas posso garantir ao não familiarizado com isso que todos os espécimes conhecidos foram etiquetados com cuidado, exceto, possivelmente, o fantasma cheiroso, o fantasma, quer dizer, que se manifesta exclusivamente ao órgão olfativo. Esse é

um tipo excessivamente inapreciável e tímido, mas é familiar a Jean Kostka, que é um perito no cheiro sobrenatural e tem um nariz psíquico treinado. Pode distinguir entre o perfume espiritual que caracteriza, vamos dizer, São Estanislau, e o suave odor de Lúcifer. É igualmente uma autoridade em circunstâncias e dá uma descrição arrebatadora da voluptuosa enervação difundida por todos os seus membros, quando recebeu um memorando confidencial de Isis por meio de batidas durante a recepção de um mestre em uma Loja Azul. Nessa ocasião, diz-nos, foi inspirado a pronunciar um de seus discursos Maçônicos mais perversos e perigosos. Caro Sr. Kostka! A dinamite perderia seu poder de destruição em suas mãos inofensivas.

Em outra função, mas nessa estava em uma Loja Vermelha, foi oprimido pela presença de Lúcifer, que o elegeu e comissionou para lutar por sua causa. Foi um momento de rara inteligência, são suas próprias palavras, e concordou. Assim a incompetência escolheu seu ministro e o Irmão Diabo mostrou-se outra vez um trapaceiro míope, porque seu emissário não se converteu, passando para o lado dos fazedores de peregrinações. O Sr. Kostka igualmente nesse tempo era tão mau que foi capaz de um pacto, mas ele reservou dois pontos: "a pessoa de Cristo e de Sua mãe." A reserva desses sacramentos não é especializada nesse tipo de ato, mas, meu Deus, quão desassossegado era Lúcifer para ser enganado tão palpavelmente por um trinta e três! Ambas as matérias eram, entretanto, pessoais ao vidente e as Lojas, se vermelha ou azul, parecem ter estado completamente

inconscientes de que tinham entretido divindade e demônio sem querer. O Sr. Kostka foi distinguido de fato do rebanho comum dos maçom por muitos favores de Lúcifer e foi naturalmente ingrato, pelo que admiro o Sr. Kostka.

Em sucessivos capítulos ele detalha por um espaço considerável uma variedade de alucinação que experimentou a propósito de Helena-Ennoia e igualmente teve visões de Jansen, de um falso Francisco Xavier, um Cristo falso, etc., mas sua experiência mais importante foi aquela que denomina penetração, experimentado geralmente na estação do outono e durante as enevoadas e suaves noites de outubro. Nessas ocasiões, tomava consciência de uma extensão curiosa de personalidade pela qual parecia penetrar em toda a Natureza e toda a Natureza ganhava voz e interpretava-se inteligivelmente para ele. Após a música vieram as comunicações verbais e então a aparição de formas, principalmente da mitologia clássica. A maioria das pessoas poderia expressar esse êxtase poético com lucidez, mas nosso amigo assegura que é o Inimigo.

Tais foram as experiências e as aventuras de Jean Kostka no mundo psíquico e são precisamente do mesmo calibre que seu método crítico. Posso dizer, concluindo, que, se poupado, fará melhor em seu livro seguinte, porque promete outro, que exhibirá de forma convincente como Lúcifer foi vencido por Joana D'Arc. Enquanto isso, podemos nos despedir dele com o reconhecimento devido a sua boa fé e extrema amabilidade. Podemos felicitá-lo por sua conversão e ainda mais pela leitura muito agradável que

fornece. Não parece que desmascarou Lúcifer, mas levou-nos ao segredo do melhor que pode ser feito dessa forma.

Por último, o ponto a ser destacado em relação às memórias e as revelações de Jean Kostka é este: que nem em Paris, nem em outra parte, nem na Maçonaria, nem em outras associações secretas, referindo-se a tudo que teve oportunidade de julgar, teve ele contato pessoal com um culto de Satã ou de Lúcifer. Que escolheu denominar determinadas opiniões místicas e práticas diabólicas porque são condenadas pela Igreja Latina é um assunto perfeitamente indiferente e mostra apenas a posição desesperada de um caso que recorre ao expediente. Mas é altamente significativo que um homem que tenha se misturado entre místicos de todos os graus por provavelmente trinta anos, que é afiliado a inúmeras ordens e com sua disposição atual estivesse contente de expor tudo, nada tem a dizer-nos do Paládio, embora residisse em suas portas e os círculos que frequentou estavam na base da alegada Loja-Mãe Lótus de Paris.

CAPÍTULO X

A VINGANÇA DO SENHOR MARGIOTTA

Ao Senhor Domênico Margiotta nós devemos o relato mais explícito do grande acordo entre Mazzini e Albert Pike que produziu o Paládio Novo e Reformado. Com essa instituição ele não tenta conectar a ordem anterior fundada em 1730. Para ele, a posse do Bafomé Templário explica o nome que recebeu e a passagem desse ídolo de seus guardas originais deixa na mesma incerteza que o Dr. Bataille. Fora essa dificuldade, no Senhor Margiotta a Questão Lúcifer recebeu uma testemunha mais importante. Ele é o mais recente, o mais ilustre e, maçonicamente, o mais condecorado de todos. Se eu acrescento que está incluído entre o mais virulentos, eu não diminuo necessariamente seu valor. Tanto quanto alguém possa possivelmente estar ciente, é um homem de integridade irrepreensível, que nos dá toda oportunidade de identificá-lo, heraldicamente por suas armas e brasões, historicamente por conta de sua família, pessoalmente por extratos do Dicionário Biográfico, maçonicamente por uma enumeração cheia de todas as suas dignidades, incluindo fotografias de seus diplomas mais brilhantes e a correspondência impressa dos Grãos Mestres e de outros potentados exaltados da grande Fraternidade. Seria difícil, entretanto, em último respeito, descobrir muito mais exaltados do que ele mesmo, porque antes de sua demissão ele era Secretário da Loja Savonarola de Florença,

Venerável da Loja Giordano Bruno de Palmi, Soberano Grande Inspetor Geral, grau 33 do Rito Escocês Antigo e Aceito, Soberano Príncipe da Ordem (graus 33, 90, 95) do Rito de Mênfis e Misraim, Membro Ativo do Soberano Santuário da Ordem Oriental de Mênfis e Misraim de Nápoles, Inspetor das Lojas de Misraim das Calábrias e da Sicília, Membro Honorário do Grande Oriente Nacional do Haiti, Membro Ativo do Supremo Conselho Federal de Nápoles, Inspetor Geral de todas as Lojas Maçônicas das três Calábrias, Grão Mestre Perpétuo da Ordem Maçônica Oriental de Misraim ou Egito (grau 90) de Paris, Comandante da Ordem de Cavaleiro Defensores da Maçonaria Universal, Membro Honorário Perpétuo do Supremo Conselho Geral da Federação Italiana de Palermo, Inspetor Permanente e Soberano Delegado do Grande Diretório Central de Nápoles para Europa (Maçonaria Universal de Altos Graus) e, de acordo com seu retrato mais recente, Membro do Paládio Novo e Reformado. Que tal luminar poderia se retirar do firmamento da Fraternidade e não levar consigo a terceira parte das estrelas do céu, sobretudo de que o Grão Mestre Italiano poderia ter o desaforo de afirmar que nunca tinha ouvido e tinha somente descoberto o que era após alguma investigação, é matéria para a admiração ao mortal comum.

O professor Margiotta voltou à igreja de sua infância no outono de 1894 e a notícia de sua conversão diz ter sobrecarregado tanto a matriz da Maçonaria Italiana em Roma que os júbilos anuais do 20 setembro, quando Roma

se transformou na capital da Itália Unida e quando a Maçonaria Universal foi instituído em 1870, foram suspensos incontinenti. Meus leitores não prestarão muita atenção a esta declaração, porque não parece, na realidade, ter havido qualquer convulsão na Ordem. Havia certamente mais júbilo em Jerusalém do que lamentação nas barracas de Cedron. O Senhor Margiotta era o receptor de felicitações lisonjeiras de eminentes prelados. O bispo de Grenoble saúda-o como "meu caro amigo". O patriarca de Jerusalém convida-o a tomar coragem, porque está prestando um alto serviço à humanidade, trabalhar sob o flagelo do praga maçônica. O bispo de Montauban expressa seus sentimentos vívidos e inteira devoção; o arcebispo de Aix considera as revelações até à data de grande importância para a igreja. O bispo de Limoges elogia e abençoa os livros do Sr. Margiotta. O bispo de Mende demonstra do mesmo modo seu entusiasmo que toma forma em superlativos. O cardeal arcebispo de Bordéus aplaude a intenção e o esforço. Os Bispos de Tarentaise, de Oran, de Pamiers e de Annecy engrossam o coro por sua vez e Sua Santidade o Papa pessoalmente emite sua Bênção Apostólica sobre o selo de Pedro.

Por que o Senhor Margiotta abandonou o Paladismo e a Maçonaria? Não foi porque estas instituições eram devotadas ao culto de Lúcifer, porque eu não creio que ficou escandalizado por esse fato no momento em que parece ter tomado conhecimento dele. Não foi por causa dos sacrilégios e da indecência pública que caracterizavam os

rituais de iniciação no caso da Ordem Paladiana, porque ele não expressa zelosamente essa acusação. Não foi, tanto quanto pode ser observado, porque temeu pela segurança de sua alma. Não nos fornece uma narrativa doentia e suspeita dos sentimentos que o conduziram a sua conversão ou aos êxtases interiores que a seguiram. Não menciona que foi receptor de uma benevolência especial ou de uma iluminação repentina. Cessou de acreditar em Lúcifer como o Deus bom porque, feito isso, permitiria à Maçonaria submeter-se a "direção suprema de um personagem desprezado que é o último dos trapaceiros." Ou seja, o Senhor Domênico Margiotta tem uma forte repugnância para com o Senhor Adriano Lemmi. Desejou por muito tempo e seriamente que a Maçonaria "vomitasse-o" de seu peito, mas como isto não aconteceu, o Senhor Margiotta decidiu vomitar ele próprio. Agora, quando um homem abraça a religião, supõe-se que perdoa seus inimigos para fazer-lhes o bem ao invés de odiá-los, para evitar a propagação de escândalos e, quando não puder falar bem, não dizer nada, mas esta não é a qualidade especial de benevolência que o une ao segundo 33 que saiu da Maçonaria para expor e revelar a Ordem.

As duas narrativas que compreendem a exposição em questão são intituladas respectivamente, *Adriano Lemmi: Chefe Supremo da Maçonaria*, e *Paladismo, o Culto de Satã-Lúcifer*. Ambos os livros contêm uma destituição violenta do Grão Mestre italiano, que, se nos interessasse, não nos convenceria. Suas questões básicas vão mostrar que

na sua juventude Lemmi era culpado de um desfalque em Marselha e que sofreu nas mãos da justiça. Que viveu a vida de um Guzman d'Alfarache, suficientemente romântica para desculpar uma ofensa que deveria ser apagada com sua penalidade, supondo-se que a alegação seja verdadeira. Que se achava subsequentemente em Constantinopla, onde foi jogado entre judeus e acusado de cometer um crime ainda mais terrível. Ele, de fato, transformou-se em um prosélito do judaísmo e sofreu o rito da circuncisão. É descrito mais tarde como um conspirador político, um agente e amigo de Mazzini, de Kossuth e dos patriotas da Revolução, a quem torna responsável pelas inumeráveis vilanias que o conectam com o apóstolo da dinamite. Podemos ignorar ligeiramente esses assuntos, nem precisamos nos atrasar para inquirir depois de que maneira Adriano Lemmi pode ter acumulado a riqueza que possui, nem que perguntas a respeito de um monopólio de tabaco podem ter sido levantadas ou derrubadas no Parlamento italiano. Todos esses pontos, incluindo o próprio Senhor Lemmi, são tão pouco conhecidos e recentes na Inglaterra e estão completamente fora de nosso assunto, exceto na medida em que exibem os métodos de seu acusador que, certamente, são tão desagradáveis em sua natureza indo longe demais para isentar o propósito deles. O Senhor Margiotta, em todo caso, incorre tão claramente no erro e é completamente tão virulento a ponto de incluir a inferência da animosidade pessoal quase na região da certeza. Alguém poderia ser tentado consequentemente a aceitar a explicação oferecida

pela vítima de que o escândalo de Marselha pode ter sido uma confusão de identidade e, por sua negação explícita, de que nunca se submeteu ao rito da iniciação judaica. Além disso, acredito que representarei a opinião de ingleses tolerantes quando digo que insultar e abusar de um homem por adotar outra fé, porém oposta à nossa própria, e mesmo ridícula, é um método odioso de controvérsia, e para mim vejo pouco entre escolher um prosélito do judaísmo, um maçom renegado e um católico romano destituído.

O verdadeiro segredo do caso Margiotta-Lemmi, penso eu, não transpira nas narrativas com que estamos relacionados. Digo que há um elemento oculto que deve, entretanto, ser assumido, se devemos explicar razoavelmente a exposição de tal rancor extremo. Um homem honorável pode contestar a jurisdição de uma pessoa que considere como um ladrão condenado, mas não o leva a cabo geralmente com a violência do ódio pessoal. Agora, em 1888, o Senhor Margiotta foi candidato ao parlamento italiano e atribui seu fracasso à hostilidade de Lemmi, que, incitado por tendências galofóbicas, usou sua influência para acusar uma pessoa que era aceita pela nação francesa. Eu alego que isto nos ajuda a compreender a animosidade do maçom convertido e a dimensão a que a levou. A respeito de todo o resto, Margiotta exhibe a franqueza mais perfeita e dá o melhor de si todo o tempo para substanciar suas declarações através de evidências documentais formidáveis. Eu repito então, que apesar de muito lamentar sua acrimônia, ele permanece uma testemunha das mais

importantes à existência da Maçonaria Universal, à existência do Paládio Reformado, à transferência da supremacia maçônica na morte de Albert Pike ao Grão Mestre italiano e à separação no campo que se seguiu. Reivindica igualmente que está familiarizado pessoalmente com a Srta. Diana Vaughan. Exalta suas virtudes inumeráveis nas páginas de escrita eloquente. Avança tanto a ponto de fotografar o envelope de uma carta registrada que postou em Palmi, na Calábria, endereçada a essa senhora em Londres. Substancia indiretamente a narrativa de Carbuccia por um relato longo de suas transações pessoais com Giambattista Pessina, descendo aos detalhes mais curiosos. Publica o alfabeto secreto do Paládio, espécimes das litâneas dirigidas ao deus bom Lúcifer e de hinos de tendência ambígua atribuídos a Albert Pike. Finalmente, admite inteiramente o caráter satânico da iniciação maçônica perfeita e contribui com um capítulo longo para inchar nosso conhecimento recente sobre o assunto das "aparições de Satã."

A respeito da Maçonaria Universal, ao anunciar sua demissão e conversão a um oficial da Loja Giordano Bruno, em Palmi, o Senhor Margiotta lhe revela que ele e seus irmãos são governados, sem o saber, por um rito supremo e que ele, o próprio Margiotta, Venerável da Loja referiu-se como sendo um verdadeiro eleito e perfeito iniciado, ter constituído a ligação da conexão entre a Maçonaria comum de Palmi e esse poder central e insuspeito. Na mesma ocasião endereçou uma longa carta a Srta. Vaughan em que

afirma que nunca agiu como um maçom honesto, fiel à ortodoxia e tendo a causa de Charleston no coração. Agora, as circunstâncias que ocasionaram essas declarações e a boa fé que parece caracterizá-las são testemunho presuntivo a sua verdade. Na ausência de qualquer evidência e somente em considerações *a priori*, seria intolerável sugerir que seu autor, ao anunciar suas novas opiniões sobre um assunto solene, fosse culpado de decepção intencional.

A centralização da Maçonaria Universal em uma ordem conhecida como Paládio Novo e Reformado, com Albert Pike à frente, é apoiada pela citação de um documento datado 12 de setembro de 1874 nomeando uma autoridade de Charleston para a constituição de uma federação secreta de Maçons judeus, com um centro em Hamburgo, sob o título de Soberano Conselho Patriarcal. Não é o único documento que emana do "Diretório Dogmático" que é impresso pelo Senhor Margiotta, mas os outros não são completamente novos, tendo alguns aparecido previamente nas memórias do Dr. Bataille. As opiniões Luciferianas de Albert Pike são exibidas claramente em uma carta endereçada por ele ao Senhor Rapisardi, famoso em todo o Itália, que leu seu poema "Lúcifer," que o Senhor Margiotta afirma ter sido escrito segundo a sugestão do Grão Mestre americano.

Mas, possivelmente, a evidência mais forte é menos documentável: o relato minucioso da guerra empreendida pelo Senhor Margiotta e outros maçons italianos, em que foram ajudados pela Srta. Vaughan, para impedir a ascensão

de Lemmi ao soberano pontificado após a morte de Albert Pike e transferência do centro para Roma, parece carregar em sua superfície um sinal razoável de não ser uma narrativa inventada. Certamente, o primeiro impulso ao ler o testemunho é a conclusão de que a negação das alegações principais já não é possível. Uma análise minuciosa, entretanto, revela suficiente chão para autorizar um julgamento diferente. Em primeiro lugar, visto que o Senhor Margiotta proclama o poder supremo do Paládio Reformado, os documentos que menciona em sua sustentação são, geralmente, originais do Rito Escocês Antigo e Aceito, sobre a imensa jurisdição de que não há nenhuma pergunta. Em segundo lugar, a autoridade de Albert Pike, como é visto na maioria dos originais, está em virtude não do Paládio, mas da posição dele como o Chefe Supremo do Conselho Mãe do Rito Escocês Antigo e Aceito. O que o Senhor Margiotta denomina Maçonaria Universal não é o Paládio afinal, mas simplesmente o Rito Escocês. Um de seus próprios diplomas, reproduzido na página 120 do livro *Adriano Lemmi* é prova positiva disso e em virtude da difusão universal desse Rito ninguém lhe negaria o nome. Em terceiro lugar, os originais do Senhor Margiotta a respeito do Paládio não merecem confiança, porque em primeira instância uma imposição brutal foi praticada provavelmente contra ele e pode ter sido iludido em outros. Consequentemente, embora possa ser um membro de uma sociedade denominada Paládio Novo e Reformado, pode não possuir a jurisdição ou a história para

as quais finge. Em quarto lugar, nego que os Grandes Diretórios Centrais de que eu dei os detalhes, derivados do Senhor Margiotta, em meu segundo capítulo, sejam de alguma forma diretórios do Paládio. Diz-se que o de Nápoles para Europa tem vinte e sete províncias triangulares, uma das quais é Manchester e o Sr. John Yarker é o Grão Mestre Provincial. Agora, eu tenho o próprio testemunho escrito do Sr. Yarker que nunca ouviu falar do Paládio até que o relatório dele veio da França. O Sr. Yarker é um membro do 33º grau do Rito Escocês Antigo e Aceito e é igualmente o Grão Mestre do único corpo legítimo do Supremo Rito Oriental de Mênfis e Misraim na Inglaterra, Escócia e Irlanda. Além disso, na maioria de países Maçônicos do mundo, é Grão Mestre Honorário ou Membro Honorário no 95º de Mênfis, no 90º de Misraim e 33º no Rito Escocês, a última sociedade honorária que inclui corpos sob o regime de Pike assim como seus oponentes. Ele se familiariza perfeitamente bem com a reivindicação do Supremo Conselho de Charleston ao poder supremo na Maçonaria e isso é uma usurpação baseada em uma falsificação. Em uma carta que teve a ocasião de endereçar há algum tempo a um sacerdote católico sobre este mesmo assunto, observa: "O finado Albert Pike de Charleston, como um maçom capaz, era indubitavelmente um Papa maçônico, que manteve as amarras de todos os Supremos Grandes Conselhos do mundo, incluindo os Supremos Grandes Conselhos da Inglaterra, Irlanda e Escócia, o primeiros dos quais inclui o

Príncipe de Gales, Senhor Lathom e outros pares, que estavam em aliança com ele e em real submissão. Sua introdução na América surgiu de um cisma temporário na França em 1762, quando Lacorne, um cafetão desacreditado pelo príncipe de Clermont, emitiu uma patente para um judeu chamado Stephen Morin. Algum tempo depois de 1802, uma falsa Constituição foi forjada e atribuída a Frederico, o grande da Prússia. Essa constituição dá poder aos membros do 33º grau de eleger-se para governar toda a Maçonaria e este costume é seguido. O bom sentimento da Maçonaria foi destruído perpetuamente em todo país onde o Rito Antigo e Aceito existe e deve ser assim na mesma natureza de suas reivindicações e de suas leis." O Sr. Yarker não tem nenhuma conexão com um Supremo Diretório Dogmático sob qualquer outra forma do que essa disputada, mas muito bem conhecida, suposição do Supremo Conselho de Charleston. O termo "Supremo Diretório Dogmático" não foi usado por Pike e a confiança desfrutada pelo americano nunca foi estendida a Lemmi, embora pudesse tê-la desejado. Então, ao invés de toda a Maçonaria ser governada por uma autoridade central desconhecida da maioria dos maçom, temos simplesmente uma falsa impressão de que não tenha nenhum efeito fora do Rito Escocês e de que todos os maçom podem saber se verificarem isso. Quando o Senhor Margiotta informou o oficial da Loja Giordano Bruno que representou secretamente uma autoridade central e desconhecida, é nesse sentido que devemos entendê-lo, quer dizer, ele

representou os interesses do Supremo Conselho de Charleston. Consequentemente, as revelações a respeito da "Maçonaria Universal" são um exagero fundamentado em um fato e a Ordem do Paládio, de que o Sr. Margiotta nos diz que é um membro, não é em todo caso o que aparenta. Foi sem dúvida imposto nele por meio de documentos forjados, como também em Leo Taxil e no Sr. Adolfo Ricoux. Os escritos que atribui a Albert Pike, e citado por Margiotta, como em outros casos, são roubados de Eliphas Lévi, inclusive o assim chamado alfabeto do Paládio. O documento principal em que nosso autor confia como a evidência para a existência de uma organização Maçônica internacional é certo *voûte de Protestation*, por parte de uma tal Loja-Mãe Lótus da Inglaterra, Templo secreto da rua Oxford, contra a transferência do Diretório Dogmático de Charleston para Roma, ao "Comitê Permanente de Protesto" sendo Alexander Graveson, Delegado Provincial da Filadélfia, EUA, V. F. Palácios, Delegado Provincial do México, e Diana Vaughan, Delegada Provincial de Nova York e do Brooklyn. O Senhor Domênico Margiotta foi totalmente enganado sobre esse documento. O que imprime como o original inglês em garantia de boa fé, lado a lado com uma tradução francesa, é um desajeitado e ridículo exemplo do "inglês como é escrito" e o francês é realmente o original. Eu acrescento alguns exemplos bem escolhidos: No trecho "To the Most Illustrious, Most Puissant, *Most Lightened Brothers... by right of Ancient and Members for life*, the Most Serene Grand College of Emerited Masons" as

palavras sublinhadas são um método francês de traduzir em inglês *"Très Eclairés Frères, à titre d'Anciens et de membres à vie e Maçons Emérites."* Outra vez: "The protesters numbered six-and-twenty, including twenty-five sovereign delegates present at the deed, and one sovereign delegate, *who could not stand by (ne peut être présent)*, but the *substitute of which wisely* and prudently abstained from the vote *at the first turn (au premier scrutin)* and threw a blank ticket at the second, *expound* (verbo regido por *protesters*) the acts and situation thence disastrously resulting for our holy cause."

Uma vez mais: "The present protesting *vault aims at the two ballots (vise les deux scrutins)*, and *requests to be proceeded* urgently to their annulment." Outra vez: "*The Charleston's Brothers...* have not acted in such a manner as to *forfeit the whole Masonry's esteem...* The direction *...has not discontinued to prove foresight...* It was unjust to transfer, etc., etc., e assim por diante por dezesseis páginas impressas que merecem certamente classificação entre as curiosidades da literatura. Esse é o documento precioso que aparece sob as assinaturas de Alexander Graveson e de Diana Vaughan, após o que submeto a meus leitores que o Sr. Domênico Margiotta pode ser despedido com todo seu arquivo de papéis, não como a si mesmo iludindo, mas como singularmente sujeito à decepção da qual, por outro lado, temos vários exemplos notáveis. Por exemplo, ele acredita ter desfrutado o alto privilégio de ver o Príncipe das Trevas em duas ocasiões distintas. A primeira foi em 1885,

em Castelnuovo di Garfagnana, em um velho e belo jardim murado pertencente a um maçom de alto grau chamado Orestes Cecchi, um amigo recente de Margiotta. Era de manhã e os dois maçom fumavam à sombra de uma árvore verdejante cercada por delícias florais. Margiotta era um espiritualista e um seguidor de Allan Kardec. Cecchi convertera-se ao Vedas e ao Ocultismo do Mundo Oriental. Conversavam sobre a possibilidade de transmigração. Um duvidava, outro afirmava. Cecchi, para convencer seu companheiro, informou-lhe que possuía um familiar que lhe aparecia invariavelmente sob a forma de uma cabra, mas que olhou nos olhos dela e teve certeza de que positivamente era o Grande Arquiteto do Universo! Para que não pairasse nenhuma dúvida sobre o assunto, Cecchi chamou seu familiar, que apareceu de repente e acariciou alegremente seu mestre, a cujo comando lambeu subsequentemente a mão do subjugado Sr. Margiotta, que se tornou vermelha e dolorida. Cecchi repreendeu divertidamente a aparição por não aparecer na forma humana e sugeriu o decore de assim fazer, mas o animal sabiamente inclinou-se e correu para longe incontinenti. Agora, eu submeto a meus leitores, esse Cecchi explorava seu amigo. Aquele animal domesticado apareceu chamado por seu dono em um jardim arborizado e esse Sr. Margiotta está se enganando quando finge acreditar que era o diabo.

A segunda experiência foi em Nápoles, sob o teto de Pessina, aproximadamente às dez e meia da noite, após uma reunião da Loja do Rito de Misraim. Então e lá, como um

assunto de cordial e bom companheirismo, o Grão Mestre Imperial obsequioso evocou um diabo para dar a evidência de sua realidade a Margiotta que, apesar do episódio da cabra, ainda posava como um indeciso Tomás. Isso foi feito através de uma garrafa de uísque da qual, após determinadas invocações e cerimônias mágicas, um vapor rosa levantou-se misteriosamente e tomou a forma de uma figura humana usando uma coroa dourada com uma estrela brilhante no meio. De acordo com o retrato que acompanha essa deliciosa narrativa, a aparição tinha as asas de um morcego e uma cauda bovina. Era Beffabuc, o familiar do mágico, que lhe implorou para iluminar o céptico, mas o último, de acordo com a aparição, foi protegido por um poder mais elevado e persuadido a não acreditar nele. O Senhor Margiotta dá os nomes de todos que estavam presentes na evocação, doze membros do grau 33, sem falar nas dignidades do Misraim. Submeto, entretanto, que o episódio da garrafa dividiria a pedra de Pedro, de que a ausência do Sr. Pessina por vinte minutos antes do desempenho, suprido com um pouco de ventriloquia e alguns acessórios Pepper explicariam tudo e que também há outra hipótese que deixarei ao discernimento de meus leitores e à qual eu apoio pessoalmente.

Nossa testemunha, em todo caso, não seria uma *persona grata* à Sociedade para a Pesquisa Psíquica. Como é violento em suas inimizade, é também crédulo nas maravilhas. Sua separação de Adriano Lemmi deve ser regida completamente fora do tribunal. Suas experiências

taumatúrgicas são artifícios insignificantes. Seu relato sobre Albert Pike é fartamente matéria emprestada. As práticas mágicas que atribui a Pessina são derivadas do Little Albert e de outros grimórios conhecidos. O mais que se depreende de sua narrativa é que certos maçom italianos, provavelmente ateus no fundo, posem como partidários de Satã simplesmente para acentuar suas mofas de todas as ideias religiosas, muito além da maneira de Voltaire em alguma de suas correspondências cínicas. É uma forma continental de gracejo e uma experiência artística em blasfêmia que é levada a sério pelo imprudente.

Mal posso esperar para acrescentar que a história do *Aut Diabolus aut Nihil*, que é aceita literalmente pelo doutor Bataille, é igualmente o assunto de reverente convicção por parte do Sr. Margiotta e como uma ilustração de seu talento de classificação denomina Adriano Lemmi um Mórmon porque, obtendo um divórcio, no curso do tempo contraiu outro matrimônio. Além disso, o testemunho muito forte que o Sr. Margiotta dá ao Dr. Bataille, diretamente pelo elogio e indiretamente pela citação, como também as relações íntimas que manteve com Diana Vaughan, faz seu valor como uma testemunha subordinada de Lúcifer fortemente baseada na credibilidade dessas pessoas, com consequências que aparecerão logo. Por fim, sua própria credibilidade pessoal parece seriamente em jogo quando fala "de províncias triangulares." Ele, e aqueles ligados a ele, podem sozinhos explicar o que isso significa, pois nunca existiram na maçonaria. O Sr. Yarker, que é o Grão Mestre

de tal província, nunca ouviu a expressão. O Sr. R. S. Brown, Grande Secretário Supremo Grande Capítulo do Real Arco da Escócia, igualmente nega todo o conhecimento disso que, de acordo com o Senhor Margiotta, fica situado em Edimburgo.

CAPÍTULO XI

MAÇONARIA FEMININA

Último na lista de nossas testemunhas recentes que ajudaram a criar a Questão Lúcifer, não realmente por último na ordem de tempo, mas o de menor importância para nossa finalidade é o Sr. A. C. de la Rive, autor de *A Mulher e A Criança na Maçonaria Universal*. Ele cumpre razoavelmente bem o pressuposto em seu título. Não finge ter vindo adiante da torrente turva do Satanismo e da Maçonaria que está levando multidões ao abismo e apagando templos e tronos em seu curso furioso. Ficou satisfeito, como uma pessoa sensata, de estar no banco ou à margem e assistir à raiva e ao fluxo. Não nos diz em qualquer lugar de sua narrativa que é um maçom. Não tem nenhum conhecimento pessoal com Satã. Não foi culpado de magia, nem participou de uma Missa Negra. Pertence a uma ordem completamente diferente de testemunhas e um livro autêntico, que não finge ser mais do que uma compilação cuidadosa de raras mas públicas fontes, enquanto nós pudermos todos submeter-nos à erudição de um francês que gastou de fato, em coletar seus materiais, o espaço quase desconhecido de doze meses. O resultado é descrito corretamente como "grande em oitava, 746 páginas" e é realmente uma parte inchada da cronologia Maçônica, excessiva e calamitosamente balanceado, mas ao mesmo tempo incontestavelmente útil. Começando com o

ano de 1730, vem até 1894 e pretendeu demonstrar a existência, nos dias atuais, "de Lojas Adotivas", onde a galanteria francesa forneceu um substituto barato para a Maçonaria e as senhoras tiveram o privilégio de participar. Um dos mais instruídos e ilustres escritores Maçônicos franceses, Jean-Marie Ragon, descreve tal androgenia ou Loja Feminina como "instituições amáveis", inventadas por uma pessoa desconhecida em algum momento antes de 1730, sob o nome de "divertimentos misteriosos," que parece os descrever exatamente e uma pessoa não pode ficar de outra maneira além de surpresa à extraordinária gravidade de pessoas nervosas e bem-intencionadas que lhes atribuem tal tremenda importância. Considerando que são a periferia da Maçonaria, os escritores como o Sr. De la Rive persistem em considerá-la como seu coração e centro, enquanto é igualmente em tais instituições que ele e outros de seu calibre esperam descobrir o Satanismo. Uma religião celibatária sempre suspeita da serpente próximo da mulher. Ele descobre o Satanismo adequadamente, lendo passagens convenientes e dando interpretações próprias entre parênteses, quando o texto não pode de outra maneira ser trabalhado. Assim adquire oráculos em toda parte e, para compelir Satanás, ele encontra o parêntese totalmente tão útil quanto o círculo da magia negra. É o método de um ilusionista, mas entre antimaçons franceses transita com elevado crédito. A questão da Maçonaria Feminina, aparte da Ordem do Paládio, está completamente fora de nosso assunto. Sua existência na Espanha é matéria de

conhecimento público e tenho a autoridade do Sr. Yarker para declarar que em determinados países, um de quais é na América do Sul, o Rito de Mônfis e Misraim e o Rito Escocês Antigo e Aceito têm, ambos, mulheres iniciadas até e inclusive o grau 33. Nenhuma Loja Adotiva existe ou seria tolerada na Inglaterra dentro da jurisdição das Grandes Lojas e se pode ser provado que a Ordem do Paládio inicia inglesas nos segredos da Maçonaria, isso é feito clandestinamente e desafiando nossas Constituições Maçônicas. Assim como o cismático Grande Oriente da França, o que quer que possa ser feito em segredo ou ser inventado em público neste ponto não tem nenhuma importância aqui, mas acrescentei este pequeno crédito merecidamente, para ser anexado na Inglaterra a quaisquer das assim chamadas revelações que de vez em quando vêm de Paris.

A respeito do Sr. de la Rive, aparte este assunto, somos incapazes de extrair de suas páginas qualquer coisa que seja fresco ou informativo a propósito de nosso questionamento. Apesar do retrato sensacional que blasona a página-título, onde um Bafomé completo está dirigindo uma Senhora Templária de decote através das colunas Jaquin e Boaz, não há uma única página na vasta compilação inteira que mostra alguma conexão entre o Satanismo e a Maçonaria até o fim, quando um hábil imposto é arrecadado no armazém mais vasto do doutor Bataille. O autor diz-nos bem claramente como a Maçonaria Adotiva surgiu, que ritos foram instituídos, que rituais publicaram, o que está contido

nestes e é tudo sólido e instrutivo. Seus fatos, como já indicado, são fatos emprestados, mas vêm de uma variedade de fontes e a pesquisa original é apenas o que se deveria esperar de um escritor contra quem as avenidas do conhecimento estão lacradas por falta de sua iniciação. Ele conclui, entretanto, que a Maçonaria Adotiva é Satânica pela intenção e que mesmo os orfanatos da Fraternidade são parte de um projeto profundo e infame para arruinar as crianças da humanidade e aperfeiçoar prosélitos para a perdição.

O aparecimento de *A Criança e A Mulher na Maçonaria Universal* foi saudada com aclamação nas colunas da *Revue Mensuelle*. Raramente o revisou em aborrecidas prestações e quando rever já não era possível, teve o recurso das tremendas citações. Como um último esforço, forneceu um índice exaustivo ao trabalho todo, uma ação caridosa e necessária porque a labuta dos doze meses do autor tinha expirado sem a realização deste meio útil de referência. E ainda, como oferta de ocasião, dá-lhe propaganda destacada.

Os métodos pitorescos das testemunhas precedentes são ampliados pelo Sr. de la Rive. Como o Dr. Bataille, diz-nos que A Ordem de Oddfellows, embora completamente distinta do Paladismo, é "essencialmente Luciferiana," mas ele não diz porque ou como, exemplo de método demonstrativo. Considera os judeus com ódio santo como ministros principais do Anticristo e caracteriza-os como aquela nação de que Judas era "um dos mais célebres

personagens", espécie de receita para a produção de ódio barato em grandes quantidades. Mas que tal Jesus, o Cristo, a quem os homens chamam Rei dos Judeus? Confie, Sr. de la Rive! Informa-nos que a Srta. Alice Booth, filha do General Booth, fundador do Exército da Salvação, é uma das primeiras Paladistas da Inglaterra, exemplo de absurda difamação que refuta a si mesma.

O Sr. de la Rive deve, então, em todos os relatos de sua evidência ser expulso do tribunal como testemunha. Ninguém nega a existência de Lojas Adotivas em alguns países e sob circunstâncias especiais e nenhuma pessoa sensata atribui-lhes qualquer importância. A Maçonaria como uma instituição não é condizente às mulheres mais do que é o críquete como esporte, mas desejariam ocasionalmente entrar nela como desejariam jogar críquete. A oportunidade foi-lhes oferecida, mas, exceto como um modismo, deu em nada. É, além disso, é de nenhuma importância a nosso questionamento se se pudesse mostrar que a verdadeira cabeça das Grandes Lojas da Inglaterra é a princesa de Gales e não seu marido real. Ao referir-se à existência da Adoração do Diabo, o Sr. de la Rive não tem nada de novo a dizer-nos e nada em primeira mão. Eu peço, conseqüentemente, licença para dispensá-lo, esperando que devotará outro ano laborioso à reedição de Rituais Maçônicos, autênticos ou não, a preço extremamente moderado que pede pelo seu primeiro volume. Os originais são escassos e caros e a astúcia é uma faculdade agradável. A interpretação que ele escolhe pôr neles é uma

interpretação de nenhuma consequência e pode nunca ter enganado qualquer um que não estivesse enganado em seu senso de valores.

CAPÍTULO XII

A PASSAGEM DO DOUTOR BATAILLE

A linha mais óbvia de crítica em relação às memórias intituladas *Le Diable au XIXe Siècle* seria a natureza absurda e impossível de suas narrativas sobrenaturais. Atribuir uma veracidade histórica às aventuras do Barão Munchausen poderia parecer mais sério do que aceitar esse testemunho como evidência de fenômenos transcendentais. Preciso dizer que considero este raciocínio como tão completamente sadio e aplicável que é quase desnecessário desenvolvê-lo. As aventuras pessoais do doutor Bataille, quanto a seu elemento sobrenatural, são tão transparentemente fabulosas que seria insuportável considerá-las sob qualquer outro ponto de vista. Que um macaco fale o Tamil está além dos limites da possibilidade. É impossível igualmente que um faquir ou uma pitonisa feminina com 152 anos deixem-se consumir vagarosamente pelo fogo. É impossível que qualquer asceta possa ter se mantido vivo em seus corpos sob as circunstâncias repugnantes que prevalecem dentro do alegado templo em Pondicherry. É impossível que alguém possa ter sobrevivido ao calvário que o Dr. Bataille finge ter sofrido em Calcutá, apreciado e até mesmo prolongado. É impossível que mesas e órgão possam ser encontrados suspensos de um teto no fim de uma sessão espírita. É impossível que a serpente de Sofia Walder possa ter sido tão comprida da maneira como

foi descrita. Quando digo que estas coisas são impossíveis, estou falando com a consideração devida às características dos fenômenos transcendentais e é do ponto de vista transcendental que eu as julgo. Os fenômenos transcendentais genuínos podem ir além dos limites aceitos de probabilidade, mas quando os fenômenos transcendentais alegados violam violentamente toda probabilidade, é a prova infalível da alucinação ou da mentira da parte daqueles que os declaram. Essas coisas não podem ter ocorrido como são narradas e o Dr. Bataille está explorando a ignorância dessa classe de leitores a quem sua modalidade de publicação apelou. Como produtos da sua imaginação, suas maravilhas são cruas e iletradas, ou seja, pertencem precisamente a esse tipo que é característico dos romances publicados a preço de centavos e quando empenha sua retidão a respeito deles não ganha nossa confiança, mas declara o baixo valor que fixa em seu produto.

Ao mesmo tempo, duas razões excluem-me de empregar um esforço adicional nessa linha de argumento. Em primeiro lugar, nós devemos recordar que seus iletrados leitores foram ensinados por seus instrutores religiosos a acreditar no poder ilimitado do Diabo e encontraram provavelmente na natureza ultrajante das narrativas um incentivo real para aceitá-las. Em segundo lugar, minha própria posição como um transcendentalista conecta-me menos ou mais com o reconhecimento de fenômenos transcendentais e distinguir os limites da possibilidade nessa matéria envolveria uma discussão técnica para a qual não há

nenhuma oportunidade aqui. Compreende-se, entretanto, que no interesse da ciência transcendental eu rejeito o elemento miraculoso nas memórias do Dr. Bataille.

Outra linha de crítica, igualmente aberta, conduzindo a resultados convincentes, enfatizaria a improbabilidade brilhante de toda história além do elemento milagroso. Não há nenhuma pretensão ilusória de probabilidade, por exemplo, na conexão instituída entre faquires e Maçons ou entre sociedades secretas na China e uma seita de Luciferianos em Charleston. Mas os partidários do Dr. Bataille estão preparados para acreditar em qualquer coisa da Maçonaria e negam a probabilidade porque negariam a impossibilidade. Alguns argumentos são incontestáveis por causa de sua estupidez e de tal defesa pretendo privar minha testemunha. Eu meramente registrarei meu reconhecimento, o que esta crítica obtém completamente. Pela mesma razão eu me referirei somente de passagem a outro assunto que é suficiente para remover essas memórias da região de realidade. Eriçam-se com o tipo das coincidências que são a conveniência comum dos maus escritores para criar ou escapar de situações e são rejeitados até mesmo pela ficção legítima, porque são falsos na vida. O dispositivo da coincidência é deixado atualmente a seus monopolistas verdadeiros, à Sociedade para a Pesquisa Psíquica e aos fabricantes da terrível literatura de centavos. As demandas irracionais, entretanto, são feitas disso pelo Dr. Bataille. Nunca em um predicamento desajeitado faz a coincidência falhar para ajudá-lo. Onde quer que vá ele cronometra sua

chegada para testemunhar algum evento ocasional e raro e o coloca imediatamente em comunicação com a pessoa indispensável cuja presença era antecipadamente improvável. A própria existência de suas memórias seria comprometida se o Anadyr tivesse aportado em Point-de-Galle imediatamente antes em vez de imediatamente depois da catástrofe que converteu Carbuccia. No início de sua missão contra a Maçonaria, a coincidência adaptou a doença da pitonisa cingalesa às exigências de sua data de chegada. Trouxe John Campbell a Pondicherry e Phileas Walder a Calcutá. Em Singapura, fixou uma instituição paládica no grau de Senhora Templária para corresponder com sua visita voadora na estrada a Shanghai. Agora, todas essas coincidências são excluídas na ficção e se perdem na comparação com a vida real, mas insistir nesse ponto não desilude os crentes no Dr. Bataille, que dirão que foi ajudado pela Providência. Nós devemos mostrar que os iludiu nos assuntos que admitem verificação, sobre determinados pontos de natureza ordinária por que podem ser colocadas além da região do debate e pelas quais a verdade de sua narrativa pode estar de pé ou cair. Eu me limitarei a este propósito a que afirma sua capacidade como uma testemunha ocular e a dois casos em destaque que podem ser tomados para representar o todo. Entre o resto, alguns estão no curso da investigação e tão longe quanto foram prometem resultados semelhantes. A localização de outros foi escolhida assim para confundir o questionamento e em um ou dois exemplos eu não obtive resultados. É

obviamente impossível mostrar que não há uma cabana nativa "em uma floresta densa e intransponível" a uma distância não identificada de Point-de-Galle ou que esta cabana não possua uma vasta câmara subterrânea. Quando não podemos confrontar nossa testemunha, devemos considerar o que nos diz à vista dos exemplos em que é possível comprovar solidamente. Entre resultados negativos, posso mencionar uma investigação da alegada morte de uma pessoa chamada George Shekleton em uma Loja Maçônica de Calcutá. O senhor John Lamberto, Comissário de Polícia nesse lugar, fez, muito cortesmente, investigações por minha sugestão, primeiramente na corte do juiz, mas os registros do ano de 1880 não mais existem. Em segundo lugar, entre os oficiais de polícia mais idosos, mas igualmente sem resultado. Eu recorri logo após ao Sr. Robert William Shekleton, inquirindo se qualquer parente de sua família havia morrido sob circunstâncias curiosas em Calcutá no ano 1880. Sua resposta é esta: "Eu nunca ouvi qualquer coisa sobre a morte de um George Shekleton em Calcutá. Meu irmão mais velho e o mais novo moraram ambos em Calcutá e se alguém do mesmo nome tivesse vivido lá deveriam ter tido notícias dele. Meu irmão mais jovem, Alexander Shekleton, morreu em Madras, em sua casa, assim como sua esposa e crianças de varíola confluyente; meu irmão mais idoso, Joseph, está ainda vivo." A presunção é, então, que a história da estranha fatalidade desse Carbuccia, que ocorreu em sua presença em uma Loja Maçônica é destituída de fundamento, mas eu considero o

resultado como negativo, porque é insuficiente como demonstração. Estou recorrendo a outros canais agora em operação, mas como não é um caso de teste e também não um evento que o Dr. Bataille reivindica ter testemunhado ele mesmo, é desnecessário aguardar o resultado.

Se o leitor olhar de relance agora as várias seções do sexto capítulo, encontrará que um dos mais importantes é o intitulado *Os Sete Templos e um Sabá no Seol*, onde o Dr. Bataille nos diz que testemunhou operações de magia negra por parte de Maçons do Paládio e de faquires diabólicos. A localidade era uma planície chamada Dappah, duas horas distante de Calcutá. Os detalhes dados a respeito dos edifícios na montanha de granito, mas mais especialmente a respeito de um cemitério aberto onde inumeráveis corpos humanos, misturados indiscriminadamente com os de animais e com o lixo da cidade, são deixados apodrecer sob o céu, não impressionará ninguém que esteja familiarizado com a Índia e com as imediações da capital e da sede do governo inglês, considerando isso com muitas características de probabilidade. Os fatos são os seguintes: um lugar chamado Dhappamanpour, e abreviadamente Dhappa, existe nas proximidades de Calcutá e o lixo da cidade é levado de fato por uma linha especial de estrada de ferro. Não há nenhuma montanha de granito e não há nenhum templo, sendo que o cemitério onde corpos humanos são arremessados ou o lugar onde os adeptos do Paládio pudessem celebrar um Sabá Negro e dar forma a uma corrente mágica com cadáveres pútridos - é um grande

lago que cobre uma área de trinta milhas quadradas e é conhecido pelos anglo-indianos como o Lago Saltwater. No ano de 1886, estava em curso de recuperação e tudo que o Dr. Bataille nos diz é especificamente falso e ele poderia nunca ter testemunhado lá as coisas que descreve como ocorridas no ano de 1880. O testemunho considerado neste assunto é uma história inventada.

Em consequência dessa falsa experiência em Calcutá, o Dr. Bataille finge ter sido admitido no círculo encantado do Paládio Novo e Reformado e foi qualificado consequentemente para estar presente na iniciação de uma Senhora Templária que ocorreu pouco depois em Singapura. Seu relato desta iniciação gira em torno de dois ou três pontos que não aparecem no sumário do sexto capítulo. Um destes é a existência de um Kadosch Areópago do Rito Escocês Antigo e Aceito. Mas, pelo menos no período em questão, não havia nenhum tal Areópago e o Rito Escocês não existia em Singapura. A única instituição maçônica era uma Grande Loja Distrital de Maçons Antigos e Aceitos da Inglaterra no Arquipélago Oriental, trabalhando sob a autorização da Grande Loja Inglesa, realizando comunicações semestrais e reuniões especiais quando o Grão Mestre do Distrito julgava necessário. Sua patente data de 3 de março de 1878 e o Grão Mestre do Distrito era, naquele tempo, o Hon. William H. Macleod Read. Três Lojas trabalharam sob sua jurisdição, duas das quais estavam em Singapura e uma em Penang, a uma das quais um Capítulo do Arco Real era ligado. É supérfluo dizer que

o diploma de Misraim de nosso autor não obteria sua admissão a nenhuma delas e não há pessoa aqui na Inglaterra que teria o desaforo de afirmar que poderia ter se saído melhor por causa de seu grau Paladiano. É suficiente, entretanto, afirmar que não havia nenhuma Loja do Rito Escocês Antigo e Aceito em Singapura à altura de sua visita. Mas a imposição não termina aqui. O Dr. Bataille não descreve meramente o que ocorreu em uma Loja que não existia, mas dá detalhes de um endereço entregue por um determinado Dr. Murray em uma reunião de que participara. Agora, na data em questão, não havia tal pessoa na cidade, em sua vizinhança ou em Penang. Há, felizmente, uma instituição entre nós que é denominada Museu Britânico e permite-nos verificar questões desse tipo. Além disso, quando descreve a reunião de Paladianos na capela presbiteriana - existia a tal capela por sinal - diz-nos que o Grão Mestre era chamado Spencer e que era um negociante de Singapura, mas não havia também tal pessoa na cidade ou em sua vizinhança naquele tempo e assim sua narrativa inteira, com seu ritual reproduzido de Leo Taxil, é demolido completamente. Eu submeto que estes dois exemplos são suficientes para indicar o tipo de homem com quem estamos tratando. Pode ser uma surpresa para meus leitores que mesmo um trabalho de imposição possa ter sido executado tão desajeitadamente a ponto de trair-se imediatamente diante de pouca e rápida pesquisa, mas devem se recordar que a classe de leitores franceses a quem a apelação do Dr. Bataille foi feita é tão ignorante de tudo que se refere ao

inglês que a habilidade não é exigida para explorá-los. É suficiente para injuriar os ingleses. Das qualificações do nosso autor tenho dado já alguns exemplos, mas não transmitem nenhuma ideia de seus recursos reais em matéria de abuso e de calúnia. Uma citação direta não seria fora de propósito aqui: "Onde quer que a influência religiosa possa fazer falta, lá a esposa e a empregada doméstica são a mais pura, a mais ingênua expressão da criação, tocando a ideia sintetizada pela mãe imaculada de Cristo, Virgem Maria. Ao contrário, na Inglaterra e ainda mais especialmente nas colônias inglesas, sob a influência perniciosa da heresia do protestante gerado por revoltas de inspiração verdadeiramente diabólicas, a esposa e a empregada doméstica são um tipo de opróbrio da humanidade. O exemplo, além disso, vem de um lugar exaltado, como é sabido. O mundo inteiro sabe que John Bull não se confessa e a história confidencial daquela a quem os indianos denominam "a velha senhora de Londres," entregue ao vício e à embriaguez desde sua juventude - Sua Majestade Wisque I." Eu fiz esta citação porque dá a oportunidade de dispensar com civilidade a discussão exercitada de um cavalheiro para outro, mas seria fora de lugar da parte de um cavalheiro que desse um castigo merecido a um patife repugnante e boca suja. Este é o lixo sem nome que se lança a respingar a Maçonaria. Abaixo, cão sujo, e para trás, comedor de carniça! O ajudante da Rainha, penso, desdenharia chicoteá-lo.

Deixando de lado essas difamações escandalosas e retornando ao assunto em tela, está claro que quando um escritor, que avança com um elenco de revelações surpreendentes, é mostrado como tendo inventado suas matérias com certos exemplos assinalados, torna-se supérfluo sujeitar seu testemunho inteiro a uma laboriosa peneira e não há realmente nenhuma desculpa para nos determos mais sobre as memórias do Dr. Bataille. Será supérfluo afirmar que minhas pesquisas não descobriram um templo desmantelado como aquele descrito em Pondicherry e afirmado estar em solo inglês junto à cidade francesa. É igualmente desnecessário dizer que a história das cavernas de Gibraltar é uma impostura total e absurda, pois, de fato, ele se trai. A literatura barata parisiense tem seus próprios métodos e seus fornecedores são astutos o bastante para saber que serão tolerados e desfrutados pela sua classe peculiar de consumidores. A toxicologia transcendental e uma indústria de ídolos operadas por criminosos que se intercomunicam por meio de Volapuque podem ser deixadas para eles.

Nem é necessário fazer mais do que um leve toque sobre um processo agradável de pirataria pelo qual o Dr. Bataille ilumina as labutas da autoria. Fez melhor do que qualquer outro entre as testemunhas de Lúcifer em suas catações de Eliphaz Lévi. À pág. 32 de seu primeiro volume há um descarado roubo a respeito da química da magia negra e há outro, pouco menos ousado, à pág. 67, sendo uma descrição de um ídolo Bafomético. Isto sem falar que a

Conjuração dos Quatro é importada, como outros a importaram, *do Ritual da Alta Magia*. O vestuário do mestre de cerimônias que oficiava no Santuário da Fênix, um dos templos míticos de Dhappa, é uma propriedade derivada da mesma maneira. Da mesma maneira é parte de uma abjuração mágica no relato de um Sabá no Seol. Finalmente, um método do adivinhação descrito em um lugar posterior (Vol. I., Pp. 343, 344) será encontrado em *História da Magia*, de Christian.

O artista que ilustrou as memórias atuou da mesma maneira. As duas figuras de Bafomé (Vol. I., págs. 9 e 89) são reproduções das gravuras de Lévi. A figura sabática (Ib., pág. 153) é uma modificação de Christian. A ideia original do demônio sombreado à pág. 201 será encontrada na mão sacerdotal de Levi que faz o sinal do esoterismo. As quatro figuras da urna paladiana à pág. 313 são plagiadas de forma similar. A ilustração à pág. 337, que pretende ser um símbolo gnóstico da divindade dual é, realmente, o frontispício de *Dogma da Alta Magia* de Lévi. A urna mágica à pág. 409 é o fac-símile de um objeto similar em outros desenhos de Lévi. Se valesse a pena continuar, o material para uma enumeração adicional está presente. Mas esses assuntos, apesar de tudo, são de momento inferior e para terminar a exposição desta testemunha, eu passo aos pontos finais de minha crítica.

O Dr. Bataille publica uma alegada Lista da Maçonaria de Alto Grau como existia em 1 de março de 1891 e esse documento é similar em vários aspectos a outra de uma data

ligeiramente anterior, produzido pelo Sr. Margiotta, dizendo ter sido preparada por Albert Pike pessoalmente. Inclui uma longa lista das pessoas então em conexão com o Supremo Diretório Dogmático como Inspetores Gerais "em missão permanente." É uma mistura bizarra que inclui as Ordens dos Druidas, os Mopses, os Oddfellows e os Mórmons Moabitas em sintonia com o Rito Escocês Antigo e Aceito, os Ritos de Mênfis e Misraim e o San-Ho-Hei. Como tal seria, em todo caso, uma grande imposição sobre a credulidade dos leitores fora das ruas periféricas de Paris. Mas decidi fazer alguns questionamentos entre os nomes ingleses mencionados. Por exemplo, o Sr. R. W. Shekleton, a quem já me referi, é dito, no período na pergunta, ter estado em correspondência oficial com o Diretório Dogmático, representando as relações especiais da Irlanda e, tendo chamado sua atenção para esse ponto, forneceu-me a seguinte contradição: "A indicação em sua carta, tomada do livro a que você recorre, de que eu estava no ano 91 em correspondência direta com o Supremo Diretório Dogmático de Charleston é totalmente falsa. Eu nunca nem mesmo ouvi falar de um corpo como o Supremo Diretório Dogmático ou do que é chamado o Paládio Novo e Reformado. A única comunicação que já tive com o general Albert Pike (a quem eu nunca vi) foi referente a uma questão do procedimento Maçônico na América. Tanto quanto estou ciente, a existência de qualquer um dos Corpos a que você se refere é desconhecida a qualquer Corpo Maçônico na Irlanda e posso, com quase certeza, fazer a mesma afirmação com

referência aos Maçons Ingleses e Escoceses. Sendo por quase vinte e sete anos a cabeça ativa da Ordem na Irlanda, posso falar com autoridade e você está liberado para, em meu nome, dar a contradição mais enfática às indicações citadas do livro. Tanto quanto estou ciente, o general Pike era nada mais que Soberano Grande Comandante do Supremo Conselho da 33^o Jurisdição Sulista da América."

O caso do Sr. John Yarker, Grão Mestre do Rito de Mênfis na Inglaterra, já tive a ocasião de mencionar sua negação explícita de qualquer conhecimento do Paládio Novo e Reformado, mas é incluído pelo Dr. Bataille em sua enumeração maravilhosa. Sobre a questão geral, o Sr. Yarker observa: a) Que o Rito Escocês ou o Rito Antigo e Aceito não tem nada de oculto nele, mas os ritos de Mênfis e de Misraim são puro ocultismo. b) Que Pike tem, entretanto, em suas conferências adicionado matérias desses ritos ocultos. c) Que Pike, como um homem muito capaz, governou o todo dos Supremos Grandes Conselhos do 33^o (Antigo e Aceito) e que quase todos se originaram de Charleston. d) Que esta é a única forma em que lá pode ser dito ter havido uma Direção Dogmática.

Da mesma maneira, o Sr. William Officer, de Edimburgo, um iniciado no Rito Escocês, Inspetor-Geral do Supremo Conselho do Grande Oriente francês e Membro Honorário do Grande Colégio de Ritos nega sua alegada conexão com qualquer Diretório Central e não ouviu nada de tal instituição.

Eu não concebo que haja qualquer motivo para encher espaço multiplicando essas negativas e preciso somente acrescentar que tenho outros igualmente explícitos em minha posse. A conclusão óbvia é que a alegada lista da Maçonaria de Altos Graus é um documento falso, baseado em algumas lista oficiais do Rito Escocês Antigo e Aceito.

Por último, há determinadas afirmações feitas pelo Dr. Bataille que autorizam a presunção que poderia ser pouco, eventualmente, seu conhecimento ativo do Rito de Mênfis. Que pode ter comprado um diploma de Pessina é bastante provável. O que descobri do Grão Mestre do Soberano Santuário Napolitano, com fontes não manchadas como aquelas das testemunhas de Lúcifer, não o colocam completamente acima de considerações financeiras, mas Pessina era e é totalmente não reconhecido por qualquer poder Maçônico no mundo das Oficinas Maçônicas. Até agora, conseqüentemente, tal diploma que atua como um *Abre-te Sésamo* selaria todas as portas para o seu proprietário e esta afirmação é verdadeira não somente para a Maçonaria de Ofício comum, mas também para a grande maioria das Lojas sob a obediência de Misraim. O Dr. Bataille não teria, conseqüentemente, muita oportunidade de participar desse Rito para o qual tinha comprado a entrada e, de fato, é completamente ignorante a respeito dele. Por exemplo, ele parece representar os Ritos Mênfis e Misraim como desfrutando do reconhecimento do Rito Escocês e o último como conscientemente subordinado e inferior, mas a posição é esta. O Mênfis reconhece o 33º do Antigo e

Aceito como seus primeiros passos e coloca 62 graus entre eles, que não são reconhecidos em retorno. O Misraim igualmente inclui o 33° do Rito Escocês, mas em um arranjo mais irregular, intercalando outros graus entre ele. O rito de Misraim de Pessina foi reduzido por ele de 90° a 33°, que são virtualmente aqueles do Rito Antigo e Aceito aproximado ao ensino do Misraim. Tão igualmente declara que o general Garibaldi era em 1860, e tinha sido assim por muitos anos anteriores, o Grão Mestre e Grande Hierofante do Rito de Mênfis para todos os países do globo. Isto é completamente falso, pois, de fato, Garibaldi sucedeu Jacques Etienne Marconis de Paris, tornando-se presidente de uma Confederação dos Ritos, provocada pelo Sr. John Yarker no ano de 1881. Antes desse período, era simplesmente um Grão Mestre Honorário do grupo de Pessina. Os artigos desse tratado, com uma cópia verdadeira de todas as assinaturas lançadas nele e com os selos dos Soberanos Santuários neles, está diante de mim enquanto escrevo. Eu posso declarar, em conclusão, que o Dr. Bataille igualmente representa uma farsa para ele mesmo, afirmando ter-se encontrado com o Sr. Yarker, que lhe disse que tinha aspirado pessoalmente à sucessão na morte de Garibaldi, coisa que o Sr. Yarker caracterizou como "uma trama infame."

Eu estou de posse de amplo material para ilustrar mais completamente as invenções maravilhosas produzidas por essa testemunha de Lúcifer, mas a fração dada aqui é suficiente para a finalidade atual.

CAPÍTULO XIII

DIANA REVELADA

A descoberta de Leo Taxil e de M. Ricoux tem uma testemunha restante na pessoa da Srta. Diana Vaughan. Como já vimos, é uma escritora de memórias e, a respeito de sua narrativa, já mostrei fundamentalmente determinadas linhas de crítica que puderam ser aplicadas com sucesso a elas. Devemos, obviamente, saber mais sobre essa senhora e tivemos a oportunidade de verificar os detalhes de sua vida passada antes de aceitar a declaração que escreveu quando recém-convertida, falando pela primeira vez o idioma de um cristão e de um católico. O elemento sobrenatural de suas memórias nem vale a pena discutir. Fosse digna do crédito, nós poderíamos exonerar sua veracidade pessoal, supondo que foi enganada sobre a aparição e alucinou na visão que a seguiu, mas proponho submeter a meus leitores evidências suficientes para justificar uma conclusão de que ela não merece nosso crédito e embora fora da deferência ao sexo dela, é desejável, tanto quanto pode ser possível, falar com a moderação. Devo estabelecer mais firmemente que o motivo que trai em suas memórias não é, em todos os aspectos, preferível àquele da testemunha precedente.

Será aconselhável, entretanto, distinguir essa parte da narrativa para a qual a Srta. Vaughan é evidente e pessoalmente responsável do que afirma ser derivada de seus antecedentes familiares. Devo distinguir entre eles, não

que eu esteja preparado para admitir, como uma consequência legítima de sua afirmação, que há toda uma diferença real ou que eu considere indiscutivelmente a Srta. Vaughan como tendo criado uma forte presunção de que está de posse dos documentos que reivindica ter. Estou simplesmente reconhecendo a classificação que ela mesma está apta para fazer. Se a esse respeito pode-se mostrar que confundi a posição real, farei a reparação devida por um homem de letras, cuja indignação razoável no meio de muita impostura, em tal caso, possa tê-lo enganado. Mas há somente um caminho aberto a Srta. Vaughan no assunto: produzir os documentos originais em que baseou sua narrativa para a opinião de investigadores ingleses competentes, caso em que a Srta. Vaughan esteja segura de ter estabelecido, não a verdade de seus antecedentes familiares, que são essencialmente além do estabelecimento, mas de sua boa fé em conexão com sua relação. Depois desta parcela pela qual é pessoalmente responsável e de qual não há fuga, ainda permanecerá indelével a carga de falsidade de sua narrativa.

Além de sua história pessoal, as memórias da Srta. Vaughan contêm: I. Uma biografia mendaz do místico inglês Thomas Vaughan. II. Uma história secreta da Fraternidade Inglesa dos Rosacruz e de sua conexão com a Maçonaria, que é igualmente uma fraude impudente. Os dois itens constituem uma das falsificações literárias mais curiosas que podem ser encontradas na gama inteira da literatura Hermética e a literatura Hermética, sabe-se, foi

enriquecida por muitos triunfos da invenção. Eu tratarei as narrativas abertamente na suposição provisória de que a Srta. Vaughan pessoalmente foi iludida a respeito delas. São baseadas em documentos familiares que ela disse estar agora na posse do Diretório Dogmático de Charleston. Já foram mencionados os fatos centrais que se procura estabelecer por meio desses papéis já em meu oitavo capítulo, a saber, que a Srta. Vaughan é um dos dois últimos descendentes do alquimista Thomas Vaughan. Que esse personagem fez um pacto com o Satã no ano de 1645, que sob o nome de Eirenaeus Philalethes escreveu o trabalho alquímico famoso intitulado *Uma Entrada Aberta ao Palácio Fechado do Rei* e que consumou uma união mística com Vênus Astarte, de que a Senhora Templária do Paládio é a última consequência. Para os fins dessas narrativas, o nascimento de Thomas Vaughan é situado no ano de 1612 e sua morte, ou antes translação, no ano de 1678. Na idade de quarenta e quatro anos, isto quer dizer em 1636, rumou para Londres e contatou o místico Robert Fludd, por quem foi iniciado no mais baixo grau da Fraternidade dos Rosacruz e recebeu uma carta de apresentação ao Grão Mestre Johann Valentin Andrae, que levou a Estutgard e apresentou. Em 1637, retornando a Londres, estava presente na morte de Robert Fludd que ocorreu nesse ano. Em 1638, fez sua primeira viagem a América, onde foi recebido com hospitalidade por um ministro protestante chamado John Cotton, mas sua visita não foi caracterizada por nenhuma ocorrência notável. Nesse período, o alquimista é

representado por sua descendente como um Puritano impregnado com a doutrina secreta de Robert Fludd. Em 1639, Vaughan retornou à Inglaterra, mas foi atraído imediatamente para a Dinamarca pela descoberta de um chifre dourado decorado com figuras misteriosas, que ele e seus colegas de alquimia supuseram tipificar a busca pela pedra filosofal. Na idade de vinte e oito, Vaughan fez novos progressos na Fraternidade Rosacruz, sendo elevado ao grau de *Adeptus Minor* por Amos Komenski, no mesmo ano em que Elias Ashmole entrou na Ordem. Acompanhado de Komenski, Vaughan foi até Hamburgo, dali sozinho para a Suíça e subsequentemente para Haia, onde iniciou Martin de Vriès. Um ano mais tarde, visitou a Itália e travou conhecimento com Berigard de Pisa. Para a Srta. Vaughan, esta era uma peregrinação piedosa que demonstrava sua devoção a Faustus Socinus, conforme seus documentos, considerando o herético italiano não somente como um Satanista consciente, mas como o fundador da Sociedade Rosacruz e o iniciador de Johann Valentin Andrew, que igualmente converteu-se a Lúcifer. Em seu retorno, Thomas Vaughan permaneceu um curto período de tempo na França, onde concebeu o projeto de organizar a Maçonaria como existe nos dias atuais e lá igualmente ocorreu-lhe que as Guildas dos Companheiros pudessem ser a matéria-prima. Quando, entretanto, retornou a Inglaterra, concluiu que os Maçons Honorários ou Aceitos recebidos pelas guildas Maçônicas da Inglaterra pudessem servir melhor ao propósito deles. Alguns destes já eram Rosacrucianos e

entre eles decidiu trabalhar. No ano de 1644, presidiu uma assembleia Rosacruziana em que Ashmole estava presente. Nesse tempo, afirma-se igualmente que Oliver Cromwell era um Maçom Aceito e foi por sua intervenção que, um ano mais tarde, Thomas Vaughan foi substituído para ser o carrasco na execução do Arcebispo Laud, para o propósito já descrito. Foi depois de seu pacto com Lúcifer que o alquimista escreveu *Uma Entrada Aberta*. Sua atividade na causa Rosacruziana tornou-se então prodigiosa e os seguidores de Socinus, todos implicados aparentemente no Satanismo de seu mestre, começaram a inchar os quadros dos Maçons Aceitos. Nesse tempo, igualmente, começou sua colaboração com Ashmole para a composição das classes de Aprendiz, Companheiro e Mestre, quer dizer, para a instituição da Maçonaria Simbólica. Em 1646, visitou outra vez a América e consumou sua união mística, como narrada no oitavo capítulo. Em 1648, retornou à Inglaterra e um ano mais tarde concluiu as bases para o grau de Mestre, já que o de Companheiro havia sido produzido durante sua ausência, mas segundo as indicações dadas por ele a Elias Ashmole. Em 1650, começou a escrever seus escritos Rosacruzianos e alquímicos, a saber, *AnthropoSofia Theomagica e Anima Magica Abscondita*, seguido por *Lumen Lumine* e por *Aula Lucis* em 1651. O Grão Mestre Rosacruziano Andreae morreu em 1654 e foi sucedido por Thomas Vaughan, cuja etapa seguinte foi a publicação de seu trabalho intitulado *Eufrates*, ou *As Águas do Leste*. Em 1656, diz ter publicado os trabalhos completos de Socinus,

dois volumes in-fólio na coleção intitulada *Biblioteca Fratrum Polonorum*. Três anos mais tarde, apareceu sua *Fraternidade de R. C.* e em 1664, a *Medula Alchymiae*. Em 1667, decidiu publicar *Uma Entrada Aberta*, cujo manuscrito lhe foi devolvido pelo editor Langius após a impressão e foi anotado subsequentemente da forma que mencionei previamente. Durante o princípio do mesmo ano, Vaughan converteu Helvetius, médico célebre de Haia, que por sua vez tornou-se Grão Mestre da Fraternidade Rosacruz. Em 1668, publicou suas *Experiências com Mercúrio Filosofal* e *Tractatus Tres*, enquanto dez anos mais tarde, em 1678, o ano de sua translação infernal, produziu sua edição de *Ripley Revived* e o *Enarratio Trium Gebri*. Do começo ao fim, geral e particularmente, a narrativa que resumi acima é uma total e planejada impostura, nem qualquer epíteto seriam tão severo e inútil a respeito de quem seja a pessoa que a inventou, porque enfurece o morto sagrado, em particular ao maior dos místicos ingleses, Thomas Vaughan, e ao maior dos místicos físicos ingleses, Eirenaeus Philalethes. A história mentirosa confunde duas pessoas inteiramente distintas, Eugenius e Eirenaes Philalethes. É verdade que essa confusão foi feita frequentemente e é verdade igualmente que, no início de minha pesquisa na arqueologia da literatura hermética, fui uma de suas vítimas e por isso fui agudamente obrigado a registrar o erro por aqueles que conheciam melhor o assunto. Mas um jovem investigador sozinho, equipado imperfeitamente, têm uma desculpa que o

exonera pelo menos de uma intenção maliciosa. É de outra maneira com uma história familiar simulada. Quando documentos desse tipo reproduzem asneiras que são perdoáveis à ignorância apenas e sobre um assunto em que duas opiniões já não são possíveis, está absolutamente certo que tais originais não são o que afirmam ser ou foram fabricados e a fabricação de papéis históricos é essencialmente um trabalho de malícia. Além disso, quando tais falsificações em seu conteúdo acusam pessoas há muito tempo falecidas na prática dos mais infames crimes, são um trabalho de malícia diabólica e este é um julgamento moderadamente expresso no caso em tela. Thomas Vaughan, ou Eugenius Philalethes, nasceu no ano de 1621 em Newton, Brecknockshire. A aceita e correta autoridade para esta afirmação é a *Athenae Oxonienses*, de Anthony Wood, mas não é a única autoridade e se não for bom bastante para a Srta. Vaughan, pode usar em seu lugar as exaustivas pesquisas do Rev. A. B. Grosart, cuja edição dos trabalhos do silurista Henry Vaughan provavelmente nem foram vistos nem ouvidos por essa mulher imprudente, da mesma forma que é ignorante na maioria de elementos essenciais das matérias que presume tratar. A autoridade de um erudito laborioso como o Dr. Grosart será provavelmente de maior peso do que a narrativa suja de uma fabricante de memórias paladistaque não apresentou tais documentos. Partindo da data de seu nascimento, ocorre que no ano de 1636 Thomas Vaughan estava ainda no período de estudante, nem mesmo com idade suficiente para

começar uma carreira na faculdade. Não poderia, como alegado, ter visitado Fludd, o ilustre místico de Kent, em Londres, nem estaria maduro para a iniciação, admitindo que Fludd pudesse tê-la oferecida. Da mesma forma, Andreae, supondo que fosse Grão Mestre dos Rosacrucianos, não daria boas-vindas a um jovem de quinze anos, admitindo que naqueles dias fosse provável que viajasse de Londres a Stutgard, mas recomendaria a ele retornar a seus estudos. A primeira viagem a América e todos os primeiros incidentes da narrativa são falsos pela mesma razão. Em vez de vagar pela Dinamarca, Haia e Suíça, iniciando e sendo iniciado, festejava um curso em Oxford. Em lugar das falsas peregrinações ao Santuário de Socinus, preparava-se para ordenar-se na Igreja Inglesa e a narrativa falsa de sua mocidade é igualmente falsa sobre sua maturidade. Após receber as Ordens Sagradas, retornou a sua vila nativa e cuidou de suas almas. Nunca foi um Puritano, nunca foi amigo de Cromwell. Era um alto clérigo e um Realista e foi banido porque inimigos políticos o acusaram de pegar em armas pelo Rei. Nunca viajou. Pelo contrário, casou-se, cujo período é desconhecido, mas sua terna devoção a sua esposa é comemorada no verso das páginas de um manuscrito alquímico autografado, agora no Museu Britânico, que, além disso, desmente em cada linha e palavra a Luciferiana impostura dos documentos Paris-América, por sua aspiração religiosa apaixonada e por seu amor devotado a Cristo.

Quando Vaughan veio para Londres, não estava familiarizado com o inglês, apesar de sua carreira em Oxford, porque era um homem que falava o galês. Quando começou a escrever livros, desculpou-se por sua inábil dicção. Acentua igualmente sua juventude, que seria aceitável à idade de vinte e oito, mas seria absurda em um escritor que se aproximava dos quarenta anos. Este ponto pode ser verificado por qualquer um que recorrer a minha edição de *AnthropoSofia Theomagica*, de Vaughan. Os trabalhos de Thomas Vaughan, além de *AnthropoSofia Theomagica* são *Anima Magica Abscondita*, publicado em 1650; *Magia Adâmica*, de 1650, aparentemente esquecido "pelos documentos autênticos" da Srta. Vaughan, como são igualmente *O Homem-Rato* e *A Segunda Lavagem* ou *As Sátiras de Moore limpas uma vez mais*, sátiras de Henry More, escritas em resposta a esse Platonista que lhe havia atacado os livros anteriores. Estes pertencem ao ano 1651, como igualmente é *Lumen de Lumine*; *A Fama e a Confissão da Fraternidade R. C.* apareceu em 1652, não 1659, como "a história familiar" afirma; *Aula Lucis*, 1652 (não 1651); *Eufrates*, 1655. O que é óbvio em toda parte nesses pequenos e inestimáveis livros é a devoção de um místico verdadeiro a Jesus Cristo e presenteá-lo com a interpretação sórdida de um culto franco-luciferiano é mais ou menos como se fosse possível atribuir uma intenção cristã às calúnias dos documentos da Srta. Vaughan.

No ano de 1665, na casa do reitor de Albury, uma experiência química com mercúrio custou ao alquimista

galês sua vida e foi enterrado no átrio dessa vila em Oxfordshire.

Então está claro que os maravilhosos arquivos da Srta. Vaughan dão uma história falsa de Eugenius Philalethes, mas são igualmente falsos sobre Eirenaes. É falso que este adepto do misterioso, cuja identidade nunca foi divulgada, nasceu em 1612: nasceu uns dez anos mais tarde.

A fonte de ambas as datas é *A Entrada Aberta para o Palácio Fechado do Rei*; mas o que a Srta. Vaughan patrocina é baseado em uma leitura corrompida de uma versão ruim e, evidentemente, ela nunca viu o original e a melhor das impressões latinas, de Langius, embora tenha a presunção de mencioná-la. Essa edição estabelece que escreveu o tratado no ano de 1645, o vigésimo terceiro ano de sua vida, de onde se deduz que nasceu provavelmente em 1622 e a história inventada pela Srta. Vaughan é mais um desajuste: está pondo roupas de homem em um menino. Além disso, não há um artigo dela nas declarações a respeito de *A Entrada Aberta* que não é direta e comprovadamente falsa. Não foi impressa, como indica, sob a supervisão do autor. Não foi impressa do manuscrito original, nem era o manuscrito devolvido a Philalethes após tê-lo submetido para impressão. É vergonhoso para qualquer pessoa, homem ou mulher, além de insignificante, considerar justa sua própria fama para violar tão abertamente os cânones da honra literária, fazendo declarações dogmáticas a respeito de um trabalho que pode nunca ter visto. O prefácio dessa edição de Langius refuta completamente a Srta. Vaughan.

Eis aqui a passagem em questão: "Verdadeiramente quem ou que tipo da pessoa foi autor desta doçura, que é este trabalho, sei não mais do que aquele que é mais ignorante, nem, desde que ele mesmo escondeu seu nome, pretendo investigar profundamente, a fim de que eu não ganhe seu descontentamento." Outra vez: "Selecionar as rosas dos arbustos mais espinhosos da escrita e fazer o elixir dos filósofos por sua própria indústria, sem qualquer tutor e aos vinte e três anos de idade, esse privilégio não foi concedido a alguém, ou à grande minoria até aqui." Langius, além disso, deplora explicitamente o fato de não imprimir de um manuscrito original. Imprimiu de uma tradução do latim, trabalho de mão desconhecida que o possuiu, como nos diz, de um homem versado em tais matérias. O original falso da Srta. Vaughan, com suas leituras marginais desprezíveis, é obviamente uma cópia em latim, qualquer que seja sua história em contrário. O documento estava em inglês e quando Langius lamentava sua perda, "um transcrito, escrito provavelmente da cópia de autor, ou muito pouco corrompido," estava de posse do livreiro William Copper, de Little Saint Bartholomews, perto de Little Britain, na cidade de Londres, que a publicou no ano de 1669 para corrigir as imperfeições da edição de Amsterdã. Essa cópia igualmente estabelece *que Entrada Aberta* foi escrita quando o autor estava em seu vigésimo terceiro ano.

De fato, Philalethes não parece ter supervisionado a publicação de quaisquer de seus escritos e, aqui, a Srta. Vaughan exhibe outra vez sua ignorância imperdoável a

respeito dos trabalhos com que está lidando. Para mostrar que seu suposto antepassado estava vivo após a data aceita da morte de Thomas Vaughan, ela triunfalmente observa que no ano de 1668 publicou suas experiências na preparação do *Mercúrio Sófico* e do *Tractatus Tres*. Mas o último volume era uma pirataria, porque em seu prefácio a *Ripley Revived*, o autor expressa suas lamentações porque dois de seus três tratados tinham sumido de suas mãos e temia porque não deveriam ser impressos, pois eram trabalhos imperfeitos que precederam o período de conhecimento sólido que produziu *Entrada Aberta*. Além disso, tampouco foi consultado sobre o lançamento de *Mercury Sófico*, que o impressor apresenta como o trabalho de um filósofo americano, creditado a George Starkey.

Eirenæus Philalethes era indubitavelmente um grande viajante e visitou a América, mas não há bases para admitir que esteve alguma vez na Itália e a afirmação de que ele ou Thomas Vaughan editou os trabalhos de Socinus é uma ficção ignorante, para o que mesmo a Srta. Vaughan não pôde encontrar nenhuma melhor garantia do que o lugar evasivo da publicação que figura na página-título da Biblioteca *Fratrum Polonorum*, a saber, Eirenaeopolis. Da mesma maneira credita-o erroneamente com a autoria da *Medula Alchemiae*, que é trabalho de Eirenaeus Philoponos Philalethes, ou George Starkey.

Estes fatos estabelecem inteiramente a natureza fraudulenta da história familiar da Srta. Vaughan, por quem quer que a tenha planejado e, vendo que onde é possível a

verificação, divaga a todo momento, precisamos não ter nenhuma hesitação em rejeitar a informação que fornece nos casos que não podem ser confirmados. A conexão de Faustus Socinus com a Fraternidade Rosacruziana, como fundador, é um exemplo. Esta é uma extensão da impostura de Abbé Lefranc em seu *Véu Erguido para o Curioso* e baseia-se, como seu original, em nenhuma evidência que possa ser seguida. Outro é o *Império Rosacruziano*, de Andreae, e ainda outro, a iniciação de Robert Fludd. Além disso, a conexão de Philalethes com John Frederick Helvetius é baseada somente na especulação e de Ashmole com a instituição da Maçonaria Simbólica nunca foi mais do que hipótese e não muito merecedora disso. Eu lamento acrescentar que, sob a autoridade de seus falsos documentos, a Srta. Vaughan deu moeda corrente a um boato de que o fundador do Museu Ashmoleano envenenou sua primeira esposa. Ela merece a reprovação mais severa por não testar seu material antes de tornar público essa suja difamação. Além disso, na parcela do material que está relacionado com seus antecedentes familiares, não se descarta a alteração no sentido de livros impressos. Os adoradores de Lúcifer são representados invariavelmente com a denominação de sua divindade como o "bom Deus – Dieu bon – ou nosso Deus – notre Dieu – para distingui-lo do Deus dos Adonitas e as referências feitas à deidade por Philalethes em *Entrada Aberta* é traduzida por ela fraudulentamente por esses equivalentes de Lúcifer, assim criando uma impressão nas mentes dos ignorantes de que

não está falando da divindade verdadeira. Depois disto, mal surpreenderá meus leitores que uma tradução falsa de um manuscrito de Gillermet de Beauregard, que afirma estar preservada nos arquivos do Soberano Conselho Patriarcal de Hamburgo, é simplesmente roubado de *Instruction à la France sur la vérité de l'Histoire des Frères de la Roze-Croix*, de Gabriel Naudé, que ridicularizou e insultou a Ordem. Eu submeto em conclusão que, em virtude dos fatos já eliciados, não vale a pena inquirir no valor do episódio relacionado com o assassinato judicial do arcebispo Laud e elaboradamente discutir que Oliver Cromwell foi a última pessoa na Inglaterra a ser implicada em tal acusação, ele, no período em questão, vivamente empregado em dar cheque em seu rei, que estava em Oxford, nos aposentos de inverno e não ter nem poder nem a oportunidade de intrometer-se nos detalhes de uma execução. O incidente, em poucas palavras, vale tanto e tão pouco quanto a história abominável do pacto subsequente com Lúcifer ou a tolice da união mística.

A investigação crítica dos alegados documentos da Srta. Vaughan que conduzem a estes resultados deve ser questionada tanto quanto as outras parcelas de sua narrativa suportarão a análise. Contanto que confinou a parte mais responsável de suas memórias às experiências pessoais na ciência da conversão e em relação aos êxtases eucarísticos, os amantes da ardente leitura, nessa ordem de sensação, eram as únicas pessoas que poderiam reclamar contra ela se não cumpriu suas exigências. Tão longe igualmente como

fixou a cena de sua história em um lugar comparativamente remoto e entre homens agora mortos, foi protegida parcialmente da exposição, mas quando transfere suas revelações à Inglaterra, está pisando em terreno perigoso e ela de fato caiu no poço. Teve a temeridade de intrometer-se na história moderna das sociedades rosacrucianas e pretendeu informar seus leitores de que maneira obteve os rituais da Ordem Rosacruziana Revivida, mas seu conteúdo é especificamente falso. Está a par indubitavelmente dos graus da Ordem, mas poderia obtê-los de mais de uma fonte publicada como, por exemplo, o recente Kenneth McKenzie, *Cyclopaedia of Freemasonry*, ou de meu próprio *História Real dos Rosacrucianos*. Mas mesmo que ela possua os rituais, não os obteve da maneira que descreve. Seu relato é como segue: "A fraternidade da Rosa-Cruz compreende nove graus de iniciação: 1. *Zelator*; 2. *Theoricus*; 3. *Practicus* (a Srta. Vaughan escreve *Praticus*, que é o erro de uma pessoa francesa que não lê o latim e não o erro de uma pessoa inglesa ou americana como reivindica ser); 4. *Philosophus*; 5. *Adeptus Minor*, de acordo com as variações de Valentin Andreae, ou *Adeptus Junior*, de acordo com as variações de Nick Stone (essas eram as variações de Nick Stone que foram queimadas ostensivamente em 1720 pelo Grão Mestre Theophilus Desaguliers, mas não estavam na realidade destruída. Transmitidas a confiáveis irmãos ingleses, após a morte de Desaguliers passaram das mãos de confiança a outras igualmente de confiança, até a reconstituição da Rosa-Cruz,

por isso a associação reconstituída existe atualmente na Inglaterra, Escócia, Estados Unidos e Canadá e aquelas variações dos graus que foram feitas por Nick Stone nos dias atuais estão depositadas com o doutor W. W. W., vivendo na Cambden (sic) Road, Londres, Mago Supremo da Rosa-Cruz para Inglaterra, EM CUJA CASA EU AS TRANSCREVI); 6. *Adeptus Major*; 7. *Adeptus Exemptus*; 8. *Magister Templi*; 9. *Magus*."

Os métodos literários da Srta. Vaughan não são exatamente cativantes e o parêntese enorme é dela, mas as maiúsculas que o encerra são minhas. O doutor inglês mencionado é conhecido dos transcendentalistas e é realmente um Maçom de Alto Grau. É também meu conhecido pessoal. No melhor de suas lembranças, nunca se encontrou com qualquer pessoa que se denomina Diana Vaughan. Mais especificamente, tal pessoa nunca foi chamada a sua casa, muito menos copiou todos os rituais que possa possuir. Há somente um termo pelo qual é possível qualificar a Srta. Vaughan em seu relato desta matéria e se eu me abstenho de aplicá-lo está mais fora da benevolência literária do que das considerações de galanteria, porque quando as pessoas do sexo oposto escolhem se tornar odiosas pela imposição total, não podem esperar mais escapar das consequências legítimas nas mãos da crítica do que outra classe de malfeitoras escaparia com o argumento de seu sexo nas mãos de justiça.

O assunto do Maçonaria Luciferiana esteve sob a discussão nas colunas da revista *Light* muito antes da

aparição desse volume e um número de transcendentalistas, incluindo um de grande eminência, Sr. Charles Carleton Massey, alguns maçons de alto grau e eu mesmo expusemos as pretensões da conspiração francesa. Na maioria dos casos e por mais de uma pessoa, as cópias das várias edições foram enviadas a Srta. Vaughan através de seu editor e se não for, como eu sugeri nesse jornal, a Sra. Harris da Maçonaria, há pouca dúvida que chegaram até ela como outras ofertas amigáveis que reconhece em cantos impares de suas memórias. É provavelmente em consequência das exposições feitas na *Light* em relação juntamente com outras feitas recentemente no Canadá que no oitavo número de suas memórias ameaça virar-se um tanto desesperadamente contra seus críticos. Eu compreendo que o bumerangue australiano é uma arma que volta a seu arremessador e o sentimento vingativo que incitou a Srta. Vaughan a uma recente explosão de revelações retornou para cima de si mesma de uma forma muito opressiva. "Eu sou compelida e vou fazê-lo," é sua posição. "Eu revelarei os Paladistas ingleses tal como real e pessoalmente são." E ela o faz assim para sua própria destruição, como segue: "O chefe atual dos Luciferianos ingleses é o doutor William Wynn Westcott, vivendo no 396 da Cambden Road, Londres, que em uma ocasião precedente eu mencionei somente por suas iniciais. É ele curador atual dos rituais diabólicos de Nick Stone. É o Mago Supremo da Rosa-Cruz Sociniana para a Inglaterra." Prossegue dando os nomes dos *Sênior e Junior Sub Magos*, os membros do Grande

Conselho, os chefes do que denomina a Terceira Ordem de Luciferianos e os Mestres do Templo ou Colégio Metropolitano. Os detalhes similares seguem a respeito do Colégio de York, do Colégio de Newcastle-on-Tyne e daquele de Edimburgo.

Agora, o Dr. Wynn Westcott é um Maçom de Alto Grau, como eu disse, e ocupa uma posição profissional de influência e de importância. É claro que uma tentativa gratuita de atirar contra ele acusações de caráter odioso é um procedimento excessivamente mau e coloca a pessoa que assim faz fora de todos os limites de suave consideração. Quando a Srta. Vaughan afirma que o Dr. Westcott é um Paladista, um diabolista, um adorador de Lúcifer ou qualquer coisa que possa escolher para distingui-lo, respondo que é culpada de calúnia total e, ao mesmo tempo, uma falsidade abominável e cruel. Quando diz que foi recebida em sua casa, respondo que não foi recebida lá e que o Dr. Westcott provavelmente exigiria melhores credenciais das visitantes femininas do que as fornecidas em suas invenções infames no *Memórias de uma Ex-Paladista*. Quando a Srta. Vaughan afirma que transcreveu rituais do Dr. Westcott na casa dele, respondo que essa é uma declaração falsa, se a senhora que a fez fosse uma amiga íntima, e duplamente falsa se feita por uma perfeita desconhecida. Quando a Srta. Vaughan afirma que o Dr. Westcott é o cabeça de uma sociedade que adora Lúcifer, eu respondo que está falando falsidades de uma entidade sobre a qual é completamente ignorante e, quando uma pessoa

ignorante assim atribui o mal ou age dessa forma, não é só insensata, mas também extremamente maliciosa. A Srta. Vaughan está doravante acima de tudo fora da categoria de honra literária que torne possível a crítica de preocupar-se com ela a ainda preservar sua dignidade. Por última, a Srta. Vaughan alega que as nomeações oficiais feitas pelo Dr. Westcott como o Mago Supremo da Sociedade em questão, no ano de 1896, foram submetidas a Adriano Lemmi e aprovadas por ele. Esta alegação é falsa em seu todo. Nem em sentido geral nem especial está o Dr. Westcott subordinado a Lemmi ou qualquer Maçom italiano. Além disso, nenhuma comunicação pessoal ou escrita ocorreu a qualquer tempo entre eles e, exceto como ex-Grão Mestre, o Dr. Westcott nunca ouviu falar da pessoa a cujo comando supõe-se estaria subordinado. Ver-se-á que a natureza sem bases dessa afirmação absurda envolve todas as outras do mesmo tipo e não há nenhuma razão para dar a mais leve credibilidade a qualquer coisa que foi adiantada a respeito da posição suprema de Adriano Lemmi que, mais tarde, negou pessoalmente e, tanto quanto sua história passada, é no máximo utilizada para dar credibilidade aos acusadores que traem seu verdadeiro caráter dessa maneira pouco invejável.

A Sociedade que foi assim atacada na pessoa de seu Mago Supremo é de natureza singularmente desprezível, simples com respeito a sua história e não tem nenhuma importância Maçônica ou Mística. Não reivindica nem possui uma conexão com a Fraternidade original

Rosacruziana. Não atribui antiguidade aos rituais que usa. Foi fundado por Robert Wentworth Little, que morreu em 1878 e viveu pouco menos de quarenta anos. Sua única conexão com a Maçonaria é que inicia somente Maçons. Nem desfruta nem espera o reconhecimento da Grande Loja da Inglaterra. É letrada e antiquária em seu objetivo e passou a existir principalmente para o estudo da História da Maçonaria e de outras sociedades secretas. Exige que seus membros acreditem nos princípios fundamentais de doutrina cristã. O Colégio Metropolitano tem somente quatro convocações e um banquete anualmente. O número de membros no Rol dos Subscritores é de cinquenta e quatro. Atraiu os maçom interessados na antiguidade de seu ofício e não tem nenhuma outra esfera de influência. Publica tratados ocasionais, cujas dimensões são reguladas por uma renda excessivamente modesta. Cito muitos desses detalhes meramente para colocar informação sobre as noções exageradas. Alguns dos Colégios Provinciais têm uma sociedade maior, mas são precisamente do mesmo caráter. Não é uma sociedade de ocultistas, embora, como inumerável outros corpos, contam com ocultistas entre seus irmãos. Finalmente, nenhum culto religioso de qualquer tipo é executado em suas reuniões e mulher alguma já passou alguma vez de seu ponto inicial.

As Societas Rosicrucianas em Anglia é Rosacruziana somente em seu nome, como é Maçônica somente em seu nome e seus membros não são ex-irmãos ingleses da Srta. Vaughan.

É certamente e sob todos os aspectos necessário que algo eficaz seja feito para limitar uma língua difamadora e má que tem a audácia de impressionar os mais sagrados sentimentos religiosos a serviço da mentira intencional. O Dr. Westcott não é o único Maçom inglês que sofreu a indignação imerecida da vulgar aspersão dessa caneta suja. Outra vítima é Sr. Robert S. Brown, Grande Secretário do Supremo Grande Capítulo do Arco Real da Escócia, que é igualmente um membro do Rito Antigo e Aceito e de quase todas as Ordens Maçônicas, o Societas Rosacruziana em Anglia, inclusive. Esse cavalheiro honorável é especialmente recomendado pela Srta. Vaughan à atenção dos católicos em Edimburgo, cidade em que ele reside. Descreve-o como um sectário perigoso, um verdadeiro feiticeiro e o gênio mau de um dos próprios parentes dela. Indica mais que é um Mago Eleito do Paládio, que protege Sofia Walder quando ela visita a Escócia e que era um grande admirador de Phileas Walder, em cuja insistência consagrou-se ao anticristo do demônio. Em cada uma e em todas essas declarações, essa mulher maliciosa mentiu sordidamente. Comuniquei-me com o Sr. Brown sobre o assunto e tomei sua negativa escrita, que está ao dispor de qualquer um que deseje vê-la. O Sr. Brown diz: "Eu não sou um Mago Eleito do Paládio. Eu nunca vi a Srta. Walder e nunca conheci a Srta. Vaughan ou a qualquer pessoa com esse nome, homem, mulher ou criança. Eu nunca ouvi o nome da Srta. Walder até que recebesse sua carta e nunca soube da existência da Ordem do Paládio, se existir, até que

a vi mencionada nos artigos da *Light* e do *Freemason's Chronicle* (Londres. ... Com referência às declarações particulares dessa cópia do *Memórias*, sem dúvida o escritor teve sucesso em obter os fatos, que, na maioria das vezes, como a respeito das posições oficiais das partes nomeadas, são naturalmente obtidos facilmente; os pequenos detalhes a respeito de alguns de nós indicariam a presença de um agente em nosso meio ou próximo. As "invenções" e a maioria das declarações difamadoras a respeito da maioria de nós são, entretanto, ultrajantemente falsas e más. Minha casa nunca teve a honra (!!!) de entreter a Srta. Walder ou de alguma outra senhora de caráter semelhante; não é um laboratório químico e eu nunca me exercitei nessas experiências misteriosas, lá ou em outra parte. Eu sou um humilde membro da Igreja Episcopal da Escócia e, eu confio, um seguidor sincero do Mestre. ... Eu conto quase todos os cavalheiros nomeados nessa vil proclamação entre meus amigos, são todos homens bons e verdadeiros e eu espero associar-me com eles por muitos anos vindouros. Eu nego enfaticamente as vis difamações lançadas em seus caracteres e no meu próprio e você tem minha plena autorização para fazer o mesmo, tão longe quanto ela possa servir a seu propósito." Meus leitores concordarão que a indicação clara e temperada do Sr. R. S. Brown marca Diana Vaughan com desonra indelével aos olhos do mundo civilizado.

Há um limite à necessidade de exposição, mas se a Srta. Vaughan manifestar algum desejo de ter mais

exemplos de suas exposições inexatas, eu me empenharei em fornecê-las. Adicionarei somente, aqui, em conclusão, minha opinião de que a Srta. Vaughan não foi a qualquer tempo residente de um país de língua inglesa, muito menos pode ela ter recebido, como alega, por alguns de seus amigos, uma educação americana. A prova é cometer tolices caracteristicamente francesas sobre nomes ingleses. Assim, nós temos *Cambden* para *Camden*, *Wescott* para *Westcott*; temos o *baronnet* para *baronet*, *Cantorbéry* para *Canterbury*, *Kirkud-Bright* para *Kirkcudbright*; temos combinações híbridas como *Georges Dickson*, impossibilidades como *Tiers-Ordre Luciferien d'Honoris Causa* e números exemplos similares.

Pelo visto *Diana revelada* era equivalente, na terminologia alquímica, a alcançar o *magnum opus*. O autor reputado do *Nova Luz da Alquimia* demonstra que algumas pessoas tiveram em seu próprio dia e para seu próprio conhecimento alcançado esse privilégio supremo. Não é de meu feitio se procurei tornar público o mesmo espetáculo e quebrado assim com as tradições de ciência secreta. Seria preferível ter Lúcifer descoberto atrás da máscara da Maçonaria a ter achado a conspiração contra ela outro *Tableau des Inconstances des Démons* em que *infidélité et mécreance*, usando ardil de valer-se da velha e falsa testemunha, abundaram depois de um modo jamais sonhado por Bodin e Wierus, de forma que seja distintamente desconcertante pensar que uma grande Igreja é assim tão pouco honrada por seus combatentes e convertidos.

Resta apenas declarar, e eu faço isso com extrema relutância, que a evidência do Sr. Domênico Margiotta, que parece tão forte por si mesma, pode somente ser aceita, como nós vimos, em relação à credibilidade da Srta. Vaughan e quando isso desmorona completamente, não podemos fazer outra coisa senão considerar essa parte de sua evidência, relacionada com o Paladismo, como a narrativa de uma pessoa que está seriamente enganada. E penso que ela ostensivamente nos mostrou que não é uma crítica judiciosa dos materiais que caíram em suas mãos. Nunca deveria, por exemplo, ter exibido sua lista de Lojas Lótus Paladianas tão longe quanto considera a Grã Bretanha. É inegavelmente uma lista falsa. Tomemos aquilo de Edimburgo como um exemplo típico. O Sr. Brown, que tem toda a chance de saber, diz-me que não há absolutamente nenhuma verdade na indicação de que há em Edimburgo uma Mãe ou alguma Loja da Ordem Paladiana. "Nem há lá uma Província Triangular, o que quer que isso possa significar, como é descrito. Tudo é absolutamente falso."

CAPÍTULO XIV

A RAIZ DO SATANISMO MODERNO

Terminamos com as testemunhas de Lúcifer e penso que o holofote de uma crítica drástica deixou-as em considerável desordem. Chegamos ao limite da presente investigação, mas, antes de resumir e apresentar uma declaração ou uma conclusão geral autorizada pelos fatos, há um ponto, suspenso ainda e projetado para as considerações finais, porque interessa mais exclusivamente aos transcendentalistas professos, que será necessário tratar brevemente. Eu já declarei que os renascimentos esporádicos da magia negra foram ouvidos ocasionalmente por místicos aqui na Inglaterra e, de vez em quando, também ouvimos falar vagamente de obscuras assembleias de Luciferianos. Bem recentemente, uma entrevista com Papus, o ocultista francês, publicado na *Light*, menciona uma sociedade devotada ao culto de Lúcifer, Estrela da Manhã, completamente distinta da Maçonaria, completamente sem importância e desde há muito naturalmente morta. Agora, uma grande proporção de místicos aqui na Inglaterra é Maçom de Alto Grau e se uma Sociedade Paladiana tivesse se estendido a qualquer coisa remotamente próxima das proporções alegadas, não poderiam não saber dela. Vou mais além e afirmo que nossas associações transcendentais não maçônicas têm abundantes oportunidades de se familiarizarem com as

instituições similares a elas próprias e é um absurdo supor que pode haver diversos Triângulos Paladistas que trabalham seus graus neste país sem que tomássemos conhecimento do fato. Mas nós não tivemos ciência deles e nossas únicas informações a respeito do Paladismo vieram-nos da França. Não aceitamos essas informações. Sabemos que as pessoas aqui na Inglaterra, que são acusadas pelas falsas testemunhas francesas de serem ligadas ao Paládio, não são tão informadas e estão sabendo dele pela primeira vez. As declarações a respeito do Sr. John Yarker são categoricamente falsas. Pela calúnia total publicada pela "convertida" Diana Vaughan sobre o Dr. Wynn Westcott, um Maçom de Alto Grau, ela nunca ousará sair de sua "reclusão" e reafirmar dentro da jurisdição destas ilhas, porque sabe bem que um júri britânico faria uma grande demanda nos seus reputados dólares americanos. Deixe-nos, entretanto, por de lado no momento os mentiras e as falsificações que complicam a Questão de Lúcifer e vamos nos aproximar do Paladismo de um ângulo totalmente diferente. Acredito que posso falar com certo acento de autoridade sobre qualquer pergunta relacionada ao mago francês Eliphas Lévi. Sou um estudante antigo de seus trabalhos e dos aspectos da ciência oculta e da história mágica que surgem deles. No ano de 1886, publiquei um sumário de seus escritos que foi a única tentativa de apresentá-los aos leitores ingleses até o ano atual, quando iniciei uma extensa tradução de *Dogme Rituel de la Haute Magie*, que está de fato nas mãos do impressor. Agora, não

se alegou em tantas palavras que a raiz do Satanismo Moderno e do culto Maçônico de Lúcifer será encontrada em Eliphas Lévi, mas essa é a substância da acusação. A maioria, ou todas as testemunhas, concordam em representá-lo como um Satanista atroz, um invocador de Lúcifer, um celebrante de missas negras e um adepto das blasfemas práticas de sacrilégio Eucarístico. Todos eles geram sobre o Paládio ou sobre Pike uma variedade de documentos que contêm roubos totais de Lévi. Alguns deles, diretamente e em cima de sua própria responsabilidade, mencionam passagens de seus trabalhos, sempre com má fé conspícua. Finalmente, concordam em conectá-lo com a fundação do Paládio Novo e Reformado através de seu alegado discípulo Phileas Waller e um deles vai longe ao dizer que o Paladismo era um desenvolvimento adicional ou restauração de uma sociedade satânica dirigida por Eliphas Lévi e operado pelo seu sistema teúrgico, que por sua vez, se compreendo direito a hipótese bagunçada de M. de la Rive, pode ser derivado do Rito Paládico de 1730. Se aceitarmos no momento essa origem da ordem reformada, seguirá que se as doutrinas ocultas de Eliphas Lévi foram mal entendidas seriamente ou difamadas totalmente pelas testemunhas, o diabólico ou a conexão Luciferianismo do Paladismo não mostra a aparência que lhe foi atribuída. É representado como: a) exterior Maçônico e b) realmente teúrgico. c) É Maniqueísta na doutrina. d) Considera Lúcifer como um princípio eterno coexistente, mas em um sentido hostil com Adonai. e) Sustenta que a deidade caritativa é

Lúcifer, enquanto Adonai é malévolo; f) Determinadas seções de Paladistas, entretanto, reconhecem que Lúcifer é idêntico a Satã e são o princípio mau. g) Essa seção adora o princípio mau como tal. Agora, em cada uma e em todas essas matérias o sistema do Paládio opõe-se ao de Lévi.

Para dar um aspecto ilusório a sua hipótese, as testemunhas afirmam que Lévi era um Maçom de Alto Grau. Não era nada disso. Ele afirma distintamente em sua História da Magia que qualquer conhecimento que possuísse sobre os mistérios da Fraternidade devia sua iniciação somente a Deus e a seus estudos individuais. Em segundo lugar, a prática da mágica cerimonial, que é o que as testemunhas compreendem pela teurgia, é uma prática condenada por Lévi, exceto como uma experiência isolada para fortificar a convicção intelectual a respeito da verdade de teoremas mágicos. Tentou-o com esta finalidade na primavera de 1854 e satisfazendo-se a respeito do fato, não o renovou. Em terceiro lugar, a filosofia de Eliphas Lévi está em contraste direto com a doutrina Maniqueísta. Não pode ser explicada pela dualidade, mas deve ser explicada por seu oposto, a saber, triplicidade na unidade. Mostra que "os discípulo estúpidos de Zoroastro dividiram o dual sem lhe referir a unidade, separando as colunas do templo assim e procurando dividir Deus" (Dogma, pág. 129, 2ª edição). É isso a doutrina de Mani? Outra vez: "Se você concebe o Absoluto como dois, você deve imediatamente concebê-lo como três para recuperar o princípio da unidade" (Ibid.). Uma vez mais: A "Divindade essencialmente tem duas

condições fundamentais de ser – necessidade e liberdade" (Ibid., pág. 127). E ainda: "Se o Deus fosse somente um, nunca seria Criador nem Pai. Se Ele fosse dois, haveria um antagonismo ou uma divisão no infinito e esta seria separação ou morte para cada existência possível. Ele é consequentemente três para a criação por Si mesmo e em Sua imagem da multidão infinita de seres e de números. Assim Ele é realmente um em Si mesmo e triplo em nossa concepção, pela qual nós também O vemos triplo em Si mesmo e um em nossa inteligência e em nosso amor. Este é um mistério para o crente e uma necessidade lógica para o iniciado das ciências absolutas e verdadeiras" (Ibid., pág. 138). E as testemunhas de Lúcifer têm o desaforo de representar Lévi como um dualista! Não vou desacreditar sua compreensão admitindo que poderiam mal interpretar assim tão rasamente um princípio, nem dissimulo minha plena convicção de que agiram com má fé intencional. Em quarto lugar, Eliphas Lévi considerou Lúcifer como uma concepção da mitologia transcendental e o diabo como uma ficção impossível ou uma concepção invertida e blasfema de Deus – divindade às avessas. Descreve a heresia Ophita, que ofereceu adoração à serpente, e a heresia Cainita, que justificou a revolta do primeiro anjo e primeiro assassino como erros ajustados para classificação com os ídolos monstruosos do simbolismo anárquico da Índia (Ritual, págs. 13, 14). Isso é Diabolismo? Isso é o culto de Lúcifer? Verdade, Lévi não acreditou na existência pessoal de um pai das mentiras e se for Satanismo não fazer assim, vamos nos

contentar em endiabrar com Lévi, enquanto as falsas testemunhas ilustram os métodos do pai delas.

É desnecessário multiplicar citações, mas aqui está mais uma: "O autor deste livro é um cristão como você; sua fé é aquela de um católico, profunda e fortemente convencido; conseqüentemente sua missão não é negar dogmas, mas combater impiedades sob uma de suas formas mais perigosas, que é a da convicção errônea e da superstição. ... Fora com o ídolo que esconde nosso Salvador! Abaixo com o tirano da falsidade! Abaixo com o deus negro do Maniqueísmo! Abaixo com o Ahriman dos antigos idólatras! Viva Deus sozinho e seu Logos encarnado, Jesus o Cristo, Salvador do mundo, que viu Satã precipitar-se do céu!" Vai também, Doutor Bataille! Abaixo, Senhor Margiotta! Fora, diabo e Leo Taxil!

Vemos então que Eliphas Lévi foi representado caluniosamente e que não era um satanista, não poderia ter fundado uma sociedade satânica, nem poderia uma ordem maniqueísta desenvolver-se fora de suas doutrinas. Conseqüentemente, se uma Sociedade Paladiana existe em Charleston, ou não deve nada a Lévi ou seu culto foi falsamente descrito. Em outras palavras, de qualquer ângulo que examinemos as testemunhas de Lúcifer, estão sujeitas a uma áspera revelação. Nas palavras do lema em meu título, o primeiro neste enredo era Lúcifer – ou mais claramente, o Pai das Mentiras!

CONCLUSÃO

Resta-nos agora apreciar a posição exata em que a existência da Ordem do Paládio fica depois que toda a informação suspeita foi subtraída. Examinamos em sucessão a participação de cada testemunha à descoberta de Leo Taxil e M. Adolfo Ricoux e ficou completamente evidente que são do tipo mais insatisfatório possível. Não pretendo fazer um julgamento preciso sobre Leo Taxil, porque não estou em posição de mostrar que os rituais paladianos que aparecem em *Há Mulheres na Maçonaria?* podem ser caracterizados como matéria inventada. Concordando com sua boa fé pessoal, há ainda muitas perguntas óbvias, uma das quais é a conexão entre o Paladismo e a Maçonaria. A respeito do assim chamado Triângulo de Paris, onde a informação foi obtida, a respeito do ritual próprio, não há obviamente tal conexão, exceto a regra fantástica e arbitrária de que a iniciação é dada exclusivamente às pessoas possuidoras de graus Maçônicos. É patente que tal instituição não é Maçônica, embora possua alguns segredos da Maçonaria. O Societas Rosicruciana, em Anglia, como nós vimos, é uma associação baseada precisamente no mesmo regulamento, mas não tem nenhuma posição oficial. Se um círculo de sacerdotes católicos conspiram para a formação de uma sociedade dedicada à magia negra e à celebração da missa satânica, isso não seria a igreja diabolizando. Nenhuma instituição e nenhuma sociedade

são responsáveis pelos atos desautorizados de membros individuais. Ao mesmo tempo, se se avançasse pela crítica hostil de que a invenção dos rituais é fácil e que os antecedentes literários de Leo Taxil não são precisamente daqueles que faria uma pessoa cautelosa colocar confiança cega em suas revelações não verificadas, sou compelido dizer que devo encontrar uma dificuldade enorme em desafiar tal posição.

Monsenhor Meurin, a testemunha seguinte, merece, por sua posição e habilidade, nosso respeito muito sincero. Comparado com o sentimentalismo octogenário de Jean Kostka, à violência do Senhor Margiotta e à panela de macarrão de M. de la Rive, alguém respiraria a plenos pulmões nas alturas da erudição eclesiástica, artificial como a eminência deles se mostra. A arte sacerdotal não está relacionada com narrativas absurdas, de modo que não disputa nada com a arte de Bataille. Nunca necessitou de conversão e por isso está isento dos ardores e dos langores histéricos de Diana Vaughan. Mas a interpretação do Arcebispo da Maçonaria é baseada em outra interpretação da literatura cabalística que pode ser aceita por alguém que não é familiarizado sendo tentado ao tomar conhecimento inicial. Em termos de Maçonaria Paladiana, pode dizer-nos somente o que aprendeu de Ricoux.

Concorda-se totalmente que nós despachamos o Dr. Bataille. Não divulga o nome e a nação que adotou durante sua carreira Maçônica e, então, as pessoas com quem afirma que se encontrou não estão, com uma exceção, na posição

de contradizê-lo, porque não estão em posição de identificá-lo. A personalidade da exceção não é particularizada, mas pode ser suposto sem o exercício de muita habilidade na adivinhação e aqui devo deixar o ponto, não porque declinei de falar claramente e assim arrisque a possibilidade de estar enganado, mas porque o Dr. Bataille nos informa que esse confidente está em seu poder e que poderia obter para ele ou ela um termo de servidão penal. Por último, não está em posição de exibir seus diplomas de Paladiano, que foram exigidos pelas autoridades atribuidoras, quando caiu sob suspeita e não lhe foi devolvido posteriormente. Enquanto somos impedidos, portanto, de verificar suas afirmações naquele que é o maior interesse de nosso questionamento, vemos que em todos os pontos onde é possível controlá-lo ele foi demolido completamente. O elemento miraculoso de sua narrativa transcende o crédito e suas declarações sobre uma multidão de matérias de fato ordinárias estão abaixo dela. Quando ligamos esses pontos com o tipo de publicação que ele escolheu adotar e lembrarmo-nos do motivo que usualmente agrega-se a esse tipo, não temos outra escolha a não ser pô-lo inteiramente fora de consideração. Seu livro é evidentemente valioso somente para fechar a questão. Pode ter visitado Charleston e pode ter travado conhecimento pessoal com Albert Pike, Gallatin Mackey, Phileas Walder e sua filha Sofia. Três dessas pessoas estão mortas e não podem testemunhar. O quarto reconhece que lhe atendeu medicamente em Nápoles. Ela protesta contra a sua traição, mas não trai em retribuição sua identidade Maçônica,

embora eu mal precise acrescentar que não substancia suas declarações. Nesses pontos meus leitores podem razoavelmente ser deixados para formar seus próprios julgamentos.

A Srta. Diana Vaughan é uma mulher que, apesar de muita notoriedade, não está em evidência, com uma exceção: nenhuma pessoa digna de crédito disse que a viu alguma vez. Essa exceção é o Senhor Margiotta. Entretanto, não seria a linha mais forte de crítica discutir sua existência. Podemos aceitar alegremente tudo que seu amigo italiano é bem capaz de dizer com respeito a suas características pessoais, mas nós sabemos que tentou nos iludir, com sucesso doentio conspícuo, é verdade, contudo de maneira total e má. A respeito do Senhor Margiotta, ele mesmo, com todas as suas imperfeições, é a testemunha mais forte da descoberta de Leo Taxil. Eu admiti a grande força aparente de seu enorme conjunto de evidência documental e estabeleci a natureza das complicações que faz essa evidência extremamente difícil de aceitar.

Por fim, Jean Kostka e A. A. de la Rive, embora aparecessem dentro do espaço de nosso questionamento, não são testemunhas do Paládio. Poderia parecer, portanto, que Leo Taxil e Adolphe Ricoux são, para a maioria, nem honrados em seus testemunhos nem em posição de se sustentarem. A evidência que se destaca em suas descobertas está excessivamente corrompida e acrescentando à Questão Lúifer, como crítica imparcial, eu proponho simplesmente a meus leitores a seguinte

declaração geral: no ano de 1891, Leo Taxil e o Sr. Adolphe Ricoux afirmaram ter descoberto determinados documentos que mostram a existência de uma Sociedade Paladiana, na cabeça da Maçonaria e no ano de 1895 o Senhor Domênico Margiotta declarou que pertenceu a essa sociedade e dá alguns detalhes adicionais a respeito dela. Várias outras testemunhas que igualmente adiantaram-se com essa evidência devem, por várias razões, ser completamente rejeitadas. É, sob todos os aspectos, muito deplorável que o Senhor Margiotta tenha ampla e aprovadamente citado o depoimento de duas dessas testemunhas que estão muito abertas à condenação e que ele próprio exerceu uma imperfeita e não crítica censura sobre os papéis que lhe chegaram às mãos. Do primeiro ao último, todos os documentos estão sujeitos a forte suspeita.

Tal é o resíduo delgado que sobra dessa peneirada Luciferiana. Se faço minha declaração final assim indeterminada em seu caráter, é porque desejo que meus leitores formem suas próprias conclusões a respeito de Leo Taxil e de Domênico Margiotta e porque acredito que, em breve, uma evidência adicional está próxima. Tenho uma pequena dúvida pessoal a respeito da natureza final da sentença, mas no estágio atual do questionamento, com todas as exposições que tive a satisfação da refrescar e clarear em minha mente, eu dissuadiria qualquer um de dizer que nada há na Questão Lúcifer. É pelo menos óbvio que não há um fim para suas imposturas, a cujo respeito eu não reivindico ter feito mais do que aparar as franjas da

questão. Não está consequentemente fechada e, se posso assim me arriscar a afirmar, assume um novo interesse com a publicação deste livro. Merece classificar-se entre as fraudes literárias mais extraordinárias do presente e talvez de qualquer século.

O campo que cobre é enorme e há espaço e mais do que um espaço, para uma quantidade de outros investigadores que não falharão em sua busca. Dentro dos limites de um volume moderado, é impossível levar em consideração a totalidade dos assuntos envolvidos, enquanto a importância a ser atribuída ao assunto não deva ser considerada superficialmente, vendo que na França, no momento em que escrevo, provê uma circulação aparentemente remuneradora a duas revistas mensais e que sua literatura está, por outro lado, ainda crescendo. No momento atual e para o propósito desta crítica, algumas declarações conclusivas apenas precisam ser feitas. Referem-se à posição da Itália em relação à assim chamada Maçonaria Universal, a alguns aspectos da história do Rito Escocês em relação às recentes revelações e à interferência da Igreja Católica, sabiamente ou não, na questão.

Um maçom cujo grau corresponde na Itália àquele de Albert Pike na América não é Adriano Lemmi, mas o Senhor Timoteo Riboli, Soberano Grande Comandante do 33º e último grau do Rito Escocês Antigo e Aceito. Adriano Lemmi é, ou era, Grão Mestre da Seção do Ofício da Itália e Grande Deputado Comandante somente do Supremo Conselho da Itália do 33º. O suposto Grande Diretório

Central de Nápoles, que governa toda a Europa no interesse de Charleston, com Giovanni Bovio como Soberano Diretor, é um mito Maçônico – segundo o Senhor Margiotta. O Senhor Bovio é um membro do Conselho de Grão Mestres e um 33°. Há uma seção Napolitana do Rito Antigo e Aceito, mas tem poderes somente até o 30° e, como tal, não tem nenhuma autoridade no governo geral, nem Bovio parece ser um membro da seção napolitana, embora como membro do Conselho de Lemmi e um 33°, ele sem dúvida têm sua parte no governo do napolitanos.

A história do Rito Antigo e Aceito como dada pelo Senhor Margiotta e esboçada em meu segundo capítulo é uma história incorreta. Os fatos são como segue: uma pessoa chamada Isaac esteve empenhada por muito tempo em propagar o Rito Francês de Perfeição do 25° na América antes de 1796. Nesse ano deu os graus a um tal de Grasse e igualmente a um de la Hogue, que estabeleceram um Consistório do 25° em Charleston. Em 1802, esse Consistório tinha florescido em um Supremo Grande Conselho 33° e pouco mais tarde forjaram o nome do amigo de Voltaire, Frederico, o Grande, da Prússia, para o que o Sr. Yarker denomina "um dos documentos mais estupidamente inventados jamais apresentado a um público ignorante." De qualquer modo, Long não parece ter sido a qualquer hora um membro desse corpo. Isto é como dizer que o "Conselho Mãe do Mundo" veio a existir e Charleston estabeleceu Supremos Conselhos 33°, entre 1811 e 1846, na França, Irlanda, Escócia, Inglaterra e em outros lugares.

Não há nenhum fundamento para a lenda das relíquias Templárias de Charleston, a saber, o crânio de Jacques de Molay e o Bafomé, além do fato de que um dos graus, o 23º do velho Rito de Perfeição e o 30º do Rito Moderno usar a representação da tiara papal em suas cerimônias e igualmente da coroa da França, na alusão ao papa Clemente V e Felipe, o Belo.

Não posso encontrar um maçom, de qualquer grau ou Rito, que ouviu alguma vez falar do *Sepher d'Hebarim* de Pike, seu livro chamado *Apadno* ou conferências em que divulgou extratos desconhecidos de Eliphas Lévi. Podem ser classificados com as províncias triangulares, o *chez lui* de Lúcifer, o crânio de Molay e o Paládio como mitos mentirosos. Nada que Pike escreveu ou sabe-se ter escrito tem qualquer aparência luciferiana. Ele coletou em suas conferências um grande volume de material místico de Ritos como o de Mênfis e Misraim, mas é alquímico, teosófico ou tratados de simbolismo antigo, mistérios, teologia pré-cristã, etc. Como o próprio Pike, um maçom de grande autoridade observa em uma carta confidencial: "Foi um dos maiores homens que ornamentou nossa Ordem. Era um gigante entre homens, seu conhecimento era mais profundo, sua eloquência era grande e sua sabedoria era compreensiva. Era um estudante de várias línguas e o mais iluminado escritor. Foi um adorno para a profissão a que pertencia, a Lei. Lutou a causa do homem vermelho contra o governo americano muitos anos atrás e levou a melhor em grande escala.

Acredito que foi um verdadeiro e humilde servo do Único Verdadeiro Deus Vivo e um amante da humanidade."

Tendo em conta todos esses fatos, é muito lamentável que a Igreja Católica possa calorosamente ter aprovado e ter dado boas-vindas ao testemunho extremamente insatisfatório que conecta a maçonaria com o Diabolismo. Quando o relatório do Diabolismo alcançou primeiramente os ouvidos dos místicos ingleses e se compreendeu que a Igreja tinha recebido muito seriamente a matéria, devo confessar que se suspeitou de um motivo oculto imediatamente. Um recrudescimento da magia negra medieval estava provavelmente alcançando tais proporções a ponto de autorizar a augusta interferência. Seria o mesmo que o governo de Sua Majestade pensar se valeria a pena suprimir a Liga da Rosa Branca. Mas quando transpirou que a Questão Lúcifer era um aspecto novo da velha questão da hostilidade católica à Maçonaria, a admiração evaporou. Imediatamente viu-se que o Diabolismo Moderno tinha adquirido uma importância extrínseca porque se alegou estar conectado com essa Fraternidade que a Igreja tem considerado por muito tempo como sua inimiga implacável. Devo permitir-me registrar claramente a convicção geral que se a magia negra, a bruxaria e o Sabá moderno tivessem meramente revivido a demonomania, estivesse relacionada meramente com o pai nosso negro, a missa negra ou mesmo com o sensualismo transcendental e o calvário dos pastos, a hierarquia romana não agiria como agiu, nem as testemunhas concernentes a essas coisas seriam recebidas de

braços abertos. De fato, nenhum interesse em parte alguma foi manifestado nas ações de diabolistas que operavam fora da Maçonaria. Agora, a hostilidade de maçons continentais contra o Catolicismo, na medida em que provavelmente exista, foi em sua maioria ou criada exclusivamente pela hostilidade da Igreja e nós sabemos que odeia mais quem odeia primeiro. Até agora, portanto, como a Igreja interessou-se em incentivar, o que tem alguma coisa do aspecto de incitar, as recentes revelações, temos que ter em mente sua atitude, enquanto a história de decretos forjados e falsas epístolas evangélicas nos revelarão que ela invariavelmente não exercita uma pesquisa crítica sobre documentos que servem a seus propósitos.

A bruxaria do século XIX em nenhuma circunstância é plausível para justificar as fogueiras do XV: é mais fácil justificar a bruxaria. Tanto por místicos como pela Igreja Católica, a moderna magia negra deve ser deixada perecer na sua própria corrupção. Mas uma tentativa por parte da Igreja em apressar a acusação de diabolismo na Fraternidade Maçônica tornou crível outro motivo além da hostilidade política, que parece seguro para justificar totalmente qualquer arma que lhe venha à mão. No fundo do seu ódio à Maçonaria há também seu medo do místico. A ciência transcendental alega ter a chave de suas doutrinas e há evidências que a Igreja tema essa reivindicação. Magia negra que, por hipótese, é o uso das mais malignas forças para os mais malignos fins, a Igreja parece não temer, porque exhibe sua condenação na testa, mas o Misticismo,

que aceita os dogmas dela e os interpreta num sentido que não é o dela, que busca uma certeza em termos de religião que transcende a certeza da fé, parece sugerir que em um determinado ponto é possível minar suas fundações. Por isso ela jamais suspeitou do místico e uma parte de sua suspeita da Maçonaria foi em razão dessa conexão com o místico. A Igreja intuitivamente adivinhou essa conexão, que pelos próprios Maçons, para a maioria deles, não é sonhada até hoje e quando sugerida é geralmente uma coisa rapidamente descartada. Estaria completamente fora de lugar no fechamento do presente inquérito que, sob um ponto de vista totalmente independente, procurou justificar uma grande Fraternidade da singularmente tola difamação, para tentar forçar sobre os Maçons uma visão especial de sua instituição, mas é desejável, ao mesmo tempo, ser justamente através da Igreja Católica e para afirmar que nós, os místicos, estamos neste ponto substancialmente em concordância com ela. A conexão em questão foi visível por um tempo e permanece na lembrança histórica. Do início de sua aparição pública até o fim do século XVIII, a história da Maçonaria é parte da história transcendental. Essa conexão cessou agora de manifestar-se, mas há outra que é integral e permanente e é uma matéria de princípios e objetivos comuns. Fique lembrado, no entanto, que conexão não é identidade. Não se tenta dizer que o limiar da Maçonaria é um portão do Misticismo, mas que há uma conformidade de propósitos, de simbolismo, de história e, indiretamente, de origem entre os dois sistemas.

Toda religião verdadeira, toda moralidade verdadeira, todo Misticismo verdadeiro têm um único objetivo que é agir na humanidade, coletiva ou individualmente, de tal forma que corresponda eficazmente com a grande lei do desenvolvimento e cooperação consciente para atingir o fim do desenvolvimento. Sob todo o mistério de seu simbolismo, atrás das impressionantes parábolas de seu ritual e tão igualmente, mas se possível mais eficazmente oculta, em meio às insistências do lugar comum de suas máximas morais, este fim é algo proposto pelas iniciações ocultas da Maçonaria e se for definido mais explicitamente como a perfeição do homem, aqui e após, e sua união com o que está mais alto no universo, veremos mais claramente que não é somente o princípio fundamental de toda religião, é pura essência, despida de crença e dogma, mas também inerente à natureza da Maçonaria simbólica e "entretecido em todo o sistema de cerimônias maçônicas."

Como místicos, porém, nós consideramos que o padrão ético da Maçonaria produzirá bons cidadãos para a sociedade e bons irmãos para a Fraternidade, mas não produzirá Santos para Cristo. Há uma excelência que é diferente da moral, mas está para a moralidade precisamente na mesma relação que o caráter conduz ao talento. As virtudes morais não são o *summum bonum*, nem a totalidade das forças no trabalho de desenvolvimento do homem, nem realmente o modo perfeito, embora sejam o portão do caminho da perfeição. Agora, o místico afirma estar de posse da lei mais elevada que transcende o ético, de qual o

ético se deriva e à qual deve ser reportado para sua razão. Que o segredo perdido da Maçonaria está relacionado com as aplicações especiais dessa lei mais elevada ligada ao Misticismo, nós, como místicos, detemos e podemos tornar evidente no seu tempo e lugar apropriado. Aqui e pessoalmente, eu só me preocupo com uma declaração geral. Em acréscimo a seu corpo de lei moral, fundamentado na consciência geral, ou à luz da natureza, a Maçonaria tem um corpo de simbolismo, cuja fonte não é geralmente conhecida e pela qual é identificada com movimentos e formas de pensamento e com processos evolutivos, tendo a referência às regiões já descritas como a transcendência do mundo ético e preocupada com o homem espiritual. De cada candidato maçônico, ignorando os setores cismáticos e excomungados, é exigido uma atitude de mente distinta para o mundo fora e o mundo dentro. É exigido acreditar na existência de uma inteligência suprema, com que sua natureza essencial corresponde na posse de um princípio indestrutível de vida consciente ou compreensiva. Além dessas doutrinas, a Maçonaria é completamente não sectária. Não reconhece nenhum outro dogma. Não acredita em nenhuma forma de fé. Agora, o Misticismo é um corpo de métodos e de processos espirituais, baseado, como o corpo maçônico de métodos e de processos éticos, nessas mesmas doutrinas. Cada homem que acredita em Deus e na imortalidade é a matéria-prima do místico. Cada homem que acredita que há uma maneira de descobrir a Deus está no caminho do Misticismo consciente. Como esse trajeto foi

levado a cabo em todos os tempos e nações por pessoas de credos extensamente divergentes, é claro que, apesar de muito Misticismo ter sido identificado com esferas especiais do pensamento e da atividade religiosos, ele é independente de tudo.

Mas enquanto a Maçonaria parece considerar a evolução de nossa natureza física, intelectual e moral como a melhor preparação para essa existência maior que está incluída em sua doutrina central, e trabalhar assim de fora para dentro, o Misticismo julga que a evolução do homem espiritual e a produção de um espírito humano em unidade com o divino constitua o requisito faltante da circunstância para a reconstrução da humanidade e trabalharia assim de dentro para fora. Nem o maçom nem o místico, entretanto, podem ignorar um ou outro método. Um suplementa o outro e considerando que os processos do Misticismo são distintos do que é ainda um assunto de mofa sob o nome de fenômenos transcendentais, porque é completamente filosófico e interior para não ser apreciado pelos sentidos, por uma experiência secreta dentro das profundidades e alturas de nosso ser espiritual, uma instituição que acredita em Deus e na imortalidade e pelo fato da imortalidade na subsistência de uma relação íntima entre o espírito e Deus, não olhará com suspeitas o Misticismo quando vier a compreendê-lo melhor.

Eu falei do simbolismo maçônico e o método de instrução na Maçonaria é idêntico com aquele do Misticismo: ambos os sistemas "são ocultos na alegoria e

ilustrados pelo simbolismo." O significado desta correspondência não seria mensuravelmente enfraquecido se não houvesse nenhuma semelhança na tipologia, nenhum traço de influência mística no Rito e na Lenda Maçônicos. Mas há uma semelhança e os tipos são frequentemente idênticos, embora a interpretação atribuída varie. A Maçonaria, de fato, interpreta os tipos que pertencem a nossa própria ciência de acordo com o critério da ética e fornece assim um prolegômeno ao Misticismo, porque a ética é uma introdução necessária à ciência interna da alma. Há naturalmente um corpo secundário da tipologia convencional que é tolerantemente exclusiva ao ofício, mas os emblemas principais e universais, característicos da Maçonaria Simbólica como distintos da arte operativa – estes são nossos próprios emblemas. O Olho Que Tudo Vê, a Estrela Flamejante, a Pedra Bruta e a Pedra Perfeita, o Ponto dentro de um Círculo, o *Pentalpha*, o Selo de Salomão, a Pedra Cúbica, todos estes pertencem à mais elevada e a mais misteriosa ordem de simbolismo oculto, mas na ciência mística eles iluminam uma zona mais exaltada do céu da mente. Os ritos, as lendas e os mistérios da grande Fraternidade estão igualmente cheios de alusões místicas e admitem a interpretação mística da mesma maneira, mas sua força evidencial é mais fraca, mas cerimonial e lenda nas mãos de um comentarista hábil podem tomar toda forma e qualquer aparência. É de outra forma com os símbolos da Irmandade que possuíamos antes da aparição histórica da Maçonaria. Assim também a

reverência maçônica por determinados números, que são aparentemente arbitrários em si próprios, está na realidade conectada com um sistema mais recôndito e mais curioso de filosofia metódica mística, enquanto nos altos títulos da dignidade maçônica há frequentemente referência direta ao Misticismo.

Se sairmos destas considerações e nos aproximarmos da conexão histórica com aqueles ainda indeterminados problemas que se referem à origem da Maçonaria, não distinguiremos infelizmente um caminho livre para a sua solução, mas uma característica significativa que invade cada hipótese Maçônica quase sem exceção – um desejo instintivo de referir à Maçonaria em sua forma original às fontes que são provavelmente místicas. No período fantástico e extravagante, quando a arqueologia e a mitologia comparativa estavam então em sua infância, essa tendência não era menos forte porque era na maior parte completamente inconsciente. Revisar as instituições principais da antiguidade com que a Maçonaria diz-se conectada seria varrer o campo inteiro da história transcendental e quando vamos a um período mais sóbrio que reconhecesse a melhor reivindicação das guildas construtoras para explicar o começo da Fraternidade, a ligação com o Misticismo não seria abandonada mesmo então e uma variação esplêndida do sonho Dionisíaco levou os arquitetos medievais de volta aos portais de Elêusis e de Tebas.

Quando a história do Maçonaria torna-se possível pela posse de materiais, seu interesse filosófico principal centra-se em um país da Europa. Não há nenhuma dúvida que exerceu uma influência imensa sobre a França durante esse século de estremecimentos e de avanços que deram à luz a Grande Revolução, transformou a civilização no oeste e inaugurou a era moderna. Sem ser uma sociedade política, era um instrumento eminentemente adaptável à determinação subsuperficial de movimentos políticos. Em outra data pode ter contribuído para a formação da Alemanha, como fez certamente na criação da Itália, mas o ponto e centro da história maçônica é a França do século XVIII. A esse país também é confinado principalmente a conexão histórica entre a Maçonaria e a ciência mística, pois o renascimento do Misticismo, que se originou na Alemanha no fim do século XVIII, passou dali para a Inglaterra e encontrou seu campo final na França no período em questão. Lá o Rosacruzianismo reapareceu. Lá Anton Mesmer recuperou o processo inicial da prática transcendental e o Marquês de Puységur descobriu a clarividência. Lá Martines de Pasqually instruiu seus discípulo nos mistérios da mágica cerimonial. Lá o ilustre Saint-Martin, o filósofo desconhecido, desenvolveu um sistema especial de reconstrução espiritual. Lá a alquimia floresceu. Lá príncipes espirituais e políticos recorreram pessoalmente a extravagantes pesquisas por um elixir da vida. Lá, também, como uma consequência, ascendeu uma linha de impostores magníficos que posaram como iniciados

das ciências ocultas, como possuidores do grande segredo e do grande domínio. Lá, finalmente, sob a influência da filosofia transcendental, a Maçonaria emblemática ganhou raiz, cresceu e floresceu, desenvolvendo dez mil esplendores de graus simbólicas, de lendas românticas, de nomes e de títulos sonoros. Em poucas palavras, o Misticismo da Europa concentrou suas forças em Paris e em Lyons e todo o Misticismo francês juntou-se sob a sombra do esquadro e do compasso. A isso, como a um centro, gravitou todo o movimento e dali operou. Não é preciso mostrar que se empenhou em revolucionar a Maçonaria em seu próprio interesse. A Fraternidade atraiu naturalmente todos os místicos a seus quadros e o desenvolvimento dos graus místicos ocorreu como o resultado dessa atração.

No ano de 1825, uma variedade de circunstâncias tinham sido combinadas para suspender a atividade transcendental e a conexão com a Maçonaria terminou, mas o renascimento atual do pensamento místico está recolhendo rapidamente as ligações da corrente quebrada. Secreta ou discretamente, o espírito do transcendentalismo está trabalhando dentro da Fraternidade e a falsa Questão Lúcifer é simplesmente um método hostil e sem escrúpulos de reconhecer esse fato. Se a Maçonaria e o Misticismo pudessem ser mostrados no mundo histórico separados pelo grande mar, a consanguinidade de suas intenções permaneceria, o que é mais importante do que a afinidade externa e são irmãs por essa ligação. Mas não foi assim que se separaram e de cada lado não há nenhuma necessidade de

envergonhar-se da conexão. Como todos os irmãos da Fraternidade, "nós igualmente acreditamos na ressurreição de Hiram," e nós consideramos o Templo como "um edifício imediatamente realizável, porque nós o reconstruímos em nossos corações." Nós igualmente adoramos o Grande Arquiteto e oferecemos nossa homenagem intelectual à cifra divina que está no centro da estrela simbólica e acreditamos que algum dia o Maçom reconhecerá o Místico. Ele é o herdeiro dos grandes nomes da antiguidade, os filósofos e hierarcas e os reis espirituais de antigamente. Ele é da linha de Orfeu e de Hermes, dos Essênios e dos Magos. E todos esses sistemas ilustres e todos aqueles nomes esplêndidos com que a Maçonaria alegou algum dia ter afinidade pertencem absolutamente à história do Misticismo.

APÊNDICE

O GRANDE FARSANTE

A. E. Waite publicou seu livro em 1896 e todas as suas conclusões sobre a farsa da Questão Lúcifer foram confirmadas um ano depois na famosa Conferência de Leo Taxil. Como complemento a seu livro e a sua vasta e sólida argumentação, julguei oportuno incluir aqui a tradução que fiz daquela famosa entrevista como prova definitiva da mistificação que deu origem ao famoso e ainda presente mito da estreita ligação da Maçonaria com o Satanismo, amplamente explorada pelos fundamentalistas religiosos fanáticos que, a exemplo de Taxil, exploram a credulidade dos incultos, o mesmo tipo de público a quem as obras do mistificador eram destinadas. Essa mitificação foi e ainda é utilizada por todos os detratores da Maçonaria que ignoram que suas acusações se baseiam numa das mais perfeitas enganações de todos os tempos.

Leo Taxil foi, sem sombra de dúvidas, um dos mais refinados vigaristas de todos os tempos, conseguindo enganar por um bom tempo a Igreja Católica e confundindo a opinião pública, ligando a Maçonaria, instituição respeitável, com o culto do Satanismo, estigma de que ela jamais conseguiu se libertar ao longo do tempo.

Ironicamente, a conferência de Leo Taxil tornou inútil todo o esforço, pesquisa e estudos de Waite para combater a mistificação. A confissão esclareceu os últimos detalhes que

faltavam para entender todo o processo bem como pontos que eventualmente permaneceram sem explicação ou foram aceitos por não poderem ser contestados.

Por outro lado, a ironia maior foi que a mistificação, embora desfeita, não desapareceu como ocorreu com seu autor. Ela continua presente, valendo-se dos mesmos argumentos agressivos e infundados contra a Maçonaria. Bafomé tornou-se onipresente e ainda hoje continua sendo lembrado como membro atuante nos corpos da Fraternidade.

De certa forma, a mentira tem sido tantas vezes repetida que se tornou uma verdade tida como incontestável ainda hoje.

Os incultos ainda acreditam nisso!

A CONFERÊNCIA DE LEO TAXIL

Em 19 de abril de 1897, segunda-feira de Páscoa, tinha lugar o desenlace de uma curiosa e extravagante história. Para esse dia, Taxil havia convocado uma grande assembleia na sala da Sociedade Geográfica de Paris, ao lado do *Square de la Charité*, onde, depois do sorteio de uma máquina de escrever, tinha lugar uma conferência com projeções sobre o culto paladista. Mas Taxil aproveitou a afluência para comunicar ao numeroso e atento público que havia conseguido a mais grandiosa mistificação dos novos tempos, pois Miss Vaughan jamais havia existido e tinha estado enganando a Igreja católica fazia doze anos de um modo formidável.

Toda a imprensa da época divulgou a conferência, tanto mais que uma grande parte do numeroso público que acudiu para ouvir Taxil se compunha especialmente de representantes da imprensa de diversos países e ideologias. Também havia muitos sacerdotes, um grande número de senhoras e de livres pensadores e franco-maçons. A Nunciatura enviou dois delegados; o Arcebispado também estava representado. O acesso à sala era gratuito, mas só se admitia a entrada com os convites pessoais que haviam sido enviados com um mês de antecedência.

O ato se abriu com o sorteio de uma soberba máquina de escrever oferecida por Miss Diana Vaughan. O feliz ganhador foi Ali Kemal, redator do diário *Ikdam*, de Constantinopla. Na continuação, tomou a palavra Taxil. Creio que seu discurso não só é interessante, como também necessário – apesar de sua extensão – para conhecer o como e o porquê do satanismo na Maçonaria, embora tenha sido traduzido e publicado em Madri, em forma de folheto de 33 páginas, na Rua Fuencarral, 119, com o título a *Célebre conferência dada no Salão da Sociedade Geográfica de Paris*; por não dispor da citada publicação, utilizou-se, previamente traduzido, o texto original que o semanário parisiense *Le Frondeur* ofereceu a seus leitores alguns dias depois, em 25 de abril de 1897. Eis a conferência de Leo Taxil:

Meus reverendos padres, senhoras, senhores:

Antes de mais nada, quero dirigir meus agradecimento àqueles meus confrades da imprensa católica, que –

empreendendo de repente, faz seis ou sete meses, uma campanha de ressonantes ataques – produziram um resultado maravilhoso, que constatamos esta tarde e que se constatará, todavia, melhor amanhã: o resplendor completamente excepcional da manifestação da verdade em uma questão cuja solução poderia, quiçá, sem eles, passar absolutamente despercebida.

A estes queridos colegas, pois, minha primeira felicitação! Em seguida compreenderão quão sincero e justificado é este agradecimento.

Neste bate-papo tentarei esquecer o que de injusto e ardente contra minha pessoa foi publicado no curso da polêmica a que acabo de me referir; ou, ao menos, se me vejo forçado a ilustrar certos fatos com uma luz que, para muitos, é insuspeitável, direi a verdade descartando de meu pensamento inclusive a sombra do mais breve ressentimento. Talvez após estas explicações, cuja hora finalmente soou, esses colegas católicos não cessarão seus ataques ante minha pacífica filosofia; mas se meu bom humor, em lugar de acalmá-los, os irrita, asseguro-lhes que nada me fará abandonar esta placidez de alma que adquiri faz doze anos e na qual sou infinitamente feliz. Além do mais, se é verdade que este auditório de elite está composto dos elementos mais díspares – posto que se convocou indistintamente a todas as opiniões –, estou convencido de que não carece do sentimento da mais doce tolerância em matéria de exame. Resumindo: estamos aqui entre gente de bem. Todos sabemos julgar o que é sério e o examinamos

com a gravidade necessária, sem cólera; mas não nos aborreçamos quando o fato que nos é submetido é, antes de tudo, divertido. Mais vale rir que chorar, diz o provérbio.

Agora me dirijo aos católicos e lhes digo: quando soubestes que o doutor Bataille, que se dizia entregue à causa católica, havia passado onze anos de sua vida explorando os antros mais tenebrosos das sociedades secretas, lojas e translojas, inclusive triângulos luciferianos, o aprovastes sem rodeios; julgastes sua conduta admirável. Recebeu uma verdadeira chuva de felicitações. Teve artigos elogiosos, inclusive dos jornais daqueles que, hoje em dia, não têm suficientes raios para pulverizar Miss Diana Vaughan, tratando-a de mito, aventureira e fabricante de cartas. Hoje poderíamos recordar aquelas aclamações que acolheram ao doutor Bataille; mas já não acontecem mais; mas, sem dúvida, foram espalhafatosas. Ilustres teólogos, eloquentes pregadores, eminentes prelados, cumprimentaram-no com insistência. E não digo que não tiveram razão. Constato pura e simplesmente. E esta constatação tem também como finalidade que me permitais dizer tudo.

Não vos aborreceis, meus reverendos Padres, riais melhor, com vontade, ao saber hoje que o que aconteceu é exatamente o contrário do que acreditastes ter acontecido. Não houve, de modo algum, nenhum católico que se dedicou a explorar a alta maçonaria do paladismo. Pelo contrário, houve um livre-pensador que para seu proveito pessoal, de modo algum por hostilidade, veio passear por

vosso campo durante onze anos, talvez doze; e... é vosso servidor. Não há o menor complô maçônico nesta história e o provarei imediatamente. É preciso deixar Homero cantar os êxitos de Ulisses, a aventura do legendário cavalo de madeira; esse terrível cavalo não tem nada que ver no caso presente. A história de hoje é muito menos complicada.

Um certo dia, vosso servidor se deu conta que, tendo partido demasiado jovem para a irreligião e quiçá com demasiado ímpeto, podia muito bem não ter o sentimento exato da situação; então, trabalhando por conta própria, querendo retificar sua maneira de ver, se era possível, não confiando sua resolução, em princípio, a nada, pensou ter encontrado o meio de melhor conhecer, de melhor dar-se conta para sua própria satisfação. Acrescenteis a isso, se quereis, um toque de farsante no caráter; não se é impunemente filho de Marselha! Sim, acrescenteis este delicioso prazer que a maioria ignora, mas que é bem real; esta alegria íntima que se experimenta diante do adversário, sem malícia, só por divertimento, para rir um pouco. Bem, devo dizê-lo agora mesmo. Esta mistificação de doze anos me proporcionou, desde o início, um precioso ensinamento: que havia agido verdadeiramente sem medida; que devia ter permanecido sempre no terreno das ideias; que na maioria dos casos não pretendia atacar as pessoas.

Esta declaração, tenho o dever de fazê-la e, devo dizer também, que não me custa fazê-la. Nestes doze anos passados sob a bandeira da Igreja, ainda que enrolado como palhaço, adquiri a convicção de que se imputa injustamente

às doutrinas a malignidade que é própria de certas pessoas. Tudo é bom. O que é mau permanece mau; da mesma forma que o que é bom trabalha com bondade, tanto se permanece crente como se perde a fé. Há gente má por toda parte e homens bons por toda parte.

Fiz, pessoalmente, um estudo que trouxe seus frutos. É esse estudo que me deu esta serenidade de alma, esta filosofia íntima de que falava no início.

Em primeiro lugar, tinha vindo por curiosidade, um pouco pela aventura, mas propondo-me, bem entendido, a retirar-me uma vez realizada a experiência. Depois, o doce prazer da brincadeira me contagiou totalmente, dominando-me; conforme me introduzia no campo católico, desenvolvia cada vez mais meu plano de mistificação, às vezes divertido e instrutivo, dando-lhe proporções sempre mais vastas, conforme avançavam os conhecimentos. Assim cheguei a conseguir dois colaboradores; dois, nada mais. Um, um antigo camarada de infância que eu mesmo mistifiquei no início, dando-lhe o pseudônimo de Dr. Bataille; a outra, Miss Diana Vaughan, protestante francesa, muito mais livre-pensadora, mecanógrafa de profissão, representante de uma fábrica de máquinas de escrever dos Estados Unidos. Um e outra eram necessários para assegurar o êxito do último episódio desta alegre brincadeira, que os jornais americanos chamam "a maior mistificação dos tempos modernos".

Este último episódio, que devia naturalmente encerrar-se em abril, mês da alegria, mês das farsas – e não nos esqueçamos de que a mistificação começou igualmente em

abril, em 23 de abril de 1885 –, este último episódio é o único que deve ser explicado hoje e, ademais, apenas esboçado, pois, se tivesse que contar tudo, mostrando o reverso da questão desde o começo da aventura, necessitaríamos vários dias. Este mês de abril se converteu em uma grande tragédia. Não obstante, há que se ilustrar o ponto de partida com alguns traços de doce luz. Entre os adágios da arte culinária cita-se com frequência este: "Chega-se a cozinheiro, mas se nasce assador." A perfeição na ciência de assar não se aprende. Creio que ocorre o mesmo com a farsa; se nasce farsante.

Eis algumas confidências de minha iniciação nesta nobre carreira: em primeiro lugar, no meu povoado natal. Ninguém se esqueceu, em Marselha, da famosa história da devastação da enseada por um cardume de tubarões. De várias localidades da costa chegavam cartas de pescadores narrando como haviam escapado dos mais terríveis perigos. O pânico se estendeu aos banhistas e os estabelecimentos de banhos de mar, desde os Catalães até a praia do Prado, ficaram desertos durante semanas. A Comissão municipal se assustou; o alcaide emitiu a opinião, muito ajuizada, que esses tubarões, pragas da enseada, haviam provavelmente vindo da Córsega, seguindo algum navio que, sem dúvida, havia jogado na água alguma carga estragada de carnes defumadas. A comissão municipal votou um requerimento ao general Espivent de la Villeboisnet – estava-se, então, sob o regime de estado de sítio – pedindo-lhe que pusesse a sua disposição uma companhia armada de fuzis, para uma

expedição em um rebocador. O bravo general, não desejando outra coisa senão ser agradável aos administradores que ele mesmo havia escolhido para a querida e boa cidade onde vim à luz, o general Espivent, hoje senador, concedeu, pois, cem homens bem armados com uma ampla provisão de cartuchos. O navio libertador abandonou o porto saudado com os aplausos do alcaide e seus adjuntos; a enseada foi explorada em todas as direções, mas o rebocador voltou com o rabo entre as pernas; nem um só tubarão! Uma pesquisa posterior demonstrou que as cartas de queixa, vindas de diversos pescadores da costa, eram todas fruto da fantasia. Nas localidades onde estas cartas haviam sido depositadas nos correios, não existiam esses pescadores; ao reunir as cartas, observou-se que pareciam ter sido escritas todas pela mesma mão. O autor da mistificação não foi descoberto. Vós o tendes diante de vocês. Era 1873; tinha eu, então, dezenove anos.

Espero que o general Espivent me perdoe de ter, por um barco, comprometido momentaneamente seu prestígio aos olhos da população. Havia extinguido o *Marotte*, Jornal de Loucos. O assunto dos tubarões foi, portanto, uma muito inofensiva vingança.

Alguns anos mais tarde, estava eu em Genebra fugindo de alguns crimes de imprensa. A *Fronde*, depois o *Frondeur*, tinha substituído ao *Marotte*. Um certo dia, o mundo erudito foi surpreendido ao tomar conhecimento de uma maravilhosa descoberta. Talvez alguém, neste auditório, se recordará do fato: tratava-se de uma cidade

sublacustre que se localizava – dizia-se – muito vagamente, no fundo do lago Lemman, entre Nyon e Coppet. Foram enviadas informações a todos os rincões da Europa, tendo os jornais divulgado com exatidão as supostas escavações. Havia-se dado uma explicação muito científica apoiada nos *Comentários*, de Júlio Cesar. A cidade devia ter sido construída na época da conquista romana, num tempo em que o lago era tão estreito que o Ródano o atravessava sem misturar com ele as suas águas. Rapidamente a descoberta provocou, por toda parte, muito barulho; por toda parte, exceto na Suíça, certamente. Os habitantes de Nyon e de Coppet estranhavam muito a chegada de algum turista que, de vez em quando, pedia para ver a cidade sublacustre. Os remadores do lugar acabaram por decidir levar ao lago os turistas mais insistentes. Espalhou-se azeite sobre a água para ver melhor; com efeito, teve quem distinguísse algo..., restos de ruas muito bem alinhadas, encruzilhadas, que sei eu? Um arqueólogo polonês, que havia feito a viagem, voltou satisfeito e publicou um informe em que afirmava haver distinguido muito bem restos de uma praça pública, com alguma coisa informe que bem podia ser restos de uma estátua equestre. Um instituto enviou dois de seus membros; estes, porém, quando chegaram, dirigiram-se às autoridades e, ao inteirar-se que a cidade sublacustre era apenas uma brincadeira, voltaram como tinham vindo e não viram nada; lástima! A cidade sublacustre não sobreviveu a essa visita científica.

O padre da cidade sublacustre de Leman, que está aqui presente, teve um precioso auxiliar na propagação da lenda, na pessoa de um de seus companheiros de exílio – é necessário dizer que também era um marselhês? –, meu confrade e amigo Henri Chabrier, aclimatado hoje, como eu, às margens do Sena.

Estas duas anedotas, entre cem que eu poderia citar, foram trazidas a fim de estabelecer que o gosto de vosso servidor pela grande e alegre farsa remonta há mais de doze anos. Chego, pois, à mais grandiosa farsa de minha existência, a que termina hoje e que será, evidentemente, a última, pois, após esta, me pergunto que confrade, inclusive a imprensa da Islândia ou Patagônia, acolheria, com minha recomendação ou com a de um de meus amigos, a informação de não importa que acontecimento extraordinário...

Compreender-se-á, sem dificuldades, que não era muito fácil, com a formidável bagagem de meus escritos irreligiosos, ser recebido no seio da Igreja sem uma desconfiança sem dúvida mais destacada. Não obstante, eu precisava chegar ali e ser recebido para poder, quando as desconfianças fossem completamente dissipadas, ainda que superficialmente, organizar e dirigir a fenomenal mistificação da demonologia contemporânea. Para alcançar o resultado a que me havia proposto, era necessário, indispensável, não confiar meu segredo a ninguém, absolutamente ninguém, nem sequer a meus mais íntimos amigos, nem sequer a minha mulher, pelo menos nos

primeiros momentos. Era preferível passar por louco aos olhos dos que me conheciam. A menor indiscrição podia fazer fracassar tudo. Eu jogava uma grande cartada, pois queria ganhar uma grande partida. A hostilidade de alguns, a contrariedade insípida e excitada de outros foram, pelo contrário, meus melhores triunfos, posto que – o que era infalível – fui submetido a rigorosa observação durante os primeiros anos.

Sem dúvida alguns pequenos detalhes serão reveladores para meus antigos amigos, se me recordo bem.

Assim, após a publicação de minha carta onde me retratava de todas minhas obras irreligiosas, os grupos parisienses da Liga Anticlerical se reuniram em assembleia geral para votar minha expulsão. Surpreenderam-se ao verme chegar; os membros da Liga ficaram espantados e, na verdade, minha presença era incompreensível, posto que não vinha desafiar aqueles de quem me havia separado e não disse uma só palavra para tentar atraí-los para mim, como teria feito um convertido em seu ardor de neófito.

Não! Fui a essa sessão com o pretexto de dizer adeus – fazia já três meses que eu havia apresentado minha demissão –, mas, na realidade, para buscar e encontrar a ocasião de falar quando chegasse o momento.

Em sua grande maioria, os membros da Liga Anticlerical eram meus amigos. Havia quem chorava; eu mesmo estava emocionado... Asseguro-vos que não me separei deles sem dor. Enfim, aceiteis como queirais. Apesar de emocionado, guardei meu sangue frio em meio a uma

verdadeira tempestade; eu vos remeto aos jornais da época. Para encerrar a sessão, o presidente submeteu à ordem do dia a seguinte proposição, que foi votada por unanimidade:

Considerando que o chamado Gabriel Jugand Pagés, conhecido como Leo Taxil, um dos fundadores da Liga Anticlerical, renegou todos os princípios que havia defendido, traiu o livre-pensamento e a todos seus co-antireligionários, os membros presentes na reunião de 27 de julho de 1885, sem deter-se nos motivos que ditaram ao supracitado Leo Taxil sua infame conduta, expulsam-no da Liga Anticlerical como traidor e renegado.

Então protestei contra uma palavra, uma só palavra, dessa ordem do dia.

Sem dúvida há na sala antigos amigos que tomaram parte nessa reunião de julho de 1885. Recordo-lhes os termos de meu protesto. Disse isto com a voz mais tranquila:

– Amigos meus, aceito esta ordem do dia, salvo por uma palavra...

O presidente me interrompeu para gritar:

– Na verdade, és demasiado audaz!

Continuei, sem perturbar-me:

– Tendes o direito de dizer que sou um renegado, posto que acabo de publicar, faz quatro dias, uma carta onde me retrato e renego expressamente todos meus escritos contra a religião. Mas peço-vos que apaguem a palavra traidor que de modo algum se ajusta ao meu caso; não há sombra de

traição no que faço hoje. O que vos digo agora não podeis compreender, mas o compreendereis mais tarde.

Eu fiz questão de frisar bem esta última frase, pois não podia deixar que suspeitassem de meu segredo. Mas o disse bem claramente para que pudesse ficar nas memórias, ainda que se prestasse a diversas interpretações.

E quando tive a oportunidade de publicar um informe dessa sessão, tive muito cuidado em omitir esta declaração; efetivamente, ela poderia despertar suspeita.

Segundo fato. Entre o dia de abril em que fiz a um sacerdote a confidência de minha conversão e o dia da sessão de minha expulsão do livre-pensamento, teve lugar em Roma um congresso anticlerical de que fui um dos organizadores. Nada me teria sido mais fácil que desorganizá-lo e fazê-lo fracassar completamente. Esse congresso teve lugar nos primeiros dias de junho. Todos os livres-pensadores sabem que até o fim me entreguei com todas as minhas forças ao êxito do mesmo; apenas a morte de Victor Hugo, que sobreveio naquele momento, desviou a atenção pública desse congresso.

Mais tarde, quando se soube que havia conversado com sacerdotes desde o mês de abril, se disse e se imprimiu que, com a desculpa desse congresso, havia ido a Roma negociar minha traição, que tinha recebido uma grande soma; falou-se que "um milhão".

Deixei que dissessem, pois tudo isso pouco me importava e eu ria sozinho.

Mas hoje tenho o direito de dizer que tudo aconteceu de outra forma. Entre os convites distribuídos para esta conferência se encontra o de um antigo amigo que efetuou comigo essa viagem, que me acompanhou por todas as partes e que não me deixou um instante. Ele está aqui e não me desmentirá. Deixou-me um segundo? Acaso me ausentei de sua companhia para fazer qualquer gestão suspeita? Não!

E isto não é tudo. Ao longo dessa mesma viagem, ao voltar para a França, detivemo-nos em Gênova. Tinha que fazer uma visita a alguém, com quem estava unido por amizade: o General Canzio Garibaldi, o genro de Garibaldi.

Nessa visita fui acompanhado pelo amigo em questão e por outro que ainda vive: o Doutor Baudon, que recentemente foi eleito deputado de Beauvais.

Os dois podem certificar isso: que, no transcurso dessa visita, afastei-me um momento com Canzio. E Canzio, por seu turno, poderá certificar que lhe disse:

– Meu querido Canzio, tenho que declarar-vos, em segredo, que em breve farei um rompimento completo e público. Não o estranheis nem um pouco. E mantenhais-me fielmente vossa confiança.

Tampouco insisti mais e, inclusive, mais tarde, temi ter falado demais. Canzio, durante dois ou três anos, enviou-me seu cartão de ano novo, apesar de nosso rompimento. Depois julgou, sem dúvida que a coisa durava muito; desistiu e não me deu mais sinal de vida. Enfim, um de meus colaboradores, que gostava muito de mim continuou, apesar de tudo, convivendo comigo. Está morto: era Alfred

Paulon, que foi conselheiro e homem bom. Sei que o resultado de sua observação perspicaz e constante foi que havia participado da mistificação por minha causa.

Paulon, meu antigo colaborador que continuou convivendo comigo, tinha uma maneira de defender-me que, frequentemente, molestava-me.

Eis aqui em que termos falava de mim a meus amigos: "Leo é incompreensível. Em primeiro lugar, acreditei que havia enlouquecido, mas quando retomei contato com ele, constatei que, pelo contrário, estava em perfeito juízo. Não compreendo nada; há algo que me diz que ele está, no entanto, de coração e de espírito, conosco (os livres-pensadores); eu o sinto. Não lhe falo jamais de questões religiosas, porque vejo bem que não quer se revelar, mas poria a mão no fogo: ele não trabalha a favor dos clericais; um dia ou outro haverá uma grande surpresa."

Alfred Paulon não pode dar o testemunho de suas observações, mas ele as comunicou a numerosos amigos. E, se estão nesta sala, eu lhes pergunto: é verdade que, ao falar de mim, Paulon se expressava assim?

(Diversas vozes: É verdade! É verdade!)

Agora chegamos à mistificação em si, a essa mistificação ao mesmo tempo divertida e instrutiva.

Em primeiro lugar, não tem relação com o bom homem, o vigário, um sacerdote com alma sensível, que teve a primeira confiança do golpe de graça que eu havia recebido como Saulo a caminho de Damasco.

"Isso não me diz nada que valha a pena", pensava-se entre a gente da Igreja.

Foi então decidido, no dia anterior a minha carta de retratação, que deveria fazer um bom e breve retiro em uma casa dos reverendos padres jesuítas e se escolheu um dos mais espertos na arte de interrogar e perscrutar as almas. A escolha não se fez ao léu. Fizeram-me esperar uma longa semana pelo grande perscrutador que me estava destinado.

Um velho capelão militar, que se tornou jesuíta, um maligno entre os malignos! Seu conceito teria um grande peso.

Ah, foi uma dura partida a que nós dois jogamos! Tenho, no entanto, dor de cabeça quando penso nele... O querido diretor me fez praticar, entre outras coisas, os Exercícios Espirituais de Santo Inácio. Pouco me importava com esses exercícios, mas, pelo menos, precisava percorrer as páginas a fim de dar a impressão de ter-me submergido nestas extraordinárias meditações. Não era o momento de me deixar apanhar em falta.

Era minha confissão geral a que ia me fazer ganhar a batalha. Essa confissão geral não durou menos de três dias. Para esse fim havia guardado um golpe fulminante.

Disse tudo, isto e aquilo, e mais ainda, mas meu "partner" compreendia que havia um grande pecado, muito gordo, muito gordo, que era difícil de ser confessado: um pecado mais penoso de dizer que a confissão de mil impiedades. Finalmente, foi preciso decidir-se a fazer sair aquele monstruoso pecado.

A vós, senhoras e senhores, não vos quero fazer esperar tanto: meu grande pecado era um crime, mas um crime de primeira ordem, um assassinato dos mais bem elaborados. Não tinha degolado a toda uma família, não! Mas, sem ser um Tropmann, nem um Dumolard, a guilhotina me esperava sem remédio se tivesse sido descoberto.

Havia tido o cuidado de procurar alguns desaparecimentos noticiados nos jornais três anos antes e, sobre um deles construí uma pequena novela; mas meu reverendo padre não quis deixar-me expor todos os seus detalhes. Havia-me julgado capaz dos mais horríveis sacrilégios e, além do mais, eu lhe havia causado agradáveis surpresas; quanto a ter um assassino ajoelhado diante dele, não o esperava de forma alguma.

Quando as primeiras palavras da confissão saíram de meus lábios, o reverendo padre teve um sobressalto muito significativo. Ah, agora compreendia minha indecisão, minhas dificuldades, minha forma de privilegiar certos pecados menos embaraçosos!... Era que eu tinha vergonha de confessar meu crime! Não somente tinha vergonha, mas estava alterado, espantado... Havia uma viúva neste assunto; o reverendo padre me fez prometer que entregaria à viúva de minha vítima uma renda indireta, muito engenhoso, a meu critério... Não quis conhecer nenhum nome, mas o que lhe interessava era saber se havia sido assassinado com ou sem premeditação... Após longas dúvidas, oprimido pelo peso da vergonha, confessava a premeditação, uma verdadeira insídia.

Tenho o dever de render homenagem a esse reverendo padre jesuíta. Jamais fui incomodado pelos magistrados. Minha fraude me permitiu, pois, pôr a prova o segredo da confissão. Se conto um dia com detalhes a história desses doze anos, o farei como hoje com a mais estrita imparcialidade, e com calma, senhor Abade Granier!

O que no momento retardo é o fato de minha primeira vitória, como entrei em batalha. Se alguém tivesse ousado dizer ao reverendo padre que eu não era o mais sério dos convertidos, seria admoestado.

Não entrava em meu plano precipitar minha visita ao Soberano Pontífice. Certamente, minha confissão de assassino tivera um magnífico êxito; mas o diretor de meu retiro em Clamart guardava o segredo para ele. Evidentemente não pôde ao menos dizer ao seu superior hierárquico que lhe havia confiado o mandato de investigar as profundezas de minha alma:

– Leo Taxil?... Eu respondo por ele!

As desconfianças do Vaticano ficavam descartadas; como fazer-me agradável? Pois para levar a mistificação ao máximo que eu sonhava e que tinha a indizível alegria de alcançar, necessitava realizar alguns dos pontos do programa da Igreja mais queridos pela Santa Sé.

Esta parte de meu plano havia sido estudada desde o princípio, desde minha primeira resolução de captar exatamente o conteúdo do catolicismo. O Soberano Pontífice havia se caracterizado, um ano antes, pela Encíclica *Humanum Genus* e esta encíclica respondia a uma

ideia muito fixa nos católicos militantes. Gambetta havia dito: "O Clericalismo, aí está o inimigo!" A Igreja, de sua parte, dizia: "O inimigo é a Franco-maçonaria!"

Mexer com os maçons era, pois, o melhor meio de preparar o caminho para a colossal farsa da qual saboreava de antemão toda sua agradável sorte.

No princípio os maçons se indignaram; não previam que a conclusão, pacientemente preparada seria uma universal gargalhada. Acreditavam-me verdadeiramente disposto. Dizia-se, repetia-se, que era um dos meios de vingar-me da expulsão que datava de 1881, cuja história, que de modo algum me desonra, é bem conhecida: pequena querela levantada por dois homens, hoje em dia desaparecidos e desaparecidos em condições lamentáveis.

Não, não me vingava; divertia-me e se se examina hoje o que sobrou dessa campanha, reconhecer-se-á, inclusive entre os maçons que me foram mais hostis, que não prejudiquei ninguém.

Diria, inclusive, que fiz um serviço à maçonaria francesa. Quero dizer que minha publicação dos rituais não foi alheia, certamente, às reformas que suprimiram práticas anacrônicas e ridículas aos olhos dos maçons amigos do progresso.

Mas deixemos isso e resumamos os fatos. Minha finalidade era criar todas as peças da diabrura contemporânea – o que é muito mais forte que a vila sublacustre de Leman –; era preciso proceder ordenadamente; era preciso estabelecer os limites; era

preciso pôr e incubar o ovo de onde nasceria o Paladismo. Uma fraude desta categoria não se fabrica em um dia.

Havia constatado, desde os primeiros tempos de minha conversão, que certo número de católicos estava convencido de que o nome de "Grande Arquiteto do Universo" era adotado pela Maçonaria para designar o Ser Supremo sem pronunciar-se no sentido particular de nenhuma religião; estavam convencidos – digo – de que esse nome servia na realidade para ocultar habilmente o senhor Lúcifer ou Satã, o diabo!

Aqui e ali citam-se algumas anedotas, segundo as quais o diabo faz, de repente, sua aparição em lojas maçônicas e preside a sessão. Isso é admitido pelos católicos

Embora não se acredite, há gente honrada que imagina que as leis da natureza são às vezes contrariadas por espíritos bons ou maus e, inclusive, por simples mortais. Eu mesmo ouvi com estupor que se me pedissem, faria um milagre. Um bom cônego de Friburgo, caindo em minha presença como uma bomba, me disse textualmente:

– Ah, Senhor Taxil, sois um santo! Para que Deus o tenha afastado de um abismo tão profundo, é preciso que tenhais uma montanha de graças sobre a cabeça! Quando soube de vossa conversão, tomei o trem e eis-me aqui. É preciso que ao meu regresso possa dizer não somente que vos vi, mas que haveis realizado um milagre diante de mim.

Não esperava semelhante pedido.

– Um milagre – respondi –; não vos compreendo, senhor cônego.

– Sim, um milagre – repetia –, não importa qual, a fim de que possa dar testemunho... O milagre que queirais!... Que sei eu?... Toma, por exemplo..., esta cadeira...; transformai-a em bastão, em guarda-chuva...

Estava perplexo. Recusei docemente realizar semelhante prodígio. E meu cônego voltou a Friburgo dizendo que, se eu não fazia milagres, era por humildade. Alguns meses mais tarde me enviava um imenso queijo de Gruyere; sobre sua casca havia gravado com uma faca inscrições piedosas, hieróglifos de um misticismo descabelado; um excelente queijo, por outro lado, que jamais terminava e que comi com infinito respeito.

Meus primeiros livros sobre a Maçonaria foram, pois, uma mescla de rituais com pequenos enxertos anódinos, com interpretações aparentemente insignificantes; cada vez que uma passagem era obscura, ilustrava-o de forma agradável para os católicos que viam no senhor Lúcifer o supremo Grão-Mestre dos franco-maçons. Mas isto era apenas sinalizado. Eu me limitava a preparar docemente o terreno, a trabalhá-lo em seguida e a jogar a semente mistificadora que devia germinar felizmente.

Após dois anos deste trabalho preparatório, fui a Roma. Recebido primeiro pelo Cardeal Rampolla e pelo Cardeal Parocchi, tive a sorte de ouvi-los, a um e outro, dizerem-me que meus livros eram perfeitos. Ah, sim, revelavam exatamente o que se sabia muito bem no Vaticano e que era verdadeiramente uma sorte que um convertido publicasse seus famosos rituais!

O Cardeal Rampolla me deu a chave do assunto. Como lamentava que eu não tivesse sido mais que um simples aprendiz em maçonaria! Mas, desde o momento que havia obtido os rituais, nada era mais legítimo que sua reprodução. Reconhecia tudo, inclusive o que, inventado por mim, tinha o mesmo valor que os tubarões de Marselha ou a vila sublacustre.

Quanto ao Cardeal Parocchi, o que o interessava mais particularmente era a questão das irmãs maçons; a ele também minhas preciosas revelações nada ensinavam.

Tinha ido a Roma improvisadamente, ignorando que, para obter uma audiência particular do Soberano Pontífice, era necessário solicitá-la de antemão com muito tempo, mas tive a agradável surpresa de não ter que esperar e o Santo Padre me recebeu durante três quartos de hora.

Para ganhar essa nova partida, havia tomado minhas precauções com base na noite passada a sós com o cardeal Secretário de Estado. É evidente que este havia sido encarregado de estudar-me de antemão. Assim, pois, a impressão que tentei dar-lhe foi a de um cérebro um pouco exaltado, sem ir, não obstante, até o grau do bom cônego de Friburgo.

O informe verbal que o Cardeal Rampolla fez ao Santo Padre me valeu a acolhida que desejava.

Desde minha admissão sob o estandarte da Igreja, estava bem convencido de uma verdade: que não saberia ser um bom ator se não me metesse na pele do personagem que representava; se não acreditasse – ao menos de momento –

que estava acontecendo. No teatro, se se representa uma cena de desespero, não se podem dissimular as lágrimas; o cômico enxuga com seu lenço olhos secos; o artista chora realmente. Por esta razão, durante toda a manhã que precedeu minha recepção, concentrei-me na situação de uma forma tão completa que estava pronto para tudo e era incapaz de dar um tropeço, apesar de toda surpresa. Quando o Papa me perguntou:

– Filho meu, que desejais?

Respondi-lhe:

– Santo Padre, morrer a vossos pés, agora, neste momento... Seria minha maior sorte...

Leão XIII se dignou a dizer-me sorrindo que minha vida era mais útil, todavia, para os combates da fé. E abordou a questão da Maçonaria. Tinha todas minhas novas obras em sua biblioteca particular; ele as havia lido de cabo a rabo e insistiu no direcionamento satânico da seita.

Tendo sido somente Aprendiz, tinha um grande mérito de ter compreendido que "o diabo estava ali". E o Soberano Pontífice insistia nesta palavra, o diabo, com uma entonação que me é fácil recordar. Parece-me que o ouço repetindo: "O diabo, o diabo!"

Quando me despedi, tinha adquirido a certeza de que meu plano podia ser posto em execução até o fim. O importante era não me adiantar até que o fruto estivesse maduro.

A árvore do luciferianismo contemporâneo começava a crescer. Eu a tinha cuidado com esmero durante alguns

anos... Finalmente, refiz um de meus livros, introduzindo nele um ritual paládico, supostamente obtido secretamente e de minha total invenção desde a primeira linha até a última.

Desta feita o Paladismo ou Alta Maçonaria Luciferiana havia nascido.

O novo livro teve as mais entusiastas aprovações, compreendidas as de todas as revistas dirigidas pelos padres da Companhia de Jesus.

Então havia chegado a hora de reforçar, sem o que a mais fantástica fraude dos tempos modernos fracassaria estrepitosamente.

Pus-me a procurar o primeiro colaborador necessário. Era preciso alguém que tivesse viajado muito e pudesse contar com uma misteriosa informação sobre os triângulos luciferianos, os antros desse Paladismo apresentando como dirigindo secretamente todas as Lojas e Translojas do mundo inteiro.

Justamente um antigo camarada de colégio, que reencontrei em Paris, havia sido médico da marinha. No início não o pus a par do segredo da mistificação. Eu o fiz ler diversos livros de autores que haviam se entusiasmado profundamente com minhas maravilhosas revelações. A mais extraordinária dessas obras é a de um bispo jesuíta, Monsenhor Meurin, bispo de Porto Louis (Ilha Maurício), que veio ver-me em Paris e me consultou. Podem pensar que foi bem informado!...

Este excelente Monsenhor Meurin, erudito orientalista, não podia ser melhor comparado que com aquele

arqueólogo polonês que havia distinguido tão bem os restos de uma estátua equestre no meio das ruínas de uma praça pública de minha vila sublacustre.

Partindo dessa ideia fixa de que os maçons adoram o diabo e convencido da existência do Paladismo, Monsenhor descobriu as coisas mais extraordinárias no fundo de palavras hebreias que servem de palavras de passe, etc., nos inumeráveis ritos maçônicos. Cordões, aventais, acessórios rituais, tudo foi examinado; examinou até os menores bordados que figuram no mais insignificante pedaço de pano que tenha pertencido a um maçon e, com a maior boa fé do mundo, encontrou meu Paladismo em toda parte.

Sempre me lembrarei, como uma das horas mais felizes de minha vida, aquela em que me leu seu manuscrito. Seu grande volume, *A Franco-maçonaria - Sinagoga de Satanás*, me serviu admiravelmente para convencer a meu amigo, o doutor, que existia na verdade um sentido secreto luciferiano em todo o simbolismo maçônico.

No fundo, o doutor pretensamente se enganava. Mas havia realmente estudado o espiritismo como aficionado curioso; sabia que existem no mundo alguns crentes em manifestações sobrenaturais, em fantasias, em aparições, em duendes, etc. Sabia que, em grupos restritos de ocultistas, amáveis histriões fazem ver espectros à boa gente por demais esquecida de Robert Houdin. Mas ignorava que na maçonaria se entregavam a semelhantes operações; ignorava que houvesse um rito especial de ocultismo luciferiano e maçônico; ignorava o Paladismo e seus Triângulos, os

Magos Eleitos e as Mestras Templárias e toda essa estranha organização suprema que eu havia imaginado e que Monsenhor Meurin e outros confirmavam cientificamente.

Em meu livro, *As Mulheres na Franco-maçonaria?*, havia criado a personagem de uma Grã-mestre desse Paladismo, uma Sophia Sapho, de quem dera apenas a inicial do suposto nome: um W. A meu amigo e doutor dei o nome inteiro confidencialmente. Acreditou na existência de Sophia Walder.

Entendamo-nos bem. Por causa de livros como o do Monsenhor Meurin, o doutor acreditou no Paladismo e em diversas personagens que já começavam a aparecer, heróis de minha mistificação. Mas não tentei por nada do mundo fazê-lo crer na realidade das manifestações que pretendia contar.

Definitivamente, eis como recorri ao concurso do doutor meu amigo:

– Queres colaborar com uma obra sobre o Paladismo?... Eu conheço a questão profundamente, mas publicar rituais não oferece o mesmo interesse que contar aventuras em qualidade de testemunho, sobretudo se essas aventuras são alucinantes... Ademais, para comover melhor aos céticos, é preciso que o narrador seja ele mesmo um herói; não um paladista convicto, mas um zeloso católico que adotou a máscara luciferiana para fazer essa tenebrosa pesquisa com perigo de sua vida... Eu te dou um pseudônimo, o autor não pode entregar seu nome à publicidade: por exemplo, se tens que fazer uma pesquisa entre os niilistas... Somente te darás

a conhecer a um pequeno grupo de eclesiásticos; isso bastará... Vais organizar o itinerário de tuas viagens e eu, segundo esse itinerário, te construirei uma tela onde só terás que bordar; ademais, recopiarei teu manuscrito, a fim de corrigir, de endireitar e, sobretudo, acrescentar... A ti corresponde a parte médica, a descrição das cidades e certo número de relatos. Quanto a mim, me encarregarei da parte técnica do Paladismo, das informações sobre todos os personagens que faremos desfilar, assim como de um grande número de episódios complementares... Em suma, tenho necessidade de tua colaboração por um total de trinta a quarenta fascículos... Agora fiques tranquilo a propósito dos desmentidos... Como pudeste dar conta pelas obras que te dei para ler, os paladistas se compõem de dois elementos: de alguns desequilibrados que creem realmente que Lúcifer é o Deus Bom e que seu culto deve permanecer secreto durante certo número de anos e de intrigantes que se servem desses desequilíbrios, excelentes matérias para suas experiências de espiritismo oculto... Nem um nem outro poderão protestar publicamente, posto que a primeira condição para pertencer ao Paladismo é o segredo mais rigoroso; por outro lado, se eles protestam, seus desmentidos ficarão sem efeito, visto que serão interessados."

Meu amigo, o doutor, aceitou e a fim de entretê-lo com o pensamento de que o Paladismo existia, apesar da simulação de feitos maravilhosos atribuídos por nós a seus Triângulos, eu o fiz receber algumas cartas de Sophia Walder; Sophia se indignava de que pretendessem conhecê-

la. O doutor me trazia fielmente essas cartas. Na terceira ou quarta que recebeu me disse:

– Verdadeiramente, tenho medo que essa mulher nos faça um escândalo e demonstre por A mais B que o que vendemos em seu nome é pura fantasia."

Respondi-lhe:

– Tranquiliza-te. Ela protesta pró-forma; no fundo diverte-se lendo que ela tem o dom de passar através dos muros e que possui uma serpente que, com a ponta de sua cauda, escreve profecias nos ombros dela. Entrei em contato com ela; fui apresentado a ela; é uma boa mulher. É uma paladista farsante; ri-se a gargalhadas de tudo isso... Queres que te a apresente?

Como, pois?... Ah, era feliz de estabelecer contato com Sophia Walder!... Alguns dias depois enviei a meu amigo uma carta da grã-mestre paladista; consentia em sua apresentação. Combinamos o encontro em minha casa; dali deveríamos ir ao encontro de Sophia Sapho que nos convidava para jantar... Meu amigo chegou vestido com etiqueta, como se tivesse sido convidado ao Elyseo. Mostrei-lhe a mesa servida em minha casa e, dessa vez, contei tudo... ou, ao menos, quase tudo.

Sophia Walder, um mito!... O Paladismo, minha mais bela criação, só existia no papel e em alguns milhares de cérebros!... Não se convencia. Precisei dar-lhe provas... Quando se convenceu, concluiu que a mistificação era divertida e me ofereceu sua ajuda.

Entre as coisas que me esqueci de dizer há uma que vão conhecer por esta conferência: porque lhe dei o pseudônimo de Dr. Bataille.

Supostamente, era para melhor marcar o caráter de ataque, a guerra ao Paladismo. Mas a verdadeira razão para mim, a razão íntima do diletante histrião, era esta: um dos meus antigos amigos, hoje falecido, foi um histrião fora de série. O ilustre Sapeck, príncipe da fraude no bairro latino; eu o fazia reviver, em certo sentido, sem que dessem conta. Sapeck, com efeito, chamava-se realmente Bataille.

Mas meu amigo o doutor não era suficiente para a realização de meu plano. *O Diabo no Século XIX*, em meu projeto, devia preparar a entrada em cena de uma Grã-mestre Luciferiana que se convertia.

A obra que havia publicado apresentava Sophia Sapho, mas sob as cores mais negras. Eu me havia empenhado em fazê-la o mais simpática possível aos católicos: era o tipo perfeito da diaba encarnada, envolvida em sacrilégio, uma verdadeira satanizante, tal como se vê nas novelas de Huysmans.

Sophia Sapho, ou a Senhorita Walder, só estava aí para servir de contraste frente a outra Luciferiana, mas esta simpática, uma criatura angelical que vivia nesse inferno paladista por azar de nascimento e que eu reservava para a obra assinada por Bataille o cuidado de fazê-la conhecida do público católico.

Assim, pois, como esta Luciferiana excepcional devia converter-se em um dado momento, era preciso ter alguém de carne e osso, caso sua apresentação fosse indispensável.

Pouco tempo antes de encontrar meu camarada de infância, o doutor, as necessidades de minha profissão me haviam feito buscar uma datilógrafa, que era representante na Europa de uma das grandes fábricas de máquinas de escrever dos Estados Unidos. Tive que dar-lhe para passar a máquina bom número de manuscritos naquela época. Vi que era uma mulher inteligente, ativa, que às vezes viajava por causa de seus negócios; ademais, era de um caráter alegre e de uma elegante simplicidade, como é geral em nossas famílias protestantes. É conhecido que os luteranos e calvinistas, apesar de proscureverem o luxo em sua toalete, fazem, não obstante, algumas concessões na moda. Sua família é francesa, pai e mãe franceses, mas falecidos; a origem americana se remonta ao bisavô. Apesar da semelhança do nome, não tem nenhum laço de parentesco com Ernest Vaughan, o ex-administrador do Intransigente. Na França não há muitos Vaughan; sem dúvida, na Inglaterra e Estados Unidos os Vaughan são inúmeros. Devo dizer isto, visto que hoje se poderia crer que o Senhor Ernest Vaughan tenha sido mais ou menos indiretamente cúmplice de minha mistificação. Importa, pois, impedir todo quiproquó; a Senhorita Diana Vaughan não tem nenhum grau de parentesco com ele; a homonímia é pura casualidade.

Mas não podia acertar melhor. Nada melhor que a Senhorita Vaughan, podia secundar-me. Toda a questão se resumia em se ela aceitaria ou não.

Não lhe fiz a proposta à queima-roupa. Primeiro estudei-a. Pouco a pouco a fui interessando na demonologia, com o que ela se divertia muito. Disse a mim mesmo, ela é mais livre-pensadora que protestante; por seu turno, ela estava de certo modo admirada de constatar que neste século de progresso houvesse, no entanto, pessoas que acreditavam seriamente em todos os contos da Idade Média.

Minha primeira avaliação da Senhorita Vaughan foi a propósito das cartas de Sophia Walder. Consentiu em fazê-las por meio de uma de suas amigas. Dessa forma tive a prova de que as mulheres são menos faladoras do que se diz e que se seu pequeno pecado é serem curiosas, em contrapartida pode-se contar com sua discrição. A amiga da Senhorita Vaughan jamais se vangloriou a ninguém de haver escrito ela as cartas de Sophia Walder. Ademais, essas cartas não foram numerosas.

Finalmente, decidi que a Senhorita Vaughan converter-se-ia em minha cúmplice para o êxito final de minha mistificação. Fiz com ela um trato: 150 francos por mês por conta da cópia dos manuscritos, assim como pelas cartas em primeira mão. Escuso-me de dizer que em caso de viagem indispensável seria custeada em todos os seus gastos; mas não aceitou jamais soma alguma a título de presente. Na realidade, divertia-se muito com esta alegre falsificação, havendo tomado gosto por manter correspondência com

bispos, cardeais, receber cartas do secretário particular do Soberano Pontífice, contar-lhes contos capazes de fazer dormir em pé, informar ao Vaticano sobre negros complôs luciferianos; tudo isso lhe dava uma alegria inenarrável; agradecia-me por tê-la associado a esta mistificação colossal e, se ela tivesse essa grande fortuna que lhe atribuímos para aumentar seu prestígio, não somente não teria aceitado jamais o preço combinado por sua colaboração, mas, inclusive, teria pago de bom grado todos os gastos.

Ela que nos deu a conhecer, a fim de diminuir os gastos, a existência de agências privadas de correio. Tive a ocasião de recorrer a uma delas em Londres que nos indicou. Também me informou do *Alibi Officce*, de Nova Iorque.

O Diabo no Século XIX foi escrito principalmente para dar credibilidade a Miss Vaughan, a quem estava destinado, desde então, um grande papel na mistificação. Se ela se chamasse Campbell ou Thompson, teríamos dado a nossa simpática Luciferiana o nome de Miss Campbell ou Thompson. Nós nos limitamos a fazê-la americana, apesar de seu accidental nascimento em Paris. Situamos sua família no Kentucky. Isto nos permitia fazer a nossa personagem o mais interessante possível ao multiplicar a seu redor fenômenos extraordinários que ninguém podia controlar. Outro motivo era que tínhamos situado nos Estados Unidos, em Charleston, o centro do Paladismo, dando-lhe como fundador o defunto General Albert Pike, Grão-Mestre do rito escocês na Carolina do Sul. Este maçom célebre, dotado

de grande erudição, havia sido uma das altas luzes da Ordem; nós o convertemos no primeiro papa luciferiano, chefe supremo de todos os franco-maçons do globo, conferenciando regularmente, toda sexta-feira, às três da tarde, com o Senhor Lúcifer em pessoa.

O mais curioso do assunto é que há franco-maçons que subiram espontaneamente em meu barco, sem o menor convite; e este barco do Paladismo se tornou um verdadeiro encouraçado, frente ao rebocador que utilizei para meus fins na caça dos tubarões da baía de Marselha.

Com o concurso do Doutor Bataille, o encouraçado se converteu em toda uma esquadra e, quando Miss Diana Vaughan passou a ser minha auxiliar, a esquadra se transformou em frota.

Sim, temos visto jornais maçônicos, como o *Renaissance Symbolique*, avaliar uma circular dogmática no sentido do ocultismo luciferiano, uma circular de 14 de julho de 1889, escrita por mim em Paris e revelada como trazida de Charleston para a Europa por Miss Diana Vaughan, da parte de Albert Pike, seu autor.

Quando eu nomeei Adriano Lemmi o segundo sucessor de Albert Pike ao soberano pontificado luciferiano – pois não foi no Palácio Borghese, mas em meu escritório, onde foi eleito papa dos franco-maçons –, quando essa eleição imaginária foi conhecida, os maçons italianos, e entre eles um deputado do Parlamento, acreditaram que era verdade. Eles se sentiram menosprezados ao saber, pela imprensa profana, que Lemmi guardava segredo e que os tinha à

margem desse famoso paladismo de que já se falava no mundo inteiro. Reuniram-se em um Congresso em Palermo, constituíram na Sicília, Nápoles e Florença três Supremos Conselhos independentes e nomearam Miss Vaughan membro de honra e protetora de sua federação.

Um auxiliar inesperado – mas de modo algum cúmplice, ainda que se diga o contrário – é o Senhor Margiotta, franco-maçom de Palmi, na Calábria. Envolveu-se como mistificador e foi mais que os outros; e o que resulta mais divertido é que nos contou que havia conhecido a grã-mestre paladista em uma de suas visitas à Itália. É verdade que o havia levado docemente a me fazer esta confidência. Eu lhe havia metido na cabeça que esta viagem teve lugar; havia criado ao redor dele uma atmosfera de Paladismo; eu o havia feito encontrar-se em Roma com um camareiro de Leão XIII, que havia feito jantar com Miss Vaughan tempos atrás. Depois lhe sugeri que Miss Vaughan, durante sua pretensa viagem de 1889, quando trouxe para a Europa a mencionada circular dogmática de Albert Pike, havia recebido, durante duas tardes, no Hotel Vitória de Nápoles, a numerosos grupos de maçons. Sabia que o Senhor Margiotta, que é poeta, havia dedicado a Bovio um volume de versos e havia tido cuidado de dizer que os franco-maçons apresentados a Miss Vaughan em 1889 o haviam sido por Bovio e por Cosma Panunzi. Acrescentei que esses irmãos, a quem ela tinha oferecido chá, eram tão numerosos que não se lembrava mais nem de seus nomes, nem de suas fisionomias. O Senhor Margiotta

arriscou, pois, primeiro timidamente, algumas alusões a propósito desse antigo reencontro; depois, vendo que o tema dava a impressão de seguir adiante ao constatar que Miss Diana não o desmentia, foi mais longe com maior liberdade. Inclusive foi longe demais. Mais tarde, quando julgava que era preciso impedir que a mistificação, adivinhada na Alemanha, naufragasse no silêncio de uma Comissão; quando me pus de acordo com o doutor para fazer soar o grito de vitória da loucura dos cardeais mistificados, quando Bataille e eu, sempre de acordo, simulamos que brigávamos, o Senhor Margiotta, tendo aberto finalmente os olhos, temeu o ridículo e preferiu declarar-se cúmplice ao invés de alistado cega e voluntariamente em nossa frota.

Mas não convém que pareçamos mais numerosos do que éramos na realidade. Éramos três e já era o bastante. Mesmo os editores foram enganados nos diversos preços. Não têm, porém, de que se queixar; em primeiro lugar, nossas maravilhosas revelações lhes valeram as mais alentadoras felicitações episcopais, sem contar as de solenes teólogos que não estranharam que nosso crocodilo tocasse piano, nem das viagens de Miss Vaughan a diversos planetas; além do mais, porque esta tríptica colaboração permitiu-lhes dar ao público duas obras que podem rivalizar-se com *As Mil e Uma Noites*, que foram devoradas com prazer e que serão lidas durante muito tempo, não por convicção, quiçá, mas por curiosidade.

Não é banal, com efeito, ter feito que, em nosso século XIX, fossem admitidas nossas maravilhosas histórias.

Não obstante, pergunto-me até que ponto os eminentes aprovadores do Paladismo revelado tenham o direito de irritar-se hoje. Quando se sabe que foram enganados, o melhor será rir com a galeria. Sim, Senhor Abade Garnier, porque irritando-os vós, no entanto, dareis mais risada.

Os mistificadores do Paladismo podem dividir-se em duas categorias: os que estiveram de boa fé, totalmente de boa fé. Os que foram vítimas de sua ciência teológica e de seus estudos encarniçados contra tudo que se refere à Maçonaria. Necessitei mergulhar até o pescoço nessas duas ciências para imaginar tudo, completamente tudo, de forma que nem uns nem outros pudessem descobrir a fraude. Acaso, por exemplo, era fácil fazer crer no que não existe ao Senhor A. de la Rive, que é a pesquisa personificada, que investiga ao microscópio as mínimas coisas e que ganharia em pontos de nossos melhores juízes de instrução? Pode vangloriar-se de ter-me feito tanto mal!... Todo o meu Paladismo havia sido solidamente construído em relação à parte maçônica propriamente dita, posto que os franco-maçons – os "trinta e três", se os agrada mais! – não julgaram que o edifício era um milagre inexistente e pediram para entrar. A impossibilidade do Paladismo cega somente pelo sobrenatural de que o enchemos. Assim, pois, essas diabruras somente podiam pôr em guarda aos que não creem nas ações do diabo contadas em outros livros; nos livros de devoção. Asmodeu transportando Miss Diana Vaughan ao paraíso terrestre é acaso mais extraordinário que o Senhor Satã transportando ao próprio Jesus Cristo a

uma montanha de cujo cume lhe mostrou todo os reinos da terra?... Que é redonda! Ou se tem fé ou não se tem.

Mas, à parte dessa primeira categoria de mistificadores, há uma segunda; entre esses não houve mistificação absoluta. Os bons abades e religiosos que viram em Miss Diana Vaughan uma irmã maçom Luciferiana convertida têm o direito de crer que existem essas maçons. Jamais as viram; jamais as encontraram; mas podem dizer que não existem em suas dioceses. Em Roma tampouco há; em Roma, todas as informações estão centralizadas; em Roma não podem ignorar que não há mais mulheres maçons além das esposas, filhas ou irmãos dos franco-maçons, admitidas nos banquetes, nas festas abertas, onde, inclusive, elas se reúnem separadamente, muito honestamente, em sociedades particulares unicamente compostas de elementos femininos, como ocorre nos Estados Unidos com as Irmãs da Estrela do Oriente ou as Damas da Revolução.

Com um pouco de reflexão, é fácil compreender que, se existissem Irmãs Maçons tal como os antimaçons as imaginam, teria havido conversões e confissões desde há tempo. A rapidez com que se acolheu em Roma a pretensa conversão de Miss Vaughan é significativo. Pensai que Monsenhor Lazzareschi, delegado da Santa Sé ante o Comitê Central da União Antimaçônica, fez celebrar um Tríduo de Ação de Graças na igreja do Sagrado Coração de Roma!

O Hino a Joana D'Arc, composto supostamente por Miss Diana, letra e música, foi executado nas festas

antimaçônicas do Comitê romano; esta música, quase convertida em música sacra, tem sido ouvida com grande solenidade nas basílicas de Cidade Santa. É a melodia da Seringa Filarmônica, paródia musical de um dos meus amigos, compositor e chefe da orquestra do Sultão Abd-ul-Aziz, composta para as diversões do serralho. Este entusiasmo romano deve fazer refletir. Recordarei dois fatos característicos. Sob a assinatura do "Doutor Bataille" contei e sob a assinatura de "Miss Vaughan" confirmei que o templo maçônico de Charleston contem um labirinto em cujo centro está a capela de Lúcifer...

(Interrupções).

Sou eu o que contou que, no templo maçônico de Charleston, uma das salas de forma triangular, chamada *Sanctum Regnum*, tem por adorno principal a monstruosa estátua de Bafomé, a quem os Altos Maçons prestam culto; que uma outra sala possui uma estátua de Eva, que se anima quando uma Mestra Templária é particularmente agradável ao mestre Satã e que essa estátua se converte, então, no demônio Astarté, vivo por um momento, para dar um beijo na Mestra Templária privilegiada. Publiquei a planta imaginária desse imóvel maçônico; planta essa desenhada por mim mesmo. Então Monsenhor Northrop, bispo católico de Charleston, fez uma viagem a Roma com o objetivo único de certificar ao Soberano Pontífice que esses relatos eram a mais pura fantasia. Essa viagem teria passado despercebida se Monsenhor Northrop não se deixasse entrevistar durante o caminho. Ali disse: "é falso,

absolutamente falso, que os franco-maçons de Charleston sejam os chefes de um rito supremo luciferiano. Conheço muito particularmente aos principais deles: são protestantes imbuídos das melhores intenções; nem um só sonha entregar-se a práticas de ocultismo. Visitei seu templo; não se encontra nenhuma dessas salas indicadas pelo Doutor Bataille e Miss Vaughan. Essa planta é uma farsa." Monsenhor Northrop, ao regressar de Roma, já não protestou; daí em diante guardou silêncio. Miss Diana Vaughan, pelo contrário, replicou a entrevista de Monsenhor Northrop; ela disse que o bispo de Charleston era franco-maçom e ela havia recebido a benção do Papa.

Segundo fato. Sob as assinaturas de Bataille e Vaughan contei e confirmei que em Gibraltar, no subsolo da fortaleza inglesa, encontravam-se imensas oficinas secretas onde homens monstruosos fabricavam todos os instrumentos usados nas cerimônias do Paladismo; Miss Diana Vaughan, interrogada sobre isso por altos dignitários eclesiásticos de Roma, divertiu-se respondendo-lhes, com sua mais formosa erudição, que nada era mais certo e que as forjas dessas misteriosas oficinas de Gibraltar eram alimentadas pelo próprio fogo do inferno. O Monsenhor Vigário Apostólico de Gibraltar escreveu, por outro lado, que ele confirmava, ele, que se vira na necessidade de declarar a diversas pessoas, o seguinte: que a história dessas oficinas secretas era uma audaz invenção, que não tinha fundamento e que estava indignado que ver acreditarem em tais lendas. O

Vaticano não publicou a carta do Vigário Apostólico de Gibraltar e Miss Vaughan recebeu a bênção do Papa.

É preciso recordar algumas outras cartas de aprovação que Miss Vaughan recebeu!

(Interrupções).

Como! Atreveis-vos negá-lo! Pois bem, eis uma carta de aprovação e é de valor!... É do Cardeal Parocchi, Vigário de Sua Santidade; está datada de 16 de dezembro de 1895:

Senhorita e querida Filha em N.S.:

Com uma viva e mui doce emoção, recebi vossa querida carta de 29 de novembro, com o exemplar da Novena Eucarística... Sua Santidade encarregou-me de enviar-vos, de sua parte, uma benção muito especial...

Desde há tempos, minhas simpatias são para vós. Vossa conversão é um dos mais magníficos triunfos da graça que eu conheço... Neste momento estou lendo vossas Memórias, que são de um interesse palpitante...

Entretanto, crede que não vos olvidarei em minhas orações e especialmente no Santo Sacrifício. De vosso lado, não cessai de agradecer a Nosso Senhor Jesus Cristo a grande misericórdia que Ele usou convosco; assim como do testemunho admirável de amor que vos deu.

Agora, aceitai minha bênção e crede-me

Todo vosso no Coração de Jesus

L. M. Cardeal Vigário.

Eis outra carta, em papel oficial do Conselho Diretor Geral da União Antimaçônica, quer dizer, do mais alto comitê de ação contra a Franco-maçonaria, comitê

consultado pelo próprio Papa; comitê que tem em sua cabeça um representante oficial da Santa Sé, Monsenhor Lazzareschi. Escutai:

Roma, 17 de março de 1896

Senhorita:

Monsenhor Vinzenzo Sardi, que é um dos secretários particulares do Santo Padre, encarregou-me de escrever-vos, por ordem expressa de Sua Santidade.

Devo dizer-vos também que Sua Santidade leu com grande prazer vossa Novena Eucarística.

O Senhor Comendador Alliata teve uma entrevista com o Cardeal Vigário sobre a veracidade de vossa conversão. Sua Eminência está convencido; mas manifestou a nosso Presidente que não o pode testemunhar publicamente. "Não posso trair os segredos do Santo Ofício". É o que Sua Eminência respondeu ao Sr. Comendador Alliata.

Sou todo seu, mui afetuosíssimo em Nosso Senhor

Rodolfo Verzichi

Secretário Geral.

O secretário particular de Leão XIX, o próprio Monsenhor Vincenzo Sardi, que acaba de ser mencionado, escreveu, por seu turno, entre outras coisas:

Roma, 11 de julho de 1896

Senhorita:

Apresso-me a expressar-vos os agradecimentos que vos são devidos pelo envio de vosso último volume sobre Crispi...

Trata-se de um livro em que, sob o nome de Miss Diana Vaughan, conta-se que Crispi tinha um pacto com um diabo chamado Haborym; que Crispi havia assistido, em 1885, a uma sessão paládica na qual um diabo chamado Bitru, apresentado por Sophia Walder a certo número de homens políticos italianos, havia-lhes anunciado que a citada Sophia daria ao mundo, em 19 de setembro de 1896, uma filha que seria a avô do Anticristo. Tinha enviado esse livro ao Vaticano. O secretário particular do Papa o agradecia e acrescentava:

Continuai, senhorita, continuai escrevendo e desmascarando a iníqua seita! A Providência permitiu, por isso mesmo, que tenhais pertencido a ela durante tanto tempo...

Recomendo-me de todo coração a vossas orações e com uma perfeita estima declaro-me mui afetuosíssimo

Monsenhor Vincenzo Sardi.

A *Civiltà Cattolica*, a mais importante de todas as revistas católicas do mundo, o órgão oficial do Geral dos Jesuítas, revista publicada em Roma, compilava estas linhas em seu número 1.110, de setembro de 1896:

"Queremos ter, ao menos uma vez, o prazer de abençoar publicamente os nomes dos valorosos campeões que entraram primeiros no glorioso anfiteatro, entre os quais a nobre Miss Diana Vaughan.

Miss Diana Vaughan, chamada das profundezas das trevas para a luz de Deus, preparada pela Providência divina, armada com ciência e experiência pessoal, volta-se

para a Igreja para servi-la e parece inesgotável em suas preciosas publicações, que não têm comparação pela exatidão e utilidade."

Não só se considerava Miss Vaughan como uma heroica polemista entre os que rodeavam o Soberano Pontífice; punham-na na mesma altura dos santos. Quando começou a ser atacada, o secretário do Cardeal Parocchi escreveu-lhe de Roma, em 19 de outubro de 1896:

Continuai, senhorita, com vossa pena e vossa devoção, apesar dos esforços do inferno, fornecendo as armas para esmagar o inimigo do gênero humano. Todos os santos viram suas obras combatidas; não é, pois, estranho que a vossa não seja perdoada...

Rogo-vos que aceiteis, senhorita, meus mais vivos sentimentos de admiração e respeito.

A. Villard

Prelado da Casa de Sua Santidade

Secretário de S. E. o Cardeal Parocchi.

Estas cartas, sabeis bem, senhores jornalistas católicos, que foram enviadas realmente à Senhorita Vaughan. É possível que sejam nocivos hoje; mas são documentos históricos; não foram fabricados; elas e seus eminentes autores não o renegarão.

E não somente eles patrocinavam esta mistificação, mas incitavam seu correspondente, acreditando que fosse um exaltado, a entrar no jogo para a preparação de seus milagres. Falta-me tempo hoje; não obstante, quero dar-vos a conhecer um fato nesta ordem de ideias. Todo mundo sabe

que, segundo a lenda católica, quando Joana D'Arc foi queimada, o verdugo ficou estupefato ao constatar que somente o coração da heroína não havia sido consumido; em vão jogou, então, piche ardente e enxofre; o coração não pôde arder. Então, por ordem formal dos que ordenavam o suplício, o coração de Joana foi jogado no Sena. Agora, o clero francês pede a canonização de Joana D'Arc; mas é Roma a que canoniza e Roma está na Itália. O clero francês encontrou já uma relíquia da que foi executada: é uma costela carbonizada. Na Itália preparam-se para ter algo melhor. Uma desconhecida teve a ideia extraordinária de que ela encontrará o coração de Joana D'Arc; um anjo o trará, sem dúvida. Esta desconhecida ultramística escreveu para Miss Vaughan e é o mesmo secretário do Cardeal Vicário quem recomendou a Miss Vaughan que mantenha correspondência com essa piedosa pessoa; que intercambie com ela suas impressões sobre os feitos sobrenaturais relativos a Joana D'Arc. É fácil compreender o que isto quer dizer. Estai certos: um dia, um anjo trará o coração, não à França, mas à Itália, da mesma forma que uns anjos levaram a Loreto à Casa de Nazaré. Joana D'Arc será canonizada e todos os peregrinos franceses que irão à Itália não deixarão de visitar o convento italiano, possuidor do coração milagrosamente encontrado; e estas visitas serão frutuosas, não é assim?

Miss Vaughan viu, pois, choverem os favores dos príncipes da Igreja.

Os maçons da França, da Itália, da Inglaterra riam disfarçadamente e tinham razão. Pelo contrário, um maçom alemão, Findel, encolerizou-se e lançou um folheto muito bem feito. Grande emoção. Esse folheto foi como uma pedra em um charco de rãs.

Tratava-se de tomar uma resolução enérgica. Findel comprometia o êxito final de minha mistificação: seu grande erro foi crer que era um golpe inventado pelos jesuítas. Pobres jesuítas! Havia-lhes enviado um fragmento da cauda de Moloch como peça de confirmação do Paladismo!

Houve inquietação no Vaticano. Passou-se de um extremo a outro; enlouqueceram. Perguntaram-se se não estariam na presença de uma fraude que explodiria contra a Igreja, em lugar de servi-la. Nomeou-se uma Comissão de Inquérito, que funcionou em segredo, para saber a que ater-se.

A partir desse momento, o perigo tornava-se grande; minha obra estava em perigo e eu não queria encalhar no porto. O perigo estava no silêncio; seria o estrangulamento da mistificação nos calabouços da Comissão romana; seria a proibição aos jornais católicos de dizer uma só palavra.

Meu amigo, o doutor, foi à Alemanha; de lá me fez conhecer a situação. E eu parti para o Congresso de Trento prevenido, bem prevenido. No meu regresso, a primeira pessoa que vi foi meu amigo. Eu o fiz partícipe de meus temores de um estrangulamento pelo silêncio.

Então combinamos tudo o que foi escrito e feito. Se os redatores do Universo duvidam, posso dizer-lhes quais são

as passagens que foram suprimidas nas cartas do Doutor Bataille. Fui eu quem, desta forma, aticei o fogo, pois era preciso que a imprensa do mundo inteiro fosse posta a par desta grande e extravagante aventura. E era necessário um bom lapso de tempo para que o alvoroço dos católicos furiosos e a polêmica com os partidários de Miss Diana Vaughan pudesse atrair a atenção da grande imprensa, da imprensa que marcha com o progresso e que conta com milhões de leitores.

Antes de terminar, devo uma saudação a um palhaço desconhecido, a um perspicaz confrade americano. Entre palhaços, um se entende com o outro de um extremo a outro do mundo, sem ter necessidade de trocar cartas, sem recorrer, sequer, ao telefone. Saudações, pois, ao querido cidadão de Kentucky que teve a amável ideia de ajudar-nos sem nenhum acordo prévio, que confirmou ao *Courrier Journal*, de Louisville, as revelações de Miss Diana Vaughan, que certificou, a quem quis ouvi-lo, que ele havia conhecido a querida Miss intimamente durante sete ou oito anos e que a havia encontrado frequentemente em diversas sociedades secretas da Europa e América... onde ela jamais pôs os pés.

Senhoras, senhores:

Eu lhes havia anunciado que o Paladismo seria afundado hoje. Melhor que isso; foi afogado; já não mais existe.

Em minha confissão geral ao padre jesuíta de Clamart, eu me havia acusado de um assassinato imaginário. Bem,

ante vós, confesso-me de outro crime. Cometi um infanticídio. O Paladismo agora está mudo e bem morto. Seu pai acaba de assassiná-lo.

* * *

O tumulto que se seguiu à revelação de Taxil foi inenarrável. Risos, assobios, ameaças, gritos de raiva... Já no começo da conferência, houve muitos protestos e duas ou três pessoas foram embora, entre elas um jornalista da imprensa católica que declarou aos sacerdotes ali presentes que não deviam aguentar um minuto a mais. Mas foi precisamente o Abade Garnier – o que Taxil acusa diretamente várias vezes em sua conferência – quem gritou: "Tenhamos a coragem de permanecer!" E todos os sacerdotes presentes ficaram, protagonizando uma situação nada fácil nem agradável. O Abade Garnier interrompia constantemente para apostrofar Taxil de canalha, velhaco imundo, e pensar que nos recolheram as bengalas na entrada!... Efetivamente, por precaução, os guarda-chuvas e as bengalas haviam sido confiscados na entrada e estava previsto um serviço de segurança.

Ao final da conferência, o Abade Garnier, no alto de uma cadeira, quis arengar à assistência..., mas os amigos de Taxil gritaram mais que ele e não poucos assistentes entoaram a canção cômica de Meusy, "Oh, Sagrado Coração de Jesus!" Podia-se, no entanto, ouvir como o Abade Garnier tentava justificar-se: "Eu bem que podia acreditar nesta história extraordinária, posto que o Papa acreditava nela."

A polícia teve que proteger a saída de Leo Taxil. Desapareceu e não se voltou a falar dele. Sua morte, em Sceaux, em 31 de março de 1907, aos cinquenta e três anos, passou praticamente despercebida.